

**EDILSON APARECIDO CHAVES**

# **HISTORIA, ORGANIZAÇÃO, PRESERVAÇÃO E ACESSIBILIDADE DE ACERVOS:**

**O MEMORIAL DO PROGRAMA  
NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO**



**HISTÓRIA,  
ORGANIZAÇÃO,  
PRESERVAÇÃO E  
ACESSIBILIDADE  
DE ACERVOS**

**EDILSON APARECIDO CHAVES**

**HISTÓRIA,  
ORGANIZAÇÃO,  
PRESERVAÇÃO E  
ACESSIBILIDADE  
DE ACERVOS:**

---

**O MEMORIAL DO PROGRAMA  
NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO**

---



Copyright © by Edilson Aparecido Chaves  
Copyright © 2024 Editora Cabana  
Copyright do texto © 2024 Edilson Aparecido Chaves

Todos os direitos desta edição reservados.

O conteúdo desta obra é de exclusiva  
responsabilidade do autor.

**Projeto gráfico, diagramação e capa:** Eder Ferreira Monteiro

**Edição e coordenação editorial:** Ernesto Padovani Netto

**Revisão do Texto:** Elizier Junior Araújo dos Santos

## DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

---

### **Chaves, Edilson Aparecido**

História, organização, preservação e acessibilidade de acervos: o memorial do programa nacional do livro didático / Edilson Aparecido Chaves; Prefácio de Margarida Maria Dias de Oliveira. – Ananindeua-PA: Cabana, 2024.

C512h

262 p.; il.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-85733-30-4

1. Livros didáticos e outros materiais de ensino. 2. Acervo - Preservação. 3. Acessibilidade. I. Chaves, Edilson Aparecido. II. Oliveira, Margarida Maria Dias de (Prefácio). III. Título.

CDD 371.32

---

**Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166**

Índice para catálogo sistemático

I. Livros didáticos e outros materiais de ensino



[2024]  
EDITORA CABANA  
Trav. WE 11, N.º 41 (Conj. Cidade Nova I)  
67130-130 — Ananindeua — PA  
Telefone: (91) 99998-2193  
contato@editoracabana.com  
www.editoracabana.com

## **CONSELHO EDITORIAL**

Dr. Anderson Dantas da Silva Brito | UFOB

Dra. Adriana Angelita da Conceição | UFSC

Dra. Ana Zavala | Facultad de la Cultura, Instituto Universitario –  
CLAEH. Montevideo, Uruguay

Dra. Camila Mossi de Quadros | IFPR

Dra. Carmem Zeli de Vargas Gil | UFRGS

Dra Cláudia Mortari | UDESC

Dr. Francivaldo Alves Nunes | UFPA

Dra. Juliana Teixeira Souza | UFRN

Dra. Luciana Rossato | UDESC

Dra. Luciana Oliveira Correia | UNEB

Dr. Marcelo Luiz Bezerra da Silva | UEPA

Dr. Márcio Couto Henrique | UFPA

Dr. Sandor Fernando Bringmann | UFSC

## **COMITÊ CIENTÍFICO**

Dr. Adilson Junior Ishihara Brito | UFPA

Dra. Edilza Joana Oliveira Fontes | UFPA

Dr. Elison Antonio Paim | UFSC

Dr. Marcelo de Souza Magalhães | UNIRIO

Dra. Mônica Martins Silva | UFSC

Dr. Wilian Junior Bonete | UFPel

Dra. Pirjo Kristiina Virtanen | University of Helsinki, Finland

# PALAVRA ACESA À GUIZA DE PREFÁCIO

Peço licença aos poetas que compõem o grupo Quinteto Violado, músicos famosos em nosso país, tradutores e transformadores das vivências e experiências humanas de dor, suor e amor em arte, para usar o título de uma das suas composições neste pequeno texto como melhor expressão do que fez o autor Edilson Aparecido Chaves com este livro.

Tive a sorte de ser contactada por Edilson Chaves para supervisionar seu estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Recebi-o entre os fevereiro de 2023 e 2024, e tive oportunidade de conversar, conhecer, debater e aprender com o homem, pai, filho, esposo, pesquisador Edilson.

Do autor que refletia sobre a música caipira nos livros didáticos, passando pelos estudos sobre escola no campo, deparei-me com um professor que pinta as instituições por onde passa com a cara, os desejos, os sonhos das classes populares do nosso país.

Do filho de agricultores ao professor do Instituto Federal do Paraná – IFPR, em Curitiba –, como tantos de nós, que encontrou na educação o meio para transformar sua vida e as vidas em seu entorno, sem se esquecer dos compromissos que o fazem ser um intelectual atento a tudo que acontece no seu bairro, na sua escola, na cidade, no estado e no país, Edilson Chaves não se nega a estudar, conhecer, aceitar desafios.

Assim, ele chegou a Natal/RN e à UFRN com uma proposta de historiar o surgimento e a construção do Memorial do Programa Nacional do Livro Didático – PNLDD – que sediamos desde 2010. No entanto, ao se deparar com a diversidade de fontes e de ações que o Memorial engendra, o pesquisador Edilson Chaves aprofundou-se e produziu entrevistas, estudou e refletiu sobre e com mensagens de endereços eletrônicos, visualizou possibilidades de novas pesquisas e registrou-as em eventos, oficinas e textos que divulgou tanto em nosso país quanto fora dele.

O resultado desse estágio foi condensado neste livro que em boa hora é disponibilizado ao público. Recomendo vivamente às pessoas que tiverem oportunidade de lê-lo e, sobretudo, aos professores e pesquisadores que trabalham com livros didáticos, que prestem atenção na miríade de possibilidades disponíveis para entender que materiais didáticos precisam de novos olhares da academia, dos professores, das editoras, dos autores; da comunidade escolar. Trata-se de uma das melhores traduções dos diálogos entre os conhecimentos sistematizados pela academia e aqueles reverberados pela tradição escolar, mas também presentes nas demandas sociais, nas legislações; na cultura expressa pelas nossas sociedades.

Edilson Aparecido Chaves está atento e nos legou este livro composto, como ele mesmo afirma, por diversas camadas e expressão do compromisso de quem compreende que:

“Se o que nos consome fosse apenas fome  
Cantaria o pão  
Como o que sugere a fome  
Para quem come  
Como o que sugere a fala  
Para quem cala  
Como que sugere a tinta  
Para quem pinta  
Como que sugere a cama  
Para quem ama  
Palavra quando acesa  
Não queima em vão  
Deixa uma beleza posta em seu carvão

E se não lhe atinge como uma espada  
Peço, não me condene, oh, minha amada  
Pois as palavras foram pra ti, amada  
Pra ti, amada  
Oh, pra ti, amada”  
(Bruno Luperi)

Boa leitura!  
*Margarida Maria Dias de Oliveira*



# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
------------------------	-----------

## 1

### **AMPLIAÇÃO DA COMPREENSÃO SOBRE LIVROS DIDÁTICOS E MATERIAIS DE ENSINO, 13**

Percursos e descobertas.....	14
Trajectoria pessoal no contexto da pesquisa sobre livros didáticos.....	17
Grupo de pesquisa.....	17
Pós-doutorado.....	19
Visitas técnicas.....	20
Contribuições da pesquisa.....	24
Seções e camadas.....	25

## 2

### **EXPOSIÇÃO CONCISA SOBRE O TEMA DO LIVRO DIDÁTICO NO BRASIL, 27**

Antecedentes.....	34
-------------------	----

## 3

### **EXPOSIÇÃO CONCISA SOBRE O TEMA DO LIVRO DIDÁTICO NO BRASIL, 43**

O Memorial do PNLD/UFRN.....	44
Da necessidade de um memorial para o PNLD: a criação do Memorial do livro didático.....	49
Início dos trabalhos com o Memorial – ofício PROPLAN.....	57
A história do Memorial do PNLD através dos protagonistas.....	61

## 4

### SEÇÃO DE DOCUMENTOS, 68

Solicitação de materiais de pesquisadores do Brasil e exterior: o papel do Memorial na pesquisa educacional.....	67
Análise da Comunicação Institucional: E-mails Pessoais (2011-2016) – e-mail pessoal da professora Margarida Dias .....	76
Segunda fase dos e-mails: 2017 a 2023 – e-mail próprio do Memorial do PNLD.....	82
Solicitações de materiais de pesquisadores do Brasil e exterior.....	83
Conclusões e implicações.....	92
Vozes da jornada – Dados históricos do Memorial.....	94
Entrevistas.....	95

## 5

### DOCUMENTOS DIVERSOS SOBRE O MEMORIAL, 201

Parceria UFRN e MEC na Criação do Memorial do PNLD : os primeiros documentos.....	196
Projeto para construção do memorial do programa nacional do livro didático.....	198
O inventário das fontes.....	206
Sobre os editais do PNLD.....	208
Arquivo de livros didáticos do PNLD.....	212
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>254</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>257</b>

# INTRODUÇÃO

Esta introdução busca situar minha experiência e pesquisa no âmbito mais amplo das pesquisas sobre livro didático no Brasil, refletindo sobre como a interação com diferentes espaços de memória contribui para a compreensão dos livros didáticos como artefatos culturais e educacionais. Ao fazer isso, espera-se trazer contribuições para a pesquisa sobre o livro didático no Brasil, bem como sobre os caminhos futuros que este campo pode explorar.

A história dos livros didáticos no Brasil, marcada por uma série de decretos, leis e medidas governamentais desde 1930, reflete a complexidade e a controvérsia que envolve esses artefatos educacionais. Longe de serem meros instrumentos de transmissão de conhecimento, os livros didáticos constituem-se como objetos culturais e políticos, cuja análise revela muito sobre as práticas educacionais, a formação do conhecimento histórico e as políticas públicas de educação no país. Este capítulo busca explorar essas dimensões, trazendo à tona reflexões sobre a trajetória dos livros didáticos e sua importância na construção das práticas pedagógicas e do saber histórico.

A investigação sobre livros didáticos e materiais de ensino, situada na confluência entre História, Educação e Arquivologia, permite uma compreensão ampliada das dinâmicas educacionais e da formação do conhecimento. Por meio de uma abordagem que considera tanto o conteúdo quanto os processos de produção, circulação e uso desses materiais, revelam-se as ideologias, culturas e políticas educativas que permeiam a educação brasileira ao longo do tempo.

Minha trajetória como pesquisador, enraizada em experiências pessoais e profissionais conectadas ao universo dos livros didáticos, fornece um pano de fundo rico para a investigação nesse campo. Desde os primeiros contatos com livros em uma escola rural até a formação acadêmica e a atuação profissional, essa

jornada se entrelaça com a evolução dos livros didáticos e materiais de ensino, evidenciando as transformações e os desafios enfrentados no contexto educacional brasileiro.

As visitas técnicas feitas durante o estágio de pós-doutorado foram fundamentais tanto para a pesquisa quanto para este livro, lançando olhares diversos sobre as práticas de preservação documental e as abordagens críticas aos materiais de ensino. Essas experiências mostram as complexas relações entre os professores, os alunos e o conhecimento histórico transmitido pelos livros didáticos, destacando a importância de observar cuidadosamente as políticas de conservação e as práticas arquivísticas. Esta camada, portanto, não se limita a uma análise histórica dos livros didáticos no Brasil, mas se propõe a refletir sobre a contribuição desses artefatos para a compreensão mais ampla das práticas educacionais e da formação da memória coletiva.

Ao situar minha experiência e pesquisa no contexto das discussões sobre o livro didático no Brasil, pretende-se não apenas trazer contribuições para esse campo de estudo, mas também refletir sobre os caminhos futuros que a pesquisa sobre livros didáticos e materiais de ensino pode explorar, ressaltando a importância desses artefatos como instrumentos de socialização e construtores de identidades.

# AMPLIAÇÃO DA COMPREENSÃO SOBRE LIVROS DIDÁTICOS E MATERIAIS DE ENSINO

## 1

A trajetória do livro como material didático no Brasil é marcada por inúmeras controvérsias. Para Freitag *et al.* (1997, p. 11), por exemplo:

Poder-se-ia mesmo afirmar que o livro didático não tem uma história própria no Brasil. Sua história não passa de uma seqüência de decretos, leis e medidas governamentais que se sucedem, a partir de 1930, de forma aparentemente desordenada, e sem a correção ou a crítica de outros setores da sociedade. (partidos, sindicatos, associações de pais e mestres, associações de alunos, equipes científicas, etc.).

Olhar o PNLD em sua historicidade pode trazer outros elementos que revelam sua complexidade, na medida em que, ao longo de décadas, ganha contornos de ação permanente, mantida por governos de diferentes orientações partidárias, e se transforma em política pública<sup>1</sup>.

A pesquisa na área da Manualística, abrangendo o estudo de livros didáticos e materiais de ensino, ocupa uma posição essencial para o entendimento das práticas educacionais e da formação do conhecimento histórico. Este domínio, localizado na confluência entre História, Educação e

---

<sup>1</sup> CHAVES, Edilson. **Marcadores temporais do PNLD**: contribuições para o desenvolvimento de pesquisas sobre os manuais escolares. Apontamentos de aula PARTE 2 (APÊNDICE). PPGE/UFPR. Outubro de 2021.

Arquivologia, revela percepções acerca de como a educação foi planejada, organizada e realizada ao longo da história, especialmente no campo do ensino a partir dos livros didáticos.

O interesse por esse campo de estudo surge não só da demanda acadêmica por uma análise das dinâmicas educacionais, mas também do imperativo de examinar os materiais didáticos enquanto condutores de ideologias, culturas e políticas educativas.

Minha trajetória como pesquisador nesta área é marcada por diversas conexões pessoais e profissionais com os livros didáticos, influenciada por uma rica rede de experiências que vão desde a infância, nos primeiros contatos com livros em uma escola rural, passando por trabalhos como catador de lixo, em que tive contato com livros descartados, até a formação acadêmica e a atuação profissional. Formado em História pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP) e, posteriormente, especializado pela mesma instituição, minha jornada acadêmica se aprofundou com o mestrado e o doutorado em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Cada etapa dessa jornada não apenas solidificou meu interesse pelo ensino de História e pela Educação, mas também me introduziu aos desafios e às potencialidades da pesquisa em Manualística.

## **PERCURSOS E DESCOBERTAS**

O objetivo deste livro é mostrar como minha trajetória pessoal e acadêmica, especialmente os trabalhos realizados ao longo do estágio pós-doutoral, contribuíram para o desenvolvimento da pesquisa na área da Manualística. Essas experiências, que incluem estudos etnográficos em escolas do campo e a organização de arquivos de uma indústria de beneficiamento de erva-mate, foram fundamentais para a compreensão das relações estabelecidas entre os professores, os alunos e o conhecimento histórico mediado pelos livros didáticos.

A análise das visitas técnicas, em particular, oferece oportunidade para discutir a importância da Manualística e dos arquivos na pesquisa histórica e educacional. Essas visitas, que abrangeram desde a minha permanência na Universidade Federal do Rio Grande do Norte até as instituições como o Museu da Memória e dos Direitos Humanos, em Santiago, no Chile, permitiram uma imersão nos desafios da preservação documental e na análise crítica dos materiais de ensino. Tais experiências destacam, assim, a necessidade de um olhar atento

às práticas de arquivo e às políticas de conservação dos livros didáticos, fundamentais para a compreensão das narrativas educacionais e da memória coletiva.

Minha trajetória acadêmica, inicialmente como aluno de mestrado e doutorado e, posteriormente, como integrante do Núcleo de Pesquisa em Publicações Didáticas (NPPD) da UFPR, foi profundamente marcada pela participação na disciplina “Manuais Didáticos e Escolarização”, ministrada por Tânia Braga Garcia. Essa experiência revelou a complexidade inerente ao estudo dos livros didáticos, que vai além da análise de seu conteúdo, para abordar também a produção, circulação e uso desses materiais. As orientações de Garcia (2017) ressaltam a importância de explorar diversas dimensões dos livros didáticos, categorizadas<sup>2</sup> da seguinte forma:

Investigação sobre conteúdo: focaliza-se na análise crítica dos elementos ideológicos, representações culturais, concepções de mundo, identidades, valores, estereótipos e preconceitos, linguagem e tradições pedagógicas, contemplando também o papel dos materiais didáticos na construção e disseminação do conhecimento científico, as abordagens metodológicas adotadas e a incidência de equívocos conceituais.

Investigação sobre produção e circulação: este segmento de estudo abrange os livros didáticos sob a perspectiva da produção cultural, tratando-os como artefatos culturais inseridos no mercado, e analisa os aspectos financeiros, a sua inserção na mídia e como produtos midiáticos, além das relações de trabalho e autoria, processos editoriais, influência das tecnologias e software, design gráfico e arte, procedimentos de impressão e produção gráfica, e as dinâmicas de distribuição e circulação.

Investigação sobre análise, seleção e uso: abrange a apropriação, a interpretação e a utilização dos livros didáticos por professores e estudantes, examinando as adaptações realizadas, a geração de significados, as interações e recepção destes materiais no contexto educativo, bem como sua influência no ensino-aprendizagem.

Incorporando a perspectiva da Manualística ao estudo dos manuais didáticos, reconhece-se a complexidade e a necessidade de abordagens interdisciplinares que desvendem as camadas de significado inerentes a esses materiais. Os desafios metodológicos encontrados nesse campo são amplificados pela essencialidade do acesso e da preservação de arquivos e documentos históricos que

---

<sup>2</sup> GARCIA, Tânia Braga. **Apontamentos de aula**. Manuais didáticos e escolarização. PPGE/UFPR, 2017.

sustentam este tipo de investigação, ressaltando a importância desses materiais como testemunhos da trajetória educacional e cultural. A Manualística, portanto, não apenas investiga o conteúdo, mas também se debruça sobre as histórias de produção, circulação e recepção dos livros didáticos, considerando-os como reflexos das condições sociais, econômicas e políticas de suas épocas.

No contexto do meu pós-doutorado, realizado no ano de 2023, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), com foco no arquivo do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), a importância de preservar tanto documentos físicos quanto digitais tornou-se evidente. A era digital contemporânea impõe a imperatividade de proteger a memória educacional, algo que o Memorial do PNLD exemplifica de maneira exemplar. O acervo do Memorial não apenas salvaguarda essa memória, mas também estabelece o Brasil como um ponto de referência nos estudos dos livros didáticos. Esta posição permite ao Memorial atuar como um elo entre o Brasil e o mundo acadêmico internacional, fornecendo contribuição importante para pesquisadores que exploram a produção, circulação, análise, seleção, usos e o conteúdo dos livros didáticos nas mais variadas perspectivas analíticas e epistemológicas.

A relevância da Manualística estende-se além da análise dos aspectos textuais dos livros didáticos para incluir as representações hipertextuais em contextos digitais, como os livros digitalizados no Memorial do PNLD/RN. Esta amplitude de foco é crucial para entender não apenas como o conhecimento histórico é construído e transmitido, mas também como é recebido e interpretado por estudantes e professores. Os livros didáticos, ao veicular narrativas históricas específicas, desempenham um papel central na formação da consciência histórica e cultural. Eles são, portanto, instrumentos de socialização que influenciam significativamente a compreensão dos alunos sobre o passado e, por extensão, sobre sua própria identidade e lugar no mundo.

A investigação realizada no contexto do arquivo do PNLD, durante o estágio pós-doutoral, ilustra a importância de tais arquivos para a pesquisa sobre os livros didáticos, especialmente os brasileiros. No espaço do Memorial, para além dos livros, há também os documentos que revelam todo o programa, constituído a partir de 1985, portanto, no contexto do fim da ditadura civil-militar brasileira e do retorno da democracia, trazendo com ela as mudanças na estrutura curricular brasileira e, conseqüentemente, nos livros. Assim, o PNLD oferece uma visão dos processos de seleção e circulação de livros didáticos, bem como das interações entre editores, autores, educadores e políticas governamentais. Este acervo não apenas



contribui para uma melhor compreensão das dinâmicas educacionais brasileiras, mas também para o reconhecimento dos estudos sobre livro didático como um campo de estudo relevante.

Assim, a contribuição do Memorial do PNLD para a Manualística vai além da preservação de documentos. Ele oferece uma base para reflexões críticas sobre as práticas pedagógicas e o papel dos materiais didáticos na construção do conhecimento. Ao disponibilizar um acervo tão rico e diversificado, o Memorial permite que pesquisadores explorem as complexas relações entre educação, sociedade e cultura, abrindo novos caminhos para a compreensão das transformações educacionais ao longo do tempo.

## **TRAJETÓRIA PESSOAL NO CONTEXTO DA PESQUISA SOBRE LIVROS DIDÁTICOS**

### **Grupo de pesquisa**

Minha participação ativa em grupos de pesquisa e projetos específicos, em especial no Núcleo de Pesquisa em Publicações Didáticas (NPPD) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), constitui um dos pilares fundamentais da minha trajetória como pesquisador. O NPPD, que reúne um grupo diversificado de professores e pesquisadores dedicados ao estudo de manuais escolares e mídias educativas, tem sido o cenário de um rico intercâmbio de ideias e experiências, cruciais para o avanço do conhecimento na área dos estudos sobre livros didáticos.

A gênese do NPPD está ancorada no compromisso de entrelaçar, de maneira indissociável, pesquisa, ensino e extensão, pilares fundamentais da Universidade Pública. Essa tríade serve não apenas como diretriz para as atividades do Núcleo, mas também como um princípio orientador para a produção de conhecimento relevante e aplicável à realidade educacional brasileira, especialmente no que tange ao aprimoramento da escola pública contemporânea.

A organização do NPPD em torno de três linhas de atuação – pesquisa e produção de publicações didáticas, organização e disponibilização de acervos e formação em/para pesquisa – proporcionou um rico terreno para o desenvolvimento de investigações que abordam a complexidade dos materiais didáticos. Como membro ativo e também egresso do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFPR), dediquei-me ao estudo das publicações

didáticas em diversos suportes e mídias, com um olhar particular para sua aplicação em contextos escolares sobre o ensino de História. Essa imersão nos estudos sobre livros didáticos permitiu-me contribuir significativamente para a organização de acervos físicos e virtuais, facilitando o acesso a recursos para pesquisadores, professores e alunos interessados nessa temática.

A participação em eventos acadêmicos organizados pelo NPPD, a parceria com uma rede de pesquisadores e pesquisadoras em diferentes instituições brasileiras e de outros países, como a *International Association for Research on Textbooks and Educational Media* – IARTEM, e o apoio à divulgação da produção científica nesse campo foram fundamentais para a socialização dos resultados de pesquisa e para o estímulo ao debate entre diferentes atores do cenário educacional. Essas ações reforçam o papel do Núcleo como um espaço de troca e construção coletiva de conhecimento sobre publicações didáticas. Adicionalmente, o NPPD tem se destacado pelo incentivo à discussão teórico-metodológica sobre as abordagens de pesquisa em manuais escolares e outros materiais didáticos. Minha pesquisa de doutorado, sob a orientação da Professora Doutora Tânia Braga Garcia, é um exemplo de como abordagens de natureza etnográfica podem enriquecer a compreensão das dinâmicas de uso dos livros didáticos em escolas e salas de aula. Essa orientação metodológica, valorizada dentro do NPPD, permitiu explorar com profundidade as relações entre os professores, os alunos e o conhecimento mediado por esses materiais.

Minha participação no Grupo de Pesquisa CNPq “Didática, Práticas Escolares e Publicações Didáticas” ampliou ainda mais meu espectro de atuação e colaboração. Este grupo, que congrega pesquisadores de diferentes níveis de formação e instituições de ensino, oferece um ambiente rico para o estudo aprofundado das publicações didáticas. A interação com professores da educação básica, que trazem suas experiências diretas do campo, e com pesquisadores em formação, que oferecem novas perspectivas e questionamentos, tem sido particularmente enriquecedora.

Essa inserção em uma comunidade acadêmica tão vibrante e comprometida com a pesquisa sobre publicações didáticas impactou profundamente a formulação de minhas questões de pesquisa e a escolha de metodologias. A experiência no NPPD e nos grupos de pesquisa relacionados proporcionou-me uma compreensão mais ampla e crítica dos livros didáticos e materiais de ensino, além de destacar a importância da interdisciplinaridade e da colaboração na produção de conhecimento significativo para a educação e, em especial, para o Ensino de História.

## Pós-doutorado

Analisar minha trajetória de pesquisa durante o pós-doutorado, destacando como cada experiência contribuiu para ampliar o campo de conhecimento sobre os estudos acerca dos livros didáticos no Brasil e para a formação de redes de colaboração, envolve uma observação cuidadosa das nuances e particularidades dessas interações. Minha passagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Natal), Universidade de São Paulo (USP), Museu Paulista da Universidade de São Paulo e Museu da Memória e dos Direitos Humanos, em Santiago, no Chile, foi vital para meu desenvolvimento acadêmico, impulsionando minha pesquisa em publicações didáticas. No desenvolvimento do meu projeto de pós-doutorado, dediquei-me ao estudo do processo de implantação do Memorial do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). A análise de correspondências eletrônicas trocados entre a instituição UFRN, representada pela professora Margarida Maria Dias de Oliveira, e o Ministério da Educação (MEC) emergiu como um aspecto importante deste trabalho. Estes documentos eletrônicos revelaram-se fundamentais para a compreensão das políticas públicas de acesso ao livro didático brasileiro, destacando-se como fontes para o conhecimento acadêmico. Este foco nos e-mails, além de conferir um caráter inovador à pesquisa, sublinha a relevância acadêmica do estudo, abrindo novas perspectivas no campo da Manualística, especialmente no que se refere à política pública de universalização do acesso a livros didáticos para as escolas brasileiras.

Minha experiência na UFRN, trabalhando diretamente com o arquivo do PNLD, foi enriquecedora, permitindo uma imersão nos documentos sobre as políticas educacionais brasileiras por meio dos livros didáticos. O exame detalhado desses documentos proporcionou uma visão abrangente das complexidades envolvidas na seleção e distribuição dos livros didáticos, revelando os critérios utilizados pelo governo e pelas editoras ao longo dos anos. Esta parte do meu estudo evidenciou a importância de preservar esses arquivos históricos, não apenas como registros da trajetória educacional do Brasil, mas também como recurso indispensável para futuras investigações acadêmicas, destacando os desafios para assegurar sua acessibilidade.

A decisão de focalizar o Memorial do PNLD através de uma análise documental e de testemunhos teve como objetivo contribuir para o enriquecimento do campo da Manualística. Esse enfoque não apenas facilitou a com-

preensão dos procedimentos adotados na instauração do memorial na UFRN, como também ressaltou a importância da universidade na conservação da memória das políticas educacionais nacionais. Com isso, o meu trabalho de pós-doutorado visa não somente discutir aspectos acerca das políticas de distribuição de livros didáticos no Brasil, mas também destacar a significância dessas iniciativas para o avanço acadêmico e a promoção do acesso ao conhecimento e à cultura no país.

## **Visitas técnicas**

A visita técnica à Universidade de São Paulo, no âmbito do estágio pós-doutoral, incluindo a Biblioteca do Livro Didático e o LEMAD (Laboratório de Ensino e Material Didático – História), foi fundamental para compreender as abordagens inovadoras na utilização de livros didáticos e materiais de ensino. Explorar o acervo da biblioteca e participar das atividades do LEMAD permitiu-me observar a diversidade de recursos didáticos disponíveis e a forma como estes são integrados nas práticas pedagógicas. A interação com pesquisadores e pesquisadoras durante a visita ofereceu novas perspectivas sobre a produção e a aplicação de materiais didáticos, enriquecendo minha compreensão sobre as possibilidades e os desafios na educação contemporânea, em especial no campo dos arquivos físicos e digitais de livros didáticos brasileiros.

A visita ao Museu Paulista da Universidade de São Paulo, também conhecido como Museu do Ipiranga ou Museu Paulista, proporcionou uma imersão na história educacional e cultural das imagens produzidas para o Museu e, posteriormente, aproveitadas em livros didáticos brasileiros. A análise da exposição “Passados Imaginados” e do acervo do museu permitiu uma reflexão profunda sobre como a história é representada nos livros didáticos e outros materiais educacionais. Este encontro com a memória visual e textual do país enfatizou a importância dos museus como espaços de aprendizado e de preservação da história, destacando o papel que tais instituições podem desempenhar no apoio à pesquisa em livros didáticos.

A visita ao Museu da Memória e dos Direitos Humanos, em Santiago, no Chile, foi uma experiência transformadora. O foco desta visita foi explorar a documentação relativa à ditadura chilena, buscando compreender as interseções entre educação, memória, direitos humanos e livros didáticos chilenos. O acesso a materiais que documentam este período crítico da história chilena re-

velou as potencialidades e os desafios de trabalhar com arquivos sensíveis, ressaltando a necessidade de abordagens cuidadosas e éticas na pesquisa histórica e educacional.

Cada visita técnica contribuiu de maneira significativa para minha pesquisa em Manualística, oferecendo uma compreensão mais rica dos contextos nos quais os livros didáticos e materiais de ensino são produzidos, utilizados e preservados. Os desafios de acessar e interpretar arquivos e documentos históricos foram uma constante, mas também foram oportunidades para desenvolver habilidades metodológicas e construir uma rede de colaboração interinstitucional.

Estas experiências ressaltaram a importância da interdisciplinaridade na pesquisa, demonstrando como a colaboração entre historiadores, professores, arquivistas e museólogos pode enriquecer a análise de publicações didáticas. A integração entre pesquisa, ensino e extensão, conforme vivenciada nas atividades do Núcleo de Pesquisa em Publicações Didáticas (NPPD) da UFPR, foi reafirmada em cada uma dessas visitas técnicas. O trabalho realizado no estágio pós-doutoral na UFRN encontrou ressonância nos projetos e nas instituições visitadas, reforçando a relevância de uma ampla abordagem no ensino de História e na educação pública como um todo.

Essas visitas não apenas ampliaram meu entendimento sobre a complexidade das publicações didáticas em diferentes contextos, mas também impulsionaram a reflexão sobre como esses materiais influenciam e são influenciados pelas dinâmicas sociais e políticas. A oportunidade de dialogar com profissionais de diferentes áreas e de acessar acervos únicos permitiu uma imersão nos debates atuais sobre ensino, memória e história, contribuindo significativamente para a formulação de novas questões de pesquisa e para a escolha de outras metodologias.

A inserção no Grupo de Pesquisa CNPq “Didática, Práticas escolares e Publicações Didáticas” ampliou ainda mais meu horizonte acadêmico, possibilitando a interação com uma comunidade ampla de pesquisadores interessados em questões similares. Esta rede de colaboração, construída sobre uma base de interesses comuns na análise crítica das publicações didáticas, foi importante para o desenvolvimento de abordagens interdisciplinares na pesquisa.

O impacto dessas experiências na minha trajetória como pesquisador é indiscutível. A participação ativa em projetos voltados à investigação de publicações didáticas, a organização de acervos físicos e virtuais e a contribuição para dis-

cussões teórico-metodológicas sobre a pesquisa sobre livros didáticos reforçaram minha convicção na importância de uma abordagem que integre teoria e prática.

Por fim, as visitas técnicas e a participação em grupos de pesquisa reiteraram a importância de uma colaboração interinstitucional para o avanço da pesquisa em acervos, especialmente, voltados à guarda de livros didáticos. A troca de conhecimentos e experiências entre instituições de ensino e pesquisa nacionais e internacionais enriquece o campo de estudo e promove uma compreensão mais ampla das dinâmicas educacionais. Esta colaboração é essencial para superar os desafios metodológicos e teóricos enfrentados pelos pesquisadores, bem como contribuir, de maneira significativa, para a melhoria da qualidade da educação pública brasileira na contemporaneidade.

O estágio pós-doutoral na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), com foco no arquivo do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), representou um marco significativo em minha trajetória acadêmica. Este período foi uma importante oportunidade para aprofundar a compreensão sobre os espaços de memória e os processos de preservação documental, bem como para expandir a análise sobre os livros didáticos e os materiais de ensino na história dos livros didáticos brasileiros.

O contato direto com o arquivo do PNLD e os documentos inerentes ao programa permitiu uma imersão nos mecanismos de seleção, análise e distribuição dos livros didáticos. A análise desses documentos revelou não apenas a complexidade desses processos, mas também a riqueza das informações que eles contêm sobre as políticas públicas de livros didáticos brasileiros. Ao explorar esse vasto acervo, tornou-se evidente a importância de proteger a memória dos livros didáticos para as gerações futuras.

O Memorial do PNLD, ao abrigar tal coleção diversificada, ressalta essa necessidade, destacando-se como um repositório importante tanto para a pesquisa acadêmica quanto para a não acadêmica. Este estágio aprofundou significativamente minha análise dos livros didáticos, permitindo explorar as diversas dimensões analíticas e epistemológicas dos materiais de ensino.

Através das coleções de livros didáticos, sob a guarda do Memorial, foi possível mapear a evolução dos conteúdos pedagógicos e as nuances sociais, políticas e culturais que influenciaram o cenário educacional brasileiro a partir da década de 1980. Essa análise histórica, centrada na criação e no desenvolvimento do Memorial do PNLD, enfatizou seu papel fundamental como um repositório que documenta a vida escolar brasileira de 1985 a 2017.

Ao refletir sobre essa jornada, fica claro que o estágio pós-doutoral foi uma grande oportunidade de estudo e desenvolvimento de pesquisa. Investigar a presença da música caipira em livros didáticos durante o mestrado, explorar o uso desses livros em uma Escola do Campo no doutorado e, agora, analisar o Memorial do PNLD ilustram meu compromisso contínuo com a História, a Memória e o Ensino de História.

Além do trabalho realizado no Memorial do PNLD/UFRN, é fundamental destacar a contribuição de outros centros e instituições dedicados ao estudo dos livros didáticos, cada um trazendo perspectivas únicas e complementares que enriquecem o campo da Manualística. Instituições como o *Emanuelle*, na França, o *Georg Eckert Institute*, na Alemanha, o *INDIRE*, na Itália, a Biblioteca do Livro Didático, na USP, o LEMAD, também na USP, e o NPPD/UFPR são exemplos de espaços de pesquisa sobre livros didáticos. Esses centros se dedicam não apenas à preservação de acervos, mas também à promoção de investigações que revelam novas dimensões no estudo desses materiais educacionais.

A colaboração e o futuro intercâmbio de conhecimentos entre esses centros são essenciais para avançar no entendimento dos livros didáticos e sua função na educação. Cada instituição, com seu foco particular de estudo, contribui para uma visão mais abrangente e detalhada dos desafios e possibilidades que os livros didáticos representam. A realização de novos estudos e pesquisas nesses espaços torna-se importante para desvelar novas e complexas relações entre educação, sociedade e cultura mediadas por esses materiais.

Consequentemente, minha participação ativa no Núcleo de Pesquisa em Publicações Didáticas da Universidade Federal do Paraná (NPPD/UFPR) enriqueceu significativamente minha contribuição para a pesquisa desenvolvida no Memorial do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

As visitas técnicas realizadas no âmbito dos estudos de pós-doutorado e o diálogo com diversos centros especializados no estudo dos livros didáticos não apenas reforçaram minha capacidade investigativa, mas também destacaram a importância de uma abordagem acadêmica que se aprofunda nas dimensões práticas e teóricas da educação. Esse conjunto de esforços enfatiza a necessidade contínua de aprimoramento e inovação no ensino público, abrindo caminhos para futuras pesquisas sobre os livros didáticos e a cultura escolar, demonstrando a importância dessas experiências para o desenvolvimento de uma pesquisa educacional.

## Contribuições da pesquisa

A relevância e a necessidade deste tipo de pesquisa permitem mostrar o Patrimônio arquivístico e documental do Memorial, constituído por acervo único que conta a sua história, uma das principais políticas públicas para o acesso ao livro e à leitura pela sociedade brasileira, o Programa Nacional do Livro Didático – PNLD.

Nessa medida, a expectativa é de que este trabalho possa trazer ao menos três contribuições:

A) discussão da produção acadêmica sobre o tema, considerando-se o contexto histórico que a envolveu. Os resultados de estudos e propostas (em nível nacional e internacional) que apontam caminhos para se (re)pensar materiais didáticos escritos e digitais que contemplem a possibilidade de apresentar conhecimentos que contribuam para a construção de relações, especialmente no que se refere à articulação global/local e universal/particular; e as possibilidades de produzir materiais para atender não apenas as diversidades, mas as diferenças e necessidades especiais dos estudantes. Ao mesmo tempo que a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (ainda que com suas controvérsias), busca criar uma padronização nacional de conteúdos, escapa dessas discussões potenciais a partir de histórias locais. A relação entre estudantes de diferentes localidades, a partir de materiais que possam vir a ser produzidos.

B) Além de privilegiar como se deu a construção histórica do Memorial do PNLD, que preserva um rico patrimônio histórico físico e digital de documentos relacionados à História do livro didático, um dos poucos arquivos especializados no Brasil na preservação e valorização de material documental de interesse acadêmico e histórico, a pesquisa visa contribuir para o desenvolvimento de uma rede de contatos, intercâmbios, fluxos de informação e experiências entre escolas, estudantes e professores, expandindo as possibilidades e alternativas que se apresentam hoje, em decorrência do desenvolvimento e uso das tecnologias digitais para ampliar o acesso ao conhecimento formal em situações diversas de escolarização.

C) Incentivar escolas, alunos e professores a transformar em material documental de interesse histórico os livros e documentos dispostos no Memorial, contribuindo para o debate sobre materiais didáticos digitais a partir de uma perspectiva que não focaliza a atenção sobre os usos, nem pelos alunos nem por professores mas sim pelo espaço que é propício ao desenvolvimento de atividades na quais os jovens são estimulados a agir sobre ob-



jetos de ensino e pesquisa, não apenas para assimilar informações, e sim para problematizar esses objetos e buscar soluções para demandas geradas a partir dele (Chaves; Garcia; Garcia, 2017; Oliveira; Schena; Pasda, 2022, p. 437).

## SEÇÕES E CAMADAS

A criação de um novo monumento envolve novas formulações quanto à percepção, às sensações e às emoções humanas (Rahme, 2021), assim pode ser entendido o Memorial do PNLD, que, ao se anunciar que se constituiu a partir de uma demanda do Ministério da Educação e Cultura (MEC) à UFRN e, em particular, ao Departamento de História por seu investimento na organização, preservação e acessibilidade de acervos físicos e digitais de livros didáticos (CCHLA/UFRN), instaurou modos de memorialidade distintos daqueles que costumeiramente estamos habituados.

Portanto, a trajetória delineada ao longo desta seção revela um comprometimento com o ensino, a pesquisa e a preservação da memória histórica, especialmente no que diz respeito aos materiais didáticos. Este caminho não apenas contribuiu para o avanço acadêmico, mas também reforçou a importância de proteger e ressignificar a história para as futuras gerações.

Essa proposta tem como objetivo redefinir a maneira como concebemos e interagimos com os trabalhos acadêmicos. Ao adotar a estrutura em camadas, inspirado nos trabalhos de Robert Darnton (2010), é possível oferecer aos leitores uma experiência de leitura flexível e adaptada às suas necessidades e interesses individuais.

Para Darnton (2010, p. 94),

Em vez de inchar o livro, creio ser possível estruturá-lo em camadas dispostas em forma de pirâmide. A camada superior poderia ser uma exposição concisa do tema, talvez disponível em brochura. A camada seguinte poderia conter versões expandidas de diferentes aspectos do mesmo argumento — não dispostas sequencialmente como em uma narrativa, mas sob forma de unidades autocontidas que alimentem o andar superior. A terceira camada poderia ser composta por documentos, possivelmente de diferentes tipos, sempre acompanhados por ensaios interpretativos. Uma quarta camada poderia ser teórica ou historiográfica, com seleções de trabalhos acadêmicos anteriores e discussões a seu respeito. Uma quinta camada po-

deria ser pedagógica, consistindo em sugestões para debates em sala de aula, um modelo de súmula e módulos de ensino. E uma sexta camada poderia conter relatórios de revisão, correspondências entre o autor e o editor e cartas dos leitores, fornecendo um corpus crescente de comentários à medida que o livro transitasse entre diferentes públicos.

A proposta de estruturar os textos, conforme Darnton (2010), em camadas serviu, neste trabalho, como um ponto de partida e inspiração, no entanto, optei por não replicar exatamente a abordagem do referido autor, que sugere um aumento progressivo do conteúdo, adicionando camadas sequencialmente para enriquecer a experiência do leitor. Em vez disso, explorei a possibilidade de organizar as camadas com diferentes focos e funcionalidades em cada nível, para que, ao final, o leitor ou leitora possa explorar o que mais lhe interesse.

# SOBRE O LIVRO DIDÁTICO NO BRASIL

---

## 2

Esta camada apresenta uma trajetória histórica do livro didático no Brasil, desde suas “origens” até os debates contemporâneos que o envolvem. Através de uma análise das obras e estudos que marcaram o desenvolvimento do livro didático no país, esta seção visa apontar os desafios enfrentados na produção, na seleção e no uso desses materiais em contextos educacionais variados. Nesse sentido, explora a evolução e o impacto do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), criado em 1985, no cenário educacional brasileiro. Por meio de uma breve linha do tempo e de infográficos explicativos, buscamos mostrar as principais resoluções, leis e decretos-lei que moldaram a história do livro didático e do PNLD no Brasil, evidenciando as mudanças nas políticas educacionais, nos métodos de ensino e nas necessidades dos estudantes ao longo dos anos. Mediante a exploração das obras e pesquisas citadas, buscamos ampliar a compreensão sobre os livros didáticos e materiais de ensino, reconhecendo sua importância não apenas como um artefato da vida das escolas, mas também como importantes elementos na construção de conhecimentos, identidades e culturas.

A preocupação com os livros didáticos não é uma questão recente. Para Chaves (2019), as primeiras investigações públicas sobre o livro didático, especialmente o de História, podem ser encontradas na obra de Guy de Hollanda, intitulada *Um quarto de século de programas e compêndios de história para o ensino secundário brasileiro (1931-1956)*, realizada a pedido do Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais (INEP).

O trabalho de Guy Hollanda aborda um período significativo da história da educação brasileira, fornecendo importante contribuição para o campo sobre os programas e compêndios de história utilizados no ensino secundário entre os anos de 1931 e 1956, investigando a evolução dos programas e compêndios de história adotados no ensino secundário brasileiro durante um período de 25 anos, do início da década de 1930 até meados da década de 1950. O autor realiza uma análise crítica dos materiais didáticos utilizados, considerando os contextos político, social e educacional da época. O autor também destaca a importância dos programas e compêndios de história no processo de formação de identidade nacional e construção de uma memória coletiva.

Um segundo balanço (Chaves, 2019) resultou em documento intitulado “O Estado da Arte do Livro Didático no Brasil”, produzido por Barbara Freitag, Valéria Motta e Wanderly Costa. Publicada em 1987, também por solicitação do INEP, a pesquisa faz uma análise estrutural da presença do livro didático no sistema educacional brasileiro. As autoras realizam análise e crítica sobre a trajetória do livro didático no Brasil nos últimos vinte anos anteriores à década da publicação do trabalho. Trata-se de um exame minucioso das principais publicações brasileiras até aquele momento sobre o livro didático, iniciando com investigações publicadas na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos e nos Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas/São Paulo, além de pesquisas nos acervos das Bibliotecas da UnB, do Congresso e do Instituto Nacional do Livro, em Brasília, da Universidade de Campinas (UNICAMP), da Faculdade de Educação da USP e da Fundação do Livro Escolar em São Paulo.

As autoras, a título de cotejamento, realizaram ainda levantamentos bibliográficos na Biblioteca Central da Universidade de Berlim e do Instituto de Pesquisas Educacionais Max Planck em Berlim. Exploraram também os catálogos e resumos de teses de mestrado e doutorado disponíveis no Brasil.

Para as autoras, o livro didático não tem uma história própria no Brasil, pois

Sua história não passa de uma seqüência de decretos, leis e medidas governamentais que se sucedem, a partir de 1930, de forma aparentemente desordenada, e sem a correção ou a crítica de outros setores da sociedade (partidos, sindicatos, associações de pais e mestres, associações de alunos, equipes científicas etc.). Essa história da seriação de leis e decretos somente passa a ter sentido, quando interpretada à luz das mudanças estruturais como um todo, ocorridas na sociedade brasileira, desde o Estado Novo até a Nova República (Freitag; Motta; Costa, 1987, p. 5).

Assim, realiza-se um retorno à década de 1930 para justificar que foi a partir desse momento que leis e decretos, embora de forma desordenada, começam a aparecer (Freitag; Motta; Costa, 1987). A partir desse período é “que se desenvolve, no Brasil, uma política educacional consciente, progressista, com pretensões democráticas e aspirando a um embasamento científico” (Freitag; Motta; Costa, 1987, p. 5).

Não se trata, no entanto, de uma obra específica sobre os livros didáticos de História. Segundo Freitag, Motta e Costa (1987), o principal objetivo do projeto era resgatar documentos como teses, livros, artigos e legislação sobre livro didático no Brasil, e o catálogo divide a obra por disciplina ou área do conhecimento. Relembra-se que, naquele momento, a História havia perdido seu lugar específico no currículo e, portanto, as autoras examinam os livros de Estudos Sociais. Na esteira do trabalho de Freitag, Motta e Costa, em 1989, foi publicado um catálogo analítico, também financiado pelo INEP, intitulado “Que sabemos sobre Livro Didático: catálogo analítico”. A obra foi organizada a partir de trabalho envolvendo pesquisadores da Biblioteca Central da Faculdade de Educação e do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas).

A presença dos livros didáticos na vida escolar brasileira nas últimas décadas, decorrente das ações do PNLDD, motivou um significativo crescimento no número de pesquisas sobre o tema.

Especificamente, a pesquisa acadêmica sobre livros didáticos de história no Brasil, especialmente nas últimas décadas do século XX e início do século XXI, tem sido marcada por importantes contribuições, como os trabalhos de Kênia Hilda Moreira (2006, Unesp/Araraquara) e Anne Cacielle Ferreira da Silva (2018, UFPR).

Moreira (2006), na tese “Um mapeamento das pesquisas sobre o livro didático de história na região sudeste: 1980 a 2000”, mapeou as produções acadêmicas sobre o Livro Didático de História (LDH) na região Sudeste, destacando uma produção concentrada em São Paulo e predominante no nível de mestrado na área da Educação. O estudo revelou que a análise de conteúdo, com ênfase na ideologia nos livros didáticos de História, foi a tendência nas pesquisas da década de 1980, enquanto, a partir da década de 1990, houve uma diversificação nas temáticas, abordando a história do LDH, seu uso por professores e a influência do referencial teórico na História das Disciplinas Escolares.

Por outro lado, Silva (2018), na tese “Estado do conhecimento sobre o livro didático de história em dissertações e teses produzidas em programas de pós-graduação no Brasil (1990-2015)”, ampliou o tempo e o espaço geográfico em seu trabalho, analisando dissertações e teses de todo o Brasil entre 1990 e 2015. A pesquisa, que se baseou em uma combinação de análises quantitativas e qualitativas, identificou uma predominância de dissertações de mestrado acadêmico, principalmente em programas de pós-graduação em Educação, seguidos pelos de História. Essa tese também destacou a concentração de pesquisas em determinados estados brasileiros e apontou para uma abordagem histórica predominante, apesar do contexto educacional.

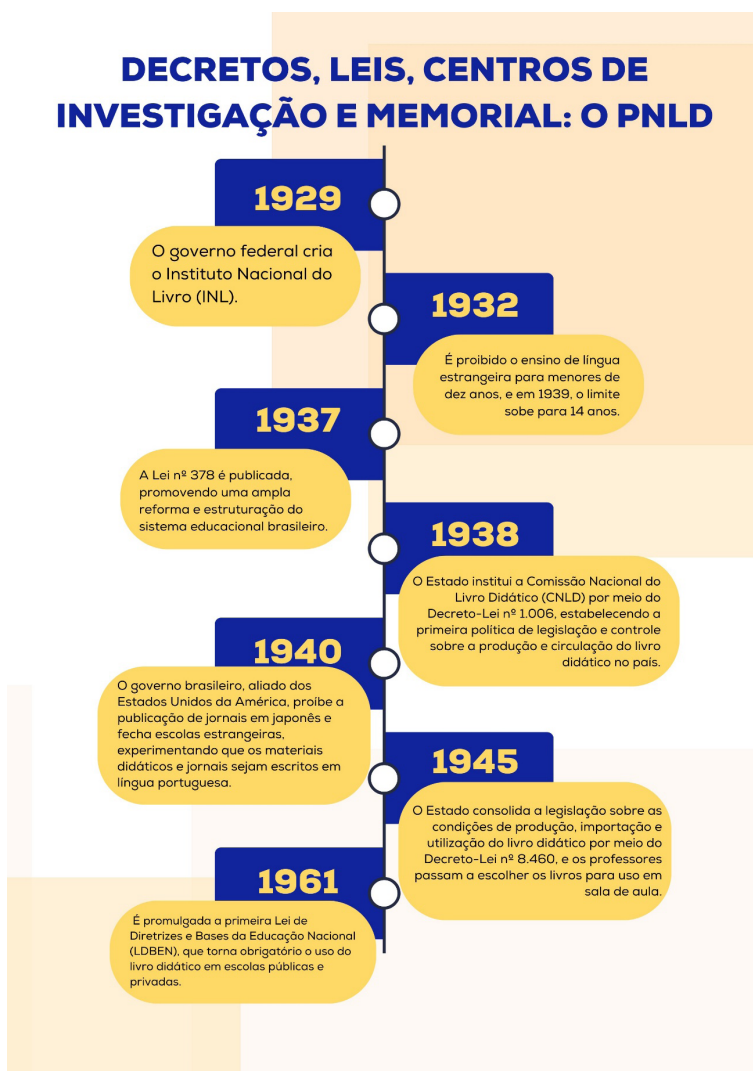
Ao mesclar as perspectivas dessas duas pesquisadoras, emerge um panorama complexo e multifacetado do estudo dos livros didáticos de história no Brasil. Essa combinação revela uma evolução nas tendências de pesquisa, desde a análise de conteúdo focada em ideologias até a abordagem histórica e documental, refletindo as transformações no campo da educação e da história ao longo das últimas décadas. Ao mesmo tempo, a concentração de pesquisas em certas regiões do país e a prevalência de determinados níveis de estudo apontam para a necessidade de uma exploração mais diversificada e inclusiva nesse campo de estudo. Ambas as teses, portanto, não apenas mapeiam o estado da arte em seus respectivos períodos, mas também lançam novos olhares sobre as lacunas e oportunidades para pesquisas futuras sobre livros didáticos de história no Brasil.

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), criado em 1985, e com diversas mudanças ao longo do tempo, é o responsável por avaliar e selecionar os livros didáticos a serem adotados nas escolas públicas brasileiras.

A seguir, estão algumas das principais resoluções, leis e decretos-lei da história do livro didático e, após 1985, da criação do PNLD no Brasil, abrangendo o surgimento de espaços de memória e banco de dados sobre o livro didático no país. Trata-se de uma breve linha do tempo (em forma de infográfico) explicativa sobre a história do livro didático no Brasil, que desempenha um papel importante ao fornecer um panorama com recortes temáticos e cronológicos das transformações e evoluções desse importante instrumento no contexto educacional do país. Através desse infográfico, é possível compreender como o livro didático tem sido tratado ao longo do tempo por pesquisadores e pela sociedade brasileira, acompanhando as mudanças nas políticas educacionais, nos métodos de ensino e nas necessidades dos estudantes.

A importância de uma linha do tempo sobre a história do livro didático no Brasil reside na capacidade de revelar a sua relevância social e educacional, bem como os desafios e avanços enfrentados ao longo dos anos. Além disso, uma linha do tempo sobre a história do livro didático no país pode evidenciar, no caso deste trabalho, as diferentes abordagens políticas adotadas no decorrer dos anos, assim como os reflexos das mudanças sociais e culturais na sua produção e uso.

FIGURA 1 – INFOGRÁFICO COM DECRETOS, LEIS, CENTROS DE INVESTIGAÇÃO, MEMORIAL – O PNLD



## DECRETOS, LEIS, CENTROS DE INVESTIGAÇÃO E MEMORIAL: O PNLD

**1966**

**Acordo MEC-USAID**

Um acordo entre o Ministério da Educação (MEC) e a Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional (Usaid) permite a criação da Comissão do Livro Técnico e Livro Didático (Colted).

**1971**

**Decreto nº 68.728**

Transfere as competências da Comissão do Livro Técnico e Didático (Colted) para o Instituto Nacional do Livro (INL), que passa a ser responsável pela política dos livros técnicos e didáticos.

**1983**

A Fundação de Assistência ao Estudante (FAE) é criada, substituindo a FENAME e incorporando o PLIDEF.

**1985**

Nasce o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e criado pelo Decreto Nº 91.542, substituindo o PLIDEF.

**1994**

A Biblioteca do Livro Didático (BLD) e Coleções Especiais na Universidade de São Paulo (USP).

**1996**

Inicia-se o processo de avaliação pedagógica dos livros inscritos para o PNLD, que continua sendo aplicado até hoje.

**2002**

Criação do NPPD (Núcleo de Pesquisas em Publicações Didáticas) - UFPR



## DECRETOS, LEIS, CENTROS DE INVESTIGAÇÃO E MEMORIAL: O PNLD

**2004**

A Política Nacional do Livro Didático é publicada, estabelecendo diretrizes gerais para a produção, avaliação e distribuição dos livros didáticos no âmbito do PNLD.

**2008**

Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio (PNLEM).

O Laboratório de Ensino e Material Didático - História (LEMAD) é organizado na Universidade de São Paulo (USP).

**2010**

Nasce o primeiro Memorial do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) na Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

**2011**

O PNLD-Campo é incorporado ao programa, visando atender às especificidades das escolas do campo do ensino fundamental com livros diferentes dos utilizados nas escolas urbanas.

**2012**

A Política Nacional do Livro Didático é atualizada, incorporando novas diretrizes e critérios para a produção e seleção dos livros didáticos.

**2017**

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é aprovada.

Com a publicação da BNCC nasce um novo formato de obras didáticas influenciando a produção e seleção de livros e outros materiais didáticos produzidos no país.

**2018**

Portaria Ministerial nº 1.040

Estabelecimento de novas diretrizes para a produção e avaliação dos livros didáticos distribuídos pelo PNLD. Fim do Programa Nacional do Livro Didático e início do Programa Nacional do Livro e do Material Didático.

Fonte: Adaptado pelo autor a partir de Brasil (2023).

## ANTECEDENTES

No ano de 1993, foi realizada a primeira avaliação dos livros didáticos pelo PNLD, elaborada nas Definições de Critérios para Avaliação dos Livros Didáticos – Português, Matemática, Estudos Sociais e Ciências/1ª a 4ª séries. Essa avaliação pioneira baseou-se na análise dos dez livros didáticos mais adotados em cada disciplina escolar no ano de 1991. Com uma abordagem multidisciplinar, essa avaliação foi conduzida por uma equipe composta por linguistas, psicólogos e especialistas de diversas áreas do conhecimento escolar. Eles foram responsáveis por criar os primeiros parâmetros de avaliação de livros didáticos através do PNLD, regulamentando diretrizes que também serviriam como base para a produção de novos materiais didáticos.

No que se refere à avaliação, critérios comuns foram adotados para todas as disciplinas, como projeto gráfico editorial, abordagem do tema e aspectos pedagógico-metodológicos. Esses critérios foram ajustados conforme a área do conhecimento, ou seja, Português, Matemática, Estudos Sociais e Ciências. Assim, o PNLD buscou garantir que os materiais didáticos incorporassem as renovações historiográficas e metodológicas, oferecendo aos professores opções definidas com as abordagens mais recentes.

Importante considerar que foi neste contexto que ocorreu a construção de dois documentos. O primeiro foi a “Definição de Critérios para Avaliação dos Livros Didáticos”<sup>1</sup>, escrito a partir da criação de grupo de trabalhos, em 1993, para avaliar os aspectos mais importantes dos livros didáticos das séries iniciais do ensino fundamental em Português, Matemática, Estudos Sociais e Ciências. Os quadros a seguir mostram a constituição das pessoas que integraram o primeiro grupo de análise de livros didáticos a partir da Portaria n.º 1.130, de 05 de agosto de 1993. Para a análise, foram apontados os dez títulos mais solicitados pelos professores de 1ª a 4ª séries, em 1991, em cada área do conhecimento.

---

<sup>1</sup> Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me002396.pdf>

#### QUADRO 1 – GT/PORTUGUÊS

<b>GRUPOS DE TRABALHO</b>	
GT/PORTUGUÊS  CONSULTORES	Antenor Antônio Gonçalves Filho UNESP/Campus de Marília
	Heliane Gramiscelli Ferreira de Mello, Professora/UFMG
	Jaqueline Moll, Professora/UFRGS
	Luiz Percival Leme Britto, Professor/UNICAMP
	Leonor Scliar-Cabral, Professora /UFSC
	Magda Becker Soares, Professora /UFMG
	Nadja da Costa Ribeiro Moreira, Professora /UFPe

Fonte: Adaptado pelo autor a partir de Brasil (1994).

#### QUADRO 2 – GT/MATEMÁTICA

<b>GRUPOS DE TRABALHO</b>	
GT/MATEMÁTICA  CONSULTORES	Anua Franchi, Professora PUC-SP
	Iara Augusta da Silva, Técnica do Setor de Supervisão de Avaliação e Capacitação da Secretaria de Estado de Educação do Mato Grosso do Sul
	João Bosco Pitombeira, Professor PUC-RJ
	Martha Maria de Souza Dantas, Professora UFBA
	Tânia Mara Mendonça Campos, Professora PUC-SP

Fonte: Adaptado pelo autor a partir de Brasil (1994).

### QUADRO 3 – GT/ESTUDOS SOCIAIS

GRUPOS DE TRABALHO	
GT/ESTUDOS SOCIAIS  CONSULTORES	Edna Maria Santos, Professora UERJ e USU
	Elza Nadai, Professora USP
	Léo Stampacchio, Membro da Equipe Técnica de História para 1º e 2º graus da Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo
	Selva Guimarães Fonseca UFU
	Valéria Trevizani Burla de Aguiar, Professora UFJF

Fonte: Adaptado pelo autor a partir de Brasil (1994).

### QUADRO 4 – GT/CIÊNCIAS

GRUPOS DE TRABALHO	
GT/CIÊNCIAS  CONSULTORES	Catarina Fernandes de O. Fraga, Professora UFPE
	Demétrio Delizoicov Neto, Professor UFSC
	Hilário Fracalanza, Professor UNICAMP
	Miguel Castilho Júnior, Professor da Escola Nova Lourenço Castantro/SP
	Ronaldo Mancuso, Professor lotado no Centro de Ciências da Secretaria de Estado da Educação do Rio Grande do Sul

Fonte: Adaptado pelo autor a partir de Brasil (1994).

A publicação “Definição de critérios para avaliação dos livros didáticos” é o resultado do trabalho desenvolvido pelos Grupos de Trabalho; suas consequências foram sentidas posteriormente ao fornecer procedimentos essenciais para a criação e constituição de novas formas de avaliação dos livros didáticos do PNLD. Esses GTs ofereceram critérios iniciais para uma análise crítica dos livros a serem escolhidos, além de orientações para a construção de processos de avaliação próprios. Além disso, essa iniciativa impulsionou novas abordagens de análise, indicando diretrizes tanto para os autores quanto para o setor editorial.

A partir de 1995, o MEC empreendeu uma série de ações visando aprimorar a execução do PNLD e, por consequência, a qualidade dos livros oferecidos. Uma dessas iniciativas consistiu em envolver equipes de intelectuais e pesquisadores na avaliação dos livros didáticos. Os resultados iniciais desse processo de avaliação foram divulgados no ano seguinte, em 1996, através da análise dos livros de Português, Matemática, Estudos Sociais e Ciências para o PNLD/1997. Essa análise resultou na classificação dos livros em quatro categorias distintas: 1. Excluídos – aqueles com erros conceituais, preconceitos ou expressões de percepção; 2. Não recomendados – livros retirados devido à apresentação de conteúdos insuficientes que comprometiam a eficácia do ensino; 3. Recomendado com ressalvas – englobando livros com qualidades mínimas justificáveis para recomendação, com a ressalva de que os professores devem realizar correções durante as aulas; e, por fim, 4. Recomendados – títulos que atenderam aos critérios relevantes da área e aos critérios gerais de um livro didático. Esse foi o marco inaugural do lançamento de um “Guia de Livros Didáticos” pelo MEC, disponibilizado para professores em todo o país, representando um avanço no fornecimento de orientações concretas para a seleção dos melhores materiais didáticos.

No ano de 2001, o processo avaliativo do PNLD foi consolidado por meio da elaboração do documento intitulado “Recomendações para uma política de livros didáticos”. Este documento resultou de um evento organizado pelo Ministério da Educação, reunindo gestores de políticas públicas, pesquisadores das universidades brasileiras, editores e autores de livros didáticos. As recomendações reafirmaram os critérios mantidos em 1993, identificaram novos desafios decorrentes do próprio processo avaliativo e sugeriram novos caminhos para o aperfeiçoamento da política de materiais didáticos. Esse processo evolutivo refletiu um esforço contínuo para melhorar a qualidade dos materiais oferecidos a professores e alunos.

Portanto, a evolução e o fortalecimento do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), no contexto educacional brasileiro, foram marcados por momentos marcantes e ações que moldaram sua trajetória, como mostram Ferreira e Oliveira (2019, p. 205):

Em 2001, o processo avaliativo do PNLD consolidou-se. Tal fato pode ser afirmado através de duas ações. A primeira foi a elaboração do documento intitulado “Recomendações para uma política de livros didáticos em 2001”, resultado de um even-

to organizado pelo Ministério da Educação que tinha como fim o balizamento dos resultados obtidos pelo programa entre 1993 e 2001 e com a participação de gestores de políticas públicas dos livros didáticos, pesquisadores, formadores de professores, editores e autores de livros didáticos.

Reafirmaram os critérios apresentados em 1993, localizaram novos problemas decorrentes do próprio processo avaliativo, como por exemplo: a cristalização de um modelo de livro didático e, por fim, sugeriu o aprofundamento da avaliação, indicando novos caminhos, a saber, a necessidade de produção de pesquisas, nacionais e transnacionais, que oferecessem subsídios para essa política pública no que tange à questão editorial; a elaboração de editais que fossem mais claros em relação ao que se esperava de um livro didático e de sua qualidade; sugeriu também a descentralização das avaliações para as universidades, com intuito de fomentar as pesquisas sobre esse material e a construção de regras de inscrição que levassem em conta as avaliações anteriores, com a finalidade de otimizar o tempo da avaliação.

A segunda ação foi a organização do processo de avaliação, aquisição e distribuição através de edital público, garantindo a possibilidade de ampla concorrência que, por sua vez, permitiu a apresentação de novos materiais para além dos já consolidados pelo mercado, transparência do processo avaliativo, inclusive com a apresentação dos critérios de avaliação.

É necessário apontar que o PNLD já foi responsável pela aquisição de muitos outros materiais didáticos, como por exemplo, materiais de referência, acervos complementares, materiais para formação continuada de professores, materiais didáticos em suportes digitais, entre outros.

Os desafios enfrentados pela avaliação do PNLD provocaram reflexões sobre a otimização do processo e a clareza de critérios. A organização do processo de avaliação, aquisição e distribuição por meio de edital público, por sua vez, promoveu uma maior transparência e equidade ao permitir a inclusão de novos materiais, além dos já consolidados pelo mercado.

É inegável que o PNLD exerça um papel fundamental na aquisição de diversos materiais didáticos, expandindo suas fronteiras além dos livros tradicionais. Essa abrangência compreendeu materiais de referência, acervos complementares, recursos para a formação continuada de professores e até mesmo conteúdo em suportes digitais.

A “última” grande mudança no sistema de avaliação dos livros didáticos se deu com o Decreto n.º 9.099, de 18 de julho de 2017, que, embora tenha introduzido mudanças significativas, também foi alvo de críticas substanciais

quanto à sua abordagem em relação ao Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Uma das principais críticas recai sobre a fusão do PNLD com o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), e o PNLD ampliou o leque de demandas e passou a compor um novo título, “Programa Nacional do Livro e do Material Didático”. Tal preocupação incide sobre a diluição do foco original do “antigo” PNLD, que era a seleção e distribuição de livros didáticos das diversas áreas do conhecimento. Esse “novo” PNLD passou a abranger uma ampla gama de materiais didáticos, incluindo literatura, pesquisa e referência para a formação de professores.

Este decreto foi responsável pela unificação das ações de aquisição e distribuição de livros didáticos e literários, que antes eram atividades separadas gerenciadas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE).

Sob a nova denominação de Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), não só o nome foi alterado, mas todo o programa foi significativamente expandido. Esta expansão contempla a inclusão de uma diversidade de materiais que oferecem suporte à prática educativa – muito além dos livros didáticos. Agora, o programa também passa a selecionar e distribuir obras pedagógicas, *softwares* e jogos educacionais, entre outros.

Na seção dedicada ao PNLD, no *site* do MEC<sup>2</sup>, é possível conhecer as principais mudanças no programa, como segue o excerto:

O Decreto nº 9.099, de 18 de julho de 2017, unificou as ações de aquisição e distribuição de livros didáticos e literários, anteriormente contempladas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). Com nova nomenclatura, o Programa Nacional do Livro e do Material Didático – PNLD também teve seu escopo ampliado com a possibilidade de inclusão de outros materiais de apoio à prática educativa para além das obras didáticas e literárias: obras pedagógicas, *softwares* e jogos educacionais, materiais de reforço e correção de fluxo, materiais de formação e materiais destinados à gestão escolar, entre outros.

Outra mudança trazida pelo “novo” PNLD trata da restrição à liberdade de escolha do professor e da escola. Enquanto o decreto anterior, de 2010, garantia que os livros didáticos fossem escolhidos livremente pela escola, levando

---

<sup>2</sup> BRASIL. Ministério da Educação. PNLD. **Portal do MEC**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pnld/apresentacao>. Acesso: 07 nov. 2023.

em consideração suas especificidades e proposta pedagógica, o decreto de 2017 permitiu a possibilidade de escolha única para toda a rede de ensino. Essa mudança limita a autonomia das escolas e dos professores na seleção do material mais adequado às suas necessidades, podendo levar a uma uniformização do ensino, ignorando particularidades regionais e contextos específicos.

Em resumo, embora o Decreto n.º 9.099 tenha buscado atualizar e ampliar a abrangência do PNLD, ele também ameaça a autonomia das escolas e dos professores, na qualidade dos materiais selecionados e na inserção de interesses comerciais no âmbito educacional. Essas críticas ressaltam a importância de um equilíbrio cuidadoso entre a modernização dos programas educacionais e a preservação dos princípios fundamentais que regem a educação brasileira.

A título de uma primeira síntese da história das políticas de livros didáticos no Brasil, a linha do tempo apresentada representa uma jornada complexa e significativa. Desde a criação do Instituto Nacional do Livro (INL), em 1937, destinado a promover e incentivar a produção, circulação e preservação dos livros e da leitura no país, até a transição para o Programa Nacional do Livro e do Material Didático, em 2018, houve um percurso marcado por desafios e reformas.

Ao longo desse tempo, políticas foram estabelecidas, proibições foram implementadas, e a legislação foi consolidada. O ensino de língua estrangeira para crianças, por exemplo, foi proibido em diferentes faixas etárias em momentos distintos. A reforma educacional de 1937 e a criação da Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD), em 1938, foram marcos importantes na regulação dos livros didáticos no Brasil. A Segunda Guerra Mundial também teve impacto nas políticas relacionadas aos livros no Brasil, com proibições de publicações em japonês e restrições aos materiais estrangeiros.

Além disso, o período pós-ditadura civil-militar viu um aumento nas discussões sobre a qualidade e o conteúdo dos livros didáticos, com pesquisas e pressões sociais influenciando as políticas. A criação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em 2017, e a Portaria Ministerial, de 2018, indicam mudanças de paradigmas.

[...]  
no Decreto 9.099/2017, por sua vez, fica reservado ao Ministério da Educação o papel de constituir, em forma de edital, as regras a serem obedecidas no âmbito da avaliação



pedagógica, retirando das universidades a condução dessa etapa avaliativa. Mais especificamente, no parágrafo primeiro se estabelece que

para realizar a avaliação pedagógica, serão constituídas equipes de avaliação formadas por professores das redes públicas e privadas de ensino superior e da educação básica (Brasil, 2010, p. 6).

Para Caimi (2018), essas mudanças prejudicam o processo de avaliação, pois retira o papel das universidades públicas, reconhecidas por sua competência na produção intelectual teórico-metodológica e na formação de professores. A centralização da avaliação no Ministério da Educação, realizada por técnicos, tende a fragmentar a avaliação de cada obra, dificultando análises abrangentes do cenário educacional e editorial em várias áreas do conhecimento. Ademais, coloca mais pressão sobre o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) devido a demandas imediatas e interesses comerciais na busca por recursos públicos, o que pode levar a critérios mais flexíveis em relação à qualidade das próximas gerações de livros e materiais didáticos.

Ao explorar o infográfico dos livros didáticos no Brasil e o contexto de sua história, é inevitável deixar de apontar uma perspectiva que muitas vezes é negligenciada: o valor histórico e cultural desses artefatos. É por meio do Memorial que podemos conhecer parte do passado do PNLD e de um conjunto de documentos a ele articulados, como editais, fichas de avaliação, guias de livros e suas evoluções ao longo do programa, bem como coleções aprovadas com seus conteúdos e suas interferências na formação dos professores e das professoras de História. Essas coleções são vistas aqui como documentos escritos usados no ensino-aprendizagem de diversas disciplinas, incluindo textos, imagens, gráficos e outros elementos contidos nos livros, como guias de professores, suplementos e recursos digitais associados.

Nessa perspectiva, o memorial do PNLD oferece um olhar sobre as diferentes épocas e abordagens educacionais. Ao examinar as páginas desses livros, é possível traçar as mudanças nas metodologias pedagógicas, acompanhar os avanços científicos e tecnológicos incorporados nas atividades e perceber como os valores e as perspectivas culturais foram refletidos nas escolhas de conteúdo.

O Memorial de livros didáticos é um espaço que vai além da preservação de livros como objetos de estudo, assumindo importante papel na transmissão da memória e permitindo que visitantes e pesquisadores compreendam as evoluções históricas da política do livro. Essencial por realçar o impacto so-

cial e cultural das publicações didáticas na educação de gerações anteriores, o Memorial expõe exemplares de diversas épocas, revelando as transformações em conteúdo, métodos de ensino e representações sociais. Funcionando como uma janela para o passado, presente e futuro, ele oferece aos usuários uma perspectiva única de como os livros didáticos serviram e servem como ferramentas para a disseminação de ideias e valores, espelhando os contextos políticos, econômicos e culturais de diferentes períodos.

# SOBRE O MEMORIAL DO PNLD

---

## 3

É particularmente interessante observar como Alain Choppin (2004) identifica as múltiplas funções do livro didático, destacando uma que ressoa de maneira especial com a proposta deste trabalho: a função documental. Segundo Choppin (2004), o livro didático não só educa, mas pode também atuar autonomamente como um repositório de documentos, sejam eles textuais ou visuais, que, ao serem examinados ou comparados, têm o potencial de aguçar o senso crítico dos alunos. Esta função é relativamente nova no discurso sobre materiais escolares e sua presença não é onipresente, sendo mais comumente associada a ambientes educacionais que encorajam a iniciativa individual do estudante e têm como objetivo o fomento de sua autonomia. Essa abordagem pressupõe também um elevado nível de qualificação dos professores, sendo uma afirmação que deve ser considerada com cautela, pois depende fortemente do contexto em que o livro didático está inserido.

A convergência dessa função documental com a finalidade do Memorial do PNLD se torna evidente quando observamos o processo de catalogação e digitalização das obras inscritas no programa. Em 2010, foi iniciada a primeira etapa de recebimento do acervo físico enviado pelo Ministério da Educação (MEC). Esse acervo era composto por coleções e livros regionais inscritos ao longo das edições do PNLD pelas editoras e detentores de direitos autorais.

Nesse processo, o acervo físico foi minuciosamente catalogado, desmontado, higienizado e digitalizado. Posteriormente, foi remontado e consolidado em formato digital, sendo devolvido ao MEC em forma de mídia eletrônica. A Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) ficou com a guarda

dos acervos físico e digital, tornando-os acessíveis para pesquisa por todos os interessados a partir da conclusão da segunda etapa desse projeto, que agora está disponível para acesso digital às obras inscritas nas edições do PNLD de 1997 a 2018, abrangendo todas as disciplinas do ensino fundamental e médio. Isso significa que o Memorial do PNLD oferece um vasto conjunto de documentos, que são as obras didáticas inscritas ao longo dos anos, representando uma fonte rica para pesquisas e análises no campo da educação e Manualística. O acervo digital permite que os interessados explorem e utilizem esses materiais de forma independente, alinhando-se com a função documental do livro.

## **O MEMORIAL DO PNLD/UFRN**

O Memorial do PNLD, localizado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), foi criado como um espaço de memória a partir de 2009 e oficialmente inaugurado em 2010. Para Pierre Nora (2012, p. 13), os “lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais”.

O Memorial nasceu por iniciativa da professora Margarida Maria Dias de Oliveira, do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, que, no período de 2004 a 2015, foi assessora do Ministério da Educação, como representante de História, na Comissão Técnica do Programa Nacional do Livro Didático – PNLD. No período, seguindo uma sugestão estabelecida pela Coordenação Geral de Materiais Didáticos (COGEAM), deu início ao processo de criação do Memorial. Importante destacar que a professora Margarida já contava com ampla experiência na pesquisa sobre ensino de História, livros didáticos de História e formação de professores, mas sobretudo na integração do ensino, pesquisa e extensão por meio dos arquivos, essenciais na construção das primeiras linhas de ação do Memorial do PNLD.

Nesse contexto, o estudo sobre o Memorial assume um caráter acadêmico ainda mais relevante. Através da pesquisa, análise e interpretação dos documentos disponíveis, incluindo os *e-mails* trocados entre a UFRN (tendo a professora Margarida Maria Dias de Oliveira como representante legal) e o MEC, busquei trazer contribuições significativas para o campo dos estudos sobre livro didático, em especial no que diz respeito à política de universalização desta que

é uma das principais políticas públicas para o acesso ao livro didático no Brasil. Optei por historicizar a partir de documentos e relatos sobre o memorial por diversos motivos significativos.

Em primeiro lugar, o PNLD desempenha um papel fundamental na educação brasileira, sendo responsável pela seleção, avaliação e distribuição de livros didáticos para as escolas públicas de todo o país. O programa tem impacto direto na qualidade do ensino e no acesso igualitário aos materiais para ensinar, e seu histórico merece ser documentado e valorizado.

Além disso, trata-se de um espaço que guarda a memória desse programa, reunindo acervos, documentos e registros que remontam à sua criação e evolução ao longo dos anos, a partir de 1985.

A escolha de escrever um documento sobre o Memorial do PNLD é motivada pela importância desse programa para a educação brasileira, pela relevância histórica do memorial e pela oportunidade de contribuir para sua preservação e divulgação.

É importante ressaltar que, para escrever o documento sobre o Memorial do PNLD, tive acesso a fontes de informação valiosas. Entre elas, destacam-se os *e-mails*<sup>1</sup> trocados entre a UFRN, tendo a professora Margarida Maria Dias de Oliveira à frente, e o Ministério da Educação (MEC).

Ao utilizar os *e-mails* como fonte, pude obter informações privilegiadas e documentos oficiais que enriqueceram a pesquisa. Essa troca de correspondências entre a UFRN e o MEC certamente proporcionou um maior embasamento para compreender a história, o funcionamento e os aspectos relevantes do PNLD.

As correspondências trocadas entre a professora Margarida Dias e as várias pessoas envolvidas na criação do Memorial são preciosas fontes (inéditas) para a pesquisa dentro do campo da Manualística. A partir delas, podemos trabalhar diversas temáticas que envolveram não apenas a criação, mas especialmente a manutenção e a transformação em centro de pesquisa para investigadores do tema em nível nacional e internacional.

As comunicações por *e-mail* às quais tive acesso incluíam discussões sobre políticas educacionais, processos de seleção de livros didáticos, diretrizes de

---

<sup>1</sup> Ao iniciar o trabalho de pós-doutoramento, sob a supervisão da professora Margarida Maria Dias de Oliveira, na UFRN, tive acesso à senha de seu *e-mail* pessoal, em que ela havia criado uma pasta especial denominada "Memorial do PNLD", na qual passou a arquivar todas as mensagens recebidas e transmitidas em todo o processo de negociação, criação e constituição do memorial na UFRN.

avaliação, critérios de distribuição e outras questões pertinentes ao programa, como também todo o caminho percorrido para a construção e solidificação do espaço de memória e do arquivo. Esses documentos provenientes dos *e-mails* permitem uma análise mais aprofundada do PNLD e contribuem para uma abordagem precisa e fundamentada em seu documento.

Portanto, ao destacar a utilização dos *e-mails* como fonte, resalto a obtenção de informações privilegiadas e a confiabilidade da professora Margarida Dias em ceder todo o conjunto de informações e documentos produzidos sobre o Memorial do PNLD para esta investigação.

Acrescenta-se que, a partir da análise dos *e-mails*, foi possível identificar uma série de categorias relevantes para a compreensão da construção e desenvolvimento do Memorial do Livro Didático. Essas categorias forneceram contribuições sobre diferentes aspectos relacionados à criação e implementação do Memorial, bem como aos processos envolvidos em sua gestão e preservação.

Foi possível observar o estabelecimento de etapas no desenvolvimento do memorial, desde a sua concepção até a conclusão, passando pela seleção de bolsistas, relatórios parciais e finais, higienização dos livros e estágio de bolsistas em espaços de pesquisa sobre arquivo e documentação, como o Museu Paulista. Além disso, os documentos revelaram a importância da interação com pesquisadores do Brasil e do exterior, por meio de solicitações de materiais para seus trabalhos.

Outro aspecto significativo encontrado nos *e-mails* foram os pareceres técnicos realizados pelos bolsistas sob a supervisão da professora Margarida Dias, que forneceram avaliações sobre a estrutura e conservação do memorial. Esses pareceres contribuíram para a melhoria contínua do espaço e para a garantia da preservação adequada dos livros e demais documentos sob a guarda do memorial.

Por fim, os *e-mails* também apontaram a existência de uma segunda etapa do Memorial, na qual se planejava a ampliação do acervo, a atualização das exposições, a conclusão do Memorial com seu espaço físico e a continuidade no trabalho junto a pesquisadoras e pesquisadores.

Diante dessa análise, propõe-se a organização das informações encontradas nos *e-mails* em categorias, abordando apenas algumas delas, de forma aprofundada quando necessário. Por meio dessa estrutura, busca-se apresentar um panorama sobre a construção, o desenvolvimento e as perspectivas futuras

do Memorial do PNL D, enriquecendo, assim, a compreensão desse importante espaço dedicado à memória e à história do livro didático no Brasil.

Essa abordagem permitirá conhecer parte do processo de construção do Memorial, evidenciando os desafios enfrentados, as conquistas alcançadas e o impacto que esse espaço cultural e educacional tem no cenário acadêmico e na preservação da memória do livro didático no Brasil.

Cada uma dessas categorias foi derivada dos dados e das informações presentes nas fontes. Além disso, a inclusão de documentos sobre o Memorial e entrevistas com profissionais e especialistas enriquece ainda mais a compreensão e análise dessas categorias.

A primeira categoria é a “Criação do Memorial do Livro Didático”, que explora o contexto que levou à necessidade de um memorial específico para o PNL D, bem como os objetivos e propósitos estabelecidos para esse espaço. Essa categoria permite compreender as motivações por trás da criação do Memorial e sua importância para a preservação da memória do livro didático através do PNL D.

A “Solicitação de Materiais de Pesquisadores do Brasil e Exterior” destaca o processo de recepção, análise e disponibilização de materiais solicitados por pesquisadores. Essa categoria demonstra a importância do acesso a esses materiais para a realização de estudos e pesquisas relacionados ao memorial. Esse processo está dividido em dois momentos, o primeiro com solicitações enviadas para o *e-mail* pessoal da coordenadora do projeto e, posteriormente, as mensagens enviadas para espaços exclusivos do Memorial, como *e-mail* próprio, *Instagram* e solicitações via *WhatsApp*.

A categoria “Dados Históricos do Memorial” abrange as pesquisas e os levantamentos de dados históricos relacionados ao PNL D, realizados no contexto do Memorial.

As entrevistas realizadas com as pessoas diretamente envolvidas no processo de criação e manutenção do Memorial do PNL D são importantes para entendermos o Memorial não apenas como um repositório de livros didáticos e documentos educacionais, mas como uma entidade viva e dinâmica. Elas fornecem um contexto sobre as motivações e os desafios que moldaram a existência do Memorial. Portanto, essas entrevistas são fundamentais para capturar a história oral e o patrimônio imaterial associado à evolução do memorial, enriquecendo nosso conhecimento sobre sua contribuição singular para a preservação da memória educacional do país.

Essas categorias, derivadas da análise dos *e-mails*, fornecem uma estrutura abrangente para explorar e apresentar os dados relevantes relacionados à construção do Memorial do PNL D sediado na UFRN, permitindo uma compreensão aprofundada de cada aspecto do projeto.

Os critérios utilizados para organizar a documentação a partir dos *e-mails* foram temáticos, considerando que categorias de texto tratam do

conjunto de textos com características comuns, ou seja, uma classe de textos que têm uma dada caracterização, constituída por um conjunto de características comuns em termos de conteúdo, estrutura composicional, objetivos e funções socio-comunicativas, características da superfície linguística, condições de produção etc., mas distintas das características de outras categorias de texto, o que permite diferenciá-las (Travaglia, 2004, p. 40).

Em nosso caso, o gênero está diretamente relacionado à correspondência, denominado como gênero de suporte, que, para Marcuschi (2003, p. 3), trata-se de “suporte definido de modo geral como o espaço-objeto que porta o texto, em que o texto ganha materialidade — ‘um lócus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto’”, que se chama de serviço. Para o autor, muitos gêneros só existem em suportes específicos, como o *e-mail* (com um suporte específico: um programa de computador em um meio virtual e serviço específico – provedor de *internet*) (Marcuschi, 2003).

Arquivos de cartas e documentos pertencentes a indivíduos fornecem informações valiosas sobre o passado histórico. No momento em que vivemos, denominado por muitos como era digital, praticamente tudo pode ser registrado em arquivos digitais públicos ou privados, como documentos, músicas, filmes, vídeos, fotos e textos, arquivados em celulares, computadores pessoais, notebooks etc.

O *e-mail*, ou correspondência eletrônica, é um método de transmissão e recebimento de mensagens usando dispositivos eletrônicos que operam em redes de computadores e estão acoplados à *internet*, que armazena e encaminha mensagens diversas, imagens, vídeos, fotos etc.

No entanto, devido ao grande volume de mensagens (período de 11 anos), tive que processar informações, descrevendo as principais considerações sobre todo o processo que encontrei nos arquivos de *e-mail*, sem revelar informações confidenciais pessoais, como números de telefones, número de documentos, endereços etc.



Projetei abordagens que disponibilizam fontes documentais importantes, as quais trazem resultados que permitem aos pesquisadores e às organizações de arquivamento contribuições sobre o valor histórico da construção de centros de investigação sobre livros didáticos e documentos diversos sobre esse artefato.

Entende-se que as correspondências trocadas entre as pessoas envolvidas na criação do Memorial do PNLD passaram a ganhar materialidade nos *e-mails* recebidos e enviados durante o período de 2009 a 2021. Essas mensagens constituem-se em conjunto de documentos relativos à construção do Memorial e revelam a intensa discussão política e as possibilidades de entendimento do contexto social e cultural do período, portanto, carregadas do tempo e dos sujeitos envolvidos. A partir da organização e disponibilização dessa documentação, reorganizada com fins de se reconstruir parte da história do Memorial, defende-se a potencialidade dessas correspondências como fontes históricas. Ressalta-se que, embora o estudo do *e-mail* como fonte histórica seja um campo relativamente recente e a literatura nacional sobre o uso do e-mail como fonte histórica possa ser mais limitada, nosso trabalho oferece uma abordagem que permite uma melhor compreensão do passado, especialmente para o entendimento desse espaço que construiu parte da memória do livro didático brasileiro e de um dos maiores programas sobre livro didático do mundo, o PNLD.

## **DA NECESSIDADE DE UM MEMORIAL PARA O PNLD: A CRIAÇÃO DO MEMORIAL DO LIVRO DIDÁTICO**

Foram realizadas análises de mensagens eletrônicas relevantes para o contexto da nossa pesquisa. Com o compromisso de proteger a privacidade e a confidencialidade dos envolvidos, tomamos medidas para garantir que nenhum nome ou dado pessoal identificável seja divulgado sem prévia autorização. Todos os esforços foram feitos para assegurar que a identidade das partes envolvidas seja preservada.

Os primeiros *e-mails*<sup>2</sup> trocados entre Margarida Maria Dias de Oliveira, representante legal da UFRN na criação do Memorial do PNLD, e a

---

<sup>4</sup> As informações compartilhadas neste trabalho são tratadas de forma anônima, garantindo assim que nenhum detalhe pessoal seja exposto sem prévia autorização. O nosso objetivo principal é discutir temas e contextos relevantes relacionados à correspondência de e-mail, sem comprometer a privacidade ou a confidencialidade das partes mencionadas.

funcionária da Coordenação Geral de Materiais Didáticos – COGEAM/DCE/SEB/MEC apontam para os primeiros passos da liberação de verbas para início dos trabalhos.

De: Coordenação Geral de Materiais Didáticos – COGEAM/DCE/SEB/MEC  
Para: Margarida Maria Dias de Oliveira  
Com cópia para: COMDIPE  
03/08/2009  
17h00  
Assunto: Para assinatura do Reitor

Margarida,  
[...] encaminhamos documento anexo para assinatura do Reitor referente ao Memorial do PNLD.  
Abraço,  
COGEAM

Margarida responde à COGEAM em 04 de agosto de 2009, às 11h50:

[...]  
Você disse que ia ser enviado pelo correio, ou entendi errado?  
Então, eu imprimo esse e providencio a assinatura, é isso?

Em 06 de agosto de 2009, às 8h15, Margarida envia o documento:

Prezada Professora [...],  
Bom dia!  
Esse Projeto já foi aprovado pelo Departamento, assinado pelo Reitor e enviado. Contudo, houve um problema no FNDE em relação aos recursos para o repasse (de onde provinham). Por isso, foi necessário mudar a rubrica e daí o atraso no repasse dos recursos. Conforme contatos mantidos e alterações feitas orientadas pelo FNDE, agora, enviando o documento assinado, os recursos serão repassados.  
Por isso, peço-lhe ajuda no sentido do Professor [...] assinar.

Um abraço agradecido

Esse termo de cooperação está na seção “documentos”.

Em 11 de setembro de 2009, por meio da Secretaria de Educação Básica (SEB), a professora Margarida é informada sobre a liberação da verba referente à descentralização do Memorial do PNLD, através do *e-mail*: [comdipe.seb@mec.gov.br](mailto:comdipe.seb@mec.gov.br):

Prezada Prof<sup>a</sup> Margarida,  
Informamos que a nota de crédito (NC) foi liberada para a UFRN, referente à digitalização das coleções didáticas inscritas no PNLD, de 1997 a 2010.  
A referida descentralização ocorreu no dia 28/08/09 no valor de R\$ 502.126,48 e R\$203.925,00.  
Atenciosamente,

Em 27 de outubro de 2009, às 10h27, a professora Margarida recebe um conjunto de documentos (Termo de cooperação técnica, projeto para construção do memorial do Programa Nacional do Livro Didático, planilha de custos, projeto de pesquisa, plano de trabalho, projeto básico, declaração de não pagamento de bolsa a título de função comissionada nem favorecimento à participação ou concessão de bolsas a cônjuge, companheiro e/ou parentes de servidores ou técnicos e, finalmente, ficha de cadastro de projeto acadêmico), como segue:

Margarida,  
seguem os arquivos a serem impressos, o Cadastro de Projeto Acadêmico é a segunda página do processo. A capa é feita ai por Marcio. Veja as declarações para serem assinadas e o Cadastro também. Coloquei Carmem como avaliadora e Renato como fiscalizador (isto está no projeto Propesq-Proplan, caso você queira mudar - logo após seu nome e o de Mônica). Outra coisa, veja se você consegue levar para a Propesq em mãos para adiantar (caso você possa).

A justificativa para a construção do Memorial descrita no documento (Termo de Cooperação – A) resume o que se esperava da Universidade ao firmar tal contrato e a que ela se propunha:

#### PROJETO PARA CONSTRUÇÃO DO MEMORIAL DO PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO

O PNLD surgiu com o intuito de sistematizar o processo de aquisição de livros didáticos, por parte do Governo Federal, para distribuí-los gratuitamente aos alunos e professores das escolas públicas brasileiras. A Secretaria de Educação Básica (SEB), órgão do Ministério da Educação (MEC), juntamente com o Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação (FNDE), como responsáveis pela execução desse Programa, tem procurado adquirir esses livros a partir de critérios de qualidade. Esses critérios de qualidade, previamente determinados pela SEB, são aferidos num processo avaliativo de obras didáticas. Para realizar o processo de avaliação, o PNLD lança editais públicos para que editoras e autores se inscrevam no processo. O material inscrito é submetido a uma rigorosa análise por equipes

específicas formadas por especialistas dos campos disciplinares existentes no ensino básico. Após a avaliação, todo o material é arquivado no Ministério da Educação. Todavia, em virtude do número de obras, é necessária a sua digitalização a fim de preservar a memória do processo de avaliação. Considerando a importância desse acervo para a realização de pesquisas sobre livros didáticos, conteúdos e métodos de ensino, o Departamento de História (DEHIS) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) se propõe a sua organização, observando os princípios da Gestão Arquivística de Documentos e da Gestão de Documentos Eletrônicos desse Acervo, acondicioná-lo adequadamente e possibilitar o acesso da sociedade a esse material.

Os princípios da Gestão Arquivística de Documentos e da Gestão de Documentos Eletrônicos mencionados no primeiro *e-mail* foram possíveis graças à parceria com o Laboratório de Conservação e Restauração de Acervos Documentais do Departamento de História da UFRN, que inicialmente auxiliou com a chegada das primeiras remessas de livros didáticos e documentos do PNLD provenientes do MEC. O laboratório desempenhou um importante papel na criação e preservação do Memorial. Por meio dessa colaboração, os livros e documentos enviados pelo MEC passaram por cuidadoso processo de preservação.

Margarida solicita de seu grupo de trabalho um pequeno demonstrativo para enviar para COGEAM, descrevendo os ganhos da UFRN com a chegada dos livros do PNLD e a criação do Memorial. O texto revela a grandiosidade do Memorial no contexto das pesquisas sobre livros no Brasil e na América Latina:

De: Grupo de trabalho composto pela professora Margarida - UFRN<sup>5</sup>  
Para: Margarida Maria Dias de Oliveira  
10/11/2009  
14h35  
Assunto: Ganhos UFRN – Números totais de livros – DOC  
*E-mail* explicativo para COGEAM

As avaliações dos livros didáticos (material que após avaliação e aprovação é adquirido para distribuição nacional com os alunos do ensino fundamental) realizadas pelo Ministério da Educação desde o ano de 1995 vêm se constituindo como campo de pesquisa e tem colaborado para a melhoria da produção dos livros didáticos no Brasil.

---

<sup>5</sup> Como já mencionado, optamos por não citar nomes específicos, mas sim referir-nos aos departamentos ou entidades relevantes, a fim de garantir o anonimato e a confidencialidade dos envolvidos na pesquisa.

Ao final da realização desse projeto o produto obtido, ou seja, a digitalização do acervo do Programa Nacional do Livro Didático – PNLD, compreendido entre os anos de 1995 – 2010, com sua disponibilização no site do MEC/FNDE e em banco de dados disponibilizado no Memorial do PNLD/UFRN será de fundamental importância para professores das redes municipais, estaduais e federal do Ensino Fundamental e Médio, bem como para pesquisadores, além de alunos de pós-graduação e graduação não só da UFRN como de universidades de todo o território nacional, contribuindo não só para o desenvolvimento da pesquisa como também do ensino e de ações de extensão que visem o desenvolvimento da sociedade brasileira e potiguar. É necessário ainda lembrar que ficarão sob guarda da UFRN através do Memorial do PNLD a ser implantado nessa instituição todos os livros avaliados (e em todas as áreas constituintes do PNLD – Português, Matemática, História, Geografia e Ciências), aproximadamente 6500 unidades, desde o início do processo em 1995, constituindo-se no maior acervo para pesquisa de livros didáticos do Brasil e da América Latina.

O texto destaca a importância das avaliações de livros didáticos realizadas pelo Ministério da Educação desde 1995 como um campo de pesquisa fundamental que tem contribuído para melhorar a produção desses materiais no Brasil. Além disso, ressalta o valor do projeto de digitalização do acervo do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) entre 1995 e 2010, que foi disponibilizado *on-line* e em um banco de dados no Memorial do PNLD/UFRN.

Essa iniciativa criou um impacto significativo não apenas para professores das redes de ensino fundamental e médio, mas também para pesquisadores, alunos de pós-graduação e graduação em todo o Brasil.

É notável também o compromisso de preservar os livros avaliados desde o início do processo em 1995, totalizando cerca de 6500 unidades, o que transformou a UFRN em uma referência com o maior acervo de pesquisa de livros didáticos do Brasil e da América Latina. Esse esforço é uma contribuição valiosa para a educação e pesquisa no campo da Manualística.

Pode-se, a partir das observações realizadas sobre o projeto, e transcorridos quase 15 anos desse marco inicial, afirmar que hoje o Memorial é muito significativo para a comunidade de pesquisadores. A disponibilização desse material no *site* do MEC/FNDE e no banco de dados do Memorial do PNLD/UFRN teve um impacto abrangente e positivo, permitindo o aprimoramento das pesquisas acadêmicas, como mostram as solicitações de pesquisadores e pesquisadoras ao Memorial.

A partir do ano de 2010, inicia-se a primeira fase da higienização, catalogação e acondicionamento dos livros.

No dia 28 de janeiro de 2010, Monica Carvalho envia mensagens para a professora Margarida Dias para iniciar os trabalhos, solicitando a montagem de um espaço de trabalho adequado:

Ok Margarida, bom, de nossa parte o que pudermos fazer...acho que podemos montar uma estação de trabalho para iniciar as coisas como a organização preliminar dos documentos bem como a catalogação.

Liguei para a Funpec e a Andrea de projetos me disse que a pessoa designada é a Aleuda, [...]. No mais ela falou que o projeto ainda está cadastrando. Vamos acompanhar o andamento... qualquer coisa nos procure.

Margarida Dias responde no mesmo dia

Queridas,

Hoje ligamos para o patrimônio e soubemos que os *scanners* estão para ser entregues como também um monitor que estava faltando. Os aparelhos condicionadores de ar deram problemas porque já faz mais de 90 dias que foram pedidos e como não foram entregues, aí pelas regras da licitação tem que ver com outra empresa.

Peguei hoje a referência da dinaman.com.br que vende capela (que substitui a mesa de higienização) já pronta e talvez seja menos difícil para comprar porque a mesa de higienização não existe pronta tem que mandar fazer e como é um gasto muito pequeno e difícil de encontrar uma empresa com toda a documentação necessária para vender a UFRN, talvez seja mais fácil a gente comprar a capela que faz o mesmo serviço.

As trocas de correspondências nos meses seguintes apresentam preocupações com contratação de bolsistas e instalação de equipamentos.

Olá Margarida,

já contactamos as bolsistas (3) e encaminhamos elas para enviar documentação da bolsa para a Funpec (diretamente com Aleuda).

Como está seu tempo na 5ª? Monica estava querendo agendar com vc e o rapaz do sistema para apresentar e negociar a instalação.

Se der me fala que eu marco.

Bjs.,

Luciana.

De: Monica Carvalho

Para: Margarida Maria Dias de Oliveira

03/05/2010  
Assunto: PNLD/NUTSECA

### Conteúdo do *e-mail*:

Olaaa

Fui ao PNLD hoje pela manhã e ao Nut e queria conversar com vcs sobre algumas coisas. Hoje chegaram as novas meninas que vão entrar na Higienização. Pedi as meninas de biblio pra passar tudo pra elas, inclusive como foi organizado o acervo, critérios, ordem hierárquica e etc e como está sendo feita a higienização, ainda bem que elas já sabem, tem experiência não vai ser problema. Pedi as 4 de biblioteconomia que fossem ao Nut a partir dessa quarta feira para começarem os trabalhos..., mas vamos ter uns impasses e eu quero que vocês me ajudem nisso...

Outra parceria fundamental se deu com o Núcleo Temático da Seca (NUT-SECA), que é um órgão suplementar pertencente ao Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade, institucionalizado na década de 1990. Trata-se de um centro de documentação especializada na temática seca e semiárido que tem se dedicado a estudar as consequências do fenômeno da seca, e, com essa experiência já consolidada, foi possível orientar os primeiros passos da criação do Memorial. Portanto, essas parcerias agregaram uma perspectiva significativa ao acervo, enriquecendo as possibilidades de pesquisa e análise dos materiais disponíveis. A colaboração entre o Departamento de História e o NUT-SECA exemplifica, desse modo, a importância de parcerias interdisciplinares e da troca de conhecimentos na construção de um memorial que reflita, de forma abrangente, a diversidade e complexidade do tema, como evidenciam os excertos dos *e-mails* analisados.

Entendemos que as correspondências constituem valiosas ferramentas de pesquisa histórica. No contexto de nosso estudo, a análise das mensagens (correio eletrônico), enviadas de 2009 a 2019, foi fundamental para traçar o panorama das redes de contatos estabelecidas durante o desenvolvimento do Memorial do PNLD. Esta troca de correspondências eletrônicas revelou-se essencial para entendermos como tais interações influenciaram tanto a concepção quanto a execução das estratégias iniciais que deram forma ao Memorial.

Essas correspondências eletrônicas revelaram não apenas a estrutura da rede de relacionamentos, mas também os interesses, as ideias e as estratégias que

permeavam o ambiente de criação e manutenção do futuro do Memorial. Nesse vasto conjunto de *e-mails*, surgiram diversas temáticas e preocupações presentes nas discussões. Questões como gestão arquivística, uso de novas tecnologias e contratação de bolsistas foram frequentemente abordadas nas correspondências eletrônicas, especialmente no ano de 2010, refletindo as demandas e os desafios enfrentados pela coordenação do Memorial no período. Na sequência, abordamos os principais temas relacionados ao espaço físico do Memorial, à gestão arquivística e à contratação de bolsistas.

Sobre essas questões, em entrevista, Monica Marques Carvalho Gallotti<sup>4</sup> afirmou:

[...]

Eu coordenava um núcleo de pesquisa chamado núcleo NUTSECA, que é núcleo sobre seca e semiárido, um centro de documentação, na realidade. Ele recebe essa denominação porque ele não é nem biblioteca, nem arquivo, então ele recebe essa nomenclatura de centro de documentação. Então, ao longo da minha carreira docente, eu tenho sempre me voltado a projetos na área de gestão da informação, organização da informação, tratamento, recuperação da informação, que é um dos *métiers* aí, campo de estudos de bibliotecários. Ao gerenciar esse centro de documentação, surgiu a possibilidade de uma parceria com um laboratório de tecnologia e digitalização de documentos chamado LIBER, que é da UFPE. Então, em 2007, nós recebemos uma equipe desse laboratório que capacitou os nossos bolsistas, na época, do NUTSECA, na área de digitalização de documentos, tratamento da informação digital, difusão de informação em ambientes digitais, elaboração de bibliotecas digitais. Então, nós formamos um grupo cuja expertise se voltava para esses tipos de tratamento. A parceria com a professora Margarida Dias já vinha de outros projetos, e eu havia, eu e a professora Luciana Moreira, que também era uma das diretoras desse núcleo NUTSECA, nós fazíamos projetos em conjunto uma vez por outra. E a professora Margarida veio com esse intuito de fazer, não era ainda um memorial do PNLD, era um projeto de organização, tratamento da documentação do PNLD, livros didáticos físicos, com vistas a digitalizar esses livros e fazer, tornar esse livro, fazer uma biblioteca digital de livros didáticos. Essa biblioteca digital, ela ia esgotar, naquela altura, todos os recursos possíveis, era uma, como a gente chama, uma biblioteca exaustiva, porque ela ia esgotar todos os títulos de livros didáticos produzidos até

---

<sup>4</sup> Mônica Galotti é formada na área de Biblioteconomia, com mestrado também na área de Ciência da Informação e doutorado na área de Informação e Comunicação em plataformas digitais. Coordenou o núcleo de pesquisa NUTSECA, que é o núcleo sobre seca e semiárido da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Natal.



aquele momento. Então, fizemos um projeto colaborativo, eu, ela e a professora Luciana. No entanto, a professora Luciana saiu para doutorado e logo se desligou do projeto, e eu fiquei como esse aporte da área da ciência da informação para esse projeto. Nós conseguimos muitos bolsistas da área de História e da área de Biblioteconomia, e nesse espaço do NUTSECA, nós montamos nosso QG, nosso quartel general, junto desses meninos, que conviveram cientificamente, trazendo as competências da História e os nossos meninos da Biblioteconomia. Então, fizemos, os da biblioteconomia passaram as expertises para os de história e vice-versa. Então, tínhamos, por exemplo, os alunos de biblioteconomia fazendo a preservação do material, a limpeza, o acondicionamento, e alunos da história aprendendo a fazer a digitalização e a organização dos documentos. Então, foi um projeto muito frutífero, e o final desse projeto foi, naquela altura, a tecnologia melhor era em CD-ROM, né? Então, nós fizemos essa biblioteca digital em CD-ROM, e a professora Margarida foi entregar esse produto lá no Ministério da Educação, que na altura era comandado pelo professor Fernando Haddad, e assim, esse projeto meio que encerrou essa parte. Então, foi a semente para o memorial futuro. Inicialmente, se pensou em alocar o memorial nas dependências do NUTSECA, mas não havia espaço físico nem tecnologia suficiente para atendimento desse público. Então, esse memorial foi deslocado lá para o Departamento de História, que o abrigou. E nessa altura, assim, a minha participação meio que se encerrou nesse período, com a entrega de um relatório também pormenorizado, com as ações que foram feitas nesse período, e o projeto se encerrou ali. No entanto, há muita cooperação técnica ainda entre o nosso departamento, o nosso curso e o curso de História, e fazemos projetos aqui e por lá, mas voltamos ainda nosso olhar para o NUTSECA, que agora é envereda por umas temáticas no campo das humanidades digitais (Gallotti, 2023).

## **INÍCIO DOS TRABALHOS COM O MEMORIAL – OFÍCIO PROPLAN**

Um tema importante dessas trocas de *e-mails* é a questão do espaço físico para alocar as atividades de organização, higienização e digitalização do acervo desse projeto. Em documento direcionado à Pró-Reitoria de Planejamento, as coordenadoras do projeto demonstram preocupação com o andamento da política, como mostra o Ofício n.º 001, de 22 de fevereiro de 2010:

Das: Profa. Dra. Margarida Maria Dias de Oliveira e Ms. Mônica Carvalho, Coordenadora geral e vice-coordenadora do Projeto de Construção do Memorial Programa Nacional do Livro

Didático

Ao: Pró-Reitor da Pró-Reitoria de Planejamento e Coordenação Geral – PROPLAN da UFRN

Ass.: informação (presta) e solicitação (faz)

Ilmo. Sr.,

Em atenção a mensagem eletrônica encaminhada pela funcionária do **Setor de Convênios**, no dia **18 de fevereiro próximo passado repassando o** “ofício nº 108/2010/GAB/SEB/MEC e anexo de 29 de Janeiro de 2010, que foi encaminhado a esta IFE solicitando que seja informado acerca do cumprimento das metas de seus Planos de Trabalho até o dia 28 do próximo mês de Fevereiro”, vimos por meio deste, prestar as seguintes informações.

Nós apresentamos o plano de trabalho constante na página 11 do Projeto em anexo, mas os recursos só foram repassados para a FUNPEC no dia 25 de janeiro do corrente ano, conforme cópia de mensagem eletrônica impressa anexa. Apesar disso, conseguimos, pelo compromisso dos alunos, encaminhar as etapas que serão elencadas posteriormente. Esse projeto foi encaminhado ao MEC em agosto de 2008 e até agosto de 2009 foram os trâmites no FNDE – MEC para descentralização dos recursos. Quando em agosto de 2009 tivemos a confirmação da descentralização dos recursos para a UFRN, ocorreu uma reunião com o Magnífico Reitor [...], da qual participou além da Coordenadora geral do Projeto (Margarida Dias) o Diretor e Vice do CCHLA/UFRN a [...] Chefe do Departamento de História. Em pauta: *a questão do espaço físico para alocar as atividades de organização, higienização e digitalização do acervo desse Projeto*. Diante da dificuldade de espaço físico na UFRN e visto que o prédio do Núcleo de Estudos Históricos, Arqueológicos e Documentação – NEHAD e do Laboratório de Imagens (Projeto aprovado por CT-Infra) ainda estava em licitação e dado o fato que esses seriam os espaços beneficiados com os equipamentos permanentes e com o acervo, houve a proposta de ajustar o espaço até então ocupado pelo Projeto de Avaliação de Livros Didáticos no CRUTAC para receber o acervo do futuro Memorial. Contudo, mesmo assim, só se resolveria parcialmente o problema, visto que os três quartos (hoje o CRUTAC está sediado em uma casa em Capim Macio) não seriam suficientes para as várias fases do projeto e para guardar o acervo.

No mesmo dia, o Magnífico Reitor, conforme acordado, ligou para a Diretora do CRUTAC para ser concedido mais algum espaço para esse Projeto de Construção do Memorial do Programa Nacional do livro Didático, sobretudo, porque precisamos de espaços para desenvolver **etapas** do projeto como higienização e digitalização da documentação, mas não precisarão ficar ocupados após o término dessas etapas e quando a expansão do CCHLA for concluída (a obra foi iniciada em novembro de 2009) todo esse acervo e equipamentos serão para lá transferidos.

Após esse contato em agosto de 2009, infelizmente, apesar de várias tentativas, não tivemos nenhum retorno sobre essa questão e devido a falta de espaço físico fomos impedidos de dar continuidade ao projeto.

Compramos os equipamentos. Só faltam ser entregues três *No Breaks*. Selecionamos bolsistas, os treinamos – tanto na catalogação quanto nos processos de higienização e digitalização – organizamos todo o acervo por cada um dos PNLDs, separamos as obras duplicadas e descaracterizadas que não entrarão no acervo digital, mas estamos impossibilitadas de dar continuidade as fases de higienização e digitalização por falta de espaço.

Desse modo, fizemos as etapas de Identificação do acervo prevista para ser realizada entre novembro e dezembro de 2009 que consiste na separação por ano, com a catalogação e indexação das obras por ano.

Ao prestar essas informações para que essa Pró-Reitoria responda a Secretaria de Educação Básica do MEC, solicitamos sua inestimável ajuda para que se resolva esse imbróglio que não deve ofuscar a atual gestão nem colocar em questionamento a dedicação que estamos tendo – professores e bolsistas – com esse importante Projeto.

Estamos disponíveis para quaisquer esclarecimentos que forem necessários.

Sem mais para o momento, apresentamos nossos votos de estima, consideração e apreço.

Natal, 22 de fevereiro de 2010.

Nos *e-mails* posteriores, aparentemente a situação relatada foi resolvida e os trabalhos puderam continuar, como aponta *e-mail* de 03 de março de 2010:

Olá, professoras Margarida e Mônica. Como vão?

Estou escrevendo para informar que, provavelmente, amanhã estamos terminando o trabalho de retirada dos livros das caixas, listagem, organização nas prateleiras e sinalização das mesmas. Estamos tendo algum trabalho, pois como as listagens não vieram, não temos como saber se está faltando alguma coleção. Além disso, têm muitas coleções incompletas (principalmente as pertencentes aos PNLDs antigos).

Outro problema é a falta de identificação nas coleções; elas estão vindo sem o código e a gente fica tendo que analisar o conteúdo também para tentar adivinhar se pertence à alfabetização ou à primeira série, por exemplo.

Então, a partir de quinta-feira as meninas não terão o que fazer. O [...] tem feito à tarde o trabalho de digitar a listagem das coleções - incluindo as incompletas e em brochura. Faltam muito poucas e, mesmo assim, temos apenas dois computadores fun-

cionando.

Aquela segunda etapa que a professora [...] falou que entrariam já pode ser iniciada? Virão mais computadores? Acredito que o trabalho de digitar as listas de coleções que o [...] vem fazendo agilizará essa etapa.

Aguardo contato. Antecipo o que ocorre para que possam me dar algum tipo de orientação.

Abraço!!!

Em um *e-mail* datado de 29 de março do mesmo ano, Monica Carvalho Gallotti fornece uma atualização detalhada sobre o progresso dos trabalhos e noticia a incorporação de novos membros à equipe responsável pelo memorial:

Olá...como estão?

Estive mais uma vez no Crutac pra acompanhar o andamento dos trabalhos e pude ver que está tudo nos conformes. As meninas estão higienizando bem, e já fizeram bastante em pouco tempo. A Larissa deve se juntar a elas amanhã de tarde, o que é bom porque temos apenas Jandson pela tarde nessa tarefa. Pelo que vi tem duas mesas sem condições de uso pois as telas não estão legais, nesse caso se tiver como concertar posso inserir o Carlos nisso, precisaria também de mais um pincel se possível.

No mais estive em contato com o pessoal do Siabi para resolver aquelas pendencias e eles disseram que quando quiserem podem marcar, daí pergunto se podem segunda feira pela manhã ou outro dia?, (eu não poderia na terça, so se fosse de tarde depois das 16:30) daí vamos conversar com o Wellington que é o responsável geral do sistema. Conversei com ele por alto e ele disse que é possível associar o registro da obra (e seus detalhes) com a capa da mesma. O objetivo desse sistema é o de controlar o acervo, ou seja, identificaremos todos os livros e suas particularidades, autor, título, assunto, editora, entre outros e poderemos “enxergar” todas as informações que quisermos depois de forma automática. Diante disso tbm poderemos fazer relatórios e listagens detalhadas e inserir essas informações no produto final, além do conteúdo digital obviamente.

Eu estive pensando naquela arquitetura da informação (no produto final que vamos bolar), aquela de ser possível “folhear” a obra e identificar seu conteúdo e me lembrei que quando estive organizando o e-book sobre Tereza Aranha nos utilizamos um software compatível *apenas com Macintosh* que organiza as informações em forma de homepage *em CD*, com um sumario do itens e acesso ao conteúdo digital. Quem indicou esse sistema foi o Silvio Bezerra professor da realidade virtual colaborador nosso no Nutseca. Então podemos conversar com ele sobre isso também. Quem fez toda essa parte do e-book foi uma bolsista

chamada Lais que trabalhou conosco e é muito versada nisso. Pedi ao Carlos que pesquisasse mais sobre essa arquitetura em plp, ok?  
No mais estou por aqui...abs!

## **A HISTÓRIA DO MEMORIAL DO PNLD ATRAVÉS DOS PROTAGONISTAS**

Esta seção se enriquece com excertos de entrevistas realizadas com os protagonistas envolvidos na criação e no cuidado contínuo do Memorial do PNLD. Ouvir diretamente dos criadores e mantenedores é vital, pois seus relatos proporcionam perspectivas únicas sobre o processo de estabelecimento e a subsequente gestão deste valioso repositório. As experiências e os saberes desses indivíduos possibilitam aos leitores um entendimento mais profundo da trajetória e da importância do Memorial, contribuindo para a valorização de suas múltiplas facetas históricas e pedagógicas.

As entrevistas foram conduzidas via *Google Meet* com o propósito de assegurar que, durante o processo de transcrição do discurso oral para o texto, nenhum detalhe crucial fosse omitido. A análise das declarações considerou precisamente as palavras das pessoas entrevistadas, mantendo em mente que o testemunho não é uma mera reprodução dos fatos, mas sim uma janela para as vivências e experiências, que só podem ser compreendidas em sua totalidade quando contextualizadas na vida da pessoa que está fornecendo o depoimento.

Nesse sentido, enfatiza-se a importância da fidelidade na transcrição das entrevistas para garantir a precisão das informações coletadas, ao mesmo tempo que se reconhece a natureza interpretativa dos depoimentos como uma forma de acessar a perspectiva única e subjetiva dos entrevistados sobre suas experiências.

Sobre a preparação dos estudantes, Monica Gallotti (2023) apontou que:

Os nossos estudantes (se referindo aos estudantes da Biblioteconomia), não tinham expertise na questão da preservação, higienização, acondicionamento de livros. Eles têm até uma disciplina dentro do curso, mas é uma optativa que nem sempre é oferecida. A gente contava com o Departamento de História para a oferta dessa disciplina. E, para o projeto, eu me lembro que a professora Margarida deu uma oficina, e eu acho que algum bolsista dela também, deu uma oficina para os alunos da biblioteconomia. E nós tínhamos quatro alunos da bibliotecon-

nomia que eram muito versados na questão da digitalização dos documentos, que não era um mero escaneamento de documentos, era uma digitalização com, por exemplo, reconhecimento óptico de caracteres, com a inclusão em uma base de dados para a futura recuperação do documento. Então, eles haviam tido esse treinamento com uma equipe da UFPE que veio e deu um treinamento exaustivo. O nome do laboratório lá da UFPE chama-se LIBER. LIBER UFPE. E eles, com o professor Marcos Galindo, vieram aqui, trouxeram dois professores de lá e deram treinamento para os nossos alunos. E os nossos alunos capacitaram os bolsistas de história para fazer a digitalização de documentos. E, em uma altura, tinha muitos bolsistas mesmo, coisa de 20, 30 bolsistas trabalhando em turnos alternados, inclusive nos sábados e domingos, para dar conta da digitalização dos livros didáticos.

No que concerne ao recrutamento e à seleção de bolsistas para o projeto, o professor Wesley Garcia Ribeiro Silva, que, além de professor substituto do Departamento de História, também participou dos primeiros momentos da criação do Memorial, assim se referiu à ocasião:

[...] Em 2010, eu era professor substituto na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E, ao longo da minha graduação, eu tinha sido bolsista da professora Margarida, tinha sido monitor da disciplina de... que é uma disciplina muito peculiar lá, não é? Que é a Arquivística Histórica. [...]. E, nessa minha atuação, ao longo dessa monitoria, eu aprendi muitos elementos vinculados à questão da arquivística, à relação da questão dos acervos, da formação dos acervos, e o papel do profissional de história nesses locais. De modo que, em 2010, a professora Margarida estava fazendo as tratativas para iniciar o memorial. Então, ela tinha conseguido fazer as articulações junto ao MEC e à própria universidade, para que a universidade tivesse um espaço específico voltado para a composição do memorial, para receber o acervo dos livros didáticos ao longo do processo do PNL D. Então, nesse sentido é que eu fui atuar no Memorial de início. E era muito inicial. Hoje, se pode constatar, você pode ver a quantidade de acervos, a própria estrutura. No período que eu iniciei, em 2010, nós realmente estávamos iniciando tudo. A professora Margarida tinha acabado de construir as diretrizes, o espaço específico para fomentar o memorial. E a gente estava, se você tem uma ideia, a gente estava tentando arquitetar como faríamos para receber as primeiras levas de livros. Eu acho, puxando aqui pela memória, eu acho que no final de 2010, no segundo semestre de 2010, é que a gente recebeu a primeira leva. E a gente foi fazer todo o processo de higienização, de identificação dos livros, e para fazer a catalogação. E aí tínhamos muito em mente o que

fazer, todo o processo vinculado ao acervo, mas a gente ainda, a grande questão é a quantidade de acervos, a quantidade de livro que a gente ia receber. Uma coisa que a professora Margarida já sabia, naquele período, é que nós não receberíamos apenas os livros de História. A gente receberia todo o conjunto de livros das diferentes disciplinas, digamos assim, que tinham passado pelo processo de avaliação dos livros didáticos. Isso a gente sabia. Só não sabíamos até temporalmente de quando os livros chegariam. Se seriam livros só dos anos 2000, e me parece que tem livros ali da década de 90. Eu lembro que nessas primeiras levas tínhamos livros anteriores, inclusive, a quando a professora Margarida era coordenadora da comissão, na verdade, lá do PNLD. Então, isso foi muito importante para nós. Foi muito importante para minha formação. Eu era um... Comecei a trabalhar como substituto em 2009, e em 2010 fui lá fazer essa... Tentar ajudar a professora Margarida mobilizando esses saberes que eu tinha me inserido ao longo da graduação, e especificamente na questão da relação dos acervos e do profissional de História (Silva, 2023).

Para Silva (2023), sua trajetória como professor substituto na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em especial sua colaboração no estabelecimento e desenvolvimento do Memorial, foi um período de aprendizado e desafios. Ao lado da professora Margarida, embarcou em uma jornada para criar um espaço dedicado à preservação e ao estudo dos acervos, particularmente os livros didáticos do PNLD.

Em relação aos primeiros momentos da chegada dos livros e à preparação dos bolsistas, Silva (2023) aponta que:

[...] naquele período a gente fazia as atividades preparatórias para receber o acervo. Inicialmente, a gente planejava, reunião de planejamento, que tipo de espaços nós precisaríamos, como preparar os espaços para receber os documentos, para receber os livros didáticos. Então, isso inicialmente era algo que eu fazia. Reuniões administrativas, mas reuniões também do ponto de vista técnico. Porém, na medida em que os livros começaram a chegar, também se passou a ter bolsistas da graduação para fazer o trabalho efetivo de recepção, de acondicionamento, de higienização dos livros. Então, além dessas reuniões de planejamento, além desse caráter de prever o cotidiano do trabalho, os elementos técnicos para a recepção dos livros, eu passei também a auxiliar, a orientar os estudantes no seu trabalho diário. Então, os bolsistas, eles atuavam diariamente no contraturno do curso, no período da tarde. Então, eu também ficava, ia para o memorial para poder orientar os estudantes no seu trabalho. E aí, isso já era, parece, posso até me trair pela memória, era o segundo semestre, então era o início mesmo da recepção dos livros.

Acerca das primeiras preparações para o tratamento arquivístico, o acompanhamento e a supervisão das atividades dos bolsistas, Silva (2023) diz:

[...]

Então, os livros chegavam nas caixas, e muitos deles sem identificação. Então, a gente precisava fazer o processo de higienização desse material, que a gente também não sabia necessariamente a procedência dele, claro, vem do MEC com certeza, mas as condições em que eles se encontravam anteriormente, as condições de acondicionamento. Então, era muito importante a gente ter, isso faz parte de todo o processo de organização de acervo, fazer o processo de higienização. Então, eu passei a acompanhar os estudantes, a orientar os estudantes de fazer esse trabalho de abertura das caixas, todo o procedimento técnico necessário, o jaleco, luva, máscara, ao que a professora Margarida já fazia nos outros acervos. Inclusive, as mesas de higienização foram planejadas também pela professora Margarida. Então, não tinha isso em Natal. Não tem uma loja que faz mesa de higienização de documentos. Claro que essas mesas... Mesas de higienização já existem em outros lugares. Então, a professora Margarida fez um croqui. Levou para um marceneiro e, olha, que era um risco. E aí, essas mesas, por exemplo. Esse marceneiro, ele fez essas mesas de higienização para a Secretaria de Urbanismo de Natal. Fez essas mesas de higienização para a Arquidiocese e para o Ministério Público. E aí, teve que também fazer a mesa para o memorial do PNL D. Então, os estudantes também tiveram que passar por um treinamento para fazer a higienização. É um trabalho técnico específico. Tem que pegar a trincha página por página, tirar os elementos metálicos que prejudicam na conservação dos livros. Então, o meu trabalho inicial, nesse segundo semestre de 2010, foi acompanhar os estudantes, instruí-los para fazer esse procedimento de abrir as caixas, fazer a higienização e, ao passo que fazia a higienização, identificava os livros. E fazer os registros específicos lá no memorial. E aí, a gente estava naquele momento... Como eu te disse, a gente tinha recebido os livros, e acho que a gente estava fazendo o treinamento com o *software* para fazer a digitalização desses livros. Porque a grande questão da professora Margarida é que o memorial existisse, acomodasse, conservasse os livros didáticos. Todos os possíveis, mas que não fosse um local fechado. Ter o sentido de arquivo mesmo. Um arquivo que é de encerrar os documentos, mas também de ter o acesso à disponibilidade próprio que configura a ideia de arquivo. Então, o memorial, o acervo do memorial, ele foi, desde o início pensado, para ser aberto. Mas com um *software* que garantisse tudo isso. Que garantisse a integridade dos livros didáticos. Que não fosse passível de serem manipulados. Sim, é um debate que existe na área da arquivística até hoje. Como conservar informações, como disponibilizar informações, mas que essas informações sejam informações verdadeiras. Con-



servem as características originárias de sua produção. Então, isso era o debate que a gente estava fazendo, o planejamento que nós estávamos fazendo ali naquele segundo semestre, e aí nisso a professora Mônica foi importante também. Porque ela lidava com a questão da biblioteconomia. Da organização de bibliotecas, a gente trabalhava com livros didáticos, que apesar de não ser o memorial não é uma biblioteca. É um acervo documental, é um memorial. Mas a professora Mônica também tinha muita inserção nessa área sobre a questão de *software*, de informática. E certamente já faz mais de 10 anos, então esse debate todo já modificou bastante, não é? Já se aprofundou bastante. Então, porque a nossa preocupação era assim, que tipo de material nós vamos utilizar para, depois da digitalização, resguardar esse material?

As palavras de Mônica Gallotti e Wesley Silva ilustram o diálogo entre biblioteconomia, história e arquivística, revelando o esforço colaborativo necessário para preservar, digitalizar e tornar acessíveis os livros didáticos do PNL D.

A capacitação, mencionada por Mônica Gallotti, destaca a importância de se ter profissionais qualificados no manuseio e digitalização dos documentos. Os estudantes de Biblioteconomia, embora versados na digitalização, necessitavam de formação específica em higienização e acondicionamento de livros.

Por outro lado, os relatos do professor Wesley Silva sobre os primeiros dias do Memorial lançam luz sobre as difíceis tarefas enfrentadas na catalogação e higienização dos acervos recebidos. Ressalta-se que, em meio a todos esses desafios, a interação entre os campos da arquivística e da biblioteconomia, representada pela colaboração entre a professora e os estudantes do curso de História, demonstra a importância da cooperação interdisciplinar no avanço da preservação do patrimônio educacional.

Nas narrativas de Mônica Gallotti e Wesley Silva, percebe-se o diálogo entre as áreas da biblioteconomia, história e arquivística, além de como essa interação é imprescindível para a conservação, digitalização e disponibilização dos livros didáticos do PNL D. A formação especializada, ressaltada por Gallotti, sublinha a necessidade de profissionais adequadamente treinados para tratar e digitalizar tais documentos. Os estudantes de Biblioteconomia, apesar de familiarizados com a digitalização, precisavam de treinamento específico em técnicas de higienização e armazenamento adequado de livros.

Ademais, os relatos de Wesley Silva sobre os primeiros passos do Memorial apontam para as complexidades inerentes às atividades de catalogação e higienização dos acervos recebidos. Mesmo diante de desafios, a dinâmica

colaborativa entre os especialistas em arquivística e os estudantes de História, como visto na cooperação entre a docente de Biblioteconomia e seu grupo, evidencia a relevância do trabalho interdisciplinar para a efetiva preservação do legado educacional.

Na próxima seção, apresentaremos documentos públicos, embora não publicizados, que proporcionam uma perspectiva renovada sobre os esforços iniciais e o trabalho colaborativo dos profissionais dedicados à preservação e à celebração deste importante espaço de investigação e estudo.

# SEÇÃO DE DOCUMENTOS

## 4

Esta seção é composta por documentos relacionados ao tema, como fontes primárias, transcrições, gráficos, entrevistas e outros materiais de referência, que ajudam o leitor a contextualizar e entender a importância da criação e permanência do Memorial do PNLD.

### **SOLICITAÇÃO DE MATERIAIS DE PESQUISADORES DO BRASIL E EXTERIOR: O PAPEL DO MEMORIAL NA PESQUISA EDUCACIONAL**

Esta seção se dedica a explorar as interações entre os(as) pesquisadores(as) e estudantes de diversas regiões do Brasil e do exterior e o Memorial do PNLD. Os *e-mails* apresentados aqui refletem uma variedade de solicitações feitas por acadêmicos que buscam acesso aos arquivos do Memorial, com o objetivo de enriquecer suas pesquisas e estudos. Essas solicitações abrangem desde a busca por livros didáticos específicos até o interesse em temas educacionais particulares.

Em nosso processo de análise de dados, a fim de garantir a privacidade e a confidencialidade das informações pessoais de todos os envolvidos, adotamos práticas de anonimização de dados que visam proteger a identidade de indivíduos, substituindo informações identificáveis por dados não pessoais, de forma que seja impossível vincular as informações a uma pessoa ou lugar específico.

Essa abordagem permite continuar nossa análise de dados de maneira eficaz, enquanto asseguramos a privacidade dos indivíduos mencionados nos

dados. Nomes reais, endereços de *e-mail* e outros detalhes pessoais serão substituídos por identificadores genéricos, pseudônimos ou outras técnicas de anonimização apropriadas.

A anonimização de dados não apenas atende às exigências de proteção de dados, mas também nos permite realizar uma análise significativa e ética, mantendo a confidencialidade dos envolvidos.

Utilizaremos a técnica de “Máscaras de Dados” para ocultar informações confidenciais, como nomes e endereços de *e-mail*, substituindo-os por caracteres genéricos, como: “Usuario123”, quando se tratar dos nomes das pessoas solicitantes; “professor 1 ou 2”, quando cita terceiros; “de uma Universidade”, quando se trata das instituições de ensino; “cidade 1”, quando identifica o local; “pesquisadora”, quando se refere à terceira pessoa; e “bolsistas”, quando se refere aos estudantes que trabalharam no projeto do Memorial do PNL D.

Essa camada oferece diversas solicitações realizadas ao longo de diferentes anos, revelando a diversidade de interesses e necessidades da comunidade acadêmica em relação aos recursos do Memorial do PNL D. Pesquisadoras e pesquisadores de universidades, projetos de pesquisa e instituições educacionais têm recorrido ao acervo para enriquecer seus trabalhos.

Número de *e-mails* e os respectivos anos:

E-mail de Solicitação de 08/09/2011

E-mail de Solicitação de 08/09/2011

E-mail de Solicitação de 26/10/2013

E-mail de Resposta à Solicitação de 26/10/2013

E-mail de Solicitação de 22/02/2014

E-mail de Resposta à Solicitação de 22/02/2014

E-mail de Solicitação de 07/03/2014

E-mail de Resposta à Solicitação de 07/03/2014

E-mail de Solicitação de 17/06/2014

E-mail de Solicitação de 17/10/2015

E-mail de Resposta à Solicitação de 17/10/2015

E-mail de Solicitação de 09/05/2016

E-mail de Resposta à Solicitação de 09/05/2016

São 13 *e-mails* no total, com anos que variam de 2011 a 2016, como mostra o quadro a seguir:

**QUADRO 5 – SOLICITAÇÃO DE MATERIAIS  
DE PESQUISADORES DO BRASIL E EXTERIOR**

Número de <i>e-mails</i>	Ano
2	2011
2	2013
5	2014
2	2015
2	2016

**Fonte:** Elaborado pelo autor (2023).

E-mail 1: Solicitação de 08/09/2011

Remetente: Usuario123

Data de Envio: 08/09/2011

Assunto: Pedido de Guia do Livro Didático de Português de 2005

Mensagem: Olá, Margarida, tudo bem? Estou tentando localizar na web o guia do livro didático de português de 2005, mas não encontro. Assim, gostaria de saber se você tem esse guia em sua base de dados. Se sim, você poderia disponibilizá-lo para mim via e-mail? Preciso terminar de fazer a triagem dos livros para iniciar as análises.

E-mail 2: Solicitação de 08/09/2011

Remetente: Usuario123

Data de Envio: 08/09/2011

Assunto: Solicitação de Coleções de Livros Didáticos

Mensagem: Cara Margarida e caros “bolsistas”, tudo bem? Primeiramente, gostaria de agradecer a acolhida que tive por parte de vocês. Está sendo muito importante para mim o feedback de vocês que fazem parte da equipe do Memorial do PNLD. Estive esses dias fazendo o levantamento das coleções de livros didáticos de LP (6º a 9º ano Ensino Fundamental) que farão parte do corpus da minha pesquisa de doutoramento na “Universidade”. Abaixo discrimino as coleções de que preciso para proceder ao levantamento e categorização das atividades que comporão minhas análises.

São elas:

**QUADRO 6 – SOLICITAÇÃO DE MATERIAIS  
DE PESQUISADORES DO BRASIL E EXTERIOR**

<b>COLEÇÃO</b>	<b>AUTORES</b>	<b>FAIXA ETÁRIA</b>	<b>PNLD</b>
Coleção Linguagem Nova	Carlos Faraco/ Francisco Moura	5ª a 8ª séries	2005
Coleção Português Para Todos	Ernani Terra/ Flórida T. Cavallette	5ª a 8ª séries	2005
Coleção Português: Ideias e Linguagens	Dileta Delmanto/ Mª da Conceição Castro	Não especificada	2005
Coleção Linguagens	Thereza C. Magalhães/ Willian R. Cereja	5ª a 8ª séries	2005
Coleção Português: Uma Proposta para o Letramento	Magda Soares	5ª a 8ª séries	2005
Coleção Linguagem Nova	Carlos Faraco/ Francisco Moura	5ª a 8ª séries	2008
Coleção Português Para Todos	Ernani Terra/ Flórida T. Cavallette	5ª a 8ª séries	2008
Coleção Português: Ideias e Linguagens	Dileta Delmanto/ Mª da Conceição Castro	Não especificada	2008
Coleção Linguagens	Thereza C. Magalhães/ Willian R. Cereja	5ª a 8ª séries	2008
Coleção Português: Uma Proposta para o Letramento	Magda Soares	5ª a 8ª séries	2008
Coleção Linguagem Nova	Carlos Faraco/ Francisco Moura	5ª a 8ª séries	2005
Coleção Português Para Todos	Ernani Terra/ Flórida T. Cavallette	5ª a 8ª séries	2005
Coleção Português: Ideias e Linguagens	Dileta Delmanto/ Mª da Conceição Castro	5ª a 8ª séries	2005

Coleção Linguagens	Thereza C. Magalhães/ Willian R. Cereja	5ª a 8ª séries	2005
Coleção Português: Uma Proposta para o Letramento	Magda Soares	5ª a 8ª séries	2005
Coleção Língua Portuguesa e Interação	Faraco/Moura	6º a 9º anos	2011
Coleção Projeto Radix - Português	Ernani Terra/ Flórina T. Cavallete	6º a 9º anos	2011
Coleção Português: Ideias e Linguagens	Dileta Delmanto/ Mª da Conceição Castro	6º a 9º anos	2011
Coleção Linguagens	Thereza C. Magalhães/ Willian R. Cereja	6º a 9º anos	2011
Coleção Português: Uma Proposta para o Letramento	Magda Soares	6º a 9º anos	2011

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados do e-mail.

Portanto, são 15 coleções contendo 4 volumes cada que totalizam 60 livros.

Portanto, são 15 coleções contendo 4 volumes cada que totalizam 60 livros.

Seria possível vocês me enviarem os arquivos em pdf dessas coleções?

Desde já agradeço a atenção por vocês dispensada e a disponibilidade em nos atender.

Cordialmente,

E-mail 3: Solicitação de 26/10/2013

Remetente: Usuario123.5

Data de Envio: 26/10/2013

Assunto: Criação de Biblioteca de Livros Didáticos de Artes  
 Mensagem: Entro em contato com você tendo como referência a questão do livro didático. Como professor de estágio em teatro, participo do programa de extensão da “Universidade”, que congrega os estágios supervisionados da área de Artes (teatro, dança, música e artes visuais). Desenvolvemos atividades de formação continuada junto aos professores da rede pública, bem como, procuramos articular as ações de cada área de artes. Em uma das reuniões foi proposto a constituição de uma biblioteca,

acervo ou banco de livros didáticos da área de Artes. Dado à sua experiência com o PNLD, qual seria o caminho para viabilizarmos essa ideia?

E-mail 4: Resposta à Solicitação de 26/10/2013

Remetente: Margarida Dias

Data de Envio: 26/10/2013

Assunto: Resposta à Solicitação de Criação de Biblioteca de Livros Didáticos de Artes

Mensagem: Queridos colegas, O PNLD ainda não tem livros de Artes. Estamos disponibilizando uma Didateca com as obras duplicadas que temos do acervo do Memorial do PNLD (Português, Matemática, História, Geografia e Ciências).

E-mail 5: Solicitação de 22/02/2014

Remetente: Usuario123.6

Data de Envio: 22/02/2014

Assunto: Solicitação de Livros para Aulas sobre História Indígena

Mensagem: Olá, Margarida. Este é para fazer um pedido a você. O “professor” está coordenando um curso de atualização para os professores de história e me convidou para fazer umas aulas sobre história indígena no RN. Pensei em começar com uma discussão sobre o indígena na historiografia e sobre o mesmo no livro didático. Daí pensei que poderia começar as aulas com um exercício que o fez na oficina do Encontro da ANPUH, pedindo que os professores fizessem uma pequena análise do conteúdo/imagens presentes nos livros didáticos sobre os indígenas. E aí é que pensei se haveria uma possibilidade de usar os livros do Memorial do Livro Didático.

E-mail 6: Resposta à Solicitação de 22/02/2014

Remetente: Margarida Dias

Data de Envio: [Data da resposta]

Assunto: Resposta à Solicitação de Livros para Aulas sobre História Indígena

Mensagem: Querida Usuarial23.6, vou providenciar os livros. São duplicatas que temos (além do acervo do PNLD) e que faz tempo que peço com o Departamento, CCHLA, BCZM, exatamente para esse tipo de atividade. Vou pedir a uma bolsista que temos agora para separar para você e vemos como deixar em um local que você possa pegar.

E-mail 7: Solicitação de 07/03/2014

Remetente: Usuario123.7

Data de Envio: 07/03/2014

Assunto: Solicitação de Acesso a Livros Didáticos Aprovados pelo PNLD

Mensagem: Sou professora “de uma Universidade Estadual – SP”, e tive recentemente um Projeto de Pesquisa aprovado por



uma “agência de fomento”. Para a realização da pesquisa preciso de edições dos livros didáticos aprovados pelo PNLD que foram distribuídos às escolas públicas.

E-mail 8: Resposta à Solicitação de 07/03/2014

Remetente: Margarida Dias

Data de Envio: [Data da resposta]

Assunto: Resposta à Solicitação de Acesso a Livros Didáticos Aprovados pelo PNLD

Mensagem: Prezada Usuario123.7, No Memorial do PNLD há sim os livros digitalizados. Estou copiando para os dois bolsistas que poderão lhe ajudar. Eles vão te informar as regras de acesso, pedimos que faça a referência ao Memorial no seu trabalho, por gentileza.

E-mail 9: Solicitação de 17/06/2014

Remetente: Usuario123.8

Data de Envio: 17/06/2014

Assunto: Envio de Títulos sobre “Livros Didáticos e Afro-descendentes”

Mensagem:

Oi professora, estou enviando em anexo os títulos sobre “livros didáticos e afro-descendentes” que “o bolsista” me pediu para o “professor”. (Detalhes sobre a solicitação)

E-mail 10: Solicitação de 17/10/2015

Remetente: Usuario123.8

Data de Envio: 17/10/2015

Assunto: Solicitação de Capítulos sobre Ditadura e Redemocratização em Livros Didáticos

Mensagem: Sou Usuarial23.8, historiadora, atualmente vinculada a um projeto de políticas de memória “de uma universidade do Rio de Janeiro”, que subsidia o trabalho da Comissão da Verdade do Rio. Uma parte de nossa pesquisa consiste em analisar a temática da ditadura e da redemocratização nos livros didáticos de história aprovados no PNLD.

E-mail 11: Resposta à Solicitação de 17/10/2015

Remetente: Margarida Dias

Data de Envio: [Data da resposta]

Assunto: Resposta à Solicitação de Capítulos sobre Ditadura e Redemocratização em Livros Didáticos

Mensagem: Prezada Usuarial23.8,

É só você me informar os livros que precisa e os respectivos capítulos. Lhe enviarei digitalmente.

E-mail 12: Solicitação de 09/05/2016

Remetente: Usuario123.9

Data de Envio: 09/05/2016

Assunto: Solicitação de Acesso a Coleções de Livros Didáticos de Matemática dos Anos Iniciais

Mensagem: Margarida, Trabalho com “um professor”. Estou orientando uma dissertação que analisa coleções didáticas de Matemática dos anos iniciais. Estamos precisando urgente de 4 coleções aprovadas pelo PNLD de 2007.

(1a a 4 série):

1. Porta Aberta
2. A escola é nossa
3. Vivência e Construção Matemática
4. Matemática Criativa

E-mail 13: Resposta à Solicitação de 09/05/2016

Remetente: Margarida Dias

Data de Envio: [Data da resposta]

Assunto: Resposta à Solicitação de Acesso a Coleções de Livros Didáticos de Matemática dos Anos Iniciais

Mensagem: Prezada Usuarial23.9, estou respondendo com cópia para dois orientandos que vão procurar lhe atender o mais breve possível e enviar junto as orientações para a referência ao Memorial do PNLD, bem como o Termo de Compromisso do pesquisador. Um abraço Margarida Dias.

Analisando as mensagens eletrônicas trocadas entre os pesquisadores e a responsável pelo Memorial do PNLD, podemos destacar várias informações importantes:

- a) Demanda por Recursos Digitais: os *e-mails* mostram uma demanda significativa por recursos digitais, como cópias digitalizadas de livros didáticos. Os pesquisadores estão buscando acesso a materiais específicos para apoiar suas pesquisas acadêmicas.
- b) Importância do Memorial do PNLD: os pesquisadores reconhecem o valor do Memorial do PNLD como um repositório de livros didáticos e recursos educacionais. Eles veem o Memorial como uma fonte valiosa para suas investigações.
- c) Acesso a Informações Difíceis de Obter: alguns pesquisadores mencionam a dificuldade de obter os materiais desejados de outras fontes, como editoras ou instituições educacionais. Isso destaca a importância do Memorial como um recurso acessível.
- d) Pesquisadores de Diferentes Regiões: os *e-mails* mostram que os pesquisadores que procuram acesso ao Memorial do PNLD vêm de diferentes regiões do Brasil, incluindo o Rio de Janeiro, São Pau-

lo e Rio Grande do Norte. Também há menção a pesquisadores de uma universidade no exterior. Isso demonstra o alcance nacional e internacional do Memorial.

e) Cooperação Acadêmica: os *e-mails* refletem uma atmosfera de cooperação acadêmica, com pesquisadores solicitando assistência e trocando informações sobre seus projetos de pesquisa. Isso destaca a importância da colaboração entre instituições acadêmicas.

f) Uso de Recursos Digitalizados: a disponibilidade de livros didáticos digitalizados no Memorial é mencionada em alguns *e-mails*. Isso ressalta a importância da preservação digital de materiais educacionais para a pesquisa acadêmica.

g) Referência ao Memorial: em algumas respostas, os pesquisadores são solicitados a fazer referência ao Memorial do PNLD em seus trabalhos. Isso indica a necessidade de reconhecimento e atribuição adequados ao usar os recursos do Memorial.

Em resumo, os *e-mails* revelam a relevância do Memorial do PNLD como uma importante fonte para pesquisadores acadêmicos em busca de materiais educacionais para suas investigações. Eles também destacam a importância da colaboração e cooperação acadêmica na busca pelo acesso a recursos específicos.

Em uma era dominada pela digitalização, os *e-mails*<sup>1</sup> tornaram-se importantes fontes de informação histórica, superando, em certa medida, as correspondências tradicionais (anterior à era pré-digital). Eles não se restringem apenas ao conteúdo escrito; a maneira como as informações fluem entre indivíduos e organizações também se torna parte integrante do registro histórico, como observado por Yates (1993) e Yates e Orlikowski (1992). Isso sugere que, para que um *e-mail* seja considerado e utilizado como uma fonte histórica autêntica, não só o conteúdo individual, mas também a rede de conexões deve ser preservada.

Contudo, este cenário apresenta dois desafios principais. O primeiro refere-se à organização desses *e-mails* para facilitar o acesso do leitor. Em vez de simplesmente vasculhar *e-mails* em uma ordem aleatória, é vital que eles sejam

---

<sup>1</sup> As informações compartilhadas neste trabalho são tratadas de forma anônima, garantindo que nenhum detalhe pessoal seja exposto sem prévia autorização. O nosso objetivo principal é discutir temas e contextos relevantes relacionados à correspondência de *e-mail* (pessoal de Margarida Maria Dias de Oliveira e, posteriormente, o *e-mail* do Memorial do PNLD), sem comprometer a privacidade ou a confidencialidade das partes mencionadas.

categorizados com base em sua relevância, foi o que fizemos neste trabalho.

A segunda questão levantada é como exatamente os *e-mails* devem ser lidos e interpretados. Muitas abordagens deixam de considerar o corpo principal do *e-mail* e focam estritamente nos metadados, como remetente e destinatário. Essa estratégia geralmente envolve começar com os *e-mails* mais recentes e depois visitar as conversas anteriores em busca de informações pertinentes. No entanto, na nossa pesquisa, optamos por um caminho diferente: decidimos priorizar o conteúdo, e não os metadados. Por razões éticas (já levantadas neste trabalho), mantivemos apenas referências ao nome da professora Margarida Dias (que supervisiona este trabalho), acreditando que o núcleo do *e-mail*, onde pedidos de livros, informações sobre guias e procedimentos editoriais são discutidos, é o que realmente importa para o propósito deste estudo.

## **ANÁLISE DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL: E-MAILS PESSOAIS (2011-2016) – E-MAIL PESSOAL DA PROFESSORA MARGARIDA DIAS**

Solicitações e acesso aos recursos do Memorial do PNLD: o papel do Memorial na pesquisa educacional

E-mail 1: Solicitação de 08/09/2011

Remetente: Usuario123

Data de Envio: 08/09/2011

Assunto: Pedido de Guia do Livro Didático de Português de 2005

Mensagem: Olá, Margarida, tudo bem? Estou tentando localizar na web o guia do livro didático de português de 2005, mas não encontro. Assim, gostaria de saber se você tem esse guia em sua base de dados. Se sim, você poderia disponibilizá-lo para mim via e-mail? Preciso terminar de fazer a triagem dos livros para iniciar as análises.

E-mail 2: Solicitação de 08/09/2011

Remetente: Usuario123

Data de Envio: 08/09/2011

Assunto: Solicitação de Coleções de Livros Didáticos

Mensagem: Cara Margarida e caros “bolsistas”, tudo bem? Primeiramente, gostaria de agradecer a acolhida que tive por parte de vocês. Está sendo muito importante para mim o feedback de vocês que fazem parte da equipe do Memorial do PNLD. Estive esses dias fazendo o levantamento das coleções de livros didáticos de LP (6º a 9º ano Ensino Fundamental) que farão parte do corpus da minha pesquisa de doutoramento na “Universidade”. Abaixo discrimino as coleções de que preciso para proceder ao

levantamento e categorização das atividades que comporão minhas análises. (Lista de coleções de livros didáticos)

E-mail 3: Solicitação de 26/10/2013

Remetente: Usuario123.5

Data de Envio: 26/10/2013

Assunto: Criação de Biblioteca de Livros Didáticos de Artes

Mensagem: Entro em contato com você tendo como referência a questão do livro didático. Como professor de estágio em teatro, participo do programa de extensão ESCAMBO DE SABERES, o qual congrega os estágios supervisionados da área de Artes (teatro, dança, música e artes visuais). Desenvolvemos atividades de formação continuada junto aos professores da rede pública, bem como, procuramos articular as ações de cada área de artes. Em uma das reuniões foi proposto a constituição de uma biblioteca, acervo ou banco de livros didáticos da área de Artes. Dado à sua experiência com o PNLD, qual seria o caminho para viabilizarmos essa ideia?

E-mail 4: Resposta à Solicitação de 26/10/2013

Remetente: Margarida Dias

Data de Envio: 26/10/2013

Assunto: Resposta à Solicitação de Criação de Biblioteca de Livros Didáticos de Artes

Mensagem: Queridos colegas, O PNLD ainda não tem livros de Artes. Estamos disponibilizando uma Didateca com as obras duplicadas que temos do acervo do Memorial do PNLD (Português, Matemática, História, Geografia e Ciências).

E-mail 5: Solicitação de 22/02/2014

Remetente: Usuario123.6

Data de Envio: 22/02/2014

Assunto: Solicitação de Livros para Aulas sobre História Indígena

Mensagem: Olá, Margarida. Este é para fazer um pedido a você. O Evangelista está coordenando um curso de atualização para os professores de história e me convidou para fazer umas aulas sobre história indígena no RN. Pensei em começar com uma discussão sobre o indígena na historiografia e sobre o mesmo no livro didático. Daí pensei que poderia começar as aulas com um exercício que o fez na oficina do Encontro da ANPUH, pedindo que os professores fizessem uma pequena análise do conteúdo/imagens presentes nos livros didáticos sobre os indígenas. E aí é que pensei se haveria uma possibilidade de usar os livros do Memorial do Livro Didático. (Detalhes sobre a solicitação)

E-mail 6: Resposta à Solicitação de 22/02/2014

Remetente: Margarida Dias

Data de Envio: [Data da resposta]

Assunto: Resposta à Solicitação de Livros para Aulas sobre História Indígena

Mensagem: Querida Usuarial23.6, Vou providenciar os livros. São duplicatas que temos (além do acervo do PNLD) e que faz tempo que pelo com o Departamento, CCHLA, BCZM, exatamente para esse tipo de atividade. Vou pedir a uma bolsista que temos agora para separar para você e vemos como deixar em um local que você possa pegar.

E-mail 7: Solicitação de 07/03/2014

Remetente: Usuario123.7

Data de Envio: 07/03/2014

Assunto: Solicitação de Acesso a Livros Didáticos Aprovados pelo PNLD

Mensagem: Sou professora “de uma Universidade Estadual – SP”, e tive recentemente um Projeto de Pesquisa aprovado por uma “agência de fomento”. Para a realização da pesquisa preciso de edições dos livros didáticos aprovados pelo PNLD que foram distribuídos às escolas públicas. (Detalhes sobre a solicitação)

E-mail 8: Resposta à Solicitação de 07/03/2014

Remetente: Margarida Dias

Data de Envio: [Data da resposta]

Assunto: Resposta à Solicitação de Acesso a Livros Didáticos Aprovados pelo PNLD

Mensagem: Prezada Usuario123.7, No Memorial do PNLD há sim os livros digitalizados. Estou copiando para os dois bolsistas que poderão lhe ajudar. Eles vão te informar as regras de acesso, pedimos que faça a referência ao Memorial no seu trabalho, por gentileza.

E-mail 9: Solicitação de 17/06/2014

Remetente: Usuario123.8

Data de Envio: 17/06/2014

Assunto: Envio de Títulos sobre “Livros Didáticos e Afro-descendentes”

Mensagem:

Oi professora, estou enviando em anexo os títulos sobre “livros didáticos e afro-descendentes” que “o bolsista” me pediu para o “professor”. (Detalhes sobre a solicitação)

E-mail 10: Solicitação de 17/10/2015

Remetente: Usuario123.8

Data de Envio: 17/10/2015

Assunto: Solicitação de Capítulos sobre Ditadura e Redemocratização em Livros Didáticos

Mensagem:

Sou Usuarial23.8, historiadora, atualmente vinculada a um projeto de políticas de memória “de uma universidade do Rio de Janeiro”, que subsidia o trabalho da Comissão da Verdade do Rio. Uma parte de nossa pesquisa consiste em analisar a temática da ditadura e da redemocratização nos livros didáticos de história aprovados no PNLD. (Detalhes sobre a solicitação)

E-mail 11: Resposta à Solicitação de 17/10/2015  
Remetente: Margarida Dias  
Data de Envio: [Data da resposta]  
Assunto: Resposta à Solicitação de Capítulos sobre Ditadura e Redemocratização em Livros Didáticos  
Mensagem: Prezada Usuarial23.8,

É só você me informar os livros que precisa e os respectivos capítulos. Lhe enviarei digitalmente.

E-mail 12: Solicitação de 09/05/2016  
Remetente: Usuario123.9  
Data de Envio: 09/05/2016  
Assunto: Solicitação de Acesso a Coleções de Livros Didáticos de Matemática dos Anos Iniciais  
Mensagem:

Margarida, Trabalho com “um professor”. Estou orientando uma dissertação que analisa coleções didáticas de Matemática dos anos iniciais. Estamos precisando urgente de 4 coleções aprovadas pelo PNLD de 2007. (Detalhes sobre a solicitação)

E-mail 13: Resposta à Solicitação de 09/05/2016  
Remetente: Margarida Dias  
Data de Envio: [Data da resposta]  
Assunto: Resposta à Solicitação de Acesso a Coleções de Livros Didáticos de Matemática dos Anos Iniciais  
Mensagem: Prezada Usuarial23.9,

Estou respondendo com cópia para dois orientandos que vão procurar Lhe atender o mais breve possível e enviar junto as orientações para a referência ao Memorial do PNLD, bem como o Termo de Compromisso do pesquisador.  
Um abraço Margarida Dias.

Entre os vários *e-mails*, um deles se destaca como um exemplo da importância do Memorial do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e de como a sua divulgação é essencial. A solicitação dessa estudante oferece um exemplo esclarecedor da relevância de se obter acesso a documentos essenciais para investigações acadêmicas.

Solicitação – Univ. Texas  
30/08/2016 Prezadas Professoras Margarida e “professora x”,  
Boa tarde! Estou como coordenadora-geral da Cogeam há cerca de um ano, mas acredito que ainda não tenhamos tido nenhum contato. Pois sim, venho solicitar uma ajuda de vocês. Recebemos

uma solicitação dos documentos via LAI<sup>2</sup> - uma pesquisadora está requerendo as fichas de avaliação consolidadas do componente história no PNLD 2015 conforme trecho abaixo – e notamos que não as temos em arquivo, de nenhuma das coleções avaliadas. Podem nos enviar o conjunto de fichas em meio digital? Temos que cumprir um prazo para resposta em 5 dias úteis...se pudermos nos dar uma resposta o quanto antes, agradeço!

A solicitação da estudante:

Demanda LAI

Pergunta: Fichas de avaliação (de avaliadores individuais e ficha consolidada) da coleção 'História, Sociedade e Cidadania', da Editora FTD, aprovada no PNLD 2015 Ensino Médio de História (Edital de 2013).

- Boa tarde, Sou estudante de Mestrado da Universidade do Texas e pesquisei livros didáticos de História. Para minha pesquisa, analiso a obra didática de Ensino Médio 'História, Sociedade e Cidadania' (Editora FTD), aprovada pelo PNLD 2015. Para isso, solicito acesso às fichas de avaliação que aprovaram a coleção. Meu pedido, portanto, é ter acesso às fichas de avaliação individuais de cada avaliador e a ficha consolidada referente à coleção de História 'História, Sociedade e Cidadania' no PNLD 2015 do Ensino Médio (Edital 2013). Muito obrigada, Giovana

Muito obrigada! E até breve!

Coordenadora-Geral de Materiais Didáticos

Secretaria de Educação Básica

Ministério da Educação

Resposta da coordenadora do Memorial:

Prezada “Coordenadora-Geral de Materiais Didáticos”,

Boa tarde!

Já encaminhei sua mensagem para um bolsista e ele vai começar a providenciar.

Até amanhã devemos enviar tudo.

Um abraço

Margarida Dias

Resposta do bolsista atendente do Memorial:

06/09/2016 Assim como foi indicado pela “Coordenadora-Geral de Materiais Didáticos”, segue o link via DropBox que

---

<sup>2</sup> Trata-se de documentos referentes a demandas de solicitação de informação, conforme a Lei de Acesso à Informação.



dá acesso ao material solicitado: <https://www.dropbox.com/...><sup>3</sup>

São duas pastas contendo, respectivamente, todas as FICHAS INDIVIDUAIS FINAIS e os PARECERES FINAIS referentes ao PNLD 2015 – História.

Além das pastas, envio separadamente – para tentar agilizar a solicitação da estudante de Mestrado da Universidade do Texas via LAI que vocês receberam –, os arquivos referentes à Coleção de nº “XXX”, intitulada História Sociedade & Cidadania. Atenciosamente,

No universo da pesquisa acadêmica, o acesso a materiais e informações especializadas é um componente importante que viabiliza e enriquece o trabalho de investigação em variados domínios do conhecimento. Para pesquisadoras(es) de todas as disciplinas, as fontes são fundamentais para a continuidade do trabalho. Esse acesso não apenas possibilita a expansão dos horizontes científicos e acadêmicos, mas também garante que o processo de descoberta seja construído sobre uma base sólida de evidências, permitindo avanços significativos nas suas respectivas áreas de estudo.

Inicialmente, a pesquisadora encaminhou seu pedido à Coordenadora Geral de Materiais Didáticos por meio do MEC, visando à obtenção das fichas de avaliação que respaldaram a aprovação da coleção “História, Sociedade e Cidadania”, no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2015, voltada ao Ensino Médio.

A Coordenadora, ciente da existência do Memorial, redirecionou a solicitação para esse recurso. Essa demanda ilustra a relevância de proporcionar acesso a recursos acadêmicos essenciais, ao mesmo tempo que evidencia que, apesar da criação do Memorial, a partir de 2010, e do site, a partir de outubro de 2014, ainda há escassa divulgação entre pesquisadores, escolas, universidades e programas de pós-graduação sobre o acervo físico e digital dedicado aos livros didáticos do PNLD.

Em síntese, as correspondências eletrônicas destacam a importância do Memorial do PNLD como recurso para acadêmicos e pesquisadoras(es) que procuram materiais educacionais para embasar suas pesquisas ou simplesmente para estudos. Ademais, esses *e-mails* enfatizam a necessidade de colaboração e cooperação entre pesquisadores para facilitar o acesso a esses recursos especializados.

---

<sup>3</sup> As informações compartilhadas neste trabalho são tratadas de forma anônima, garantindo que nenhum detalhe pessoal seja exposto sem prévia autorização. O nosso objetivo principal é discutir temas e contextos relevantes relacionados à correspondência de *e-mail*, sem comprometer a privacidade ou a confidencialidade das partes mencionadas.

## SEGUNDA FASE DOS *E-MAILS*: 2017 A 2023 – *E-MAIL* PRÓPRIO DO MEMORIAL DO PNLD

A segunda fase dos *e-mails*, abrangendo o período de 2017 a 2023, traz uma série de correspondências enviadas ao Memorial do PNLD (Programa Nacional do Livro Didático), agora com *e-mail* próprio e atendido por bolsistas do projeto. Durante esse período, diversos remetentes de diferentes áreas e regiões, como pesquisadores, estudantes, professores e outros profissionais, contataram o Memorial do PNLD por meio de *e-mails*, abordando uma variedade de assuntos e demandas relacionadas à educação e ao material didático.

A análise dessas correspondências revela a diversidade de interesses e necessidades dos envolvidos no processo de construção do conhecimento sobre a Manualística. Ao destacar a importância do Memorial, não apenas como um repositório de materiais, mas como um centro de referência para o estudo e a pesquisa desses recursos educacionais, os *e-mails* refletem a relevância desse programa para a comunidade acadêmica e escolar do Brasil.

Para este estudo, considera-se que, a partir de 2016/2017, os(as) bolsistas responsáveis pelo Memorial do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) passaram a realizar diretamente o atendimento de *e-mails* e solicitações de pesquisadores, estudantes e profissionais da educação.

FIGURA 2 – FORMULÁRIO DE CONTATO



The image shows a contact form with the following elements:

- Contato** (Contact) - Title of the form.
- Fale conosco** (Talk to us) - Subtitle.
- memorialdopnld@cchla.ufrn.br** - Email address.
- Social media icons for **Twitter**, **Instagram**, and **Facebook**.
- Input fields for **Nome** (Name), **E-mail**, and **Instituição** (Institution).
- A larger text area for **Mensagem** (Message).

O modelo a seguir foi inspirado na estrutura dos *e-mails* autênticos e servirá como representação no decorrer deste trabalho para analisar as comunicações relevantes ao Memorial do PNLD:

Modelo para Análise:  
E-mail: [Número do e-mail]  
Remetente: [Nome ou Cargo]  
Data: [Data do e-mail]  
Área: [Departamento ou Esfera de atuação]  
Assunto: [Tópico principal do e-mail]

## SOLICITAÇÕES DE MATERIAIS DE PESQUISADORES DO BRASIL E EXTERIOR

Recepção e análise das solicitações de materiais.

A partir deste ponto, nossa análise recai sobre a recepção e avaliação das solicitações de materiais realizadas por pesquisadores, tanto do Brasil quanto do exterior, ao Memorial do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Examina-se, portanto, como as interações entre os pesquisadores e o Memorial contribuem para a expansão do conhecimento no campo da educação e dos materiais didáticos.

O quadro 7 ilustra a frequência e os temas dos *e-mails* enviados ao Memorial do PNLD durante o ano de 2017:

QUADRO 7 – E-MAILS ENVIADOS AO MEMORIAL DO PNLD (2017)

MÊS/ANO	ÁREA	ASSUNTO
Novembro/2017	História	Objeto de análise – Todos os livros de história do fundamental II
Dezembro/2017	História	Analisar conteúdos históricos presentes no livro didático para a formação da identidade nacional

Fonte: Adaptado pelo autor (2023).

Ambos os *e-mails* pertencem à área de História, mas possuem assuntos distintos. O primeiro busca analisar todos os livros de História do fundamental II (6º ao 9º ano), enquanto o segundo tem um foco mais específico na formação da identidade nacional por meio dos conteúdos históricos presentes no livro didático.

QUADRO 8 – E-MAILS ENVIADOS AO MEMORIAL DO PNLD (2018)

MÊS/ANO	ÁREA	ASSUNTO
Agosto e Setembro/2018	História	Analisar a presença e representação das guerras ameríndias nos livros didáticos de história
Outubro/2018	Mestrado profissional História	Representação do futebol nos livros didáticos
Novembro/2018	Mestrado profissional História	Livros sobre representação do futebol nos livros didáticos
Novembro/2018	Mestrado profissional História	Todos os livros didáticos de história para o 7º ano que sejam referentes ao PNLD 2017
Dezembro/2018	Doutorado História	Pensar a importância da história moderna nos livros didáticos e como é abordada neles

Fonte: Adaptado pelo autor (2023).

Os *e-mails* apresentam uma variedade de interesses, desde a representação de eventos históricos específicos, como as guerras ameríndias e o futebol, até a abordagem mais ampla da história moderna nos livros didáticos.

QUADRO 9 – E-MAILS ENVIADOS AO MEMORIAL DO PNLD (2019)

MÊS/ANO	ÁREA	ASSUNTO
Janeiro/2019	Pesquisa História	Não justificou
Fevereiro e março/2019	Pesquisa Mestrado Língua Portuguesa	Produção de conhecimento sobre diários e produções afins. Aspecto histórico envolvido a partir do <i>Diário de Anne Frank</i>
Fevereiro e março/2019	Mestrado História Regional	História do Rio Grande do Norte
Março/2019	Mestrado Profissional História	Não justificou

Março/2019	Mestrado Língua Portuguesa	Não justificou
Novembro/2019	História	Análise de material para produção de artigo História com os volumes do livro do Cotrim 7ª série – 1997 e 2008
Março/2019	História	Não justificou
Março/2019	Mestrado Matemática	Não justificou
Abril/2019	Mestrado História	Análise comparativa
Abril/2019	Mestrado Profissional História	Continuidade da pesquisa
Maió/2019	História	Não justificou
Maió/2019	Mestrado Profissional História	Continuidade da pesquisa
Maió/2019	Mestrado História	A pesquisa tem potencialidade de contribuir fortemente para a área da educação e produção acadêmica ao analisar guerras ameríndias nos livros didáticos
Junho/2019	Mestrado Profissional História	Continuidade da pesquisa
Junho/2019	Mestrado História	Fonte de informações e objeto de comparação sobre musicalidade nos livros didáticos
Julho/2019	Mestrado Profissional História	Continuidade da pesquisa
Junho/2019	Mestrado História	Continuidade da pesquisa
Agosto/2019	Mestrado História	Discursos nos livros didáticos sobre a ditadura militar
Setembro/2019	Graduação História	Confecção de material didático
Outubro/2019	História	Iniciação científica – Repensar ensino-aprendizagem através dos recursos multimídias no livro didático
Dezembro/2019	História	Não justificou

Fonte: Adaptado pelo autor (2023).

O Memorial do PNL D, em 2019, recebeu uma variedade de *e-mails* relacionados à pesquisa em História, desde pedidos genéricos e não especificados até solicitações focadas em tópicos particulares, como ditadura militar, guerras ameríndias e musicalidade em livros didáticos.

QUADRO 10 – E-MAILS ENVIADOS AO MEMORIAL DO PNLD (2020)

MÊS/ANO	ÁREA	ASSUNTO
Janeiro/Fevereiro	História	Não justificou
Janeiro	Mestrado Profhistória História	Não justificou
Fevereiro	Iniciação Científica Língua Portuguesa	Não justificou
Fevereiro	Monografia História	Evidenciar papel de mulheres negras nos livros didáticos
Fevereiro	Mestrado História	Visão dos autores nos livros didáticos
Março	Não Informou	Continuidade da pesquisa
Março	Iniciação Científica História	Não Justificou
Março	Professor História	Produção de material
Março	Produção de Material	Não justificou
Abril	Não Informou	Continuação pesquisa
Abril	Monografia História	História da África nos livros didáticos
Abril	Doutorado Espanhol	Letramento em espanhol de forma crítica
Maio	História	Análise iconográfica sobre pinturas rupestres
Maio	Profhistória	História
Maio	Doutorado História	Ditadura militar nos livros didáticos
Junho	História	Via WhatsApp
Junho	Pesquisadora História	Informações sobre livros
Junho	-	Continuidade
Junho	Pesquisador História	Não justificou
Julho	Monografia História	Educação patrimonial nos livros didáticos
Julho	Pesquisador História	Continuidade pesquisa
Agosto-Setembro	Vários (pesquisador/a História etc.)	Diversos (informações, Medievo, Antiguidade etc.)
Outubro	Vários (Mestrado História etc.)	Maioria não justificou

Novembro	Vários (TCC, História regional etc.)	Majoria não justificou
Dezembro	Mestrado Língua Portuguesa	Não justificou

Fonte: Adaptado pelo autor (2023).

#### QUADRO 11 – E-MAILS ENVIADOS AO MEMORIAL DO PNLD (2021)

MÊS/ANO	ÁREA	ASSUNTO
Janeiro 2021	Mestrado História	Livros de História regional
Fevereiro 2021	História	História da alimentação no livro didático de história
Março 2021	TCC História	História regional
Março 2021	Mestrado História – Pré-história	História – representação da juventude nos livros didáticos de história
Março 2021	Não informou	Não justificou
...	...	...
Junho 2021	Estudante Ensino Médio	Vestibular livro História
Junho 2021	Pesquisadora História	Analisar os livros didáticos mais solicitados pelo PNLD durante o governo
Julho 2021	Pesquisadora História, Inglês, Geografia	Não justificou
Julho 2021	Pesquisadora Ciências	Não justificou
Julho 2021	Não informou área	Pesquisadora: buscando por informações sobre os materiais disponíveis no acervo de 1960 até 2000
Agosto 2021	Professor História	Professor da disciplina de Estágio Curricular Supervisionado em História
Setembro 2021	Aluno Ensino Médio	Vestibular livros Biologia, Geografia, Matemática, Física
Outubro 2021	Mestrado Língua Portuguesa	Não justificou
Setembro 2021	Aluno Ensino Médio	Vestibular livros Português, Matemática, Inglês, Física... (informação foi cortada no final)

Fonte: Adaptado pelo autor (2023).

QUADRO 12 – E-MAILS ENVIADOS AO MEMORIAL DO PNLD (2022)

MÊS/ANO	ÁREA	ASSUNTO
Janeiro	Estudante Inglês	Não justificou
Fevereiro	Pesquisadora História regional	Não justificou
Fevereiro	Estudante ensino médio	Vestibular livro Artes
Fevereiro	Monografia História	Pesquisa livros História e Geografia
Março	Monografia História	Continuidade História e Geografia
Março	Monografia História	Continuidade História regional
Abril	História	Continuidade pesquisa
Abril	Estudante História	Não justificou
Maiο	Mestrado História	Não justificou
Maiο	Estudante História	Informações
Maiο	Mestrado História	Não justificou
Maiο	Pesquisadora Língua Portuguesa	Não justificou
Junho	Estudante Ensino Médio	Vestibular livro Língua Portuguesa
Junho	Mestrado História	Não justificou
Junho	Professor História e prática de pesquisa em Pedagogia	Pesquisa livros didáticos História
Julho	Professora História	Acesso acervo; Estudos Sociais
Setembro	Professor ensino fundamental II	O material solicitado foi utilizado para produção de uma aula no curso de graduação em História...
Setembro	Pesquisadora História	Não justificou
Outubro	Pesquisador História regional RN	Não justificou
Outubro	História	Pesquisador continuação História

Fonte: Adaptado pelo autor (2023).



QUADRO 13 – E-MAILS ENVIADOS AO MEMORIAL DO PNLD (2023)

MÊS/ANO	ÁREA	ASSUNTO
Janeiro	Pesquisadora Matemática	Não justificou
Janeiro	Pesquisador História	Não justificou
Março	Mestrado História	Analisar a presença de títulos literários nos livros didáticos de História, contribuindo fortemente para a área acadêmica
Março	Pesquisador História	Não justificou
Abril	Pesquisador História	Não justificou
Abril	Estudante Ensino Médio	Vestibular Geografia
Abril	Pesquisadora Química	Não justificou
Abril	Monografia História	Não justificou
Abril	Mestrado História	Analisar as abordagens da Guerra Fria nos livros didáticos de História, análise do conceito de nazismo, agregando ao conteúdo acadêmico
Abril	Mestrado História	Analisar as abordagens da Guerra Fria nos livros didáticos de História, análise do conceito de nazismo, agregando ao conteúdo acadêmico
Maiο	Estudante Ensino Médio	Vestibular livro Espanhol
Maiο	Mestrado Química	Não justificou
Junho	Não informou	Informações sobre coleções
Junho	Estudante Ensino Médio	Vestibular livros História e Inglês
Junho	Doutorado Língua portuguesa	Não justificou
Julho	Estudante Ensino Médio	Vestibular livro Matemática
Julho	Estudante Ensino Médio	Vestibular livro Filosofia
Julho	Pesquisadora Biologia, Filosofia	Não justificou

Fonte: Adaptado pelo autor (2023).

**QUADRO 14 – CRESCIMENTO PROGRESSIVO DA COMUNICAÇÃO NO MEMORIAL DO PNLD: UMA ANÁLISE QUANTITATIVA DOS E-MAILS RECEBIDOS (2017-2023)**

<b>Número de e-mails</b>	<b>Ano</b>
2	2017
6	2018
22	2019
41	2020
99	2021
23	2022
18	2023
Total: 211	

**Fonte:** Elaborado pelo autor (2023).

Os quadros ilustram uma tendência ascendente significativa na correspondência eletrônica endereçada ao Memorial do PNLD, evidenciando um engajamento crescente ao longo dos anos. Notavelmente, observa-se um pico marcante em 2021, seguido por uma subsequente estabilização. Essa flutuação sugere uma possível influência de circunstâncias sanitárias, particularmente o período da pandemia de Covid-19, durante o qual o país e o mundo passaram por longo período de confinamento, o que, em nosso entendimento, propiciou um aumento na comunicação digital, uma vez que as pessoas permaneceram mais em suas residências. Este fenômeno destaca a adaptação das interações acadêmicas e institucionais ao contexto digital intensificado pelas restrições de mobilidade, refletindo, assim, uma transição nos modos de comunicação e colaboração no âmbito educacional.

A análise também oferece uma visão das solicitações recebidas pelo Memorial, destacando áreas específicas de interesse e temas recorrentes. Neste contexto, duas categorias são importantes: “Assunto” e “Áreas”. A análise desses aspectos fornece uma compreensão da dinâmica entre os solicitantes e a instituição, bem como as áreas em que o Memorial do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) tem maior impacto e influência. Ao examinar as tendências e os padrões nas solicitações, foi possível identificar tanto os pontos fortes quanto as áreas de melhoria que podem orientar o desenvolvimento futuro do Memorial e seus serviços.

## **1) Assunto:**

Vestibular:

O fato de haver várias solicitações relacionadas ao vestibular indica que os estudantes veem a instituição como uma fonte confiável de material de estudo. A demanda contínua por materiais de vestibular também sugere que os recursos fornecidos são atualizados e relevantes para os padrões atuais dos exames. É possível que a instituição tenha uma reputação bem estabelecida em ajudar os estudantes a se preparar para os exames, o que é um testemunho da qualidade do material e dos serviços oferecidos.

Não justificou:

A alta incidência de *e-mails* sem justificativa clara do assunto sugere uma de duas coisas: ou os remetentes estão tão confiantes na capacidade de a instituição entender e atender às suas necessidades que sentem que uma explicação detalhada é desnecessária, ou há uma falta de comunicação clara sobre como os pedidos devem ser formatados. Se for o último caso, talvez a instituição possa considerar fornecer diretrizes claras sobre como os *e-mails* devem ser enviados.

Pesquisa:

A demanda constante por material de pesquisa, especialmente em áreas específicas como história, sugere que a instituição tem uma coleção rica e diversificada. A relevância e a atualização desta coleção são essenciais, sobretudo para pesquisadores que buscam informações precisas e confiáveis.

## **2) Áreas:**

História:

A proeminência de pedidos na área de História reflete o papel da instituição como uma autoridade ou referência nesta área específica, devido talvez a uma combinação entre coleção rica, expertise do pessoal e serviços oferecidos. A instituição deve continuar a investir e expandir nesta área, dada a demanda contínua.

Estudante Ensino Médio:

A instituição parece ser um ponto de recurso primário para estudantes do Ensino Médio, particularmente na preparação para exames. Isto é indicativo

da confiança que os estudantes e, possivelmente, os educadores depositam na instituição. Manter e aprimorar os recursos direcionados a este grupo demográfico pode ser benéfico.

Pesquisadores de diferentes áreas:

Embora a História seja o foco principal, a presença de pesquisadores de áreas tão diversas, como Química, Biologia e Matemática, mostra que a instituição não é unidimensional. Esta diversidade é um ativo valioso, pois destaca a capacidade da instituição de atender a uma variedade de necessidades acadêmicas e de pesquisa.

## CONCLUSÕES E IMPLICAÇÕES

A análise das comunicações endereçadas diretamente ao Memorial revela nuances interessantes sobre sua posição no panorama educacional e acadêmico. A frequente solicitação de materiais ligados ao vestibular sugere reconhecimento da atualidade e pertinência de seus recursos. Contudo, a presença substancial de *e-mails* sem justificativa clara pode ser interpretada de duas maneiras: ou reflete a confiança implícita no entendimento e na competência da instituição, ou aponta para uma possível lacuna na comunicação sobre como as solicitações devem ser articuladas.

A demanda constante por materiais de pesquisa, particularmente na área de História, evidencia a riqueza das fontes disponíveis. Apesar do destaque nessa área, a presença de solicitações de diversas outras áreas acadêmicas demonstra a abrangência e multidimensionalidade do Memorial, atestando sua capacidade de atender a um amplo espectro de necessidades de pesquisa no campo dos livros didáticos. Como sintetizam Ana Maria Camargo e Silvana Goulart (2015, p. 106):

O centro de memória, afinal, não tem demandas próprias, a não ser aquelas de natureza operacional, decorrentes de sua condição de instrumento administrativo ancorado no presente e lastreado em pesquisa retrospectiva. Isso significa que não é autor das perguntas que ajuda a responder, nem todas as respostas antecipadas às perguntas que lhe serão formuladas em um futuro próximo ou remoto. Significa também que, funcionando como um duplo da organização, em perfeita sincronia com o ritmo de desenvolvimento das atividades que lhe são específicas, é capaz de ecoar e acompanhar seu contínuo desenvolvimento – o que só se faz, naturalmente, à custa de contínuo processo investigativo.

Um dos destaques das autoras é a necessidade de evolução e adaptação contínua dos centros de pesquisa, pois, para manter-se relevante e atualizado, deve haver um “contínuo processo investigativo”, sugerindo que, apesar de sua natureza reativa, o centro de memória precisa estar constantemente engajado em esforços de pesquisa e atualização.

O Memorial do PNLD se estabelece como um repositório essencial para o estudo e a compreensão das políticas brasileiras de livro didático desde 1985. Seu acervo apresenta uma grande diversidade, composto não só por publicações de todas as disciplinas comuns à Educação Básica brasileira, mas também por uma gama de documentos significativos para a história do livro didático brasileira. Isso inclui os editais do PNLD do período de 2006 a 2020, coleções aprovadas de 1997 a 2018, guias de livros didáticos digitalizados de 2005 a 2018, além de uma seção dedicada a trabalhos acadêmicos – teses, dissertações e monografias – que investigam a trajetória e a influência dos livros didáticos na educação brasileira.

A extensão do acervo do Memorial do PNLD é ainda mais enriquecida pela presença de documentos adicionais, que vão além do convencional. Isso inclui registros detalhados dos processos editoriais, avaliações críticas dos livros didáticos feitas por universidades e uma variedade de recursos audiovisuais que podem ser acessados *on-line*.

Estes materiais complementam as informações disponíveis, fornecendo camadas adicionais de contexto e análise para aqueles que se aprofundam no estudo dos livros didáticos no Brasil. A diversidade de formatos, sejam eles textuais, digitais, físicos ou audiovisuais, sublinha a riqueza e a profundidade do Memorial e sua importância como repositório de livros didáticos brasileiros.

A análise dos *e-mails* recebidos pelo Memorial revela seu impacto e importância para a comunidade acadêmica e de pesquisa. A variedade de consultas e solicitações reflete o quão instrumental o Memorial tem sido na contribuição para a produção do conhecimento sobre os livros didáticos no Brasil através do PNLD. Embora a predominância da área de História seja notável, o alcance interdisciplinar do Memorial é evidenciado pelos diversos pesquisadores/as de várias áreas que o consultaram.

O que ainda chama a atenção é que, apesar da vastidão de pesquisas já conduzidas com base em seu acervo, o Memorial ainda oferece terreno fértil para novas investigações. Há inúmeras oportunidades para delinear novos indicadores de pesquisa, especialmente em áreas ainda não tão sondadas. As áreas jurídicas e técnicas, por exemplo, relacionadas aos documentos das editoras e seus

processos, são ricas em potencial e podem ser abordadas sob diferentes perspectivas e níveis de profundidade, como o caso da pesquisadora Giovana Romano Sanchez, da Universidade do Texas, e sua pesquisa sobre motivações estruturais para a reprodução de uma narrativa tradicional branca e masculina nos livros didáticos de história do Brasil.

Em última análise, o Memorial do PNLD não é apenas um repositório de documentos, é um testemunho da evolução educacional da política de livros didáticos brasileiros a partir de 1985; seu valor transcende sua coleção física, servindo como uma ponte entre o passado educacional do Brasil e seu futuro promissor, incentivando novas investigações e descobertas no processo.

## **VOZES DA JORNADA – DADOS HISTÓRICOS DO MEMORIAL**

“Vozes da Jornada” é uma seção dedicada às entrevistas com as pessoas por trás da criação e manutenção do Memorial do PNLD. Por meio de conversas com colaboradores e participantes, capturamos as histórias, os desafios e os avanços que permearam a criação do Memorial. Suas vozes deram profundidade aos bastidores do projeto e mostram a dedicação que os acompanhou.

As entrevistas foram realizadas nos meses de julho e agosto de 2023 e oferecem uma valiosa contribuição para a compreensão e desenvolvimento do Memorial do PNLD. Por meio dessas conversas com as pessoas envolvidas de diferentes maneiras nesse projeto, foi possível traçar como as experiências e conhecimentos enriqueceram a concepção e construção desse Memorial.

As narrativas compartilhadas por João Mauricio Gomes Neto, Mônica Marques Carvalho Galotti, Jandson Bernardo Soares, Wesley Garcia Ribeiro Silva, Margarida Maria Dias de Oliveira e pela ex-coordenadora geral de materiais didáticos revelam a diversidade de perspectivas e habilidades envolvidas na criação do Memorial. Desde os primeiros passos na arquivologia até a gestão de um acervo digital relacionado ao PNLD, esses relatos demonstram como a colaboração de profissionais de diferentes áreas foi fundamental para o sucesso do projeto.

Além disso, as entrevistas oferecem importantes contribuições para futuros pesquisadores e pesquisadoras sobre a importância do PNLD e da avaliação dos livros didáticos no contexto educacional brasileiro. A trajetória acadêmica e profissional dos entrevistados também evidencia como suas experiências anteriores se conectaram de maneira significativa com o trabalho no PNLD, enriquecendo o entendimento sobre a preservação documental e a gestão de acervos históricos.

Portanto, as contribuições das entrevistas aqui apresentadas desempenharam um papel crucial no desenvolvimento do Memorial do PNLD, ao oferecerem uma perspectiva multifacetada e um acervo de experiências valiosas que enriqueceram o projeto e contribuíram para uma compreensão mais profunda de sua importância.

## **ENTREVISTAS<sup>4</sup>**

### **ENTREVISTA I**

Realizada em 6 de julho de 2023, esta entrevista explora a criação do Memorial do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e a contribuição significativa da “Ex-Coordenadora Geral de Materiais Didáticos”. Conduzida por Edilson Aparecido Chaves, como parte de seu projeto de pós-doutorado em História na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, destacam-se a importância da avaliação de livros didáticos, iniciada em 1985, e os esforços para preservar a memória educacional do Brasil.

“Ex-coordenadora geral de materiais didáticos”. (Depoimento, 2023). Curitiba – Google Meet. Entrevistador: Edilson Aparecido Chaves. Projeto de Pós-Doutorado em História - O Memorial do Programa Nacional do Livro Didático: história, organização, preservação e acessibilidade de acervos. Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Natal. Entrevista concedida em 06 julho de 2023. Curitiba, PR. 2023. 34:35 min. 13 p.

Curitiba, Paraná, 06 de julho de 2023

Tipo de entrevista: Temática.

Entrevistador: Edilson Aparecido Chaves.

Gravação via meet:

Local: Curitiba, Paraná e Brasília, Distrito Federal – Brasil.

Data: 06 de julho de 2023.

Duração: 46:26.

Arquivo digital –

---

<sup>4</sup> Todas as entrevistas foram realizadas no contexto dos estudos de estágio pós-doutoral à Linha de Pesquisa Espaços de Memória, Cultura Material & Usos Públicos do Passado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a supervisão da Professora Dra. Margarida Maria Dias de Oliveira.

A entrevista trata exclusivamente da criação do Memorial do PNLD e da trajetória de uma funcionária do MEC dentro desse processo, abordando a importância do PNLD e a avaliação dos livros, sistematizados a partir de 1985, como parte de um esforço para melhorar a qualidade dos livros didáticos brasileiros.

A entrevista aborda brevemente um incêndio ocorrido no Ministério da Educação, que levou à necessidade de separar e avaliar os livros afetados e, posteriormente, à criação de um espaço adequado à preservação e manutenção dos livros. A entrevistada lembra que os livros eram mantidos fisicamente e não havia nada ainda em formato digital. Fornece informações sobre o contexto e as razões para a criação do Memorial do PNLD, destacando os desafios enfrentados na gestão do acervo do PNLD e a necessidade de preservar a memória do processo de avaliação de livros didáticos no Brasil.

Destacam-se duas partes significativas da entrevista. Na primeira, a entrevistada compartilha suas experiências sobre o processo de avaliação de livros didáticos, revelando a complexidade e a importância desse programa educacional que desempenha um papel fundamental na seleção de materiais didáticos utilizados nas escolas de todo o país. Na segunda parte, ela discute a criação do Memorial do PNLD, evidenciando o valor desse acervo digital que preserva a memória do referido programa, permitindo que pesquisadores e interessados tenham acesso a informações importantes sobre a história e a evolução do PNLD.

A entrevista oferece uma visão sobre o trabalho árduo e a dedicação dos envolvidos na avaliação de livros didáticos, bem como a importância de documentar a história do programa para fins acadêmicos e de pesquisa.

#### Temas de destaque na entrevista:

Avaliação de livros didáticos; destaca a importância da avaliação rigorosa dos livros didáticos, com ênfase na necessidade de garantir que esses materiais atendam a critérios de qualidade; desafios da avaliação; abordados os desafios enfrentados pela equipe do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) ao avaliar os livros didáticos, incluindo a identificação e correção de erros, preconceitos e imprecisões nos materiais; relevância do PNLD; enfatiza a importância do PNLD na seleção e distribuição de materiais didáticos para escolas em todo o Brasil, destacando seu papel fundamental na promoção de uma educação de qualidade; criação do Memorial do PNLD; destaca a criação do Memorial do PNLD como um esfor-



ção para preservar a história do programa; acesso a pesquisadores; o tema de tornar o acervo do Memorial acessível a pesquisadores e interessados é enfatizado como uma maneira de fornecer um recurso valioso para estudos acadêmicos; significado cultural e educacional; ressalta o significado cultural e educacional do PNLD e a importância de documentar sua trajetória para informar futuras pesquisas, políticas educacionais e abordagens pedagógicas.

Em resumo, a entrevista abrange os desafios enfrentados no processo de avaliação de livros didáticos, bem como a criação do Memorial como um marco importante na preservação da história do PNLD e sua influência na educação brasileira.

Transcrição: entrevista com a “Ex-coordenadora geral de Materiais Didáticos”

[00:00:02] **Edilson** – Pronto, começando. Tudo bem, *Coordenadora Geral de Materiais Didáticos*? Como vai?

[00:00:05] “Ex-coordenadora geral de Materiais Didáticos” – Tudo bem, boa noite.

[00:00:07] **Edilson** – Boa noite, tudo tranquilo. Obrigado pela possibilidade da entrevista. “Ex-coordenadora geral de Materiais Didáticos”, eu tenho aqui algumas questões para te dizer e aí você vai me dizendo da possibilidade ou não de publicar essa entrevista, está bem?

[00:00:27] “Ex-coordenadora geral de Materiais Didáticos” – Ok.

[00:00:28] **Edilson** - Então, eu vou começar. Hoje é dia 6 de julho, eu estou falando de Curitiba. Você está em Brasília, não é?

*Coordenadora Geral de Materiais Didáticos* – Sim

**Edilson** – 6 de julho de 2023. A entrevista<sup>5</sup> trata exclusivamente sobre a criação do Memorial do PNLD e a sua trajetória dentro desse processo. Então, *ex-Coor-*

---

<sup>5</sup> Especificações técnicas mencionadas no início da entrevista: trata-se de um arquivo digital a entrevista é realizada no contexto dos estudos de estágio pós-doutoral a linha de pesquisa, espaço de memória cultura material e usos públicos do passado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. A minha supervisora é a professora doutora Margarida Maria Dias de Oliveira o título do meu trabalho é Memorial do Programa Nacional do Livro Didático História, Organização, Preservação e Acessibilidade de Acervos. E esse trabalho visa, a partir das entrevistas cedidas por vocês participantes, a construção de um banco de entrevistas sobre as fases 1 e fase 2 da criação do memorial a fase 1 foi de 1985 a 2010 a fase 2, de 2011 a 2018 dos livros que foram enviados lá para o memorial.

*denadora Geral de Materiais Didáticos*, eu queria iniciar perguntando para você, você depois autoriza a publicação de sua entrevista dentro do trabalho?

[00:02:15] “Ex-coordenadora geral de Materiais Didáticos” – Então, eu autorizo **desde que eu não seja** identificada nominalmente.

[00:02:19] **Edilson** – Certo. Como é que você gostaria que ficasse a identificação?

[00:02:23] “Ex-coordenadora geral de Materiais Didáticos” – Você pode identificar pelo cargo, da época, enfim.

[00:02:27] **Edilson** – Ah, perfeito, perfeito. Tranquilo. Então, isso será registrado. Então, vamos lá. “Ex-coordenadora geral de Materiais Didáticos”, eu fiz aqui algumas questões que têm relação direta com os *e-mails* aos quais tive acesso da professora Margarida, era um *e-mail* exclusivo que vocês enquanto estavam no MEC enviavam para ela e ela enviava para vocês, então, é um *e-mail* exclusivo do PNLD, está bem? Então, a partir de lá, eu criei um pequeno roteiro com algumas questões que são importantes para entender o processo. Para começar, eu queria que você me dissesse o seu nome completo e fizesse um relato da sua trajetória profissional dentro do Ministério da Educação e, depois, me dissesse em que momento dessa trajetória você se deparou com os livros didáticos?

[00:03:19] – **Sou** “Ex-coordenadora geral de Materiais Didáticos” e ingressei no MEC em 1995 por concurso público e, imediatamente, eu já fui lotada na Secretaria de Educação Fundamental na coordenação que, logo, já começaria a trabalhar com o PNLD, com a avaliação do livro didático. Então, eu trabalhei na primeira avaliação do livro didático que deu origem ao guia de 1996.

[00:03:52] **Edilson** – Exato.

[00:03:54] “Ex-coordenadora geral de Materiais Didáticos” – E trabalhei até o ano de 2012 no PNLD. O último PNLD que eu participei, se não me engano, foi o PNLD do edital de 2014. Foi o último PNLD que eu acho, que eu me lembro que eu trabalhei. Porque o PNLD, a gente sempre faz o edital com muita antecedência, por causa da logística, de avaliação, de compra, entrega do livro. Então, eu trabalhei, se não me engano, até o edital, na confecção do edital de 2014. Então, não sei, 17 anos, eu acho.

[00:04:36] **Edilson** – É tempo.

[00:04:38] “Ex-coordenadora geral de Materiais Didáticos” – No PNLD, acho que foi isso, 17.

[00:04:42] **Edilson** – Então, o momento que você vai se deparar com os livros didáticos coincide quase com a sua entrada, não é?

[00:04:52] “Ex-coordenadora geral de Materiais Didáticos” – Já. Porque eu entrei no PNLD, estava ocorrendo mudança de governo em 1995, e começou a se pensar na questão da avaliação do livro didático. Já tinha sido feita antes pela FAE, era feita pela FAE antes, aí, naquele momento, a SEF começou a coordenar a avaliação do livro didático, e eu já participei desde esse primeiro ano.

[00:05:19] **Edilson** – Perfeito. E você poderia falar um pouco sobre a importância do PNLD, já que você se depara logo com praticamente o primeiro edital do PNLD, não que ele não existisse antes, existia já o livro didático...

[00:05:34] “Ex-coordenadora geral de Materiais Didáticos” – Isso, já existia a FAE, tinha já o trabalho da FAE...

[00:05:37] **Edilson** – Mas ele não tinha sido ainda realizado da forma que você já indicou, uma avaliação mais, vamos dizer assim, sistematizada, não é?

[00:05:48] “Ex-coordenadora geral de Materiais Didáticos” – Exatamente. A FAE tinha feito antes também um processo de avaliação, se não me engano, um ou dois, antes desse período que estou citando. Mas, naquele momento, é o momento da avaliação. A avaliação ganha muito espaço na educação brasileira a partir de 1995. Então, a gente tem várias iniciativas de avaliação. Outros programas de avaliação começam nessa mesma época, não é? A gente até costuma chamar do Estado Avaliador, a implementação do Estado Avaliador, porque a gente começa a ter avaliação de aprendizagem, avaliação de tudo, e o material didático, no caso, o livro didático, também começa a fazer parte desse trabalho. Com o intuito de quê? Sempre a questão da melhoria da qualidade da educação. O livro didático como um instrumento que deveria ter qualidade, não conter erros, preconceitos, enfim, todos aqueles critérios que têm lá no edital, e que

chegasse esse livro de qualidade na mão do professor e do aluno. Então, esse era o objetivo da política, não é?

[00:07:01] **Edilson** – E de lá para cá, melhorou muito, não é? Porque a gente é exemplo modelo para praticamente o mundo todo quando se fala de livro didático, não é?

[00:07:11] “Ex-coordenadora geral de Materiais Didáticos” – Sim... É, o Guia, você já deve ter visto o primeiro Guia, como é que ele era, bem pequenininho. Eram poucos livros, depois a coisa foi tomando uma proporção, um tamanho gigantesco. E até que eu também trabalhei no primeiro edital do Ensino Médio, no Ensino Médio, quando a gente fez não o primeiro, que foi só português e matemática, mas já o segundo, acho que era o segundo ou o terceiro, quando já eram todas as disciplinas do Ensino Médio. Então, eu também participei desse processo.

[00:07:45] **Edilson** – E foi um momento interessante, porque ali, de fato, universalizou, não é? Porque antes era só o fundamental.

[00:07:50] “Ex-coordenadora geral de Materiais Didáticos” – Isso, fundamental, aí o Médio começou com duas disciplinas, que era livro de português e de matemática, e até que, enfim, a gente conseguiu fazer com que todo o Ensino Médio tivesse livro avaliado. Então, também foi uma conquista bastante expressiva, uma realidade.

[00:08:06] **Edilson** – E continua até hoje, não é?

[00:08:07] “Ex-coordenadora geral de Materiais Didáticos” – É, até hoje.

[00:08:08] **Edilson** – Isso. Muito bem. Então, “Ex-coordenadora geral de Materiais Didáticos”, agora, eu queria que a gente entrasse um pouco nas questões relacionadas mesmo ao Memorial.

[00:08:17] “Ex-coordenadora geral de Materiais Didáticos” – Sim.

[00:08:18] **Edilson** – Porque, como eu disse logo no início da nossa entrevista, eu comecei a trabalhar também com o PNLD, sendo avaliador, e lá eu fiquei sabendo de um Memorial que estava sendo construído, enfim, ele es-

tava já no processo, naquela época, e eu fiquei muito interessado e acabei me debruçando sobre isso. Então, sobre o Memorial do PNLD, você poderia nos contar um pouco sobre o processo de criação do Memorial? Como foram as discussões, por exemplo, as decisões iniciais sobre a criação do Memorial?

[00:08:53] “Ex-coordenadora geral de Materiais Didáticos” – Então, o PNLD foi tomando um volume de obras avaliadas que a gente não tinha condição mais de manter dentro do prédio do Ministério da Educação. A coisa foi bem logística, no início a coisa era bem logística mesmo, porque a própria equipe manuseava aqueles livros, e cada vez mais o número de coleção crescendo e muitas obras e muitas disciplinas também, dependendo do PNLD, a gente tinha loucuras de caixas, caixas e mais caixas de livros que nós mesmos, os técnicos, manuseávamos. Então, no primeiro PNLD nós etiquetamos os livros, os livros chegaram, não tinha aquele trabalho do IPT que depois teve. Então, era uma coisa, o primeiro e o segundo foram aqueles trabalhos mesmo de logística, de manual mesmo, pegar, etiquetar e distribuir para as equipes. Então, depois o trabalho foi aprimorando, lógico, o IPT entrou e começou a ter toda uma outra fase, os livros já chegavam etiquetados, encaixotados, iam direto para as universidades, isso aí já era um luxo, no início não era assim. Então, esse volume de obras foi, de certa forma, crescendo exponencialmente e não se tinha mais espaço dentro daquele espaço que nós tínhamos lá. A possibilidade de você manter o acervo, guardar esse acervo, guardar no sentido de conservar o acervo e de disponibilizar para quem tivesse interesse de conhecê-lo. Então, esses três motivos é que levaram a se pensar numa alternativa de se ter esses livros de forma... Porque eles ficavam encaixotados, ficavam em estantes. Então, isso, em um determinado período, não teria mais acesso. E tinha a questão, você poderia digitalizar, disponibilizar, enfim. Então, tudo isso foi pensado quando surgiu a ideia de ter um espaço, que depois virou um Memorial. Mas a ideia inicial era vamos ter um trabalho que consiga conservar essas obras do ponto de vista mesmo da memória do processo de avaliação do PNLD. Então, tinha muita essa preocupação.

[00:11:22] **Edilson** – Tem um certo momento, que em um dos *e-mails* você cita que houve também um incêndio no Ministério da Educação. Esses livros chegavam para vocês das editoras no Ministério da Educação e onde eram guardados? Em que espaço?

[00:11:43] “Ex-coordenadora geral de Materiais Didáticos” – Nós guardávamos no próprio andar que ficávamos durante um período. Então, nós tínhamos uma sala, até que não se tornou mais viável manter aquilo dentro do prédio, pelo volume.

[00:11:56] **Edilson** – Pelo volume?

[00:11:58] “Ex-coordenadora geral de Materiais Didáticos” – Isso, então, em seguida, a gente conseguiu um espaço. E quando falo a gente...

[00:12:07] **Edilson** – Sim, uma equipe toda.

[00:12:08] “Ex-coordenadora geral de Materiais Didáticos” – Os dirigentes que estavam na época, no gabinete da SEB, da SEF, na época... Então, de ter um outro espaço, porque o prédio não tinha condição de guardar aquele volume no prédio, aí pensou-se em uma sala no depósito que o MEC tem. Não é no mesmo prédio, é um prédio que fica anexo, e esses livros foram guardados lá. Então, quando nós precisávamos manusear o livro, tínhamos que ir lá no depósito, os técnicos mesmo. Nós íamos, buscávamos os livros, tínhamos aquela sala fechada, organizada, as coleções eram montadas em caixas de arquivo. Então, a gente guardava tudo por disciplina, enfim, por edição, porque são muitas edições do PNLD. Então, a gente mesmo fazia esse tipo de organização.

[00:13:02] **Edilson** – Nossa, era um trabalho grande.

[00:13:04] “Ex-coordenadora geral de Materiais Didáticos” - Era um trabalho grande. Além do trabalho que a gente tinha de ler os pareceres, devolver para as universidades, confeccionar o guia, elaborar o guia, projeto gráfico de guia, fazer revisão de guia. Então, assim, nós tínhamos uma equipe, essa equipe não era muito grande cinco ou seis pessoas. Geralmente, a gente tinha uma equipe que era uma pessoa por disciplina, ou quando era do ensino médio até, com duas ou três disciplinas para cuidar. E não era o único trabalho que a coordenação tinha, porque a mesma coordenação cuidava do PNBE, o Programa Nacional Biblioteca da Escola, que também é um outro programa, também, muito grande.

[00:13:47] **Edilson** – Que agora foi anexado no PNLD, agora é uma coisa só.

[00:13:51] “Ex-coordenadora geral de Materiais Didáticos” – Sim, mas naquela época ele era separado. Então, a gente tinha muito trabalho nesse aspecto. Então, era uma preocupação, mesmo você manter o acervo do PNLD. Nós tínhamos essa preocupação, vamos manter esse acervo. Como é que a gente faz? Para conseguir manusear, conservar, manter a memória, disponibilizar. Então, assim, de vez em quando, a gente tinha os pedidos de historiadores, não, pesquisadores que queriam ter acesso a determinada obra, então eles entravam no processo. Quando era possível, a gente disponibilizava. Enfim, tinha toda essa questão.

[00:14:33] **Edilson** – E era tudo físico, não tinha nada ainda digital?

[00:14:36] “Ex-coordenadora geral de Materiais Didáticos” – Não, não.

[00:14:38] “Ex-coordenadora geral de Materiais Didáticos” – Não, era tudo físico, tudo físico, empoeirado, enfim, com todas as coisas que aconteciam.

[00:14:46] **Edilson** – E você tem alguma lembrança desse momento, desse ocorrido, desse incêndio? Porque acho que você no e-mail fala que foi em 2009 que ocorreu...

[00:14:55] “Ex-coordenadora geral de Materiais Didáticos” – Dentro do grupo antigo. Então, eu nem lembro que ano que foi, eu não lembrava. Até que eu perguntei para você, que ano que foi? Eu lembro que teve, teve sim, um incêndio. Se eu não me engano, foi num final de semana, se eu não estou enganada. Esse incêndio, eu não estive lá, porque me telefonaram e falaram, nem precisa vir, a gente já está cuidando, porque, assim, a administração do MEC estava cuidando, não precisa vir. A gente pegou depois do incêndio, foi tipo um rescaldo, porque a gente teve que separar as obras depois do incêndio.

[00:15:34] **Edilson** – Ah, entendi.

[00:15:36] “Ex-coordenadora geral de Materiais Didáticos” – Entendeu? Então, o trabalho da minha equipe, primeiro da minha equipe, era a gente retirar os livros de lá para colocar em outro lugar, trocar de caixa, ver o que ficou, o que não ficou, o que sobrou. Entendeu? Então, teve muito isso.

[00:15:51] **Edilson** – Certo. E você se lembra quais foram, agora, olhando para a construção do Memorial, porque você já disse agora há pouco, era uma preocupação mesmo que esses livros tivessem acessibilidade mais tarde, porque a ideia de criação é uma memória. Você se lembra como é que surgiu essa ideia dentro do Ministério da Educação?

[00:16:18] “Ex-coordenadora geral de Materiais Didáticos” – Então, o Memorial é de que ano?

[00:16:22] **Edilson** – O Memorial é de 2009, ano que começaram as discussões... provavelmente em 2008 começaram as primeiras discussões. Depois, 2010, ele já está organizado.

[00:16:33] “Ex-coordenadora geral de Materiais Didáticos” – 2010... 2004... Estou tentando lembrar quem era o gestor da época. Sei que isso já era uma preocupação nossa, era uma coisa que a gente tinha. Em algum momento, a gente começou a ter esse contato com o pessoal da Federal do Rio Grande do Norte, que não foi desde o início, lógico, o PNLD no início era feito de outra forma. Depois que as universidades entraram, a gente soube do trabalho especializado que a professora Margarida já fazia nessa área dos arquivos, do resgate histórico, da memória. Então, a gente soube disso. E aí ela apresentou um projeto e a administração achou por bem tocar aquele projeto de transformar num Memorial, porque o Ministério da Educação tinha que dar uma solução para a questão do acervo, que era crescente. O acervo era crescente. O espaço, não. Mas o acervo era crescente.

[00:17:45] **Edilson** – Certo.

[00:17:46] “Ex-coordenadora geral de Materiais Didáticos” – E nessa época você não tinha ainda essa questão do digital. Quando houve também esse incêndio e que algumas coleções ficaram bem... O PNLD nem tanto. O PNBE, se não estou enganada, a gente teve mais perda no PNBE, porque ficava tudo na mesma salinha.

[00:18:09] **Edilson** – Certo.

[00:18:10] “Ex-coordenadora geral de Materiais Didáticos” – E a gente tinha que dar uma solução. E o PNBE, por exemplo, já ficava num acervo igualzinho que a gente tinha no MEC, mas não é. Já ficava com a instituição que fazia a avaliação.



[00:18:24] **Edilson** – Entendi.

[00:18:26] “Ex-coordenadora geral de Materiais Didáticos” – E os livros também tinham caráter diferente. Livros menores, mais finos, dependendo do ano. Se era para criança pequena, se era para criança maior, enfim. Já tinha um acervo em outra instituição. Quando a gente tinha um acervo nosso, a instituição tinha o dele. Quando acabava, a instituição não precisava devolver. Então, a gente sabia que tinha um acervo completo lá também. E nós tínhamos um outro. E, no caso do PNLD, é isso. Então, a professora, a UFRN, trouxe esse projeto. O projeto foi analisado, foi aprovado. E aí teve a questão da própria administração, da SEB, o FNDE também envolvido. Então, assim, dos agentes que eu lembro, a diretoria, os secretários, tudo isso passa por decisão, que não é só da coordenação que trabalha, mas de toda a cadeia de tomada de decisão. E se considerou que era importante fazer isso. E tinha a questão de você ter essas obras digitalizadas, que, na época, eram uma inovação muito importante.

[00:19:39] **Edilson** – Exato.

[00:19:40] “Ex-coordenadora geral de Materiais Didáticos” – Porque o papel...

[00:19:41] **Edilson** – Eu percebo que vocês falam muito isso.

[00:19:44] “Ex-coordenadora geral de Materiais Didáticos” – É, porque o papel parece. E aí você teria uma oportunidade de ter uma mídia, você ter um outro... Como é que a gente usava a palavra? A gente tinha uma outra possibilidade de guardar esse material que não fosse físico. Então, isso foi muito importante na época.

[00:20:03] **Edilson** – Certo. Então, um dos motivos principais, como você já anunciou há pouco, é que vocês já tinham informações sobre o trabalho da professora Margarida, que ela já vinha desenvolvendo trabalhos dentro da arquivística, não é?

[00:20:16] “Ex-coordenadora geral de Materiais Didáticos” – Isso, isso mesmo. Então, isso foi um elemento que qualificou o processo. Você tem uma instituição que conhece o Programa e tem essa especialidade. Então, isso foi importante na época.

[00:20:30] **Edilson** – Certo. Perfeito, perfeito. E sobre o deslocamento? O deslocamento das obras de Brasília para o Rio Grande do Norte, você lembra alguma coisa sobre esse momento? Fico pensando na logística de mandar todo esse material para o Rio Grande do Norte.

[00:20:50] “Ex-coordenadora geral de Materiais Didáticos” – Eu não lembro. Sei que foi trabalhoso. Lembro de a gente ralar muito e organizar o material e tal, mas não lembro como foi feito. Não sei, não lembro mais. Não sei ao certo. Não lembro.

[00:21:04] **Edilson** – E os desafios? Você lembra de algum desafio que você tenha visto dentro do MEC nesse momento de fazer um Memorial? Porque é um outro trabalho, é um trabalho extra para vocês, mas agora vocês têm que dar conta de enviar todo esse material para o Rio Grande do Norte.

[00:21:29] “Ex-coordenadora geral de Materiais Didáticos” – Mas essa coisa de trabalhar os acervos já era uma coisa tão cotidiana nossa. Porque a gente trabalhava com várias instituições e a gente tinha que fazer isso com várias instituições.

[00:21:46] **Edilson** – Entendi.

[00:21:47] “Ex-coordenadora geral de Materiais Didáticos” – Então já era uma prática. A nossa equipe era uma equipe... Todos nós éramos técnicos de ensino superior, mas que, na hora de pegar no pesado, de pegar os livros, encaixotar, a gente fazia. Não tinha muito esse negócio de não vou fazer, não vou pegar. A equipe era muito coesa no sentido de temos que fazer, vamos fazer. Temos que tirar os livros lá do depósito que pegou fogo, vamos tirar. Então, era um trabalho mesmo que a gente fazia. E o manuseio dos livros era uma coisa muito natural. Então a gente vivia entre caixas lá na coordenação. Quando chegava na época do PNL, o IPT mandava os nossos, porque aí com o IPT já ficou mais fácil, já saía do IPT, ia direto para as instituições. Mas a gente recebia o nosso no MEC. E a gente tinha que dar um destino para ele. A gente manuseava muito os livros e tinha que, do mesmo jeito, para fazer as capas, naquela época, a gente tinha que mandar escanear as capas dos livros. Elas não vinham escaneadas das editoras. A gente tinha que mandar escanear para poder fazer o guia. Então o manuseio do livro era uma coisa muito normal na nossa prática lá na coordenação.

[00:22:59] **Edilson** – Ah, então começou o processo de digitalizar essas capas também. E qual era o objetivo de digitalizar essas capas?

[00:23:08] “Ex-coordenadora geral de Materiais Didáticos” – Colocar no guia do livro de edição.

[00:23:11] **Edilson** – Ah, para colocar no guia.

[00:23:14] “Ex-coordenadora geral de Materiais Didáticos” – É.

[00:23:15] **Edilson** – Nossa, quanto trabalho.

[00:23:18] “Ex-coordenadora geral de Materiais Didáticos” – Foram várias as etapas. Estou falando para você aí de quase 18 anos de PNLD. Então a gente teve todas as fases. A gente tinha que pegar livro por livro, mandar para quem estava fazendo o projeto gráfico, para digitalizar. Depois..., depois já pedia, já vinha o edital que tinha que entregar a capa digitalizada. Enfim, mas não foi sempre assim.

[00:23:41] **Edilson** – Certo. E você chegou a conhecer o Memorial? Você já foi conhecer?

[00:23:47] “Ex-coordenadora geral de Materiais Didáticos” – Não conheço o Memorial, só de nome. Não estive lá ainda.

[00:23:51] **Edilson** – É um trabalho belíssimo o que vocês fizeram. E o que você acha a da importância, da construção desse Memorial? Para você, que estava no MEC vendo o início do PNLD praticamente, porque você viu o início do PNLD, o nascimento do Programa Nacional do Livro Didático, como já dissemos, a história do livro didático no Brasil vem desde a década de 1930. Mas o PNLD, você viu o nascimento.

[00:24:20] “Ex-coordenadora geral de Materiais Didáticos” – É, a parte da avaliação do livro didático eu vi o nascimento.

[00:24:26] **Edilson** – E a importância da construção e da criação desse Memorial?

[00:24:30] “Ex-coordenadora geral de Materiais Didáticos” – Eu acho que a importância é a mesma de quando ele foi pensado. Entendeu? Que é disponibilizar para pesquisadores, disponibilizar para quem quer conhecer, ter a memória desse processo. Porque existe programa de livro didático no Brasil desde a década de 30, a avaliação mais ou menos da década, final da década de 80, aí tem 95, que eu acho que é o grande marco, 96, no formato atual. Então, eu acho que o Memorial contribui para contar essa história do PNLD. Contar essa história, que é uma história de sucesso da educação brasileira.

[00:25:15] **Edilson** – Exato.

[00:25:16] “Ex-coordenadora geral de Materiais Didáticos” – Então, assim, eu vejo nesse sentido. E que é possível, eu espero ir lá no Memorial. E com certeza vou encontrar algumas coisas com a minha letra lá ainda, deve ter.

[00:25:28] **Edilson** – Com certeza.

[00:25:30] “Ex-coordenadora geral de Materiais Didáticos” – Algumas etiquetas lá com a minha letra. Enfim, eu acho importante isso, você ter essa memória. Porque o receio da equipe e da gestão que estava na época é que não tivesse essa memória do Programa. É um Programa que nos orgulha, pela sua grandeza, pela sua importância. Porque é um Programa que você vê os resultados muito próximos, porque é o livro chegando na escola. E todo esse esforço que era feito pela equipe era de a gente ver o livro chegar na escola. Então, se a gente não avaliasse a tempo, se não avaliasse direito, se não entregasse o guia para o professor, se o guia não chegasse na escola, a gente não teria o livro no ano seguinte para o aluno. Então, a nossa preocupação era toda essa. Olha, vamos fazer um cronograma de trás para frente, de forma que no final do ano esse livro já possa começar. Então... era um trabalho muito grande porque não envolvia só as pessoas que faziam avaliação. Envolvia todas as instituições, as universidades, o FNDE com toda a parte logística. E a gente até na época ouvia falar que a operação de entrega do PNLD é uma operação de guerra, envolve barco, envolve caminhão, envolve isso, envolve aquilo. Então, o que a gente queria, no final das contas, é que esse livro chegasse. E em muitos momentos, até depois que o guia era feito, tinha todo o trabalho de ir aos estados, fazer seminários com as equipes da Secretaria de Educação para orientar como faz a

escolha, como orientar o professor na escola. Então, era um trabalho, sim, muito grande que a gente fazia. E é desde lá do manuseio do livro, internamente, até a chegada do livro na escola.

[00:27:31] **Edilson** – Até a recepção das crianças e tudo mais.

[00:27:33] “Ex-coordenadora geral de Materiais Didáticos” – É muito interessante.

[00:27:35] **Edilson** – E, como você disse, para além da ideia da construção de um Memorial, a memória do livro está lá, mas também serve hoje para as pesquisas acadêmicas, na área da educação.

[00:27:48] “Ex-coordenadora geral de Materiais Didáticos” – Exatamente, que era uma coisa também que as pessoas procuravam, pesquisadores, porque sabiam que o MEC tinha. Somente aqueles livros, alguns que já não estavam nem mais sendo editados, circulando. E a gente tinha aquelas coisas da década de 90, mas nem sempre a gente tinha a possibilidade de disponibilizar, por que onde você vai disponibilizar? Em que espaço você vai colocar para essa pessoa ter acesso? Enfim, não tinha essa condição.

[00:28:20] **Edilson** – Então, vocês recebiam também esses pedidos, mas eram livros físicos, então vocês não tinham essa condição, não é?

[00:28:25] “Ex-coordenadora geral de Materiais Didáticos” – É, mas quando era possível, a gente disponibilizava, mas quando não era...

[00:28:30] **Edilson** – Certo, eo Memorial caiu como uma luva, porque, a partir desse momento, começa a digitalizar tudo isso, e as pesquisas podem ser feitas online, não é?

[00:28:40] “Ex-coordenadora geral de Materiais Didáticos” – É, aí você tem um outro processo, uma outra era dentro dessa história, então é muito interessante. Agora, é um trabalho muito importante, muito importante. Eu não sei hoje dizer para você como anda o processo, o Memorial...

[00:28:59] **Edilson** – Isso que eu ia perguntar, e já entrando na nossa conclusão, eu ia te perguntar se você tem notícia de como está o Memorial hoje?

[00:29:07] “Ex-coordenadora geral de Materiais Didáticos” – Não! Eu saí do PNLD por livre e espontânea vontade em 2012. E aí eu fui trabalhar em outra área, continuo trabalhando no Ministério da Educação, numa outra área, e não acompanhei mais o PNLD. Não acompanhei. Não sei como está o Memorial, enfim, como a história se deu a partir da minha saída de lá. Não tenho conhecimento.

[00:29:37] **Edilson** – Isso que eu posso dizer com tranquilidade. Eu estive lá recentemente e é um trabalho extraordinário.

[00:29:45] “Ex-coordenadora geral de Materiais Didáticos” – Eu tenho que ir lá agora. Você estava me deixando curiosa.

[00:29:50] **Edilson** – É muito organizado, tem os bolsistas do curso de História trabalhando. Você encontra tudo o que precisa, sobretudo de onde partiu o Memorial. É muito bem-organizado, as pessoas têm acesso também online, têm pedidos do mundo inteiro, tem pedido do Japão, tem pedido dos Estados Unidos. Então, quer dizer, vocês conseguiram fazer algo extraordinário dentro do Brasil e a gente precisa divulgar isso.

[00:30:17] “Ex-coordenadora geral de Materiais Didáticos” – Que coisa boa! Que bom!

[00:30:20] **Edilson** – E para concluir, eu queria perguntar se você gostaria de acrescentar alguma coisa ao tema, se você se lembra de alguma coisa a mais, o que você gostaria de acrescentar a essa nossa discussão, já que estamos chegando no finalzinho dela.

[00:30:36] “Ex-coordenadora geral de Materiais Didáticos” – Ah, eu quero acrescentar que... O PNLD não é fácil. Trabalhar com o PNLD não é fácil.

[00:30:47] **Edilson** – Por que não é fácil?

[00:30:48] “Ex-coordenadora geral de Materiais Didáticos” – Porque é um Programa muito grande, a responsabilidade é muito grande. E os desafios são grandes, os questionamentos. Ah, tem um erro no livro tal, página tal. Então, você tinha que rapidamente dar uma resposta. Por isso que a gente precisava ter

todo acesso aos livros físicos. Ah, saiu num jornal tal que tem um livro com um erro na página tal, o mapa está errado, enfim, aquelas coisas que hoje a gente não ouve mais dizer, mas, assim, por muito tempo ainda tinha essas coisas que a gente tinha que rapidamente se manifestar enquanto Ministério responsável pela avaliação. Então, a gente precisava ter acesso ao livro. Isso era uma coisa que a gente fazia, tinha que escanear, tinha que tirar foto, fazer tudo. E esse processo era um processo muito difícil, era um processo bem doloroso, que a gente tinha que ter muito cuidado e muita responsabilidade. Mas, assim, o PNLD é um Programa de sucesso. Acho que ele merece todo o nosso respeito e todo o nosso apreço, sabe? Não é perfeito, lógico, pode melhorar, pode ampliar, mas, enfim, ele é um Programa que o Brasil pode se orgulhar, a população pode se orgulhar. Então, você vê, chega o livro na escola, o selo do PNLD, você sabe que é um livro que passou por uma avaliação criteriosa, uma avaliação de qualidade. Você não vai achar ali erros, você não vai achar preconceitos. Então, acho que é isso que valoriza o Programa. É lógico que tem toda uma questão, ah, é ideológico, não é ideológico, mas, enfim, o PNLD transcende essa discussão, na minha opinião.

[00:32:52] **Edilson** – Claro, então, quero agradecer muito, a sua participação, você é a primeira entrevistada minha, eu reservei exatamente esse primeiro momento para te entrevistar. Eu sei que você estava no processo de doutoramento, agora já defendeu a sua tese, parabéns. E eu fiquei aguardando, falei para mim mesmo... eu vou entrevistá-la primeiro, porque você aparece no primeiro e-mail.

[00:33:17] “Ex-coordenadora geral de Materiais Didáticos” – Ah, meu Deus!

[00:33:18] **Edilson** – Sim, no primeiro e-mail que foi trocado entre a professora Margarida e o MEC...

[00:33:22] “Ex-coordenadora geral de Materiais Didáticos” – Eu nem tenho mais os *e-mails*.

[00:33:24] **Edilson** – Ah, eu tenho aqui, eu tenho todos.

[00:33:27] “Ex-coordenadora geral de Materiais Didáticos” – Eu não tenho mais nada disso.

[00:33:29] **Edilson** – Então, você aparece ali, já discutindo com a professora Margarida a criação desse Memorial. Então, você é a pessoa que, com ela, dá o pontapé inicial, por isso eu falei, vou entrevistá-la primeiro, porque são as perguntas de origem. Então, quero agradecer muito a sua disponibilidade de ter vindo aqui nesse horário, agora são 19h45, e dizer que é uma pesquisa que provavelmente a gente quer publicar, publicizar também isso, uma pesquisa pública, e depois eu mando para você, depois que estiver tudo escrito, eu mando para você dar uma boa olhada, está bem?

[00:34:07] “Ex-coordenadora geral de Materiais Didáticos” – Tá certo. Desejo sucesso aí no seu trabalho, um abraço grande na Margarida, faz muito tempo que eu não encontro a Margarida. Passou o aniversário dela aí, recente, porque eu sei que ela faz aniversário em junho.

[00:34:22] **Edilson** – Certo.

[00:34:23] “Ex-coordenadora geral de Materiais Didáticos” – Manda um abraço para ela, e desejo sucesso na sua pesquisa, e que venham muitas coisas boas dela, para a gente conhecer mais o PNLD e o Memorial.

[00:34:35] **Edilson** – Sem dúvida! Muito obrigado. Então, eu vou cessar agora a gravação, vou parar a gravação.

[FIM DO DEPOIMENTO]

## ENTREVISTA II

SOARES, Jandson Bernardo. (Depoimento, 2023). Google Meet. Entrevistador: Edilson Aparecido Chaves. Projeto de Pós-Doutorado em História – O Memorial do Programa Nacional do Livro Didático: história, organização, preservação e acessibilidade de acervos. Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Natal. Entrevista concedida em 19 de julho de 2023. Curitiba, PR. 2023. 46:46 min. 13 p.

Título: O Memorial do Programa Nacional do Livro Didático: história, organização, preservação e acessibilidade de acervos.



Nesta entrevista, Jandson Bernardo Soares compartilha detalhes sobre sua participação na criação do memorial do PNLD. Descreve como ele e uma equipe de alunos de História e Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte organizaram e triaram uma grande quantidade de material advindo do Ministério da Educação, além de relatar seu envolvimento nas fases iniciais da construção do memorial. Destaca sua atuação em trabalhos de assessoria e como esse projeto influenciou sua formação acadêmica. A entrevista menciona duas fases distintas na criação do Memorial do PNLD, detalhando o período de cada uma delas. No final, Jandson menciona sua dissertação e tese construídas ao longo de seu vínculo acadêmico com a Universidade, relacionadas aos livros didáticos.

A partir do minuto 12, Jandson descreve sua experiência de trabalho no Memorial do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Ele menciona como a professora Margarida, que é da área de ensino de História, incentivou os estudantes a explorar os livros didáticos e sua importância como objeto de pesquisa. Aponta como o contato com o material do PNLD o levou a superar uma visão superficial do assunto e começar a explorar questões como o mercado editorial e a dinâmica de construção dos materiais didáticos.

Ele também destaca que, no início, o processo de trabalho no Memorial era mecânico, com os estudantes aprendendo a desmontar, higienizar e digitalizar os materiais, e, ao longo dos trabalhos, eles tiveram que lidar com desafios, como identificar a importância de cada documento e estabelecer critérios de catalogação, uma tarefa que também envolveu o apoio da equipe de biblioteconomia.

Jandson menciona a evolução do Memorial, que começou como um centro de documentação e se transformou em um espaço de memória, com a criação de exposições e a produção de conteúdo informativo sobre o PNLD. Ele também salienta a importância de manter o memorial como um arquivo conjunto de todas as áreas do PNLD, não apenas de História, para facilitar a pesquisa interdisciplinar.

Ao final, Jandson compartilha sua visão sobre o impacto do Memorial, incluindo a redução do tempo necessário para os pesquisadores acessarem os materiais, a promoção de trabalhos interdisciplinares e a importância de construir memórias comunitárias e individuais. Enfatiza como essa experiência contribuiu para sua formação política e o incentivou a buscar um envolvimento mais amplo na produção de cultura.

Além disso, menciona que ele e seu colega Wendell de Oliveira Souza escreveram o primeiro texto relacionado ao Memorial, que se tornou uma referência importante para quem pesquisa sobre o assunto.

## Temas de destaque na entrevista:

Origens e criação do Memorial: criação do Memorial do PNLD, incluindo a motivação, as pessoas envolvidas e o processo de estabelecimento do arquivo; Acesso aos materiais do PNLD: aborda como os materiais do Programa Nacional do Livro Didático foram acessados e incorporados ao acervo do Memorial, incluindo os desafios práticos enfrentados; Participação de estudantes: destaca o papel dos estudantes na construção do arquivo e sua contribuição para o projeto; digitalização e preservação: explora o processo de digitalização e preservação dos materiais do PNLD, abordando questões de armazenamento e mídias utilizadas; evolução do Memorial do PNLD ao longo do tempo, incluindo sua mudança de localização, a luta pela valorização do acervo e sua transformação em um espaço de memória; destaca a importância da interdisciplinaridade, mostrando que o acervo não se limita à área de História, mas abrange todas as disciplinas da Educação Básica; Impacto e relevância do acervo: discute como o Memorial do PNLD tem um impacto significativo na pesquisa sobre educação no Brasil e na formação política dos envolvidos; Aprendizagens: compartilha que adquiriu novos conhecimentos durante seu envolvimento no projeto, como a organização de acervos, o entendimento das políticas públicas e o valor da memória e identidade comunitária.

Transcrição: entrevista com Jandson Bernardo Soares

[00:00:01] **Edilson** – Começamos, então. Tudo bem, Jandson?

Jandson – Tudo bem, professor Edilson!

**Edilson** – Eu agradeço, desde já, a sua participação. Agradecer também a sua colaboração, quando eu estive aí em Natal, indicando pessoas para eu conversar. [...]

Então, Jandson, eu queria dizer que na medida que eu fui lendo os *e-mails*, (a professora Margarida abriu os *e-mails* dela para eu ler sobre o PNLD). E na medida que eu fui lendo os *e-mails*, eu fui vendo que você teve uma participação muito forte dentro da criação e da construção do memorial do PNLD aí em Natal. Então, esse convite que eu fiz para você participar aqui é exatamente para dizer que a sua participação vai me trazer outros elementos que eu não consegui localizar nos textos. Então, de antemão, agradeço.

Eu quero te perguntar se eu posso, depois, na publicação, publicar seu nome, publicar a sua participação aqui, se você autoriza.

**Jandson** – Com certeza, eu autorizo sim, professor Edilson.

**Edilson** – Ótimo!

Então, vamos lá. Eu fiz aqui algumas questões, algumas perguntas e, claro, você fica à vontade, à medida que você for achando – ah, isso aqui eu não lembro, então, não tem problema. É mais uma forma de a gente se guiar, mas, se for aparecendo outras coisas, pode ficar à vontade.

Jandson – Tudo bem.

**Edilson** – Então, Jandson, eu queria que você começasse, se fosse possível, fazendo um relato da sua trajetória como aluno do curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, inicialmente, um aluno do curso de História, e, depois, que você me dissesse em que momento da sua trajetória você entrou no projeto de criação do memorial do PNLD.

[00:02:20] Jandson – Bom, eu entrei na graduação, acredito que foi em 2008, não vou lembrar, assim, ao certo, mas acredito, sim, que foi em 2008. Durante dois anos eu fiz a graduação, cumprindo as disciplinas, coisas e tal, e, no meio do caminho, eu me vi, me deparei com a necessidade de ter que trabalhar para poder me manter na universidade, né? Eu acabei entrando num trabalho que era um trabalho de telemarketing, mas que com um mês, um mês e meio, isso meio que já tinha destruído a minha sanidade mental e eu começava a pensar em abandonar a universidade por uma questão de não ter como permanecer financeiramente, né? E foi aí que eu tive a ideia de mandar um e-mail para a professora Margarida, informando como eu me sentia, ela era a minha coordenadora acadêmica, na época, coordenadora acadêmica da minha turma, e, aí, eu decidi passar essa mensagem para ela, falando, relatando como eu me sentia e, no final, que eu não teria como permanecer na universidade se eu não tivesse acesso a um programa de permanência que me garantisse algum tipo de renda. E, na época, eu mandei esse e-mail numa semana, acredito que na mesma semana, ela me respondeu e me convidou para uma reunião para conversar, falando que o projeto do memorial não era nem, não tinha nem falado ao certo que era o projeto do memorial, mas tinha dito que havia uma oportunidade de bolsas que iria aparecer e que isso ia demorar cerca de seis meses, né? E que eu fosse para casa, perguntou se eu queria, né? Então, vamos dizer, assim, que isso foi numa, sei lá, acho que foi numa quinta que a gente conversou, ou numa quarta, quando foi na sexta-feira, não,

era próximo ao fim de semana, ela me ligou e disse, me ligou, já era um pouco tarde da noite, me informando que aquelas bolsas que ela tinha falado tinham sido aprovadas. E que eu comparecesse para a gente conversar na universidade. E aí, quando eu cheguei lá, ela me disse que, enfim, eu teria acesso a uma bolsa que, na época, eu trabalharia quatro horas e ganharia mais do que eu ganhava como funcionário do call-center trabalhando oito, na verdade, seis horas. Então, assim, eu fiquei bastante empolgado e, até então, não sabia que isso era o memorial. Ela só disse que eu tinha que ir para um lugar que era o Crutac, que ficou também conhecido como Casa Amarela. Não, na verdade, o Crutac, depois o memorial se muda para um lugar chamado Casa Amarela, é isso. Então, o Crutac era o lugar onde, primeiro, recebeu esse material. E, chegando lá, eu me deparei com várias caixas, eu não sabia ao certo o que estava acontecendo ali, só chegavam mais caixas e mais caixas, e aí era o início do memorial do PNL D.

**Edilson** – Que ano que foi?

Jadson – Eu acho que isso foi 2010. Foi uns dois anos depois que eu iniciei a graduação, mas essa questão das datas a gente pode tentar recuperar depois.

[00:05:23] **Edilson** – Tranquilo. Então o que era o Crutac? [Centro Rural Universitário de Treinamento e Ação Comunitária]. Aparece bastante nos *e-mails* pessoais da professora Margarida.

[00:05:30] Jandson – O Crutac, basicamente, era o centro de referências, agora não vou lembrar, mas é um projeto que foi lançado, se não me engano, nos anos 60 ou 80, e a gente ficou lá porque, no final, era um prédio que tinha uma sala disponível da universidade que dava para a gente guardar esse acervo, que eram as caixas, e também tinha uma sala em que a gente poderia montar computadores e ter algum tipo de infraestrutura para poder trabalhar.

[00:06:00] **Edilson** – Casa Amarela é a forma carinhosa com que vocês chamavam, era isso?

[00:06:04] Jandson – Não, a Casa Amarela foi depois. O memorial primeiro ficou no Crutac, depois ele foi deslocado para a universidade, e aí depois uma parte dele foi levada, quando teve uma continuidade, o material já não foi mais

para o Crutac, foi para a Casa Amarela, que é onde eles continuariam o programa de triagem, organização, digitalização do acervo. É de uma outra leva. Nessa segunda leva, eu só participei fazendo as mudanças, porque a professora Margarida sempre chamava essas atividades como coletivas, a gente entendia como elas eram necessárias para a gente, porque, no final, elas tinham ajudado a gente a chegar em outros espaços, em outros lugares, então a gente sempre se dispôs a continuar ajudando, mesmo quando não éramos mais vinculados oficialmente ao programa. [00:06:51] **Edilson** – Certo. Então, você entra em 2010, você fica quanto tempo lá, Jandson?

[00:06:58] Jandson – Ah, basicamente, eu acho que eu trabalhei no memorial uns dois anos ou um ano e meio, porque depois eu fui absorvido pela avaliação do PNLD, então eu passei a fazer só um pouco de assessoria para o memorial. Eu lembro que muitas demandas que eu respondi foram nessa época também que eu era secretário do PNLD, por que o que é que acontecia? Como não tinha muitas atividades do secretariado sempre, quando aparecia uma demanda, essa demanda também era uma demanda que era entendida como nossa.

[00:07:29] **Edilson** – E o que é essa secretaria do PNLD que você fazia, exatamente?

[00:07:32] Jandson – A secretaria do PNLD, basicamente, era a secretaria das avaliações, então a gente era responsável por organizar os materiais que vinham, organizar os materiais que seriam disponibilizados para os avaliadores, a gente também trabalhava com o agendamento das passagens aéreas, dos traslados, da reserva do hotel, tanto das salas que a gente trabalharia quanto dos quartos que os professores ocupariam, então basicamente essa sala de atividades do memorial, em algum momento ela foi partilhada também com esses processos da avaliação, porque eles foram acontecendo assim meio que quase que simultaneamente.

[00:08:18] **Edilson** – Certo, então foi no período que a professora Margarida coordenou o PNLD?

[00:08:25] Jandson – Exato!

[00:08:25] **Edilson** – Isso, entendi. Então você, em alguns momentos, também auxiliava nessa coordenação do PNLD, não é?

[00:08:36] Jandson – Exato, e como a gente também conhecia o memorial, professor Edilson, quando não havia uma pessoa que fosse responsável por ele, a gente basicamente se voluntariava também para receber os pesquisadores, para digitalizar material, algumas vezes a gente fazia assessoria, então sei lá, a pessoa está distante, não pode vir a Natal, eu enviava algumas coisas para ele via *e-mail*, coisa e tal, mas aí tem algum trabalho de digitalização de um outro material que não fazia necessariamente parte do acervo, então a gente ia meio que fazendo, tendo esses contatos assim também.

[00:09:10] **Edilson** – Certo. Jandson, e quando você trabalhou efetivamente no memorial, quais as funções que você exerceu lá?

[00:09:20] Jandson – Ah, inicialmente eu trabalhei...trabalhei em um primeiro momento na organização, que era abrir todas aquelas caixas, centenas de caixas para identificar o que é que tinha dentro, quais coleções eram, a que PNLD pertencia, então foi todo um processo primeiro de organização, tudo isso com espaço que era limitado, então veja, a gente precisaria de muito espaço para ter feito aquilo em menos tempo, mas como a gente não tinha tanto espaço, a gente tinha que ir abrindo, organizando e fazendo uma triagem do que era repetido, do que não era, justamente para poder ter controle do que a gente estava trabalhando. Isso não veio pronto, não veio uma caixa dizendo essa é coleção tal de tal PNLD, não, basicamente o MEC enviou uma “carrada” de coisa que eles tinham e quando chegou aqui, a gente inclusive montou um acervo que é um acervo de duplicatas, um acervo de material que pode ser acessado, que pode ser de outras maneiras inclusive.

[00:10:20] **Edilson** – E você estava sozinho ou tinha mais gente?

[00:10:24] Jandson – Não, a equipe foi composta por alunos do curso de História e alunos do curso de Biblioteconomia a princípio, então nós tínhamos pessoas desses dois setores, mas isso não dava para a gente uma diferenciação, porque no final nosso trabalho era o mesmo, era o trabalho de triagem, organização, para que pudesse haver as etapas seguintes que seriam a higienização e digitalização. Eu participei desses dois primeiros processos, o processo de organização e o processo de limpeza desses materiais, porque eles iam passar em um scanner de alta resolução, então eles tinham que passar sem nenhum tipo de poeira para não danificar os equipamentos, que é essa fase justamente que eu falei, a fase da

higienização, então eu trabalhei nessas duas. E trabalhei fazendo as assessorias também, como a gente estava falando, quando alguém precisava, trabalhei fazendo assessoria, tanto estando vinculado ao projeto, quanto em alguns momentos em que, como não havia um bolsista destinado, a professora Margarida precisava, a gente se disponibilizava para fazer esse tipo de ação, já que a gente já estava lá e conhecia esses assentos.

[00:11:39] **Edilson** – Certo, e você lembra das fases, eu vejo bastante nos *e-mails*, fase 1 e fase 2 da construção, da criação do Memorial do PNLDD, você lembra mais ou menos dessas fases?

[00:11:54] Jandson – Sim, salvo engano, professor Edilson, a primeira fase vai desde 1996 até 2013, posso estar enganado. A segunda fase seria o recebimento de uma segunda leva de materiais que vai daí para frente, 2013 para frente. Como eu falei da segunda fase, eu só participei fazendo esse trabalho quando precisou de mais mão de obra para a gente conseguir finalizar alguma etapa, então, teve momentos em que precisou fazer isso, então quando tinha os mutirões eu sempre aparecia justamente por isso, por entender que basicamente boa parte da minha formação e boa parte do que eu construí em termos materiais, estou falando mesmo do financeiro, foi enquanto estive vinculado a esse projeto e a esse programa e também a esse material, basta pensar que eu fiz uma dissertação, uma tese, uma monografia toda voltada para a questão dos livros didáticos.

[00:12:55] **Edilson** – Ah, então você depois entrou como estudante e foi absorvendo essa discussão dentro do memorial e chegou a construir monografia, dissertação e tese sobre esse material?

[00:13:10] Jandson – É interessante pensar como a professora Margarida, pertencendo à área do ensino de história e entendendo o valor e a riqueza desse material em termos de pesquisa, ela sempre criou iniciativas de discutir textos sobre os livros didáticos para impulsionar a gente a superar essa dimensão mais superficial, que é qual? – Primeiro, o nosso contato como estudante, então a gente foi estudante, a gente teve contato com o livro, então a gente tem um olhar de estudante, e a outra era de ser um material de característica qualquer, na verdade, depois que a gente começa a percebê-lo como objeto de estudo e de trabalho, essas perspectivas vão mudando, inclusive a gente supera a dimen-

são do conteúdo, supera a dimensão, passa a pensar questões, por exemplo, do mercado editorial, observa as dinâmicas de construção desse material, então a professora Margarida sempre se esforçou muito nesse sentido, mesmo que a gente fosse estudante jovem, mesmo que muitas vezes as pessoas não conseguissem se comprometer tanto, mas ela nunca desistiu de fazer o Memorial do PNLD um espaço formativo.

[00:14:24] **Edilson** – Certo, você falou que vocês eram muito jovens, você era muito jovem também na época, e você falou também que grupos de outras áreas, não eram da história, vieram, como os da biblioteconomia. Como é que vocês foram preparados para trabalhar dentro desse conjunto de documentos, enfim, dessas fontes, e que “coisas” vocês não conheciam?

[00:14:52] **Jandson** – É, isso é uma loucura, eu estou sorrindo porque eu fico pensando, assim, como é que a gente foi fazendo isso, teve um processo que foi muito tátil, no meu caso, veja, porque outras pessoas estavam lá, desenhando como seria a estrutura, quais eram as edições, o que é que tinha em cada edição, o pessoal da biblioteconomia estava trabalhando muito nessa dinâmica, ele debatendo e vendo os materiais junto com, é claro, junto com a professora Margarida também, acho que a professora envolvida era a professora Mônica Gallotti, então havia todo esse processo também de ir desenhando qual era a estrutura daquele acervo, que era uma coisa que eu não tinha dimensão, eu nunca tinha trabalhado no Memorial, eu nunca tinha compreendido como isso funcionaria, e aí eu estava ali muito no tato, sabe, naquela coisa de, então, o que eles diziam para me fazer, eu basicamente ia fazendo, e às vezes eu também não tinha essa dinâmica que eu tenho hoje de perguntar as coisas, de querer saber mais, de me interessar mais, não é? Na época eu era só um estudante pensando em, caramba, eu tenho que me manter na universidade, vou meter o gás nisso aqui, porque eu preciso muito dessa bolsa, eu preciso muito trabalhar com isso, porque é isso que me mantém na universidade, e eu nem, assim, eu nem observava, e isso é interessante também, que eu também não observava isso como, não achei que ia chegar uma hora que eu ia pesquisar livro didático, entende, e eu não diria nem que eu ia pesquisar política pública sobre livro didático, eu achei que eu ia ficar mais na ordem do material mesmo, né, eu acabei indo para essa outra dinâmica que é mais de background do processo.



[00:16:31] **Edilson** – Certo, então você falou que esse material chegava do MEC, e você ali naquele momento, precisando trabalhar, ficou dentro do projeto, e os arquivos foram, digo os materiais foram chegando, os livros físicos, foram se constituindo em arquivos. E os critérios que foram adotados para catalogar veio do grupo da biblioteconomia, isso?

[00:17:00] Jandson – Sim, mas também eles tinham a ver com a forma que a gente ia experienciando o material, então, por exemplo, a gente ia olhando, opa, [perai]..., esse aqui tem, essa coleção tem livro do aluno, livro do professor, então a gente já foi entendendo, tem essas duas coisas que tem aqui, ah, não, quais são os anos que tem? Ah, a gente vai ter uma edição que é do quinto, do sexto, do sétimo e do oitavo ano, ah, tem outra aqui, não..., que só tem dois anos iniciais, então a gente foi vendo, como a gente não tinha conhecimento, [a gente que eu falo]..., o pessoal que estava trabalhando, né, os estudantes que estavam fazendo isso, a gente não tinha necessariamente o conhecimento sobre essa estrutura do PNLD, a gente foi montando isso no processo, e também porque não dava tempo da gente se informar muito, como eu estou falando, as caixas vinham chegando, nós tínhamos um prazo estimado para concluir isso em um determinado tempo, agora eu também não vou saber quanto tempo era, mas enfim, tudo isso estava posto, então a gente foi Tateando, claro, tinha todo o princípio das questões voltadas para essa parte museológica também, para a parte do arquivo, para a parte da biblioteconomia, mas também eu começo a considerar que eram muitos estudantes se encontrando também nessas áreas que a gente estudava em termos práticos.

[00:18:24] **Edilson** – Entendi, então vocês foram tendo contato ali com coisas que naturalmente, no curso não teriam?

[00:18:31] Jandson – Sim, com certeza, com certeza, eu jamais saberia de coisas que eu sei hoje do PNLD só pela minha graduação, a gente sabia que o Estado dava os livros, era isso, e o professor escolhia, pronto.

[00:18:43] **Edilson** – Está certo.

[00:18:43] Jandson – E que tinha um catálogo que era o guia, show, era isso.

[00:18:49] **Edilson** – E você, Jandson, no projeto, aprendendo tudo isso, quais foram os desafios que você foi encontrando, e a equipe também de bolsistas, na construção de um arquivo sobre livros didáticos? O que você foi encontrando de desafio?

[00:19:07] Jandson – Eu acho que a primeira coisa que eu encontro como desafio é identificar que todo documento e todo material que vinha com aquilo era importante. Houve momentos em que eu não sabia o que fazer com alguns documentos que apareciam, e acabava por separar eles do arquivo em que eles estavam vinculados, então isso para mim foi ruim no começo, foi um desafio, então a gente precisou ter uma conversa com todo mundo, tipo...Gente, quando apareceu um material e coisa e tal, e esse material, mas em parte porque a gente não tinha como ter uma orientação o tempo todo. Eram vários projetos acontecendo ao mesmo tempo, e inicialmente a gente não teve um coordenador que fizesse esse trabalho, a gente tinha alguém que repassava as atividades e nós, responsabilmente, dávamos conta disso.

[00:20:06] **Edilson** – Certo. E tem um momento que você disse que as caixas iam chegando, vocês iam descarregando essas caixas, eram muitos livros, um volume muito grande, e esse material foi chegando, e você participou do processo de higienização, e também da digitalização. Como é que era isso? Higienizar e depois digitalizar, desmontar aquele material todo?

[00:20:34] Jandson – A gente tinha, primeiro a gente teve um curso básico de como desmontar e fazer a higienização, então isso era tranquilo. Eu não participei da fase...A própria professora Margarida, que já havia trabalhado em outros arquivos, trabalhava no arquivo da arquidiocese, com materiais, inclusive, mais... Como é que eu posso dizer? Mais frágeis. E na época também trabalhava, acho que começou a trabalhar nessa mesma época com o Memorial da Justiça daqui, do Ministério Público, então ela tinha...E ela já tinha trabalhado noutros projetos também, quando estudante, enfim. Então, ela tinha muita experiência e conhecimento nisso, então ela basicamente ensinou para a gente como seria esse processo, como aconteceria a digitalização, a higienização, como o material seria acondicionado, então tudo isso foi feito a partir dessa expertise que ela tinha. Eu não cheguei a participar da digitalização, a digitalização, inclusive, acontecia num outro prédio, que foi o prédio...Primeiro foi um prédio de arqueologia, que

é da universidade, que acho que até ela mostrou para o senhor quando a gente passou lá, o prédio hoje não é mais da arqueologia, mas, enfim, aquilo foi usado como um laboratório de digitalização, onde a gente tinha vários scanners que iam trabalhando, usando essas tecnologias para transformar todo aquele papel em arquivos digitais.

[00:22:08] **Edilson** – Certo. Então, todo aquele material foi transformado em digital, mas permaneceu o físico e o digital, não é?

[00:22:15] Jandson – Sim, exato. Físico...e a gente escolhe...ela, inclusive, escolheu uma mídia digital, que são os CDs que têm uma fita lá que usa ligas de ouro, por exemplo, para poder evitar o desgaste com o tempo, mas que, no geral, a tendência seria ser transformado em arquivo em HD (upload) em nuvem. Eu acho que esse é o futuro daquele material. Ou foi, ou já é o que aquele material é..., não tenho certeza hoje.

[00:22:45] **Edilson** – E você se lembra como era feito o armazenamento? Porque estava, primeiro, nessa casa que era Crutac.

[00:22:53] Jandson – Sim!

[00:22:54] **Edilson** – Depois foi lá para Casa Amarela, isso?

[00:22:56] Jandson – Não, foi para a Universidade.

[00:22:57] **Edilson** – Para a universidade?

[00:22:58] Jandson – E depois para a Casa Amarela.

[00:23:01] **Edilson** – Certo. E como foi parar onde está hoje? Porque hoje é um prédio exclusivo.

[00:23:08] Jandson – Exato. Isso foi parte de toda uma disputa da professora Margarida pela valorização desse acervo. A universidade recebe uma salvaguarda de um acervo altamente importante. Esse material não poderia ser acondicionado, escondido e guardado. Todos os pesquisadores, quando vinham pesquisar ou ter assessoria, falavam a mesma coisa que o senhor falou quando teve o encontro

com ele, de poxa, isso aqui é o mundo, aqui é a pesquisa que vocês deveriam estar fazendo. A Universidade devia ser um espaço de ponta de produção de discussão sobre o Programa Nacional do Livro Didático. Acaba também que a gente está discutindo. Temos, inclusive, as ferramentas para isso. Somos uma universidade que não deve nada aos grandes centros. A gente poderia se enquadrar nessas discussões, mas acaba que também não há uma valorização do próprio departamento em relação a esse material, aquilo ali foi um processo de disputa. Acho que até pouco tempo, até uns quatro anos atrás, não havia um espaço físico que o pesquisador pudesse vir, ter contato. Ele viria e teria contato, mas seria muito mais difícil. Inclusive, o fato de montar aquelas estantes rolantes naquela sala. Havia toda a ideia de que tinha que ser colocado num lugar em que as pessoas pudessem ter acesso.

[00:24:38] **Edilson** – Certo. [Inaudível]

[00:24:44] Jandson – Professor Edilson, deixa só eu complementar isso. É interessante pensar como o memorial nasce, com esse nome de memorial, por muito tempo ele foi um centro de documentação por não efetivamente construir ações de um espaço de memória. Então, havia sempre um esforço, houve sempre um esforço, desde que ele foi constituído, de transformá-lo de espaço, espaço de guarda de documentação, em espaço de memória. Inclusive, construindo exposições, fazendo divulgação, produzindo, sei lá, vídeos informativos, sendo usado para produzir uma memória, também entrevistando os ex-membros que participaram dessas produções. Então, houve toda uma tentativa, não diria houve, houve toda uma tentativa de consolidar esse espaço como um espaço de memória e de conhecimento e de saber sobre o que é o Programa Nacional do Livro Didático.

[00:25:52] **Edilson** – Boa. Uma coisa, eu só vou, um instantinho aqui, você me dá um instantinho para atender a porta? Estão batendo na minha porta, eu já venho. Se quiser pegar uma água, pode aproveitar.

[00:26:06] Jandson – Tá, tranquilo.

[00:30:21] **Edilson** – Vamos lá, Jandson. Desculpa.

**Jandson** – De nada. Eu estava aqui aproveitando para mastigar uma comidinha.

**Edilson** – Está certo. Então... vamos retomar. Estamos chegando quase no finalzinho.

[00:30:34] **Jandson** – Pode perguntar mais coisas. Você me ouviu?

[00:30:48] **Edilson** – Sim. Então, esse armazenamento que você disse foi criado tudo dentro de um espaço, que depois a professora Margarida conseguiu lá na universidade, a partir de questões políticas, que você já falou. E a gente estava falando das questões também para os pesquisadores. Você chegou a atender, Jandson, algum pesquisador ou pesquisadores que já ficaram sabendo desse memorial e que lá, nesse memorial, tinha parte da memória do PNLD?

**Jandson** – Sim. Basicamente, os pesquisadores

[00:31:29] **Jandson** – Que eu atendi, eles não tratavam sobre a questão da memória do PNLD. Eu posso dizer, assim, com alguma certeza, que o senhor é o primeiro que está trabalhando com essa questão. Eles procuravam a gente para ter acesso aos acervos do PNLD. Então, aos livros, às coleções, aos guias, porque, assim, o acervo não é composto só por livros, né? Você já viu lá, ele é composto por livros, são as coleções, pelos documentos avaliativos. Pelas dinâmicas de negociações também tem aqueles *e-mails* que o senhor conseguiu ter contato e, deixa eu ver, e pelas coisas que a gente produziu também. Então, tem os registros, as notícias, os jornais da universidade. Então, houve todo esse processo de salvaguarda também dessas outras, desses outros tipos de memória. Então, a procura deles sempre é pela coleção. Eu, basicamente, já atendi um pessoal de Sergipe. Atendi muita gente de Sergipe, na verdade, principalmente porque eram orientandos e orientandas do professor Itamar Freitas. Que acabavam tendo interesse pela dinâmica do livro didático e aí elas vieram pesquisar aqui. Mas atendi também já outras pesquisadoras, que agora eu não vou saber ao certo, não vou lembrar, mas todos eles sempre pediam coleções.

[00:32:55] **Edilson** – Certo, e como que é, para você, a existência desse arquivo que pode contribuir para o estudo e reflexão sobre a história da educação a partir do PNLD, ou outras áreas da educação no Brasil? O que que você pensa sobre isso?

[00:33:17] **Jandson** – O impacto, eu acho, professor Edilson, é porque ele, primeiro ele reduz uma dimensão que é do tempo, né? Então, os pesquisadores, ao

terem acesso ao acervo, eles não têm que sair buscando isso em vários lugares diferentes. E como o acervo acabou digitalizado, existe esse material. Eu acho também que existe uma perspectiva que é muito pouco trabalhada, que é uma dinâmica de trabalhos interdisciplinares. Em relação ao que é a educação escolar, que era possível ser feito num projeto conjunto, não é? Identificando o que é que esses livros chamam de história, o que é que esses livros chamam de português, o que esses livros chamam de geografia, para poder entender a dinâmica que isso guarda também com as ciências de referência. Então, você tem muito pouco disso, não é? E isso é potente, no sentido de pensar uma integração da própria universidade. A outra coisa é que isso também, esse memorial, ele também acaba incitando a necessidade de convidar as pessoas de outras áreas a construir suas memórias sobre as avaliações. Então, o que é, o que foi, como já se tentou fazer. O que foi a avaliação de história, o que foi a avaliação de língua portuguesa. Então, há uma necessidade da produção desse tipo de discussão que ainda não tem, mas que seria complementar ao que o acervo do PNLD, ele vem construindo ao longo desses anos.

[00:34:59] **Edilson** – Jandson, já que você falou nisso, é importante ressaltar, eu penso, que o memorial não é só da área da História. Essa é uma questão importante, porque, embora você fosse da área da história e a professora Margarida também, ela conseguiu fazer um memorial que não fosse só de livros de história, mas de todas as áreas do PNLD, não é? O que você poderia falar sobre isso?

[00:35:29] Jandson – Eu acho que esse ponto a gente meio que começa nessa resposta anterior que eu dei. Ter acesso a esse conjunto de materiais no mesmo espaço é também convidar esses pesquisadores a estarem juntos no mesmo espaço. E produzirem coisas a partir disso. O que faz o memorial ter essa dinâmica, ele poderia ter sido desmembrado. Houve debates no departamento de história de desmembramento desse memorial, mas que não foram atendidos. Que a professora Margarida sempre lutou pela necessidade de manter a dinâmica do conjunto, porque era o conjunto que falava sobre as avaliações, e que não caberia ao departamento de história, como responsável pela salvaguarda, é, ficar apenas com o de história. Inclusive, por quê? Porque esse é um acervo de referência que pode ser, a qualquer momento, ele pode ser consultado pelo Ministério da Educação, porque a gente basicamente guarda os materiais que eles têm, ou que eles tiveram, ou que eles detiveram a guarda por muito tempo.

Então, o próprio ministério pode solicitar o uso, não é? A busca por um material que está no memorial que ele financiou junto à Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

[00:36:52] **Edilson** – Certo. Jandson, eu queria já encaminhar para finalizar, mas eu queria saber de você se você tem alguma lembrança de alguma situação, o que te chamou atenção nesse tempo que você trabalhou no memorial, e depois, obviamente, você continua ainda com as pesquisas dentro do memorial, mas o que mais chamou atenção durante o período que você ficou trabalhando no projeto? O que você lembra? Alguma coisa que você se lembra?

[00:37:21] Jandson – Pronto, eu acho que o momento mais marcante foi aquele que eu comentei com o senhor quando você estava aqui, que foi da embaixada, acho que foi do Japão, que entrou em contato com a gente, para saber como é que os livros do Brasil chamavam o Mar da China? Eu acho que ali eu pude começar a ter uma ideia de como as imagens que esses materiais produzem, elas têm uma relevância para um cenário não apenas nacional, mas também internacional. E também eu acho que uma outra coisa, sabe, professor Edilson, foi compreender como esse material dialoga com a história do Brasil, com a história da política, com a história da educação, na verdade, com a relação entre a história política e a história da educação no Brasil. Você pensava, por exemplo, como houve após os anos 2000, toda uma iniciativa de aproximação a valores constitucionais a partir das avaliações que também se refletiam a partir dos materiais didáticos, não é? Então, eu acho que é isso que acabou me pegando..., assim, você entender o que me surpreendeu, de fato, como pesquisador, mas também como alguém que teve dentro desse memorial, não é? Acho que o memorial, ele construiu minha formação política nesses termos de compreender essa relação, porque no geral também não sabia o que era uma política pública, quando eu cheguei lá, eu não sabia qual era a função. Para mim, o Estado era só um elemento que organizava as finanças e não é só isso, é um espaço de disputa que atinge a população de uma outra forma.

[00:39:13] **Edilson** – Certo, perfeito. Então, para finalizar, Jandson, o que que você destacaria como principais aprendizados ou lições aprendidas durante a construção, a criação desse arquivo sobre o livro Didáticos?

[00:39:29] Jandson – Sim, eu posso dizer com clareza que primeiro eu aprendi a como organizar um acervo, a compreender como a estrutura, como a logística, como existe uma necessidade também pela busca por materiais que sejam adequados a esses processos. Então, por exemplo, o livro não podia passar em qualquer scanner, tinha coisa que não dava para ser de qualquer jeito, que era preciso toda uma especificação técnica isso exige uma série de outros profissionais que conhecem, que compreendem sobre o assunto, que funcionam como assessores mesmo nesses processos de construção. E eu acredito que uma outra coisa que eu consegui foi ultrapassar aquela dinâmica mais aparente do livro que eu falei aqui no começo, eu não achava nunca que eu ia me transformar em um pesquisador sobre, eu achava que ali eu estava me mantendo na universidade, na verdade, o que estava acontecendo estava dentro de um processo intenso de aprendizagem sobre o que era a memória do PNLD, mas também o que era o próprio programa, que depois me levou para as outras dinâmicas que vão mais além ainda do que era o próprio memorial, então, assim penso, você vivenciou o passado daquelas coisas que aconteceram, agora tu vai vivenciar o rolê acontecendo aqui e agora, né, então, eu digo, se o memorial começou o meu processo formativo em termos políticos, mas também nessas dinâmicas a participar das avaliações foi o adensamento dessas... dessas questões, não é?, então posso dizer certamente que foi sim uma escola que caminhou em paralelo com a minha formação como historiador, me deu uma outra perspectiva, inclusive, de trabalho. Hoje eu observo a sala de aula como uma possibilidade, sim, mas a sala de aula para mim já não é mais uma questão suficiente, então, já sou uma pessoa que gosta, que acha que tem que produzir cultura, que tá indo em outras direções da própria atuação do profissional de história, essa construção das memórias dos acervos, sejam esses acervos institucionais, oficiais do Estado ou sejam esses acervos, sei lá, da “galera” aqui da minha rua, então, entendo que essa questão da memória tem um peso muito forte na própria construção das identidades comunitárias e individuais que eu só consegui entender por causa da avaliação do PNLD, quando você começa a ver as pessoas, da avaliação e do memorial, quando você começa a ver as pessoas engajadas em torno de um mesmo elemento, que elas entendem a relevância, a importância, que elas se sentem pertencentes, que aquilo tá acontecendo ali, mas no final elas são parte do processo, então, basicamente, eu diria que é isso e toda a minha pesquisa que veio depois era uma tentativa, e eu sempre disse isso para todo mundo, né, de inventariar o que foi a memória das ações de vocês, né, então, quando eu cheguei e disse, olha, professor Edilson, tá aqui minha dissertação, veja minha dis-



sertação é, basicamente, a avaliação das coisas que a gente viveu lá naquele tempo e que vocês não conseguiam ver, porque vocês estavam dentro do processo e agora eu pude me distanciar um pouco mais e fazer uma outra coisa, então, sempre foi nesse sentido, a própria proposta de pesquisa do doutorado sai disso, um exemplo é quando as pessoas saem dizendo que os autores são pessoas muito ruins, muito más... e eu intervenho e digo, calma, não é desse jeito, são pessoas que estudaram nas universidades que vocês foram professores, aí quer dizer que eles saíram de lá e se tornaram mercenários que não estão preocupados com a educação, coisa e tal, então, foi um pouco também de ir na contramão de determinadas ideias que a gente via aparecendo, porque, na verdade, eram superficiais, as pessoas não têm obrigação em determinados momentos, quando elas não estão trabalhando, ou estão especializadas, de saber sobre, sobre esses movimentos, então, acho que eu pude fazer isso na pós-graduação, e eu acho que isso ajuda também as pessoas a entenderem o lugar em que elas estavam, e querendo ou não, é a constituição de um tipo de memória, não é? Que ficou ali registrada naqueles documentos.

[00:44:00] **Edilson** – Ótimo. Então, Jandson, eu quero agradecer, já finalizando a nossa conversa, agradecer muito a sua participação, a sua contribuição, e dizer que vocês fizeram um trabalho belíssimo no Memorial, a sua participação foi predominante, tanto é que você chegou, aonde chegou e se apropriou desse memorial para construir seus trabalhos de dissertação de mestrado e sua tese de doutorado.

[00:44:35] Jandson – Isso, eu queria até apontar uma coisa professor, basicamente, o primeiro texto que surge em relação ao memorial é da minha autoria, junto com outro membro que estava comigo em uma tentativa de dizer o que estávamos fazendo, o texto é meu e do Wendel Oliveira, mas era um texto que tinha essa intenção, de dizer, olha o que é que está sendo construído, quais são as fases, não sei se o senhor já teve acesso a esse material?

[00:45:08] **Edilson** – Já tive sim, inclusive foi um primeiro roteiro para eu começar também os meus trabalhos.

[00:45:16] Jandson – É, então, basicamente posso dizer com certeza que foi um texto, assim, seminal, no sentido de que era a primeira referência em relação ao memorial, está aqui, as pessoas tiveram que citar, porque no final era o único material que tinha disponível, para qualquer pessoa que fosse falar no memorial.

[00:45:32] **Edilson** – Perfeito. Então, muito obrigado, Jandson, pela sua contribuição. Aproveito para citar a referência da data que esqueci no início, hoje é dia 19 de julho de 2023. Então, agradeço novamente.

[00:45:56] Jandson – Tá, tudo bem. Eu que agradeço, professor Edilson, pela estima, mas também por estar fazendo parte desse processo, que vai levar também ao público um outro reconhecimento desse trabalho que a gente teve na construção desse memorial. Perfeito. E, quem sabe, isso sirva também para a gente conseguir mais contribuições para a própria iniciativa, que ela se torne mais conhecida.

[00:46:18] **Edilson** – Certo. Então, eu vou finalizar nossa gravação, vou parar nossa gravação agora.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

### ENTREVISTA III

GALLOTI, Mônica Marques Carvalho. (Depoimento, 2023). Curitiba – Google Meet. Entrevistador: Edilson Aparecido Chaves. Projeto de Pós-Doutorado em História – O Memorial do Programa Nacional do Livro Didático: história, organização, preservação e acessibilidade de acervos. Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Natal. Entrevista concedida em 20 julho de 2023. Curitiba, PR. 2023. 33:15 min. 9 p.

Supervisora: Professora Dra. Margarida Maria Dias de Oliveira.

Título: O Memorial do Programa Nacional do Livro Didático: história, organização, preservação e acessibilidade de acervos.

A entrevista discutiu inicialmente a trajetória profissional da professora, sua participação no projeto do Memorial do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e a organização da Biblioteca Digital relacionada a esse programa. Durante a conversa, a professora Mônica Galotti compartilhou sua formação e experiência na área de Biblioteconomia e Ciência da Informação, destacando seu

envolvimento na gestão do Núcleo de Documentação sobre a Seca (NUT-Seca) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Mônica descreveu como a parceria entre os departamentos de Ciência da Informação e de História da UFRN foi estabelecida para lidar com a digitalização e organização de livros didáticos físicos do PNLD. Ela explicou que, inicialmente, o projeto não era um Memorial, mas uma biblioteca digital abrangente que incluía todos os títulos de livros didáticos produzidos até aquele momento.

A entrevista também abordou detalhes sobre a digitalização dos livros didáticos, o treinamento dos estudantes, a organização do acervo físico e a classificação dos documentos digitalizados. Mônica mencionou a importância de desenvolver estratégias de arquitetura da informação para categorizar e organizar os documentos digitalizados.

Embora Mônica tenha compartilhado detalhes da sua participação no projeto do PNLD e na organização da Biblioteca Digital, ela indicou que, nos anos mais recentes, concentrou-se em outros projetos, como o NUT-Seca, e não tem acompanhado de perto as atualizações e inovações na área do Memorial do PNLD. Ela expressou interesse em ver a Biblioteca Digital do PNLD expandir para uma estrutura mais moderna e interativa.

Temas de destaque na entrevista:

Trajetória profissional; participação no Projeto PNLD; parceria entre os departamentos de Ciência da Informação e de História da UFRN; organização da Biblioteca Digital PNLD; treinamento de estudantes, organização do acervo físico e classificação dos documentos digitalizados; arquitetura da Informação; categorizar e organizar os documentos digitalizados; evolução do projeto; Biblioteca Digital do PNLD evoluir para uma estrutura mais moderna e interativa – estrutura 2.0; destaca a importância da preservação e disponibilização de informações para pesquisadores e interessados.

Transcrição: entrevista com Mônica Marques Carvalho Galloti

[00:00:01] **Edilson** – Olá, Mônica, bom dia, tudo bem?

[00:00:04] Mônica – Bom dia, tudo ótimo. Tudo tranquilo.

[00:00:07] **Edilson** – Quero agradecer que você tenha vindo aqui falar comigo, a sua contribuição para a minha pesquisa, uma pesquisa de pós-doutorado. E eu estive aí em Natal, e em conversa com a professora Margarida o seu nome apareceu várias vezes e nos *e-mails* dela. E então resolvi fazer esse convite a você e agradeço de ter aceitado.

[00:00:37] **Mônica** – É um prazer participar e poder contribuir da forma que eu posso.

[00:00:42] **Edilson** – Está bem, agradeço. Mônica, eu vou iniciar com algumas perguntas relacionadas com o meu trabalho no pós-doutorado que está sendo supervisionado pela professora Margarida que é a sua colega na Universidade Federal do Rio Grande do Norte<sup>6</sup>. Muito bem, Mônica, para começar a nossa conversa, eu gostaria que você fizesse um relato da sua trajetória como professora e pesquisadora, em que momento dessa trajetória profissional surgiu o interesse e a possibilidade de trabalhar com o livro didático do PNLD ou com o memorial?

[00:02:09] **Mônica** – Ok. Então, eu me chamo Mônica Galotti, a minha formação básica é na área da biblioteconomia, meu mestrado também é na área da ciência e da informação, e o meu doutorado é na área de informação e comunicação em plataformas digitais. Eu coordenava um núcleo de pesquisa chamado núcleo NUT-Seca, que é núcleo sobre seca e semiárido, um centro de documentação, na realidade. Ele recebe essa denominação porque ele não é nem biblioteca, nem arquivo, então ele recebe essa nomenclatura de centro de documentação. Então, ao longo da minha carreira docente, eu tenho sempre me voltado a projetos na área de gestão da informação, organização da informação, tratamento, recuperação da informação, que é um dos *métiers* do campo de estudos de bibliotecários. Ao gerenciar esse centro de documentação, surgiu a possibilidade de uma parceria com um laboratório de tecnologia e digitalização de documentos chamado LIBER, que é da UFPE. Então, em 2007, nós recebemos uma equipe desse laboratório que capacitou os nossos bolsistas, na época, do NUTSECA, na área de digitalização de documentos, tratamento da informação digital, difusão de informação em

---

<sup>6</sup> Questões técnicas presentes na entrevista: é uma entrevista realizada na vigência do pós-doutoramento realizado por mim, professor Edilson Chaves. Eu sou professor do Instituto Federal do Paraná, em Curitiba, no campus Curitiba, e estou sob supervisão da professora doutora Margarida Maria Dias de Oliveira, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. O título do meu trabalho é “Memorial do Programa Nacional do Livro Didático: História, Organização, Preservação e Acessibilidade de Acervos”. O trabalho tem como objetivo, a partir das entrevistas, construir parte da ideia da criação do memorial.

ambientes digitais, elaboração de bibliotecas digitais. Então, nós formamos um grupo cuja expertise se voltava para esses tipos de tratamento. A parceria com a professora Margarida Dias já vinha de outros projetos, eu e a professora Luciana Moreira, que também era uma das diretoras desse núcleo NUT-Seca, nós fazíamos projetos em conjunto. E a professora Margarida veio com esse intuito de fazer, não era ainda um memorial do PNL D, era um projeto de organização, tratamento da documentação do PNL D, livros didáticos físicos, com vistas a digitalizar esses livros e fazer, tornar esse livro, fazer uma biblioteca digital de livros didáticos. Essa biblioteca digital, uma biblioteca exaustiva, porque ela ia esgotar todos os títulos de livros didáticos produzidos até aquele momento. Então, fizemos um projeto colaborativo, eu, ela e a professora Luciana. No entanto, a professora Luciana saiu para doutorado e logo se desligou do projeto, e eu fiquei como esse aporte da área da ciência da informação para esse projeto. Nós conseguimos muitos bolsistas da área de história e da área de biblioteconomia, e nesse espaço do núcleo temático da SECA, nós montamos nosso QG, nosso quartel general, junto desses meninos, que conviveram cientificamente, trazendo as competências da história e os nossos meninos da biblioteconomia. Então, fizemos, os da biblioteconomia passarem seus conhecimentos para os de história e vice-versa. Então, tínhamos, por exemplo, os alunos de biblioteconomia fazendo a preservação do material, a limpeza, o acondicionamento, e alunos da história aprendendo a fazer a digitalização e a organização dos documentos. Então, foi um projeto muito frutífero, e o final desse projeto foi, naquela altura, a tecnologia melhor era em CD-ROM, né? Então, nós fizemos essa biblioteca digital em CD-ROM, e a professora Margarida foi entregar esse produto lá no Ministério da Educação, que naquele momento era comandado pelo professor Fernando Haddad, e ela, e assim, esse projeto meio que encerrou essa parte. Então, foi a semente para o Memorial futuro. Inicialmente, se pensou em alocar o Memorial nas dependências do NutSeca, mas não havia espaço físico nem tecnologia suficiente para atendimento desse público. Então, esse Memorial foi deslocado lá para o Departamento de História, que o abrigou. E nessa altura, assim, a minha participação meio que se encerrou nesse período, com a entrega de um relatório também pormenorizado, com as ações que foram feitas nesse período, e o projeto se encerrou ali para mim. No entanto, há muita cooperação técnica ainda entre o nosso departamento, o nosso curso e o curso de História, e fazemos projetos aqui e por lá, mas voltamos ainda nosso olhar para o Nut-seca, que agora envereda por umas temáticas no campo das humanidades digitais.

[00:07:51] **Edilson** – Certo. Duas coisas me chamaram a atenção, Mônica, você disse que não havia um projeto ainda inicial sobre o Memorial. Eu gostaria que você retomasse depois. Como é que posteriormente veio esse projeto do Memorial? Essa é a primeira questão. A segunda é como é que vocês prepararam os estudantes? Porque você vem da área da Biblioteconomia e a professora Margarida, da História.

[00:08:20] Mônica – Da Biblioteconomia.

[00:08:22] **Edilson** – E como é que vocês prepararam os estudantes para, por exemplo, higienização, arquivamento, digitalização, porque são coisas que estudantes, a princípio, não têm no seu cotidiano. Como é que foi isso?

[00:08:38] Mônica – Os nossos estudantes não tinham expertise na questão da preservação, higienização, acondicionamento de livros. Eles têm até uma disciplina dentro do curso, mas é uma optativa que nem sempre é oferecida. A gente contava com o Departamento de História para a oferta dessa disciplina. E, para o projeto, eu me recordo que a professora Margarida deu uma oficina, com um bolsista dela também, deram uma oficina para os alunos da biblioteconomia. E nós tínhamos quatro alunos da biblioteconomia que eram muito versados na questão da digitalização dos documentos, que não era um mero escaneamento de documentos, era uma digitalização com, por exemplo, reconhecimento óptico de caracteres, com a inclusão em uma base de dados para a futura recuperação do documento. Então, eles haviam tido esse treinamento com aquela equipe da UFPE que veio e deu um treinamento exaustivo. O nome do laboratório lá da UFPE chama-se LIBER. LIBER/UFPE. E eles, com o professor Marcos Galindo, vieram aqui, trouxeram dois professores de lá e deram treinamento para os nossos alunos. E os nossos alunos capacitaram os bolsistas de história para fazer a digitalização de documentos. E, em uma altura, tinha muitos bolsistas mesmo, coisa de 20, 30 bolsistas trabalhando em turnos alternados, inclusive aos sábados e domingos, para dar conta da digitalização dos livros didáticos.

[00:10:39] **Edilson** – Certo, então, era exaustivo, porque isso aparece também nos *e-mails*. Era muita gente. Na leitura dos *e-mails* não é possível perceber quantas pessoas tinham. Então, aparecem muitos, mas listados mesmo, acho que tinha uns 15. Mas, em alguns momentos, a gente vê que tinha mais de 20,

25, quase 30. Então, de fato, o que você está dizendo coincide com aquilo que eu também li. E o projeto do Memorial, Mônica, como é que apareceu?

[00:11:10] Mônica – A professora Margarida iniciou o projeto e nos procuraram. Eu creio que o projeto, inicialmente, seria um Memorial ou uma espécie de biblioteca de livros didáticos convencional. Esses livros didáticos, agora estou lembrando, físicos, estavam alocados em um prédio da UFRN, que era, que tinha outros propósitos lá, esse prédio.

[00:11:47] Edilson – CRUTAC?

[00:11:50] Mônica – Isso, isso. Não era no Campus Central, era no bairro adjacente ao Campus, tinha esse prédio, que eles cederam uma sala para os livros didáticos e esses livros didáticos foram alocados lá. A professora Margarida trouxe mesas higienizadoras e deu a oficina de higienização, preservação de documentos. Ela, salvo engano ou algum bolsista, não me recorde direito. Eles deram essas oficinas nesse prédio CRUTAC. Então, mas a parte de digitalização ficou centralizada no NUT-Seca e eles também, no projeto que eles elaboraram, eu acho que era para o MEC, o projeto foi para o MEC, e o MEC havia enviado recursos para compra de equipamentos, compra de computadores e esses computadores foram todos alocados dentro do NUT-Seca e se juntou aos nossos computadores e os bolsistas paravam, tinham vários turnos de bolsistas trabalhando nessa digitalização [...] e o trabalho foi sendo feito dessa forma até que conseguimos digitalizar toda a quantidade de livros didáticos físicos e transformá-los em documentos digitais.

[00:13:34] Edilson – E como é que foi esse processo de digitalização dos livros? Vocês digitalizavam os livros e os pareceres também, as fichas, porque tinha muita ficha, ou seja, vocês foram criando um acervo e esse acervo acabou sendo disponibilizado e está lá até hoje. Como é que foi esse processo?

[00:13:55] Mônica – Essa digitalização depois desse treinamento, os meninos começaram a digitalizar e armazenavam essas informações porque agora me foge a palavra técnica, é como um repositório digital. Nós, da Biblioteconomia, a gente aplicou estratégias que chamamos de arquitetura da informação e nós categorizamos, fizemos grandes classes e organizamos por tema e coleções esses

documentos digitais. Havia também uma preocupação da preservação digital desses documentos, então eles eram colocados na nuvem...eram colocados na nuvem e guardados aí em grandes... [...]. E eram guardados os documentos digitalmente, eram sempre feitos backups e a gente tinha essa preocupação de não perder. Depois de... Mas havia um tratamento de categorias e classes de documentos que a gente meio que adaptou algumas coisas da área da Biblioteconomia como catalogação, indexação e classificação, que são três formas de tratamento técnico. A catalogação trabalha com a identificação de elementos como título, autoria, data etc. A indexação trabalha com o tratamento temático do conteúdo, do documento, e a classificação. Porém, não é uma classificação mais organizacional, não é aquela classificação que se encontra em bibliotecas dentro com numeração de áreas do conhecimento, nada do gênero, não. É uma coisa mais simplificada. Para organizar esses documentos de uma ordem, uma ordem lógica dentro, para serem exportados para o CD-ROM. Não, não havia... Seria muito útil se houvesse um software de gestão de dados. Eu hoje, por exemplo não conceberia a existência dessa biblioteca digital sem um software de gestão de dados. Naquela época não tinha nem dinheiro, nem a tecnologia era robusta o suficiente para acondicionar esse acervo digital.

[00:16:36] **Edilson** – Certo. E você falou dessa arquitetura, me chamou a atenção. Sendo uma biblioteca, vocês iniciaram toda a construção dessa organização pensando numa biblioteca de livros didáticos. (**Mônica** – Isso). É uma biblioteca única, porque a gente desconhece biblioteca de livros didáticos, a não ser a que existe na Universidade de São Paulo, que foi organizado pela professora Circe Bittencourt, mas ela tem outra característica. Esse material era material único, porque era do PNLD. Como é que vocês pensaram isso?

[00:17:12] **Mônica** – É... Foi eu, na realidade que sugeri. Porque, na realidade, eu falei para a professora Margarida que não havia que digitalizar por digitalizar e colocar os links de acesso, não faria sentido. No meu entendimento deveria ter, no mínimo, alguma ordenação de categorias e tipologias documentais. E essas categorias seriam, basicamente, as áreas em que pertencem os livros didáticos, o ano e os pareceres, também divididos por ano e área. Então, foi uma organização mínima que foi estabelecido para que, quando essas informações fossem alocadas no CD, elas fizessem sentido. Entende? (**Edilson** – Entendi). Se houvesse a continuação do projeto, uma segunda edição do projeto, com a biblioteca digital



formada, teria sido muito interessante se esses documentos fossem para uma espécie de site, uma espécie de software, porque existe, na nossa área, software de gestão de documentos. Inclusive tem na própria da UFRN, ela tem uma tradição muito forte de software de gestão de informação. O próprio SIGAA, que é um software que é utilizado por algumas universidades federais no Brasil, alguns Institutos, eu acho que, não sei, eu não sei a capilaridade dele nos institutos federais, mas é um software de gestão acadêmica e gestão de informações, e já existe um software, um subproduto, desses SIGs que a gente chama, voltado a acervos históricos e memoriais. (**Edilson** – há é). É muito interessante e as instituições podem adquirir. Chama-se Sistema Acervos. (**Edilson** – Sistemas Acervos, bom saber). Já existe, inclusive, dissertações no meu programa que falam sobre esse, de ter uma pessoa do Museu Câmara Cascudo (**Edilson** – Certo). que fez um estudo de apropriação desse sistema. Então, essa foi uma organização mínima que foi pensada para ordenar as informações dentro do CD, para que não ficasse uma lista de links aleatórias.

[00:19:53] **Edilson** – Certo, Certo. Isso tudo dentro do que a gente chama de biblioteca digital. E o acervo físico que se criou a biblioteca do Memorial do Livro Didático no Centro de Ciências Humanas.

(**Mônica** – Foi) Letras e Artes da Federal do Rio Grande do Norte. (**Mônica** – Foi) Esse acervo físico você organizou no mesmo processo ou não?

[00:20:13] **Mônica** – Não. Eu acho, eu não me recordo cem por cento, porque depois eu também saí para doutorado, mas, salvo engano, alguns estagiários de biblioteconomia foram contratados para continuar na organização desse acervo físico. E depois eu não tive mais contato com o projeto.

[00:20:42] **Edilson** – Você lembra do período que você ficou no projeto?

[00:20:45] **Mônica** – Não. Agora, um documento muito importante que eu posso tentar resgatar foi um relatório que eu fiz, final, do PNLDD, desse projeto. Eu fiz um relatório, me lembro, bem extenso sobre as ações realizadas. Eu posso tentar conseguir esse relatório e te mandar ou mandar outros documentos que eu tenha também. Eu tenho fotografias.

[00:21:14] **Edilson** – Ah, se você puder, agradeço muito, porque esses documentos são muito importantes para entender outras coisas. As fotografias são de muita importância nesse caso.

[00:21:25] **Mônica** – Eu me lembro de fotografia das nossas alunas fazendo uma oficina de higienização. Eu me lembro do acervo físico nesse outro setor da universidade. Eu tenho, acho que, fotografia dos alunos digitalizando os documentos no NUT-Seca. Eu devo ter muita coisa.

[00:21:43] **Edilson** – Ah, se você puder, então, ceder, eu agradeço muito. Mônica, eu queria que você falasse um pouquinho mais, se possível, dessa parceria realizada entre o Departamento de Ciência e Informação e o Departamento de História. Como é que foi a execução disso? Você lembra?

[00:22:02] **Mônica** – Olha, eu fui procurada pela professora Margarida. Ela me convidou para fazer parte desse projeto que eles escreveram. Ela me pediu para escrever a parte relacionada à biblioteconomia, onde entrava a biblioteconomia, a questão do tratamento documental, da sugestão da biblioteca digital. E eu escrevi essa parte no projeto que ela submeteu diretamente ao MEC. E eu não sei como ela registrou essa parceria formalmente na UFRN. Creio que ela deva ter feito um projeto de extensão em que firmava institucionalmente a parceria entre os dois departamentos. (**Edilson** – Certo). Agora, assim, vale salientar que eu conheci a professora Margarida, porque nós havíamos trabalhado ainda na Paraíba no mesmo centro universitário, uma universidade particular. Antes de eu fazer concurso na UFRN, nós havíamos sido colegas de trabalho. Ela era professora do departamento de História, lá dessa faculdade particular, e eu era coordenadora do sistema de bibliotecas.

[00:23:37] **Edilson** – Ah, então vocês já se conheciam antes.

[00:23:39] **Mônica** – Nós já nos conhecíamos e éramos amigas também, pessoais e temos também muitos amigos em comum. Ela... Uma outra professora, minha colega de departamento, também era amiga dela, e ela, quando precisou da expertise de pessoas da área da biblioteconomia, ciência da informação, ela nos procurou para cooperar nesse projeto [...].

[00:24:19] **Edilson** – Certo. Eu me interessei pelo que você falou sobre essa formação desses estudantes, dos bolsistas principalmente, porque há muitos bolsistas. Pode contar um pouco mais sobre isso? Você lembra de alguma coisa, alguma especificidade, o que que te chamou a atenção?

[00:24:37] **Mônica** – É o seguinte, para que nós conseguíssemos bolsistas, nós conseguimos de duas formas. O NUT-Seca fez um projeto de extensão que se voltava à digitalização de documentos do próprio Núcleo da Seca. Esse Núcleo da Seca, é interessante ressaltar, que é esse centro de documentação que tem informações sobre seca e semiárido nordestino, e ele tem uma documentação extensa, grande, uma grande quantidade de documentos, talvez um dos maiores acervos do Brasil sobre seca, porque é um tema importante para essa região e para outras regiões também, porque, por exemplo, outras regiões do Brasil têm sido acometidas por esse fenômeno, um fenômeno exclusivo aqui. E o Núcleo da Seca tem sido um espaço, um lócus privilegiado de treinamento de nossos alunos, sobretudo nesse fluxo que a gente chama, é um ciclo documentário, desde a localização, organização, tratamento e difusão da informação em variadas plataformas. Então, os nossos alunos, nós conseguimos por meio de bolsas de extensão, com bolsas de extensão pagas pela própria UFRN, e bolsas que eram do próprio projeto. O projeto que ela escreveu submetido ao MEC, previa a contratação de estagiários. Então, os nossos estagiários residentes eram os que passavam as informações para os demais estagiários, e foram contratados muitos alunos de história e muitos alunos de biblioteconomia, que trabalharam nesse projeto, aprenderam muito, foi uma troca muito interessante, inclusive muitos destes até hoje estão empregados no mercado de trabalho por causa dessas competências que eles adquiriram nessa formação que eles tiveram nessas práticas que foram propiciadas por meio desse projeto.

[00:27:01] **Edilson** – Mônica, então, estamos nos encaminhando para nossa conclusão, como que você, com o Memorial do PNLD, com o Memorial do Programa Nacional do Livro Didático, agora contando com a Biblioteca Digital e também Banco de Dados, que você foi a, pode-se dizer, a primeira organizadora e, me parece, isso está lá até hoje, da mesma forma que você organizou. Você tem acompanhado as inovações na área dessa arquivística ou da preservação, acessibilidade, e você tem acompanhado um pouco o acervo do Memorial ao longo desse tempo ou não?

[00:27:37] Mônica – De vez em quando eu vejo alguma notícia ou converso com a professora Margarida para saber alguma atualização, mas confesso que eu me detive mais agora nos meus projetos do NUT-Seca. Eu sou hoje a vice-diretora, tem a professora Luciana Moreira, que é a atual diretora, e nós estamos lá empenhados na digitalização e implantação desse sistema acervos lá nessa unidade. Então, eu não tenho acompanhado com tanta frequência como andam aí as tratativas e a difusão dessas informações desse acervo. Seria até interessante formar futuras parcerias para repetir, por exemplo, a experiência ou, quem sabe, aplicar algum sistema de informação mais moderno para fazer a gestão desses documentos. Eu acho que seria muito interessante um projeto desse tipo.

[00:28:40] **Edilson** – É. Isso traria contribuições. O que eu tenho percebido, informando você algumas coisas que eu percebi quando eu estive aí em Natal e fora, é que tem muitos pesquisadores do mundo inteiro que têm acessado esse material. Então, quer dizer, é um dos poucos memoriais, se não o único no Brasil e talvez no mundo, que trate de um tema muito específico, que são os livros didáticos, não é? E, no caso do Brasil, um programa nacional, um programa de livros didáticos do governo brasileiro, mas que não existia até o momento, até 2010, quando é criado esse Memorial, não existia essa, vamos dizer, preocupação com a preservação.

[00:29:30] Mônica – Isso, isso.

[00:29:42] **Edilson** – Então, você veio com o seu conhecimento, juntado com a professora Margarida e vocês conseguiram fazer algo que a gente pode chamar de extraordinário dentro do processo de preservação, de documentação. Mônica, você gostaria de... você lembrou de alguma coisa? Gostaria de falar alguma coisa a mais desse seu trabalho?

[00:29:56] **Mônica** – Não, eu acho que eu recapitulei tudo, assim, até onde eu lembrei. Só dizer que foi realmente uma experiência excelente para mim, para os nossos bolsistas. Essa é uma parceria entre departamentos muito frutífera, em termos de produtos, em termos de conhecimento. E dizer que foi importante ter participado porque sabíamos naquela época que era muito importante organizar essa massa documental e, como você mesmo indicou, preservar e difundir as informações porque é um potencial de informações aí, como você disse, para

muitos pesquisadores importantíssimo. E o ideal seria ampliar ainda mais esse acesso, não é? Preservar desde o ponto de vista físico ao digital. Eu acho que... E agora eu acredito que o próximo passo seria realmente colocar essa biblioteca digital aí para uma estrutura 2.0. Mais robusta e mais interativa, que permitisse acesso às subcategorias existentes de pesquisa dentro dos livros didáticos.

[00:31:18] **Edilson** – Perfeito. Então, Mônica, a gente vai encerrando. Eu queria te perguntar, você autoriza a publicação dessa sua entrevista em todo ou em parte no meu trabalho?

[00:31:30] Mônica – Sim, na íntegra. E o que você precisar pode me perguntar novamente.

[00:31:45] **Edilson** – Está bem, eu agradeço. E aí vou ficar aguardando se você conseguir localizar esses documentos. Se você conseguir, ótimo. Para me mandar e depois a gente faz uma autorização para você assinar, para mostrar as fotos no trabalho. Eu acho que valeria muito a pena.

[00:31:52] Mônica – Está bem. Você, por favor, me encaminha o seu e-mail, que eu não sei se eu tenho.

[00:31:56] **Edilson** – Eu já passo para você.

[00:31:58] Mônica – Me passe aqui, que eu vou agora procurar o que eu tenho. Deve ter alguma caixa com vários documentos do PNLD.

[00:32:04] **Edilson** – Ok, eu vou colocar aqui já...

[00:32:18] Mônica – Certo, vou copiar aqui para colocar no outro documento. E aí eu envio para você o que eu tiver.

[00:32:30] **Edilson** – Perfeito. Então, Mônica, eu quero agradecer mais uma vez você ter vindo aqui participar desse momento. Eu sei que você está na correria também no dia a dia. Você também é professora e pesquisadora e disponibilizou esse tempinho para ficar aqui comigo para me ajudar nessa investigação. Agradeço muito a sua participação. Assim que tudo estiver pronto, eu vou enviar para você também

uma cópia para que você guardar. E agradeço. Quando vier para Curitiba ou quando você precisar de alguma coisa aqui do sul do Brasil, fique à vontade em me pedir.

[00:33:07] Mônica – Está ótimo. Eu que agradeço e estou à sua disposição.

[00:33:11] **Edilson** – Eu vou encerrar.

[00:33:12] Mônica – Bom trabalho.

[00:33:15] **Edilson** – Eu vou encerrar aqui a nossa gravação. Estou encerrando. Estou parando a gravação...

[FINAL DO DEPOIMENTO]

## ENTREVISTA IV

GOMES NETO, João Maurício. (Depoimento, 2023). Curitiba – Google Meet. Entrevistador: Edilson Aparecido Chaves. Projeto de Pós-Doutorado em História – O Memorial do Programa Nacional do Livro Didático: história, organização, preservação e acessibilidade de acervos. Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Natal. Entrevista concedida em 21 julho de 2023. Curitiba, PR. 2023. 46:26 min. 13 p.

Local: Curitiba, Paraná, Paraná e Rolim de Moura, Rondônia – Brasil.

Supervisora: Professora Dra. Margarida Maria Dias de Oliveira.

Título: O Memorial do Programa Nacional do Livro Didático: história, organização, preservação e acessibilidade de acervos.

Nesta entrevista com João Mauricio Gomes Neto, o entrevistado descreve como começou a se envolver no projeto do Memorial do PNLD com a professora Margarida, que inicialmente estava trabalhando em arquivologia e, como isso, levou-o a participar do projeto do Memorial do PNLD, e, posteriormente, seu papel como avaliador e como seu conhecimento sobre o livro didático e o projeto evoluiu.

João Mauricio descreve como acabou orientando estudantes no contato com a documentação e, depois, fazendo uma ligação entre o projeto e a academia, promovendo discussões acadêmicas sobre o acervo e o livro didático.

João destaca a importância de sua experiência em viagens de formação e intercâmbio acadêmico, como sua visita ao Museu Paulista, e como isso enriqueceu sua perspectiva. Ele também aponta para a necessidade de compartilhar conhecimento e formação com outros membros da comunidade acadêmica na UFRN.

A entrevista oferece uma visão detalhada de sua contribuição para o Memorial. Sua trajetória acadêmica e suas experiências como formador, avaliador de materiais didáticos e pesquisador ilustram a importância de investir na formação e na disseminação de conhecimento, bem como a necessidade contínua de tornar a história acessível a um público mais amplo.

Temas de destaque na entrevista:

Participação na criação do Memorial do livro didático: descreve seu envolvimento no Memorial, destacando sua contribuição e sua visão de como a instituição se desenvolveu; formação acadêmica e intercâmbio: aborda a importância da formação acadêmica, incluindo sua graduação e mestrado em História, bem como seu intercâmbio e experiência em viagens de formação; atividades de formação: descreve seu papel na formação de outros estudantes, destacando como ministrou cursos e oficinas relacionados ao Memorial e como isso contribuiu para seu crescimento na academia; avaliação de materiais didáticos: menciona seu envolvimento na avaliação de materiais didáticos no âmbito do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), aponta seu papel como avaliador e sua interação com outros pesquisadores; digitalização do acervo e acessibilidade; enfatiza a importância da digitalização do acervo do Memorial para tornar o conhecimento histórico acessível na era da internet.

Transcrição: entrevista com João Mauricio Gomes Neto

[00:00:01] Edilson – Olá, João, tudo bem? Boa tarde, para mim, aqui é boa tarde, para você, é boa noite?

[00:00:08] João – É, exato, boa noite.

[00:00:09] **Edilson** – Tudo bem, João? De antemão, eu quero agradecer sua participação e a sua possibilidade de você contar algumas coisas, a sua participação dentro do Memorial do PNL D. Então, eu sei que você acabou de sair de uma banca, que você estava em uma banca e ficou provavelmente a tarde toda, não é? E aqui, na verdade, é uma conversa que a gente vai ter, aquilo que você conseguiu ir lembrando, você vai contando, aquilo que você não lembrar, pode ficar tranquilo, está bem? Então, João, eu fiz aqui algumas questões que você pode tranquilamente extrapolar, se não lembrar, não tem problema, se lembrar de outras coisas, você pode ficar à vontade para interromper. Eu só preciso perguntar para você, João, da possibilidade de você liberar depois que esse depoimento seu apareça dentro da minha investigação, não é? Então, para você, tudo bem?

[00:01:16] João – Sim, tudo bem, Edilson. Eu agradeço o convite, totalmente autorizado, liberado o uso de imagem, texto, o que você precisar. Estou à disposição, espero poder contribuir com você e com a pesquisa.

[00:01:30] **Edilson** – Ótimo, agradeço muito. Hoje é dia 21 de julho de 2023, agora é 18 horas e 21 minutos, o João está falando de onde, João?

[00:01:47] João – De Rolim de Moura, interior de Rondônia.

[00:01:50] **Edilson** – Interior de Rondônia, eu estou falando de Curitiba. Então, João, sobre minha pesquisa... essa é uma entrevista que vai ser realizada na vigência do meu pós-doutoramento, que está sendo realizado por mim, junto com a professora Margarida, que é a minha supervisora, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. João, rapidamente para você, o título do meu trabalho, da minha investigação é o Memorial do Programa Nacional do Livro Didático, História, Organização, Preservação e Acessibilidade dos Acervos. Então, o trabalho quer trazer uma contribuição, a partir dessas entrevistas, para que outros pesquisadores e pesquisadoras possam depois levar adiante um pouco mais daquilo que eles forem encontrando para além daquilo que nós temos aqui hoje. Então, novamente, eu agradeço. Eu tenho aqui algumas questões, João. Para a gente começar a nossa conversa, você poderia fazer um relato da sua trajetória como aluno do curso de História, lá da Universidade Federal do Rio Grande do Norte? E em que momento, João, da sua trajetória, você entrou no projeto de criação do Memorial do PNL D? Então, o seu nome completo, por favor, e aí você pode fazer as suas considerações.



[00:03:15] João – Tranquilo. Edilson, eu entrei no curso de História em 2003. Então, estava ali no início dos anos 2000, entrando no curso. Eu sou da última turma do departamento de História que ainda tinha a formação conjugada. Nós saímos bacharéis e licenciados. Depois teve toda uma discussão que, na verdade, essa discussão ainda permanece, porque ela é muito do campo. A separação, e eu sou exatamente dessa turma que tinha as duas habilitações. E o meu, assim, a minha entrada no campo, na verdade, da extensão com a pesquisa, se deu muito, acho que, a partir do ano seguinte, 2004. Em 2003, foi mais aquele momento de chegada, de reconhecimento. Eu ainda trabalhava como *office bike* à época. Então, era um período bem sofrido, assim, de dureza mesmo, de fazer entrega durante o dia de bicicleta e à noite para ir para a instituição (Universidade). E aí foi quando a professora Margarida chegou no curso. Ela fez concurso em 2004. Ela começou com uma série de trabalhos no campo da arquivologia, da arquivística histórica. Ela trabalhava com memória e patrimônio, e com arquivologia, que era a área inicial do concurso dela. E aí ela começou a fazer mapeamento de instituições, de entidades, para organização de acervos. Estou te dizendo isso porque eu acho que isso vai desaguar, inclusive, na Constituição do Memorial mais à frente, que é também uma instituição de guarda, de coleção, pensando aí o material, a construção de acervos para pesquisa. Foi então que nós começamos a trabalhar em parceria. Ela me convidou, o primeiro trabalho que eu fiz, que ela me convidou foi para organizar o acervo do SINTE, o Sindicato dos Professores do Estado do Rio Grande do Norte. Aí eu tive uma primeira inserção no SINTE, depois nós fomos organizar o acervo da SEMURB, que era a Secretaria Municipal de Assuntos Urbanos da Prefeitura de Natal. Depois nós fomos para um trabalho, acho que no Ministério Público, organizar o Memorial do Ministério Público. Tivemos uma inserção ainda, mas acho que acabou não dando mais, no Ministério Público, tivemos outra instituição, não lembro se era o (Batalhão de Engenharia de Combate) – fizemos o Diagnóstico do acervo. E depois teve um trabalho que foi mais duradouro ainda, que terminou, acho que anos desses aí, bem atrás, que era o trabalho de organização do acervo da Arquidiocese de Natal. Trata-se de um acervo muito relevante para a trajetória, não só da igreja, mas de constituição e da atuação política da instituição no Rio Grande do Norte. E todas essas inserções, nós chegamos a um ponto em que, como eu já tinha uma experiência tanto na atuação quanto na discussão em relação a acervos, e em paralelo eu comecei a pesquisar patrimônio. Então, essas duas coisas foram

convergindo para uma área comum, tanto que o meu TCC pensou a constituição da ideia de patrimônio a partir daquela discussão que o Mário [Mario de Andrade], fazia lá em, acho que 1937, no pré-projeto que vai originar o SPHAN [Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN], à época. Então, isso foi confluindo, pensando também a ideia dos acervos documentais na interação entre, uma relação entre memória e patrimônio. Como é que isso também dialoga com a própria produção do conhecimento histórico. Nesse intervalo, em 2005, a UFRN começou a sediar as avaliações do PNLD. Foi então que nós começamos a, pela própria... o PNLD teve uma reestruturação pelos editais, pela constituição das equipes de avaliação, isso foi sendo alterado ano a ano, sendo aperfeiçoado, tentando dar conta das dimensões políticas que eram lançadas ao programa, o livro didático tem... eu aprendi naquele momento como ele era um objeto de disputas, de questões, e como ele continua. E aí nós começamos a montar um acervo quase que natural, porque nós recebíamos as coleções, e aí vinham as avaliações, o trabalho que os avaliadores faziam, a gente precisava, não tinha como descartá-lo, é um documento também da instituição e do próprio programa, e aí a Margarida fez essa relação pensando a atuação com o ensino também, porque a tese dela é nessa área, pensando no ensino de história, e aí como nós já estávamos dentro desse processo de organização de acervos, ela meio que teve um *insight* e fez a proposta para o MEC, eles tinham um acervo enorme, tanto das edições anteriores quanto dos processos que estavam em curso, e meio que esse material estava só que guardado, ele não tinha nenhuma função a não ser um caráter burocrático de receber esse material que as editoras mandavam, e etc., dentro dessa leitura mais no campo da administração pública. A gente recebe isso, aí tem que guardar em algum lugar, mas não tinha uma ideia de destinação e de compreensão do potencial desse material para pesquisa, inclusive nem eu tinha naquele momento, assim, eu estava, era um estudante de graduação que estava fazendo essa discussão no campo da memória e patrimônio, em interseção com a arquivologia, mas eu percebia, por exemplo, em didático até então, como um produto que seria utilizado por professores e professoras em sala de aula, mas não tinha despertado ainda que ele era um objeto que poderia, inclusive, compor um acervo, que tinha também a sua historicidade e que poderia e teria um papel fundamental, não só para a história, porque aí o acervo que foi montado é pensado o memorial para todas as áreas, então isso abre um leque de possibilidades de inserção enorme, e aí, assim, essa visão, essa percepção realmente foi muito da Margarida, e aí eu entrei nesse processo pela minha experiência nos arquivos, e aí

mais pensando a estruturação geral e coordenando as atividades com os demais bolsistas, porque teve todo o trabalho de higienização, depois de catalogação, de organização desse material, e aí, dada a minha experiência já com os assuntos de arquivologia, de organização de acervos, de montagem de memorial, de pensar, inclusive, a constituição de diagnósticos para saber como fazer, como é que a instituição poderia encaminhar essas ações, sempre orientado pela Margarida, então, assim, a gente já tinha um pouco de experiência na área, ainda que não tivesse a compreensão do que aquilo significava em termos de potencial. Então, como estudante, a minha leitura era essa, assim, ah, eu estou aqui, estou fazendo isso, e ela sempre dizia, olha, você não é um realizador de tarefas, tanto é que uma das questões que ela sempre reiterava era a importância de escrever sobre, de participar de eventos, de discutir, porque eu ainda tinha uma dimensão que eu estava lá organizando um acervo, mas que esse não era um trabalho, por exemplo, intelectual, que isso não tinha importância, inclusive, para a própria produção historiográfica, como aquilo impactava o campo. Ainda na graduação, eu tinha uma dimensão de que aquilo era um trabalho de organização e que era um trabalho técnico, que não deixa de ser, mas eu não tinha aquela leitura ainda, que eu vou ter muito depois de compreender o que aquilo significou em termos de atuação, de realização e de própria constituição de um campo, o que aquilo significa para a área do ensino, por exemplo, e na interseção com várias áreas, pensando ciências, pensando matemática, pensando biologia, pensando a sociologia, pensando as áreas que compõem o Programa Nacional do Livro Didático. Então, foi meio que assim, eu fui compreendendo e aprendendo durante o percurso. Hoje, olhando pelo retrovisor, pensando em perspectiva, obviamente isso ganha outros sentidos, inclusive na própria noção que eu tenho em relação à constituição de acervos e como eu compreendo o material didático, como eu compreendo a discussão sobre ensino, como eu entendo, inclusive, o meu fazer enquanto professor da área, de me compreender como professor que forma professores e professoras. Mas essa dimensão a gente vai construindo no percurso. E aí, nesse sentido, eu acho que eu fui muito feliz em poder acompanhar basicamente todas as etapas do PNLDD, até me tornar avaliador e, inclusive, compor a equipe que vai dar conta de estruturar e pensar a ideia e executá-la aí já no campo do memorial. Mas eu não tinha, naquele momento, a dimensão do que isso significava. Era uma bolsa, era um trabalho que tinha um comprometimento, eu estava lá realizando as funções, mas eu não tinha ainda essa percepção tão acurada do que aquilo significava. Então, acho que dentro dessa discussão é assim que eu me vejo, eu me percebo a partir das provocações que tu me fizeste nesse momento.

[00:13:09] **Edilson** – Perfeito. Então, você disse uma coisa importante, você começou dentro do projeto com um olhar e você acabou sendo, mais tarde, avaliador também do PNLD. Então, você percorreu todos os processos dentro daquilo que a gente chama de olhar para o livro didático, não é?

[00:13:32] João – Exato, porque, inclusive, de alguma forma, eu estava sendo avaliador porque a montagem das equipes e a própria estruturação do trabalho, das avaliações, ela foi sendo aperfeiçoada com o tempo. Até a gente chegar em uma dinâmica, a gente disse, não, é assim, nós encontramos o “time”, nós encontramos a forma de fazê-lo. Então, sempre tinha que ter duplo cego era uma coisa, não é? Mas aí o processo de consolidação, por exemplo, inicialmente, como era feito, depois pensar com adjuntos. Quando nós começamos, era basicamente a Margarida e a Inês Stamatto, a equipe de avaliadores e a equipe técnica, que eram acadêmicos do curso, dois ou três, e eu estava lá. E aí, assim, a gente lia todas as fichas, então, tipo, fazia revisão de material, ia conferir exemplos, ia olhar se aquilo correspondia ao que estava posto, porque era um trabalho enorme, inclusive de revisão interna do trabalho, que era sempre uma loucura, um prazo que era exiguo, não é? E aí eu estava nesse processo o tempo todo e evidentemente não era só um trabalho de técnico, era efetivamente olhar para esse material e percebê-lo. Tanto que quando eu início como avaliador acho que entre os anos de 2012 ou 2013, eu já tinha uma vivência praticamente de todas as etapas entendendo o programa por dentro, porque eu tinha começado em 2005, exatamente nesse processo de reconfiguração do programa. Que começa, permanece na UFRN por um tempo, depois ele começa a circular por outras instituições, e eu vou, inclusive, indo para essas outras instituições. Às vezes até contribuindo um pouco com a experiência que eu tinha tido nesse processo inicial. Então, é um processo realmente de construção, de entender-se ao fazer-se, ao participar mesmo.

[00:15:36] **Edilson** – Certo. João, e voltando agora, na criação do memorial, na leitura dos *e-mails* pessoais da professora Margarida, você aparece, logo nos primeiros, na criação do memorial, e tem um momento que você entrou nesse memorial. Quando é que você entrou para trabalhar? Porque uma coisa é você mais tarde, trabalhando já na avaliação do PNLD. A outra é como estudante ainda, não é? Você ainda era estudante, quando você começou no projeto. Você lembra quando foi isso, não? Quando você começou a trabalhar no projeto?

[00:16:15] João – Olha, eu acho que eu comecei a trabalhar no projeto de 2010 para 2011.

[00:16:22] **Edilson** – Certo. A primeira fase do projeto é de 2010.

[00:16:26] João – Isso. Eu estava, efetivamente, em todas as etapas, e acho que o Wesley Garcia também estava nesse processo junto. E aí, o Wesley sai para o doutorado, e eu assumo exatamente essa função de coordenação, que é pensar... Eu já estava formado, já era graduado, já tinha uma outra leitura do processo, e a Margarida está envolvida com outras ações. Então, eu entro nesse processo de articulação e de uma coordenação interna no contato de orientação imediata das atividades dos acadêmicos que estão trabalhando no projeto. Então, eu que coordenava as ações dos demais estudantes que estavam nesse processo de iniciação, que eu já tinha passado lá por volta de 2005, 2006, em outras instituições onde eu havia trabalhado como bolsista, pensando aí o campo da organização de acervos. Então, o processo de catalogação, processo de higienização, como é que a gente organiza, como é que a gente estrutura a proposta, tirar material, levar para um outro lugar, todo esse processo que é muito trabalhoso e que envolve um dispêndio de energia enorme. Então, nesse percurso, eu estava lá exatamente dando conta desse diálogo, agora meio que formando as novas gerações que viriam entrar e compor também a equipe que ia estruturar o acervo que você conhece hoje.

[00:17:55] **Edilson** – Isso mesmo. Então, a função que você vai exercer naquele primeiro momento, 2010, 2011, é a função de coordenação, é isso? Você vai coordenar esses estudantes, não é?

[00:18:08] João – Não de coordenação do memorial. É uma coordenação de orientação nesse processo direto com os estudantes do curso que estavam sendo inseridos nesse contato com a documentação, de entender, inclusive, isso a Margarida fez sempre questão de deixar muito evidente, que tem um momento de estudos, que não é só um trabalho técnico de limpeza, de catalogação, de organização, mas é pensar o que é e o que significa organizar um acervo. Então, pensar, por exemplo, olha, a gente vai ter esse momento de leituras essa semana para discutir essas questões. Então, avaliar como é que os trabalhos estão indo. Pensar,

inclusive, como é que a atuação naquele acervo, como monitor, como bolsista, poderia significar e poderia resultar em possíveis trabalhos de graduação. Pensar, por exemplo, a constituição de um acervo bibliográfico que pensasse o livro didático. Então, começar a fazer pesquisas de referências, de buscar nos bancos de dados das instituições, que naquele momento não eram tão organizados como são hoje. A gente tem, por exemplo, os repositórios institucionais, hoje, de forma muito mais consolidada. Mas lá para o início dos anos 2010 as pessoas, a maioria dos programas ainda entregavam as suas versões de tese, dissertação, em formato físico. Então, geralmente, isso não ia para um acervo digital. Então, a gente precisava, inclusive, catalogar e procurar o Lattes de professores e professoras e aí ver quais tinham sido as teses, as dissertações, e entrar em contato para ver se conseguia receber esse material, porque ele também compunha parte desse acervo, e ver desse material o que a gente poderia ler, poderia discutir, pensando essa interlocução entre o trabalho que a gente exerce e como é que ele pode ser pensado intelectualmente, como é que ele dialoga com o campo, como é que ele pode... que contribuições isso traz no campo da academia, na nossa área. Então, essas discussões estavam interligadas nesse processo, e aí eu fazia meio que essa ponte entre os acadêmicos do curso e essa estruturação mais que imediata. Enquanto a coordenação do memorial, ela pensava esse contato de forma mais institucional, mais para fora. Era um pouco esse lugar que a gente ocupava, tentando dar conta das várias dimensões que o memorial vai assumir ao longo do tempo, porque ele vai se constituindo e a gente vai pensando nessas coisas no processo. Olha, interessante pensar isso. Uma coisa que eu lembro que a gente começou a fazer, que são os eventos vinculados, por exemplo, a livros didáticos. Então, a gente vai compreender, olha, o memorial tem um acervo, mas é preciso dar visibilidade a esse acervo. Isso se apresenta em algumas dimensões. São tantas pesquisas que podem ser realizadas e que precisam estar aqui, mas é também um processo de divulgação do próprio acervo a partir de pesquisadores que discutem um tema. Então, a gente começa também a pensar essas atividades. Às vezes, talvez, você encontre lá um contato meu com algum pesquisador, isso mediado pela professora Margarida, que então dava conta dessa coordenação geral. Então, vamos pensar alguém ou realizar entrevistas sobre livros didáticos. Isso também foi uma das dimensões que nós realizamos. Inclusive, transcrever esse processo dessas entrevistas. Então, eram essas atividades que a gente ia tentando mapear, tentando dar materialidade a elas nesse percurso.

[00:21:58] **Edilson** – Certo. João, tem um e-mail de 2011 da professora Margarida que ela envia para a coordenação do Museu Paulista, solicitando ao Museu a abertura de uma vaga, aparentemente, para você. Depois, fui descobrir que era para você mesmo. Você chegou a participar desse curso? Você foi para São Paulo? Conta um pouco sobre esse momento em São Paulo no Museu Paulista, porque o Museu Paulista abrir para você fazer isso é um feito, não é?

[00:22:35] João – É, exatamente. Foi isso. E das leituras da Margarida, eu sei que estou referenciando muito, mas aí eu não tenho como sair... Eu já vinha nesse processo de discussão de acervos, de patrimônio, há bastante tempo. A minha monografia foi pensando isso. A minha dissertação começou com isso, ainda que ela tenha tomado um outro caminho. E aí, em 2000, exatamente nesse processo, ela entra em contato com o pessoal do Museu Paulista, e aí eles abrem a possibilidade de eu ir fazer uma espécie de estágio. E aí eu conheci, basicamente, todos os fundos da instituição, pensando a organização, pensando a proposta, inclusive, de montagem, pensando curadoria, pensando como a gente recebe e como constitui exposições, como pensa, por exemplo, a relação com as escolas. Então, todo esse processo interno, eu fui, exatamente, para ter uma dimensão, e aí fui, dia por dia, setor por setor, na instituição.

[00:23:35] **Edilson** – Você, primeiro, recebeu a notícia, a professora Margarida conversou com você.

[00:23:39] João – Isso.

[00:23:40] **Edilson** – Fez um acerto anterior.

[00:23:41] João – Ela fez um trabalho. Ela fez uma coisa assim, que é, geralmente, como ela trabalha. Ela me deu uma tese para ler, que foi publicada de uma, não lembro agora a pessoa, mas que ela fez uma tese a partir de um dos acervos de um dos fundos que compõe o Museu Paulista.

[00:23:59] **Edilson** – Certo.

[00:24:00] João – E Margarida me chamou e disse: João, vamos discutir essa tese. Sentei e discuti. Aí, um trabalho muito bacana. Ela falou assim, não é legal

isso? Você gostaria de conhecer esses acervos? Eu falei, sim, muito. Então, pronto, vou entrar em contato com a pessoa.

[00:24:16] **Edilson** – Então, tem toda uma história anterior.

[00:24:19] João – Aí, assim, pronto. Então, se eu conseguir, você vai. Se não, vou sim. Aí, ela conseguiu e eu fui.

[00:24:28] **Edilson** – E como é que foi isso, João? Viagem aérea, tudo chega em São Paulo, aquela loucura.

[00:24:35] João – Em São Paulo, foi a primeira vez. Porque uma das coisas que a graduação também foi muito importante para mim é que eu conheci muitos lugares. Inclusive, essa coisa de jogar. Olha, você está aí, você vai. Eu lembro que a primeira viagem foi para Pernambuco. Eu indo sozinho para Recife, pegando ônibus, sendo natal moleque, assustado, de sair da rodoviária, se entender no mundo. E aí, eu já estava meio que habituado a fazer isso. Tinha ido para São Luís, tinha ido para o Ceará, eu conheci o Nordeste quase que inteiro durante a minha graduação. Então, no mestrado, continuei. Fui para Goiás, Brasília, para eventos. Ela dizia: Olha, você precisa ir porque isso faz parte da constituição e do entendimento, da constituição dos diálogos. Só que São Paulo era inédito para mim. Eu nunca tinha ido, etc e tal. Eu fui, inclusive, nesse desafio. Então, eu tenho, inclusive, o relatório que eu produzi, que fiz questão de encaminhar para o museu, quando eu saí. Margarida disse: olha, você precisa dar um retorno sobre o que você viu, o que você aprendeu, como foi tanto para a instituição, porque, nessa época, eu também estava coordenando os trabalhos na Arquidiocese, fazendo essa ponte. Como eu já tinha uma experiência maior, o Wesley Garcia e eu, então, a gente ia, agora, na missão de orientar e de fazer discussões com os meninos e as meninas que estavam trabalhando nos demais acervos. E aí, esse era um processo também de formação. Então, eu ia, tinha relação com o memorial, mas o dever, que isso era muito evidente, assim, olha, você vai, mas o que você vai fazer, você chega e você replica. Você tem o dever de chegar, dialogar e apresentar isso para as instituições e para os locais onde a gente tem desenvolvido atividades. Porque eu fiz esse trabalho no Museu Paulista, mas não foi o único lugar que eu fiz, por exemplo. Eu fui mais duas vezes para São Paulo e aí para os eventos da Associação de Arquivistas, dos Arquivistas de São Paulo. Eles sempre fazem eventos de como organizar acervos, e aí era



esse processo de formação que eu tinha por dever ir, porque era uma função que eu exercia, e quando eu chegava também tinha como atribuição a necessidade de construir essa interlocução e dizer, olha, é assim que isso se materializa na prática, é assim que a gente constrói essa discussão nesses âmbitos. Então, eram um pouco esses diálogos, como a gente construía, aprendia e desenvolvia junto.

[00:27:30] **Edilson** – E você, lá em São Paulo, nesse Museu Paulista, que a gente chama de Museu do Ipiranga também...

[00:27:36] João – Eles não gostam que chame Museu do Ipiranga [risos].

[00:27:39] **Edilson** – Eu fui há pouco tempo ao Museu fazer uma visita técnica, descobri isso também, não sabia. Então, no Museu Paulista você passou por esses setores históricos, da documentação e tudo mais. E depois você participou desses encontros com os eventos dos arquivistas. E, João, em Natal, como é que você fazia essa transmissão do conhecimento? Porque aí você tinha que trazer a contribuição, é isso? Como é que você fazia isso?

[00:28:16] João – Eu tinha isso também, uma das coisas que faço até hoje. Eu tomo nota, estou conversando contigo e estou anotando. Parece que sou a pessoa que está ouvindo a entrevista. Brinco que eu tomo nota até de reunião do sindicato.

[00:28:34] **Edilson** – Está certo.

[00:28:35] João – Então, um dos elementos para organizar, inclusive, o meu raciocínio. É uma das coisas que eu costumo fazer e fazia era tomar nota das informações que estavam sendo passadas nos lugares e depois estruturar isso como se fosse um roteiro. Porque isso depois se desdobraria nas atividades que eu sabia que teria que desenvolver. Era um compromisso tácito. Porque era formação para mim, porque a instituição, obviamente, não tinha como dar conta de mandar todo mundo. E para uma instituição receber muita gente também fica inviável. Então, tinha esse processo de formação e depois eu retornava como formador. Então, o que a Margarida fazia? Ela abria cursos, oficinas e eu ministrava essas atividades. E essas atividades eram abertas para... Quem estivesse trabalhando como bolsista nos projetos, as pessoas tinham o compromisso de fazer isso porque era formação. E abria-se para outros acadêmicos

do curso que tivessem interesse. Então, os demais estudantes que quisessem participar, adentrar à discussão, se apropriar daquilo, perceber como é que faz, ter uma dimensão desses universos, aí eles também poderiam participar. Mas a ideia era essa, de uma formação e de que essa formação também significava um compromisso de minha parte de continuá-la naquele espaço em que eu ocupava, porque de muitas maneiras eu era privilegiado por estar lá e por conseguir fazer isso. Então era um compromisso.

[00:30:15] **Edilson** – E o que mais você acha que ajudou? Com toda essa bagagem que você vai para o Museu Paulista e depois vem, qual a maior contribuição que você acha que deu para o memorial?

[00:30:34] João – Olha, eu nunca havia parado para pensar nesses termos, inclusive quando você me fez o convite para ser entrevistado, não é falsa modestia, não. E, efetivamente, eu imaginava que aquilo era um compromisso que eu precisava e aquilo era a formação para mim, mas eu nunca imaginei que, efetivamente, eu teria sido tão relevante dentro desse processo. Eu acho que a minha contribuição, e aí estou fazendo isso olhando trás para frente, se você me perguntasse isso lá em 2010, 2011, 2012, provavelmente você receberia uma outra resposta. Hoje eu sou aquele, mas já atravessado por outras travessias. Eu acho que a forma como eu encarei a minha formação foi muito significativa para isso, e talvez por isso a Margarida tenha confiado tanto de me encaminhar para esses processos e fazer essa interlocução. Então, eu acho que a despeito de eu não ter uma leitura muito fechada, muito evidente do que aquilo significava em termos de informação para mim e para a própria constituição do memorial, a ideia de ir, o compromisso de voltar, de dialogar, de pensar essas questões e de tentar imaginar, olha, tais coisas é possível fazer e aí nós implementamos aqui. Outras não, porque a instituição e a própria constituição do acervo atendem a especificidades que não é, por exemplo, um museu, inclusive como é o Museu Paulista. Ter esses deslocamentos, ter essa compreensão do que significa a especificidade do acervo, do que significa a proposta, do que significa o acervo para o UFRN, do que significa o acervo para a área, eu acho que talvez tenha sido, não a leitura imediata de que eu entendia isso, mas a leitura de que tudo aquilo que constituía uma formação e que eu tinha um compromisso de voltar e realizá-la, operacionalizá-la de alguma forma, possibilitava que o memorial fosse ganhando forma. Tanto é que ele não se constitui em um memorial de

imediatamente, ele vai sendo construído no percurso, mas olha, tal coisa pode ser interessante, esse elemento acho que dialoga, e aí a gente vai pensando as ações em termos de divulgação, de pesquisa, de guarda, inclusive do espaço, ele vai sair de um lugar, vai para outro, há todo um debate interno para onde é que a gente vai, inclusive de convencimento para a instituição de que aquele é um acervo importante, porque a ideia de que livros didáticos não são documentos únicos, de que é... Então, se tem em qualquer lugar, perguntas como “por que vocês vão montar um acervo com esse monte de material aqui?”. Ou então, se já tem o acervo digitalizado, por que vocês precisam guardar o suporte físico? Penso que as leituras, os debates em torno da área de patrimônio e arquivologia me possibilitaram estabelecer diálogos que vão construindo um pouco a proposta, ainda que eu não ache que eu seja uma figura central nesse processo, nesses termos, eu acho que isso possibilita alguns entendimentos que vão desaguar depois na ideia e na própria efetivação do memorial como ele será hoje, mas com muitas ressalvas em relação ao que eu estou dizendo, olha, eu não sou essa figura que dá conta de tudo, não, eu sou alguém que estou lá construindo a proposta e, ao mesmo tempo, em construção com a proposta. Eu acho que, olhando para o espelho da minha experiência, eu diria que a minha contribuição talvez seja essa.

[00:34:26] **Edilson** – Certo. E você lembra quando você saiu do projeto?

[00:30:31] João – Lembro. Lembro, como foi! Eu lembro que saí do projeto, assim, eu passei para professor substituto na UERN, e aí, efetivamente, eu fui morar em Mossoró, até então eu estava em Natal. Então, como professor substituto na UERN, eu não tinha como dar conta de coordenar e abraçar as duas coisas. Então, o meu “apartamento”, essa relação de afastamento do memorial em si, ele se dá nesse processo quando eu sou aprovado para professor substituto na UERN.

[00:35:12] **Edilson** – Que ano que foi?

[00:35:13] João – Foi, acho que 2011.

[00:35:16] **Edilson** – Ah, 2011.

[00:35:18] João – Eu sou aprovado em 2011, acho que em dezembro de 2011, eu acho, e aí fico em 2012, continuo em 2013, o contrato é renovado por mais um ano. E aí, no processo, quando eu estou quase... já me preparando para sair da UERN, do segundo ano como professor substituto, aí é que sai o edital para a professor aqui de Rondônia, e aí é que eu venho para cá. Nesse processo também que eu entro como professor substituto na UERN, que eu também mudo a minha posição também pensando o PNLG geral. Aí eu passo a compor equipe de avaliadores.

[00:35:58] **Edilson** – Certo, nesse momento, você entra para outra fase dos livros didáticos.

[00:36:04] João – Pensando a relação com o programa.

[00:36:08] **Edilson** – Isso, é. E você chegou, João, já encaminhando para as nossas discussões finais, você chegou a voltar lá no memorial depois da... Porque você pegou a fase da Crutac, não é? (**João** – Isso). Da Casa Amarela.

[00:36:22] João – Isso, exatamente.

[00:36:24] **Edilson** – E depois que foi lá para o Prédio Novo, você chegou a conhecer lá no Prédio Novo ou não?

[00:36:29] João – Já cheguei, já fui lá algumas vezes, inclusive para eventos, já participei de eventos que foram realizados pelo memorial, foi quando eu desper-tei, inclusive, para a relevância que o memorial ganhou. Até então eu estava lá fazendo esse trabalho, que era também intelectual, mas que não tinha esse afastamento para voltar e pensar, olha, essa iniciativa resultou e se efetiva nesses produtos aqui, nesse tipo de diálogo, nesse tipo de debate, nesse tipo de discussão. A ponto de ver, por exemplo, o trabalho do Jandson Bernardo, que foi feito nesse processo que você havia mencionado. Eu estava lá como avaliador, membro, como fala, suplente. Então, recebi o trabalho do Jandson, que trabalhou comigo no memorial desde lá o início, era um desses guris que eu estava orientando nesse processo. Então, de ter, por exemplo, atividades com o Jörn Rüsen aí na UFRN, quer dizer, lá na UFRN, você está no Paraná, de ver outros pesquisadores e pesquisadoras da área que, de repente, vieram e disseram assim, cara, isso aqui é

muito grande. De ver, por exemplo, as interlocuções com o professor Itamar Oliveira, que está pensando esse debate na relação com o ensino, com materiais de dados. Então, o despertar para a missão que o memorial tomou, ganhou uma outra dimensão em vê-lo nessa perspectiva. Inclusive, assim, em termos de consideração mesmo, já finais, adiantando, assim, eu pretendo, inclusive, retornar ao memorial agora como pesquisador. Você está num projeto de pós-doc numa orientação, provavelmente, assim, a gente está montando ainda o calendário de saídas, mas eu já articulei, já falei com a Margarida, que eu pretendo retornar e pensar do meu lugar agora, como é que a Amazônia é construída nesses acervos. E aí, voltando agora, que é um outro olhar, inclusive, sobre os materiais didáticos. Então, assim, eu estou pensando em voltar para lá agora em uma outra dimensão.

[00:38:50] **Edilson** – Certo, perfeito, perfeito. E tem muita coisa, porque... Bom, hoje o arquivo está muito bem-organizado, não só digital como físico. Ele tem essas duas dimensões. E a gente tem, eu tenho olhado também nos *e-mails*, e vários *e-mails* têm chegado lá para o PNLD, *e-mails* do mundo todo, querendo saber a constituição desses documentos, enfim, da forma dos livros, o conteúdo dos livros, conteúdo e forma. Então, eu acho que vai ser um caminho muito bem trilhado por você, já que você começou lá da base e agora chegou no outro nível, no outro patamar.

[00:39:26] João – Em outro lugar.

[00:39:27] **Edilson** – Em outro lugar. Então, João, a gente vai encaminhando mesmo para o final. Se você tiver alguma coisa que você gostaria de falar sobre o memorial, sobre a sua participação, pode ficar bem à vontade, porque depois a gente também faz alguns cortes e recortes lá no texto, e a gente vai mandar o texto para você, para você ler e aprovar e tudo mais. Então, fique à vontade se você lembrar de alguma coisa.

[00:39:50] João – Não, assim, de memória, não tenho... só um ponto, uma dimensão que eu acho que também compõe o acervo. Isso a gente pensava, essa interlocução, inclusive, já de imediato. Quando? Essa visão a gente já tinha, porque o processo de digitalização do acervo ele se dá em concomitância, inclusive, quando o acervo chega. Então, nós já tínhamos uma leitura que era de que esse material precisava ser acessado pelo mundo. E tem um outro aspecto que compõe esse acer-

vo, que são as fichas de avaliação. Essa é uma dimensão que eu acho que contribui muito e que eu me vejo lá também, porque eu estava lá, lembro daquelas fichas, vendo aquele material durante muito tempo, ao ponto, inclusive, das minhas fichas chegarem lá. Obviamente que esse material não chega identificado por nome de avaliador, ele chega por um código que, inclusive, eu acho que nem quem avaliou lembra mais qual era o seu código depois desse tempo todo. A pessoa pode ler a sua ficha e não saber que está lendo um produto que foi feito, realizado por ele. Mas eu acho que essa é uma outra dimensão que é importante. Acho que queria reiterar isso. Era a visão já de compreender que esse memorial, ele receberia um acervo físico, mas havia um comprometimento e uma ideia de que era preciso, compreendendo os desafios que estão colocados para a circulação do conhecimento histórico e para a produção do conhecimento histórico com a era da internet, que isso precisava estar disponível e ser acessível o máximo possível. Então, acho que essa leitura estava posta desde a constituição do acervo. Eu acho que esse é um aspecto que precisa ser reiterado. E, no mais, é só agradecer o teu contato, realmente, eu não tinha a dimensão de que minha contribuição tivesse sido efetivamente tão relevante para o processo. Nesse sentido, a maneira como você encaminha as coisas me fez pensar, inclusive, olha, talvez tenha algo de relevante, de pertinente nesse processo. Então, para isso, como palavras finais, eu deixaria esse registro.

[00:42:07] **Edilson** – Perfeito. Então, eu agradeço, novamente, você ter vindo aqui e dar a sua contribuição. E, da minha parte, eu posso dizer que você teve uma contribuição muito forte porque o seu nome aparece várias vezes, não apenas nos documentos, mas também nas falas da Margarida, quando eu estive com ela na UFRN, nas falas dela. Quer dizer, você trouxe uma boa contribuição para o grupo, para todo o grupo. Então, parabéns por isso. E dizer que o que vocês conseguiram construir na UFRN é extraordinário. O memorial é extraordinário e ele precisa ser visto. Então, esse é um trabalho que eu pretendo fazer, é mostrar o que vocês fizeram.

[00:43:22] João – Obrigado.

[00:43:23] **Edilson** – Obrigado mesmo.

[00:42:24] **Edilson** – Eu vou desligar a nossa gravação agora às 19h03.

[FIM DO DEPOIMENTO]

## ENTREVISTA V

SILVA, Wesley Garcia Ribeiro. (Depoimento, 2023). Curitiba – Google Meet. Entrevistador: Edilson Aparecido Chaves. Projeto de Pós-Doutorado em História – O Memorial do Programa Nacional do Livro Didático: história, organização, preservação e acessibilidade de acervos. Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Natal. Entrevista concedida em 02 de agosto de 2023. Curitiba, PR. 2023. 46:26 min. 10 p.

Local: Curitiba, Paraná e Ananindeua, PA – Brasil.

Supervisora: Professora Dra. Margarida Maria Dias de Oliveira.

Título: O Memorial do Programa Nacional do Livro Didático: história, organização, preservação e acessibilidade de acervos.

Nesta entrevista, Wesley Garcia Ribeiro Silva, professor da Universidade Federal do Pará, compartilha sua experiência na construção do Memorial do PNLD na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Ele descreveu sua participação, que incluía planejar a recepção dos livros didáticos, realizar a higienização, identificação e catalogação dos materiais; mencionou ainda como a professora Margarida se preocupava em criar um acervo aberto, acessível e digitalizado, com um *software* que garantisse a integridade dos materiais.

Wesley revela como sua trajetória na graduação, sua experiência em monitoria e sua formação em cursos de arquivística histórica permitiram contribuir para a primeira fase da criação do Memorial. Além disso, ele ressalta a importância da orientação dos estudantes, do trabalho técnico de higienização e da conservação dos acervos documentais.

No contexto da construção do Memorial, ele aponta as colaborações com a professora Mônica, especialista em Biblioteconomia, e o uso de tecnologia para digitalização e preservação do acervo.

Wesley também ressaltou o caráter coletivo do trabalho no Memorial, enfatizando a abordagem formativa da professora Margarida e a importância de envolver estudantes de graduação e pós-graduação no projeto. Para Wesley, o Memorial é mais do que um repositório de livros; é um espaço de aprendizado, pesquisa e reflexão.

Temas de destaque na entrevista:

Criação do Memorial do PNLD; preservação da memória e história dos livros didáticos no Brasil; relevância do PNLD como uma política pública de educação no Brasil; destaca a infraestrutura e organização do Memorial; papel formativo do Memorial; caráter coletivo; impacto educacional: para a formação de professores e para atividades de pesquisa e ensino; infraestrutura e organização do memorial do PNLD.

Transcrição: entrevista com Wesley Garcia Ribeiro Silva

[00:00:01] **Edilson** – Olá, boa tarde, Wesley, tudo bem?

[00:00:04] Wesley – Boa tarde, Edilson, tudo tranquilo, tudo caminhando bem.

[00:00:07] **Edilson** – Que bom que você aceitou vir aqui falar comigo. Wesley, o meu trabalho é um trabalho do pós-doutorado. Como sabe, estou fazendo o pós-doutorado com a professora Margarida, que é sua colega também, lá na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E em um dos momentos que eu estava pesquisando com a professora Margarida, ela sugeriu que eu tivesse acesso ao *e-mail* dela [particular], e, nesse *e-mail*, aparece várias vezes o seu nome dentro do processo da construção e da criação do Memorial do PNLD. Então, nesse sentido, eu fiz o convite a você, você aceitou para vir aqui, eu já agradeço novamente. E eu queria perguntar para você, no início da nossa conversa, da possibilidade ou não de eu usar essa gravação mais tarde, seu depoimento no meu trabalho, se você autoriza ou não.

[00:01:06] Wesley – Autorizo, sim.

[00:01:09] **Edilson** – Então, muito obrigado. Wesley, a gente também já se conhece, eu já conheço você de muitos anos, do trabalho que nós fizemos juntos no Programa Nacional do Livro Didático, mas a gente vai falar aqui de uma questão mais particular. Eu queria que você começasse, Wesley, se apresentando e falando de onde você está falando nesse momento e como é que, em algum momento da sua vida, você entrou no Programa Nacional do Livro Didático, mais precisamente lá no Memorial do Livro Didático.



[00:01:41] Wesley – Muito bem. Eu sou Wesley Garcia Ribeiro Silva, atualmente sou professor da Universidade Federal do Pará, do Campus de Ananindeua, de onde estou falando aqui hoje. Bem, Edilson em 2010, eu era professor substituto na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E, ao longo da minha graduação, eu tinha sido bolsista da professora Margarida, tinha sido monitor da disciplina de... que é uma disciplina muito peculiar lá, não é? Que é a arquivística histórica. Depois a gente pode até falar sobre isso. E, nessa minha atuação, ao longo dessa monitoria, eu aprendi muitos elementos vinculados à questão da arquivística, à relação da questão dos acervos, da formação dos acervos, e o papel do profissional de história nesses locais. De modo que, em 2010, a professora Margarida estava fazendo as tratativas para iniciar o Memorial. Então, ela tinha conseguido fazer as articulações junto ao MEC e à própria universidade, para que a universidade tivesse um espaço específico voltado para a composição do Memorial, para receber o acervo dos livros didáticos ao longo do processo do PNLD. Então, nesse sentido é que eu fui atuar no Memorial de início. E era muito inicial. Hoje, você pode constatar, você pode ver a quantidade de acervos, a própria estrutura. No período que eu iniciei, em 2010, nós realmente estávamos iniciando tudo. A professora Margarida tinha acabado de construir as diretrizes, o espaço específico para fomentar o Memorial. E a gente estava, se você tem uma ideia, a gente estava tentando arquitetar como faríamos para receber as primeiras levas de livros. Eu acho, puxando aqui pela memória, eu acho que no final de 2010, no segundo semestre de 2010, é que a gente recebeu a primeira leva. E a gente foi fazer todo o processo de higienização, de identificação dos livros, e para fazer a catalogação. E aí tínhamos muito em mente o que fazer, todo o processo vinculado ao acervo, mas a gente ainda, a grande questão é a quantidade do acervo, a quantidade de livro que a gente ia receber. Uma coisa que a professora Margarida já sabia, naquele período, é que nós não receberíamos apenas os livros de história. A gente receberia todo o conjunto de livros das diferentes disciplinas, digamos assim, que tinham passado pelo processo de avaliação dos livros didáticos. Isso a gente sabia é, e sabia que... Só não sabíamos até temporalmente de quando os livros chegariam. Se seriam livros só dos anos 2000, e me parece que tem livros ali da década de 90. Eu lembro que nessas primeiras levas tínhamos livros anteriores, inclusive, a quando a professora Margarida era coordenadora da comissão, na verdade, lá do PNLD. Então, isso foi muito importante para nós. Foi muito importante para minha formação. Eu era um... Comecei a trabalhar como substituto em 2009, e, em 2010, fui lá fazer essa... Tentar ajudar a professora Margarida mobilizando

esses saberes que eu tinha me inserido ao longo da graduação, e especificamente na questão da relação dos acervos e do profissional de história.

[00:06:01] **Edilson** – Isso. E você tinha... Você já era professor da UFRN, professor de substituto da UFRN, e você recebeu o convite da professora Margarida?

[00:06:11] Wesley – Isso. A professora Margarida estava, como eu disse, articulando... Já tinha articulado isso junto ao MEC, junto às universidades, para fazer esse espaço. Tínhamos também a participação da professora Mônica. A professora Mônica era da biblioteconomia.

[00:06:34] **Edilson** – Isso mesmo.

[00:06:35] Wesley – E aí elas seriam as duas coordenadoras, e eu fui chamado para contribuir com aquele espaço. E aí a professora Margarida me convidou, tanto pelo fato de eu ser professor substituto, mas também por ter atuado na monitoria. E ao longo dessa minha atuação na monitoria, eu pude fazer alguns cursos, inclusive em São Paulo, no Arquivo Público do Estado de São Paulo. Cursos voltados justamente para a questão dos acervos documentais.

[00:07:09] **Edilson** – Ah, então conta um pouco sobre isso, porque isso é importante. Você estava primeira fase da construção do Memorial. Porque foi em 2009 que os documentos começam a aparecer. A professora Margarida junto com a COGEAM. E depois você... Em 2010, o Memorial, como você disse, os livros começam a chegar. E você está exatamente nessa primeira fase, nessa primeira geração da construção do Memorial. Então você chegou a fazer um curso fora para tentar entender também como é que seria o processo de arquivamento desse livro, digitalização... Como é que foi isso?

[00:07:56] Wesley – Pois é. Ao longo da graduação, junto com a questão da monitoria, vinculada a essa disciplina administrada pela professora Margarida, que era arquivística histórica. A partir de 2005, 2006, 2007, além de atuar nessa monitoria, fazer tudo que a monitoria preconiza. Participar do processo de planejamento das aulas, mobilizar a bibliografia pertinente, as questões conceituais. Eu também fui fazer alguns cursos específicos fomentados pelo Arquivo Público do Estado de São Paulo. Acho que foram três cursos, se não me engano. E aí, um

desses cursos, inclusive, eram voltados para questões técnicas. Na questão das especificidades dos acervos documentais. Um dos cursos eram especificamente sobre acervos fotográficos, de como conservar os materiais específicos ligados às formas de arquivamento desses materiais. Agora, especificamente, eu não sei dizer o período que eu fui, mas foram três ocasiões que eu fui para São Paulo fazer esses cursos.

**[00:09:25] Edilson** – Isso foi articulado pela professora Margarida?

**[00:09:29] Wesley** – Isso foi articulado com a professora Margarida. Como eu disse, eu comecei em 2005 essa monitoria. Essa disciplina era administrada por ela. Ela administrava a disciplina de arquivística histórica, as disciplinas ligadas à questão do patrimônio histórico e além das questões de disciplinas específicas sobre o ensino de história. E aí, como eu fui monitor e fui avançando os trabalhos nessa área, ela achou importante e eu, claro, também, de fazer, de avançar nisso, avançar nessa área, avançar nesse tema. Não necessariamente vislumbrando o Memorial, porque assim, 2005, 2006, 2007, eu acho que nem a professora Margarida imaginaria que teria o Memorial. Só para deixar claro que uma coisa não necessariamente tem a ver com outra, mas de fato elas se encontraram. Então, a professora Margarida... E isso é importante também destacar, não é? A professora Margarida, ela trabalha na graduação com essa disciplina de arquivística histórica. Ela trabalha com essas questões vinculadas ao patrimônio, aos acervos documentais, de um modo geral. Então, a ideia do Memorial vem da trajetória profissional da professora, da professora Margarida. E aí, nesses cursos que eu fiz, foram... se encaminharam no sentido de ser monitor, ter me identificado com a área e aprofundar o conhecimento, os saberes específicos sobre esse tema. Porque em Natal, a gente tinha muita demanda sobre a questão dos acervos. Já com a professora Margarida, inclusive, eu também fui bolsista e atuei em projetos de extensão vinculados à organização de acervos, como, por exemplo, da Secretaria Municipal de Urbanismo de Natal. Nós atuamos na organização do acervo da Arquidiocese de Natal. Nós atuamos na construção do memorial do Ministério Público do Estado do Rio Grande do Norte. Então, todas essas demandas que partiam da sociedade, que partiam dessas instituições, procuravam na universidade algum tipo de encaminhamento, de ajuda, essas instituições procuravam, a universidade buscando ajuda. Encontravam na universidade o Departamento de História e a professora Margarida se disponibilizava para fazer essas parcerias. Geralmente, a parceria se dava. Ela entrava auxiliando, prestando

auxílio, mas, de contrapartida, ela colocava a necessidade de ter bolsa para os graduandos atuarem. Então, ao longo da graduação, da minha graduação, eu acho que isso acontece até hoje, com certeza, a professora Margarida tinha 10, 15 bolsistas, talvez mais, atuando na organização de acervos na construção de memoriais. Então, sim, tinha muita demanda sobre isso. Ela achou importante que eu fosse fazer cursos que pudesse tanto contribuir para a minha formação, mas também dar um retorno para as demandas que a universidade, a sociedade civil, essas instituições tinham naquele período. Então, era como se... uma mão dupla, você vai investir na tua carreira, mas, ao mesmo tempo, vem para cá para contribuir com as questões postas aqui, nessas demandas na organização de acervos, na questão da organização da memória institucional, dessas diversas instituições públicas e privadas, [a Arquidiocese é um caso privado], que se colocavam naquele momento. Então, é importante, inclusive, vários, não sei se isso é algo do seu interesse, mas só para fazer o registro, vários estudantes tinham bolsa, era uma época que ainda não tinha um PIBID, era uma época que as bolsas eram raras, digamos assim, apesar de não ser tão raras, mas já tinham os programas de iniciação à docência e tal, mas em termos de quantidade, a professora tinha 15 bolsas, 15, 20 bolsas, que contribuía para os estudantes permanecerem na graduação e se articularem junto a temas de pesquisa, inclusive, essa relação com a extensão universitária, atendendo essas demandas dessas instituições, se aprofundando nos debates sobre memórias, sobre acervos, sobre o papel do profissional de história. Então, foi nesse sentido que eu fui ao longo da minha graduação fazer esses cursos. Em geral, os cursos duravam três, quatro dias, não eram cursos muito extensos. Inclusive, eram cursos que davam margem para a produção que acho que até hoje são produções clássicas na área, que é aquele projeto editorial do Arquivo Público do Estado de São Paulo, que se chama “Como Fazer”. Então, eram oficinas que estavam vinculadas a esses materiais, que eram materiais instrutivos, básicos, destacando conceitos e elementos técnicos para a organização e acessibilidade de acervos documentais. Então, isso foi muito importante para mim. Eu chego em um momento, inclusive, que eu achei que eu ia trabalhar especificamente com isso, mas aí a vida foi para outros caminhos, mas até hoje isso é importante para a profissão, esse debate, inclusive, muito contemporâneo sobre os lugares de memória e tal. Mas, enfim, nesse sentido, quando fui lá para o início do Memorial, eu acabei mobilizando esses saberes, a professora Margarida me procurou para poder mobilizar esses saberes, esses elementos que eu acabei fomentando junto com ela ao longo da graduação.

[00:16:18] **Edilson** – Então, Wesley, dentro desse panorama que você já veio preparado, na graduação que você fez também na UFRN, é isso? Você teve toda essa preparação, não sabia, claro, como você disse, ninguém sabia que um dia chegaria ali um Memorial próprio, você trabalhava sempre com memoriais, com construção de documentação de outros estabelecimentos, e quando chegou essa demanda, você foi trabalhar nesse Memorial do PNLD. O que você fazia no Memorial? Quais eram os seus trabalhos? Porque, como você citou a professora Mônica há pouco, ela Mônica vinha de outro departamento da biblioteconomia. O que você fazia exatamente no Memorial?

[00:17:16] Wesley – Bem, naquele período, a gente fazia as atividades preparatórias para receber o acervo. Inicialmente, planejava... reunião de planejamento, que tipo de espaços nós precisaríamos, como preparar os espaços para receber os documentos, para receber os livros didáticos. Então, isso inicialmente era algo que eu fazia. Reuniões administrativas, mas reuniões também do ponto de vista técnico. Porém, na medida em que os livros começaram a chegar, também se passou a termos bolsistas da graduação para poder fazer o trabalho efetivo de recepção, de acondicionamento, de higienização dos livros. Então, além dessas reuniões de planejamento, além desse caráter de prever o cotidiano do trabalho, os elementos técnicos para a recepção dos livros, eu passei também a auxiliar, a orientar os estudantes no seu trabalho diário. Então, os bolsistas, eles atuavam diariamente no contraturno do curso, no período da tarde. Eu também ficava, ia para o Memorial para orientar os estudantes no seu trabalho. E aí, isso já era, parece, posso até me trair pela memória, era o segundo semestre, então era o início mesmo da recepção dos livros. Então, os livros chegavam nas caixas, e muitos deles sem identificação. A gente precisava fazer o processo de higienização desse material, que nós também não sabíamos necessariamente a procedência dele, claro, vem do MEC, com certeza, mas as condições em que eles se encontravam anteriormente, as condições de acondicionamento. Então, era muito importante ter, isso faz parte de todo o processo de organização de acervo, fazer o processo de higienização. Então, eu passei a acompanhar os estudantes, a orientar os estudantes de fazerem esse trabalho de abertura das caixas, todo o procedimento técnico necessário, o jaleco, luva, máscara, ao que a professora Margarida já fazia nos outros acervos. Inclusive, as mesas de higienização foram planejadas também pela professora Margarida. Então, não tinha isso em Natal. Não tem uma loja que faz mesa de higienização de documentos. Claro que essas mesas... Mesas de higienização já existem em outros lugares. A professora Margarida já sabia. Você não

vai na loja para comprar a mesa de higienização. Então, a professora Margarida fez um croqui. Levou para um marceneiro e, olha, que era um isso. Esse marceneiro, ele fez essas mesas de higienização para a Secretaria de Urbanismo de Natal. Fez essas mesas de higienização para a Arquidiocese e para o Ministério Público. E aí, teve que também fazer a mesa para o memorial do PNLD. Então, os estudantes também tiveram que passar por um treinamento para fazer a higienização. É um trabalho técnico específico. Tem que pegar a trilha página por página, tirar os elementos metálicos que prejudicam na conservação dos livros. Então, o meu trabalho inicial, nesse segundo semestre de 2010, foi acompanhar os estudantes, instruí-los a fazer esse procedimento de abrir as caixas, fazer a higienização e, ao passo que fazia a higienização, identificava os livros. E fazer os registros específicos lá no memorial. E aí, a gente estava naquele momento como eu te disse, tinha recebido os livros, e acho que estava fazendo o treinamento com o *software* para fazer a digitalização desses livros. Porque a grande questão da professora Margarida é que o Memorial existisse, acomodasse, conservasse os livros didáticos. Todos os possíveis, mas que não fosse um local fechado. Ter o sentido de arquivo mesmo. Um arquivo que é de encerrar os documentos, mas também de ter o acesso à disponibilidade próprio que configura a ideia de arquivo. Então, o Memorial, o acervo do Memorial, ele foi, desde o início pensado, para ser aberto. Mas com um software que garantisse né? Que garantisse a integridade dos livros didáticos, né? Que não fosse passível de serem manipulados. Sim, é um debate que existe na área da arquivística até hoje. Como conservar informações, como disponibilizar informações, mas que essas informações sejam informações verdadeiras. Conservem as características originárias de sua produção. Então, isso era o debate que a gente estava fazendo, o planejamento que nós estávamos fazendo ali naquele segundo semestre, e aí nisso a professora Mônica foi importante também porque ela lidava com a questão da biblioteconomia. Da organização de bibliotecas, a gente trabalhava com livros didáticos, que, apesar de não ser, o Memorial não é uma biblioteca. É um acervo documental, é um Memorial. Mas a professora Mônica também tinha muita inserção nessa área sobre a questão de *software*, de informática. E certamente já faz mais de 10 anos, então esse debate todo já modificou bastante. Já se aprofundou bastante. Então, porque a nossa preocupação era assim, que tipo de material nós vamos utilizar para, depois da digitalização, resguardar esse material? Ah não, era HD, CD-ROM? A gente estava na época do CD-ROM, mas CD-ROM, daqui a 5 anos, como é que a gente vai fazer com CD-ROM? Hoje em dia, por exemplo, os notebooks não têm mais entrada para o CD-ROM...

[00:24:16] **Edilson** – Os CDs, eles estão lá no arquivo. Mas me chamou a atenção uma coisa, se você me permite, Wesley, porque o seu depoimento é muito rico, você está me dando muitos elementos aí que foram escapando também durante a minha investigação. Mas você está num momento que ainda não existe aquele espaço que é onde está hoje o PNL D – o Memorial está dentro da universidade. Onde é que vocês guardavam? Essas caixas chegavam, onde é que vocês guardavam? Por que o material limpo ia para onde? Esses livros ficavam de que forma? Isso que eu queria entender, porque a outra fase que você está me dizendo, que é a posterior, é a fase da digitalização, claro, e da constituição de um arquivo digital. Que existe hoje, que inclusive é o site do Memorial do PNL D. Mas e esse material físico? Onde é que ele estava? Para onde é que ele estava indo?

[00:25:18] Wesley – Pois é. Além de tudo, de fazer essas tratativas junto ao MEC, de fazer a articulação com a universidade, tinha o problema também, o problema é a questão de que algumas informações dos livros didáticos, elas não poderiam ainda, naquele momento, serem disponibilizadas. Por conta das questões de sigilo próprias do PNL D. Então, tinha que ter um espaço que garantisse também essa, digamos assim, essa privacidade de informações que o PNL D requer. Então, a universidade, a UFRN, ela tem um campus, mas também tem alguns prédios fora do campus. E aí, a gente foi ocupar um desses espaços. A universidade cedeu um espaço, e agora eu não lembro se era um espaço próprio ou se era um espaço alugado. Mas era uma casa, acho que provavelmente era um espaço alugado. Então, nós íamos para uma casa, era uma casa que tinha vários ambientes. Acho que funcionava como um escritório antes, provavelmente. Ela tinha as características de um escritório, não é? E aí, a professora Margarida foi visitar o espaço e achou que o espaço era adequado, até porque também não tinha tantos outros espaços assim, que a universidade oferece.

[00:26:52] **Edilson** – Essa é a Casa Amarela?

[00:26:54] Wesley – Eu agora não recordo se era a Casa Amarela, Edilson.

[00:27:02] **Edilson** – Um problema técnico travou o vídeo...

[00:27:21] Wesley – Voltou.

[00:27:24] **Edilson** – Então, vamos lá.

[00:27:27] Wesley – A gente não falava Casa... Eu não lembro de falar Casa Amarela. Provavelmente era a Amarela, mas para mim não... a Casa Amarela. É provável que essa questão da Casa Amarela tenha sido construída posterior à minha presença, principalmente depois que eu tinha saído de lá, não é? Mas para mim não tenho essa marcação, entende? Esse lugar da Casa Amarela. Mas era uma casa que ficava próxima da universidade, mas não era no campus.

[00:28:03] **Edilson** – Porque tem também CRUTAC, que eles falam bastante, e depois Casa Amarela, e eu estou tentando localizar tudo isso, porque são os locais, como você me disse há pouco, constituídos ao redor do campus, que foram provavelmente alugados, me parece. Mas isso...

[00:28:21] Wesley – É, o CRUTAC é um outro espaço. O CRUTAC era da universidade, mas tinha uma... Se eu não me engano, tinha uma espécie de pendência jurídica, porque outros órgãos da União queriam o espaço do CRUTAC que era da universidade, e o CRUTAC era um lugar em que, nesse período, hoje, o modo como o PNLD se organiza e faz o trabalho de avaliação é diferente do que acontecia anteriormente. Antes, as universidades, e você sabe disso, claro, mas só... As universidades faziam o trabalho da avaliação, não é? Então, a UFRN, por exemplo, naquele período, organizava os trabalhos técnicos, fazia toda a questão logística para os avaliadores fazerem as avaliações dos livros. E aí, por conta de questões de sigilo, questões legais próprias do PNLD, tinha que ter um espaço específico para poder realizar o trabalho logístico da assessoria técnica do PNLD. Então, era no CRUTAC que isso acontecia. Então, é provável que as referências ao CRUTAC venham disso. A casa, o que você está chamando de casa amarela, é diferente. A casa já foi feita, quer dizer, já foi disponibilizada para fazer o trabalho de organização do Memorial. Certamente tem alguma relação o CRUTAC com a casa, que provavelmente tinha algum acervo dos livros, não é? Porque hoje em dia, os livros que os avaliadores recebem provavelmente são digitais. Mas antes tudo era físico, não é? Então, vinham os livros para a universidade. Certamente, deve ter algum livro, tinha alguma relação, porque o CRUTAC fazia o trabalho da avaliação do PNLD e depois surgiu a casa amarela. Eu não sei se está tendo alguma interferência aí, está passando um carro de som aqui, tá? Desculpa. (**Edilson** – Pode



ficar tranquilo). E aí, a casa, ela foi disponibilizada especificamente para fazer o Memorial, não é? Então, tínhamos espaços específicos, não é? Uma casa relativamente grande, suficiente para podermos ter diferentes espaços para receber o acervo e fazer aquilo que a gente chama do espaço “sujo” e o espaço “limpo”, não é? Uma vez que o material, que os livros, que o acervo chegava e era higienizado, ele era acondicionado num local que dava as condições necessárias para que ele se mantivesse limpo. E com condições ambientais necessárias para a sua conservação. Então, esse também era um... passou por objetos de planejamento nosso no início. – Então, aqui vai ficar o espaço “sujo”, aqui vai ficar o espaço “limpo”. Eu lembro, lembrei agora, por exemplo, tinha um corredor na casa, só que era um corredor que tinha um jardim de inverno. De modo que, quando chovia, acabava molhando um pouco o corredor. Então, a gente não podia usar esse espaço, necessariamente, para fazer o transporte, por exemplo, que corria o risco de ter algum tipo de acidente que prejudicasse o material. Então, a gente... Parece ser uma coisa menor, mas só para você ter uma dimensão do que a gente fazia, as preocupações com questões mais básicas, não é? Como, por exemplo, não deixar o livro propenso no corredor e como fazer o que? Um software adequado e a própria forma de armazenar a informação digital, não é? Então, são questões básicas, mas também questões muito complexas que a gente estava envolvido ali.

[00:32:46] **Edilson** – Wesley, e você... Bom, você entrou, então, em 2010 e ficou até que período, mais ou menos?

[00:32:55] Wesley – Pois é, as conversas sobre o PNLD, sobre o Memorial, me parece que começaram em 2009, mas só foi viabilizado em 2010. Aí, eu não sei se estou me enganando com as datas... (**Edilson** – Isso mesmo). Em 2010, em dezembro de 2010, o meu contrato de ir substituto acabou e eu passei para o doutorado. Então, por questões trabalhistas, eu não podia mais participar efetivamente do PNLD e porque eu fui para o Rio de Janeiro para fazer o doutorado. Isso também é uma questão importante, eu era para ser substituto, estava fazendo o mestrado e estava atuando também nesses projetos, com a professora Margarida com o Memorial, não é? E aí, ao longo desse processo, eu fiz a seleção para o doutorado, passei, em março já estava em outro estado, já estava no Rio de Janeiro.

[00:33:58] **Edilson** – Ah, entendi. Então, 2010 é o seu último ano, você foi da primeira geração da construção e criação do Memorial, mas também já não viu, por exemplo, a construção do memorial digital, porque ele vem posteriormente. (**Wesley** – Exatamente). Mas vocês já planejavam isso?

[00:34:20] **Wesley** – Sim, a gente tinha em mente a necessidade de mobilizar mídias digitais, mídias para encerrar os acervos, os livros, de modo que tanto conservasse os livros físicos, como também dessem margem para uma acessibilidade maior do material. Então, isso já estava no alvo das preocupações da professora Margarida e da equipe que estava lá contribuindo com ela. (**Edilson** – Certo). De fazer o acervo virtual também, essas informações foram transmitidas digitalmente.

[00:34:56] **Edilson** – Então, nesse sentido, Wesley, já quase caminhando para o nosso final, qual que é a importância de preservar a história para você, como professor, mas também como uma pessoa que participou da construção, da criação e da construção de um Memorial, como o Memorial do PNLD, que eu já posso dizer com muita tranquilidade, ele é o único no país, porque ele é o único Memorial do PNLD. A gente tem, por exemplo, o caso da USP, do Livres, mas que não tem necessariamente a preocupação com o PNLD, eles têm “todos” os livros, que foi a construção da professora Circe Bittencourt. Mas PNLD é único, o PNLD nasce no Brasil, em 85, a professora Margarida, juntamente com a equipe, você estava nela, cria esse, é uma demanda, como você também já disse, uma demanda que vem do MEC, mas a professora Margarida abraça isso e cria um único Memorial que a gente tem sobre o PNLD, que é um programa grandioso, muito grandioso, exemplo e referência com relação a livros didáticos públicos. Qual a importância de preservar a história e a memória? Aí são duas coisas, a história e a memória dos livros didáticos em um memorial como esse, para você?

[00:36:25] **Wesley** – Muito importante, inclusive quando a gente pensa que o PNLD é uma política pública do Estado, de importância fundamental para a formação dos cidadãos. A gente sempre repete isso, já virou uma questão tautológica, que o livro didático, até mesmo hoje, é um dos únicos materiais, às vezes, que os estudantes, as gerações mais novas, têm acesso para leitura. Mesmo com todas as tecnologias digitais que nós temos hoje, o livro didático ainda continua sendo um material de referência para os estudantes, para a formação dos cida-

dãos brasileiros. Nesse sentido, pelo peso, pela importância dessa política pública, eu acho fundamental a existência do Memorial do PNLD. Inclusive, não só por conta da importância do PNLD em si mesmo, mas das possibilidades que o Memorial oferece, seja para um pesquisador, um historiador, um sociólogo, mas também para os próprios cidadãos. Ser um material de referência, de consulta para os brasileiros e brasileiras. Então, eu acho muito importante. Se me permite fazer um registro pessoal, aqui na Universidade Federal do Pará, nas disciplinas que eu ministro, invariavelmente surge o debate sobre o ensino de história. Eu trabalho em uma faculdade de formação de professores, da licenciatura em história. Então, surge o debate sobre o ensino de história, surge o debate sobre o livro didático. Invariavelmente, o memorial do PNLD aparece para os estudantes fazerem pesquisas, para compararem os livros, para pensar, inclusive, a questão da distribuição desses livros, de como esses livros se espalham no Brasil. A gente, às vezes, pensa que está lá o livro didático encerrado no Memorial, e é só ele de forma individual, mas as possibilidades de pensar, de refletir em atividades de pesquisa, mas também atividades de ensino, de formação de professores, é muito potente. Então, os meus estudantes, por exemplo, da graduação, eles constantemente acessam o Memorial do PNLD. Está lá em Natal, mas ao mesmo tempo está como referência para cá, para a Amazônia, para fazerem trabalhar em olhares diversos, com dados para pensar que livros estão no Pará, que livros foram escolhidos para Natal, por que que essas possíveis reflexões dos “porquês” esses livros foram escolhidos para cá, o que é que tem nesses livros, os conteúdos que eles acabam propagando. Então, o Memorial do PNLD tem essa importância também, vinculado às possibilidades que se oferecem, que se apresentam para nós, profissionais de história, para as atividades de pesquisa, mas também para essas outras dimensões, inclusive para a própria questão da cidadania. E aí, isso é importante também pensar, isso estava no alvo inicial dos objetivos. A professora Margarida sempre enfatizava isso, o Memorial do PNLD não é um Memorial apenas para os historiadores e historiadoras, ele não é apenas um Memorial para pesquisa sobre livros didáticos, ele é muito mais do que isso, é um direito à memória, fomenta pesquisas históricas, mas também é um memorial de referência para a sociedade brasileira pensar suas políticas públicas, para pensar a formação dos seus cidadãos. E eu acho que isso que é importante pensar no que é o Memorial do PNLD, para além da questão de um local específico voltado para os historiadores e historiadoras, é muito mais do que isso, me parece.

[00:40:41] **Edilson** – Perfeito. Então, para concluir, já agradecendo novamente a sua contribuição, que é belíssima para o meu trabalho, eu queria dizer para você que eu tive a oportunidade de ir até o Memorial, não sei quanto tempo você não retorna ao Memorial, porque a sua pesquisa foi para o Rio de Janeiro, depois fez o doutorado, enfim, tomou novos rumos, eu não sei quanto tempo faz que você não retorna lá, mas eu posso dizer que o trabalho que vocês fizeram é um trabalho grandioso, é um trabalho único na história desse país, porque dentro de uma instituição pública, isso é muito importante, com alunos e alunas, estudantes da graduação, da pós-graduação, enfim, trabalhando em equipe, a gente percebe isso nos *e-mails*, é possível perceber isso nos documentos que eu tive acesso, e é uma história belíssima de um Memorial, e agora pode-se falar de fato, é um Memorial, você acabou de dizer isso, que deixa uma memória de uma instituição pública que é o PNLD, porque ele é um programa de Estado, não é um programa de governo, e é único, está no Rio Grande do Norte, e o meu trabalho, Wesley, a minha ideia inicial era apenas historicizar, porque eu pensava na necessidade de historicizar isso, ouvindo vocês ao longo do tempo, os colegas falando sobre o Memorial, mas quando eu cheguei na UFRN me deparei com uma coisa muito maior, o Memorial é muito grande, ele precisa ser anunciado para outros pesquisadores e pesquisadoras do Brasil e do mundo, como você sabe bem, vocês receberam na época, pedidos de gente do exterior, pedindo, solicitando o material do PNLD. Então, Wesley, agradecer a você e dizer, fica à vontade, se você lembrar de alguma coisa, pode colocar aqui, porque estamos já finalizando nossa conversa, e quero dizer que, assim que terminar o meu trabalho, eu quero enviar para vocês o relatório primeiro, e depois, se aparecer outras coisas adiante, a gente vai também publicando e mandando para vocês. Fica à vontade, Wesley, obrigado.

[00:43:00] **Wesley** – Eu que agradeço por me fazer recordar dessas atividades todas, não é? Um ponto que eu gostaria de registrar, Edilson, você mencionou agora na sua fala final, de fato, é um trabalho muito coletivo, não é? E isso é um esforço sempre da professora Margarida, não é? A professora Margarida, ela traz nas suas atividades todas, um caráter formativo muito importante, e isso também é o Memorial do PNLD. O Memorial do PNLD para a professora Margarida também é uma atividade formativa, que ela envolve, como você mencionou, estudantes da graduação, estudantes de pós-graduação, então todos lá estão fazendo os trabalhos, por vezes até técnicos, como

higienizar documentos, mas ali está a atividade formativa, ali está uma oportunidade de formação do profissional de história, do professor de história, não é? E isso é uma questão que a professora Margarida sempre tem em mente, e nesse sentido, acaba fomentando um trabalho colaborativo muito intenso, não é? Eu acho que o Memorial do PNLD, de fato, vem da relação do MEC com a UFRN. Mas eu acho que o Memorial do PNLD diz muito sobre o papel da professora Margarida junto a essas atividades todas. De organizar, de envolver os profissionais e de ter as ideias sobre o que é isso, sobre a forma como isso vai ser colocado, não é? Assim, a gente pode, o Memorial, a gente tem vários tipos de memoriais no Brasil e no mundo, não é? Poderia ter um outro perfil do Memorial do PNLD, outros perfis, mas esse perfil que se tem, de agregar demandas formativas com uma questão da memória dos cidadãos, dos sujeitos, das atividades de pesquisa e formativas específicas dos estudantes, por exemplo, isso é algo que foi fomentado pela professora Margarida. Então, eu acho que isso é muito, muito importante. E muito obrigado por me fazer recordar desse período.

[00:45:41] **Edilson** – Que bom, que bom. E eu que tenho que parabenizá-los, porque o trabalho que vocês fizeram é extraordinário. Muito obrigado. Eu vou, então, parar a nossa gravação agora, só um instantinho, e finalizando então.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

## ENTREVISTA VI

OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. (Depoimento, 2023). Google Meet. Entrevistador: Edilson Aparecido Chaves. Projeto de Pós-Doutorado em História – O Memorial do Programa Nacional do Livro Didático: história, organização, preservação e acessibilidade de acervos. Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Natal. Entrevista concedida em 03 de Agosto de 2023. Curitiba, PR. 2023. 1h 14min. 15 p.

Local: Curitiba, Paraná e Natal, RN, Brasil.

Supervisora: Professora Dra. Margarida Maria Dias de Oliveira.

Título: O Memorial do Programa Nacional do Livro Didático: história, organização, preservação e acessibilidade de acervos.

A entrevista com a professora Margarida oferece um olhar detalhado sobre sua trajetória acadêmica e profissional, revela a complexidade de sua experiência desde os anos de graduação na Universidade Federal da Paraíba até sua atuação no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Aponta como suas vivências na universidade (Graduação e Pós-Graduação) e seu envolvimento com arquivos históricos a levaram a uma compreensão mais profunda da importância da preservação documental, e como essas vivências se conectaram com os trabalhos posteriores com livros didáticos, que culminaram na responsabilidade de coordenar o PNLD na área de História.

Em particular, a entrevista aborda a decisão de criar o Memorial do Programa Nacional do Livro Didático – PNLD na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Explora os motivos pelos quais a UFRN foi escolhida como sede desse projeto e como os conhecimentos sobre a preservação de arquivos foram decisivos para a criação do Memorial em Natal. Descreve como foi convidada para fazer parte da comissão técnica do PNLD, que era uma oportunidade de contribuir para a política pública educacional; sua entrada na comissão a levou a estudar mais sobre o tema e a buscar respostas para as demandas da política de livros didático.

Discute ainda os desafios enfrentados durante a construção do Memorial, os colaboradores envolvidos e o impacto que essa iniciativa teve no campo educacional e na preservação da história do livro didático no Brasil.

A entrevista também aborda a mudança de local do acervo e como a sensibilidade dos gestores da UFRN foi fundamental para encontrar soluções e garantir a preservação desse importante acervo.

A professora destaca o papel fundamental desempenhado pela Superintendência de Informática da UFRN na criação do espaço digital do Memorial, incluindo o site do PNLD. Ela também menciona desafios e oportunidades relacionados à atualização do arquivo, à divulgação do acervo e à colaboração com pesquisadores e estudantes. Além disso, a entrevista revela a preocupação da professora Margarida com a falta de diálogo e colaboração contínua entre o Memorial e órgãos governamentais nos últimos anos, a fim de manter o acervo atualizado e acessível aos pesquisadores. Ressalta a importância de lutar pela visibilidade e valorização dos livros didáticos e pelo acesso público ao Memorial,

tanto para a comunidade acadêmica (pesquisadores e pesquisadoras do tema) quanto para estudantes da Educação Básica.

A entrevista apresenta informações importantes sobre a história, a organização e os desafios enfrentados pelo Memorial do PNLD, destacando seu significado e impacto na pesquisa e na sociedade em geral.

Temas de destaque da entrevista:

Menção à sua formação acadêmica, evidenciando que sua trajetória na área de história e educação a preparou para as atividades que desempenhou posteriormente; preservação da Memória e Documentação, um dos temas centrais da entrevista foi a preservação da memória, ilustrada pela criação e manutenção do Memorial do PNLD; destacou a importância de documentar e arquivar materiais relacionados a livros didáticos; políticas de livros didáticos; compartilhou sua perspectiva sobre as mudanças nas políticas públicas relacionadas a livros didáticos ao longo dos anos; necessidade de mais diálogo e cooperação entre instituições acadêmicas e Ministério da Educação para atualizar os registros e disponibilizar materiais educacionais para pesquisadores e estudantes; acesso à informação sobre a importância de tornar o acervo do Memorial do PNLD acessível a um público mais amplo; desejo de promover a exposição e disseminação desses materiais para pesquisadores, estudantes e cidadãos interessados em estudar a história da educação; desafios e oportunidades futuras: necessidade de retomar parcerias e garantir que o arquivo continue a servir como um recurso valioso para a pesquisa.

Transcrição: entrevista com a professora Margarida Oliveira

[00:00:02] **Edilson** – Olá, professora, tudo bem?

[00:00:04] Margarida – Olá, Edilson, bom dia!

[00:00:06] **Edilson** – Tudo bom, tranquilo. Que bom que a senhora pôde estar aqui hoje um pouquinho. Eu sei do seu trabalho, da sua dedicação à universidade. Professora, então, a ideia é ouvir um pouco a senhora sobre a criação do Memorial. Eu já tive a oportunidade de conversar com várias pessoas que participaram da criação do Memorial do PNLD na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E agora, ouvir a senhora, porque a senhora é a peça-chave central. Todas as pessoas com as quais falei anteriormente, comentaram muito a seu respeito, que a senhora não só criou Memorial, mas também todo um traba-

lho anterior até chegar na criação e consolidação do Memorial. Então, ouvir um pouco a senhora sobre isso. A ideia é que a gente faça uma publicação mais tarde, sobretudo em artigos. Então, eu queria saber se eu posso depois usar fragmentos ou o todo dessa entrevista, se a senhora autoriza ou não, usar o fragmento ou o todo dessa entrevista.

[00:01:24] Margarida – Autorizo, Edilson, tanto todo quanto fragmentos, como você achar melhor, tanto o áudio quanto o vídeo, transcrições e textos, organizações que você faça das falas, pode utilizar da forma como você achar melhor.

[00:01:40] Edilson – Está bem. Então, vamos começar. Eu fiz aqui pequeno roteiro. Então, para começar a entrevista, eu queria que a senhora fizesse um relato da sua trajetória como professora, como professora pesquisadora. Em que momento da sua trajetória como professora, surgiu o interesse de pesquisar os livros didáticos?

[00:02:05] Margarida – Edilson, eu me formei... eu entrei na Universidade Federal da Paraíba em 1983, no primeiro semestre de 1983. O curso, na época, tinha três anos e meio. Então, eu deveria ter terminado em 86 [primeiro semestre], só que eu tive meu primeiro filho em 1985, e isso atrasou bastante o desenvolvimento do curso, porque eu precisei trabalhar para sustentá-lo e tal. Então, as questões da vida cotidiana mesmo fizeram com que eu só terminasse o curso em 1988 [primeiro semestre]. Então, um curso que era para ter sido feito em três anos e meio, como foi feito pela maioria da minha turma e tal, foi feito em cinco anos. E isso teve um aspecto muito positivo para mim, porque eu passei por um momento de transformação da universidade muito grande. Eu entrei em 1983, portanto, ali no finalzinho da ditadura. A universidade estava vivendo aquele clima e teve um aceleração muito grande das questões de pesquisa, de ensino, de discussões sobre essas questões na universidade, pelo menos na UFPB, a gente viveu muito isso, e eu acredito que também foi vivido em muitos outros locais. E quando eu falo que teve uma aceleração, uma aceleração inclusive de publicações que chegaram aqui, de discussões teóricas, por exemplo, eu me lembro muito vivamente, inclusive porque a gente fez disciplina com a professora Joana Neves para discutir isso, foi publicado no Brasil um livro de um autor chamado Cornélius Castoriadis, que chamava



“A Instituição Imaginária da Sociedade”. Ou seja, era toda aquela virada do pós-moderno, que hoje a gente chama virada linguística e tal, que esses autores nem estavam muito por ali, mas como críticos do marxismo, a gente recebeu o marxismo e os críticos do marxismo ao mesmo tempo. Isso deu uma virada muito grande no curso, então eu usufruí disso, usufruí com muito afimco. Além disso, a UFPB teve uma experiência desde a década de 70. Em 1976, nós tivemos um reitor chamado Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque, depois ele foi presidente do CNPq, que ele teve uma gestão muito diferenciada na UFPB, e ele criou o Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional, que nós chamamos – NDIHR. E para fundar esse – NDIHR, ele chamou a professora Rosa Maria Godoy Silveira, que na época estava na França, vivendo uma especialização, que ela diz que foi uma especialização interdisciplinar, a experiência interdisciplinar que ela viveu no seu melhor momento. E a professora Rosa veio e ela soube, porque esse projeto – NDIHR foi um projeto que o próprio Lynaldo, o próprio reitor, conheceu no Ministério da Educação, antes de ele ser reitor, ele tinha sido do Ministério da Educação, do setor da educação superior lá, e ele tinha recebido da Universidade do Mato Grosso esse projeto do NDIHR. Ele gostou tanto e disse, olha, eu vou aprovar, mas eu vou levar esse projeto também. Ele já sabia que ia assumir o reitorado da UFPB e ele disse, eu vou levar também um modelo desse para a UFPB. Então se criaram os dois NDIHR, um do Mato Grosso e da UFPB, com experiências muito diferenciadas, no final das contas. Mas o fato de ele ter trazido isso e de ele vincular o NDIHR à reitoria, esse núcleo, ele era ligado direto ao reitor, ele só respondia ao reitor. E a grande diferença que tinha no NDIHR era que a história, ou melhor, o método histórico orientava todas as pesquisas da universidade. Então ali estavam pesquisas da engenharia, a medicina, a arquitetura, a geografia, todos aprendendo que o método histórico, a revisão historiográfica é fundamental para qualquer pesquisa. Isso também deu essa experiência diferenciada na UFPB. Então esses dois elementos, o NDIHR e eu ter vivenciado, por conta das dificuldades pessoais, ter vivenciado dois momentos tão diferentes da universidade, me deu efetivamente uma formação, eu vou dizer diferenciada porque eu não encontro outra palavra. E a partir de 1987, a professora Joana Neves tinha saído para o doutorado dela, o primeiro doutorado que infelizmente ela não concluiu, e quando ela voltou em 1987, a partir daí eu passei a acompanhá-la em absolutamente tudo o que ela fazia. O que ela fazia, eu estava lá dentro com ela. Então, quando terminei o curso, fui orientanda

do mestrado, trabalhei sobre historiografia, a professora Joana Neves sempre trabalhou na ideia de que o ensino de história fazia parte da teoria da história. Então, ela nunca trabalhou com ensino de história especificamente, que é uma coisa muito interessante, porque, por exemplo, quando ela foi para o primeiro Perspectivas, quando ela foi para o primeiro evento de Perspectivas que foi organizado pela professora Elza Nadai, ela voltou para João Pessoa comentando, dizendo assim - Margarida, que coisa estranha, estão separando o ensino de história da teoria da história. Mas isso não vai dar certo, Margarida, o ensino só tem sentido se articulado com a teoria e tal. E ela ficava muito incomodada com aquilo. Por outro lado, ela confiava, eram irmãs siamesas, ela e a professora Elza Nadai, e ela dizia, mas olha se a Elza está falando isso, é bom que ela tenha razão. Então, quando eu terminei o meu mestrado, que foi sobre historiografia, que foi sobre escrita da história da Paraíba, eu terminei em 1994, já tinha acontecido, por exemplo, o primeiro encontro de Pesquisadores de Ensino de História. E estava meio que prego batido, ponta virada, que o ensino de história ia ser um novo campo de pesquisa. Então, Joana falava para mim assim, como quem diz, não tem jeito, a gente vai ter que se meter aí, porque não tem outro caminho. Embora ela não me dizia assim, você vai fazer algo na área de ensino, porque ela não acredita nisso, ela só acredita no ensino vinculado à teoria. E aí eu tentei fazer aqui em educação, na UFRN, entrei em contato com a professora Inês Stamatto, que depois foi coordenadora pedagógica na avaliação do PNLD, mas na época ela estava indo para um pós-doutorado em Quebec/Canadá. E aí eu disse, tá, então eu não vou fazer em educação. Que aí, veja disso, por conta dessa minha formação, eu estabeleci que eu fiz a graduação em história, eu estabeleci que ia fazer o mestrado em ciências sociais e que ia fazer o doutorado em educação, por conta dessa formação. Porque nós acreditávamos, formados pelo NDIHR e formados por esses professores que construíram o NDIHR, que nós precisávamos ter uma formação inicial em história, mas que nós precisávamos dialogar com esses outros campos, tá certo? Foi por isso que eu tinha vindo tentar ter o contato, eu não vim aqui fazer seleção, eu entrei em contato com ela, com a professora Inês, e aí ela disse, olha Margarida, infelizmente eu estou indo fazer o pós-doutorado em Quebec e tal, e eu não tinha outro contato, então achei melhor parar. E aí, por conta disso, por conta dessa impossibilidade, eu fui fazer o doutorado na UFPE em Pernambuco. E a UFPB e a UFPE tinham um contato bem estreito, há muito tempo, vários professores nossos eram ligados ao programa de pós-graduação

em história da UFPE, que é um dos mais antigos, do Nordeste e tal, mas eu não queria ir para lá, mas me vi nessa contingência.

[00:12:45] **Edilson** – Nesse meio tempo, professora, a senhora está na Paraíba?

[00:12:49] Margarida – Sim, sim.

[00:12:50] **Edilson** – Está na Paraíba como professora?

[00:12:52] Margarida – Exato, eu era professora, fui professora substituta, fui professora visitante na Estadual da Paraíba, na Universidade Estadual da Paraíba, em Campina Grande, de 95 a 96. Aí, de 96 até 98, eu estive como substituta na UFPB. Em 99, eu comecei meu doutorado, aí eu fiquei vinculada a uma universidade particular, estava trabalhando nessa universidade particular e fazendo doutorado. E em 2000, eu fui de novo ser substituta na UFPB. Aí eu, nesse caso, só passei um ano, porque eu estava organizando o Simpósio Nacional, terminando o doutorado e nessa universidade particular, aí eu disse, não, eu não estou tendo condição de ficar mais na UFPB. Aí deixei a UFPB e fiquei fazendo essas outras coisas.

[00:13:59] **Edilson** – Certo, e quando é que a senhora vai para a Universidade Federal do Rio Grande do Norte? Porque a senhora está fazendo doutorado em Pernambuco, não é?

[00:14:07] Margarida – É, eu só vim para cá, eu terminei o meu doutorado em 2003, eu defendi a minha tese no dia 31 de março de 2003 e vim para cá em abril de 2004.

[00:14:21] **Edilson** – Ah, 2004 já. E como é, professora, que surge, como é que aparece na vida da senhora essa coisa, não só o livro, porque o livro daqui a pouco a gente chega, mas do trabalho com arquivos, porque aparece muito dentro da sua vida, além do NDIHR, que a senhora já falou, aparece muito essa coisa do trabalho com arquivos, que não era muito comum.

[00:14:48] Margarida – Porque, veja, o NDIHR, nessa primeira fase, principalmente até o finalzinho dos anos 80, ele era bem isso que eu estou te falando, essas

pesquisas interdisciplinares, demandadas pela comunidade, não eram pesquisas da cabeça dos pesquisadores, é disso, eram pesquisas que chegavam à UFPB porque a comunidade estava precisando. Comunidade do tipo assim... vou dar um único exemplo para você entender. O porto de Cabedelo, o porto da Paraíba é em Cabedelo, que fica a 17 quilômetros de João Pessoa, é a cidade portuária. O porto de Cabedelo estava para ser feito um grande trabalho de alargamento, de modernização do porto. Isso influía, por exemplo, na pesca artesanal, isso influía no entorno, isso influía no meio ambiente. Então, aquele órgão do Estado que ia fazer, que estava fazendo aquele estudo, encomendou à UFPB um grande projeto sobre o porto de Cabedelo. Aí, quando se pesquisava isso, não se pesquisava só a questão do porto, mas estudava, por exemplo, a antropologia, foi estudar toda a questão da pesca artesanal, dos saberes da pesca, das histórias da pesca, da identidade. A questão da economia, a economia foi estudar como seria reorganizada a economia local ali. A saúde coletiva foi trabalhar sobre isso. Está entendendo? Então, veja, era de fato uma coisa muito diferenciada, mas isso não sobreviveu todo o tempo. E isso começou em 76, como eu te disse, com a fundação NDIHR, e foi no máximo até os anos 90. Então, eu já peguei o finalzinho dessa história. E aí, o NDIHR não organizava acervos, a partir dessa pesquisa, ele criava uma informação, um banco de dados sobre onde estavam os acervos. Está certo? É a internet antes da internet. Está certo? Porque eles começaram a dizer “não, a gente não tem que trazer os acervos para cá, a gente tem que criar um banco de dados para saber onde estão os acervos”. Então, em cada pesquisa dessa, tinha-se um grande banco de dados no Nordeste, aí não era só na Paraíba, mas era principalmente, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Ceará. Onde estavam dados sobre aquela pesquisa. Então, tanto dados iniciais, dados primários, tipo, ah, onde é que tem mais pescadores artesanais? Mas também pesquisa bibliográfica, onde é que está se pesquisando sobre pescadores artesanais? Então, o NDIHR ia criando um banco de dados sobre isso. Isso foi praticamente a primeira fase, vamos dizer, e a fase mais robusta dele. Depois, esse modelo de pós-graduação que a gente tem, e a questão da centralização dos departamentos e tal, foi tirando os professores de lá. Os professores não podiam mais ficar no NDIHR e nos departamentos, eles não tinham mais como dar conta disso. Então, esse modelo que nós temos hoje de pós-graduação foi vencendo. E o NDIHR foi ficando de lado. No que ele foi ficando de lado, ele foi muito chamado para organizar arquivos. Está certo? E aí, muitos dos nossos professores, inclusive as duas professoras com quem eu mais trabalhei, que foi a

professora Irene Rodrigues e a professora Laura Helena Baracuh, elas organizaram o arquivo da Associação Comercial da Paraíba. E nesse arquivo, elas chamaram a assessoria da professora Heloísa Liberalli Belloto e da professora Ana Maria Camargo. Primeiro a Heloísa Belloto. Então, eu acompanhei, por exemplo, a professora Heloísa Belloto, revisando aquele livro dela, fundamental para a teoria arquivística no Brasil, que é “Arquivos Permanentes, Tratamento Documental”. Nós lemos, em primeira mão, aqueles textos. Ela dava assessoria para a gente. E depois, a professora Ana Maria de Almeida Camargo, que, inclusive, chegou a vir aqui, ver projetos meus aqui na UFRN. Nós nos tornamos, posso dizer assim, colegas de trabalho e tal. Então, nessa... Eu vou chamar essa segunda fase do NDIHR. O NDIHR, dando assessoria, ele não trazia os arquivos para dentro do NDIHR, mas ele criava parcerias com as instituições para organizar os arquivos, treinar as pessoas, e eles continuarem com os arquivos organizados, e a gente a ter acesso àqueles arquivos. Então, foi assim que na Paraíba se organizou o Arquivo da Associação Comercial, da Arquidiocese da Paraíba. Dom José Maria Pires, que foi o primeiro arcebispo negro do país, ficou muito interessado, chamou a equipe da UFPB para organizar o Arquivo da Arquidiocese. Até hoje, quem cuida do arquivo é um ex-aluno que virou funcionário da Arquidiocese. Aí, muitos arquivos. Até hoje, há um grupo dessas professoras aposentadas hoje da UFPB que trabalham com arquivos. Então, foi nesse sentido. E, sobretudo, o Arquivo do Instituto Histórico, porque a gente queria rever a historiografia paraibana e para rever a escrita da historiografia paraibana que nós imputávamos e ela era mesmo como muito conservadora e tal. E o professor nos deu a orientação de que para “implodir”, foi a palavra que ele utilizou, para implodir com aquela historiografia, nós tínhamos que organizar o arquivo. Então, o arquivo, essa lição, para mim, passou a ser um princípio. Que, obviamente, todo historiador sabe disso, mas eu, naquele momento, fiquei absolutamente encantada com essa orientação. Se você não tem fontes organizadas, você não tem como colocar outras pessoas na história, você não tem como colocar subalternizados, excluídos, você não tem como rever a historiografia, você não tem como fazer o novo. E, sobretudo, os cidadãos não têm acesso à informação.

[00:22:48] **Edilson** – Perfeito então, aí a gente já começa a entender um pouco, a gente começa a entender um pouco dessa trajetória da senhora e entender também, lá na frente, onde é que isso vai dar, onde a gente vai chegar, que é o Memorial, a criação do Memorial. Mas a gente conhece também, a senhora tem

uma vasta produção sobre ensino de história, muito vasta, que a gente ficaria horas falando aqui. Mas onde é que a senhora entra com o livro didático?

[00:23:18] Margarida – Pois é, aí, veja, em 99, eu fiz a seleção para o doutorado em Pernambuco. E o que eu queria era discutir muito orientada. Ela não me deu o problema, mas o fato de eu acompanhar tudo o que ela produzia, o que ela discutia, e a própria forma como eu aprendi na UFPB, eu queria discutir, eu queria explicitar de alguma forma, falar sobre isso, descrever, estudar, que existe uma formação para o professor, existem saberes do professor, existem saberes que devem ser trabalhados na escola que são diferenciados. Por isso, a minha tese é sobre formação do professor. Eu não tinha, me fez falta o diálogo com a educação, mas, assim, toda a minha orientação foi pela teoria da história. O que eu queria era explicitar, não era para o pessoal da educação, era para os colegas de história que havia esses dois saberes. E a bibliografia [Edilson], que me deixou mais perto da explicitação desses dois saberes, foi a bibliografia sobre o livro de didático. Por isso, boa parte do capítulo 1 da minha tese é sobre a bibliografia sobre o livro de didático. A revisão da bibliografia sobre o livro de didático. Porque, pelo menos na época em que eu estudei, o que eu tive acesso, na época em que eu fiz a tese, já se vão mais de 20 anos, na época em que eu estudei, em que eu fiz a tese, era o conjunto de estudos que chegava mais próximo a dizer assim, não, gente, olha, espera aí, vamos ter calma, porque tem dois saberes diferenciados que a gente precisa entender. Porque me incomodava, como me incomoda até hoje, se dizer assim, o problema é porque as pesquisas que a gente faz não chegam na escola, porque o problema é que os professores são desatualizados, esse tipo de coisa. Eu dizia, não, gente, não é isso, não está correto. E era isso que eu queria explicitar. Hoje, talvez até para mim mesma isso soe óbvio, mas na época em que eu fui, pelo menos, onde eu procurei não estava dito, não para os meus colegas de história, de forma assim explícita. Talvez dentro da educação estivesse, mas para a história não estava.

[00:26:41] Edilson – Certo. E a senhora vai coordenar, já na UFRN, vai coordenar na área de história um dos maiores, vamos chamar de evento, mas um dos maiores movimentos de análise de livros de dados, que é o PNLDD, na área de história, no seu caso. E isso parece também que fez com que a senhora, [já começamos a entrar na discussão do Memorial], a senhora é reconhecida, na conversa com a ex-coordenadora geral de materiais didáticos, que era da

COGEAM na época, ela me disse, me relatou que a escolha da Federal do Rio Grande do Norte não foi por acaso, porque tinha a senhora à frente do PNL D de História, mas, sobretudo, o seu currículo, que agora começa a fazer diferença, o seu currículo analisado por eles, segundo a própria ex-coordenadora geral de materiais didáticos, levou a crer que a senhora tinha um conhecimento muito vasto na área da preservação, enfim, na área dos arquivos. E eles a convidaram, então, para organizar o Memorial do PNL D. Eu queria que a senhora falasse um pouco como que foi o processo de escolha do local, porque foi a UFRN, quais foram os desafios que a senhora enfrentou ou que foram enfrentados naquele momento, na construção do Memorial, e quem estava envolvido nesse primeiro momento na construção?

[00:28:14] Margarida – Olha, Edilson, eu tive uma sorte imensa, imensa, de ter vindo para o UFRN em 2004. O governo Lula tinha começado no ano anterior, os recursos estavam vindo para a universidade de uma forma muito mais facilitada depois de todo o período de Fernando Henrique, de baixos recursos. Eu me lembro, ainda nos primeiros meses que eu estava por aqui, eu fui imprimir um texto numa impressora da coordenação e o coordenador da época disse não, pelo amor de Deus, não imprima não, que a gente não tem papel para tudo isso. Então, a gente estava saindo daquela escassez para um aumento de recursos robustos na universidade. E nós, provenientes da classe trabalhadora, nós sabemos que determinadas oportunidades aparecem e a gente não pode negar, porque, primeiro, não é todo dia que aparece, segundo que se a gente não ocupar, outra pessoa ocupa, e nem sempre a outra pessoa vai trabalhar em prol dessa classe trabalhadora. Não é? Então, eu entrei aqui em abril de 2004, você imagina, eu nunca tinha pensado em sair de João Pessoa, eu tinha uma mãe e um pai lá idosos, a quem eu dava muito suporte, eu era vizinha deles, comprei uma casa vizinha deles, exatamente para dar suporte. Então, eu tinha uma vida toda montada lá, um filho já com 18 anos, outro com 13. Então, assim, nós tínhamos escola, nós tínhamos tudo lá, só que eu não via oportunidades na UFPB de fazer concursos, né? Estava havendo concursos, mas houve dois concursos para a história moderna. E eu vi que não ia ter muito caminho ali. E na época, exatamente naquele boom de concursos, abriram concursos em vários locais, dentre eles aqui a UFRN, em Alagoas e Sergipe. Eu me inscrevi para os três, mas acabei só fazendo da UFRN, porque foi o primeiro, e como eu passei aqui, como era mais próximo da cidade de João Pessoa, eu terminei ficando aqui. E vim para Natal, uma mu-

dança muito significativa na minha vida, porque eu já estava com 38 anos. Então, já não era mais nenhuma juvenzinha para uma mudança desse tipo. Então, eu cheguei num momento de mudança grande da minha vida e de mudança da universidade. Em julho, eu cheguei aqui em abril, em julho, eu recebi um telefonema para eu ir à Brasília para uma reunião. Que eu achei, só me disseram assim, é sobre o PNLD. Eu achei, eu já vinha acompanhando as avaliações do PNLD e tal, acompanhando assim, não como pesquisadora, mas como curiosa mesmo, como formadora de professores, vendo as fichas, vendo as avaliações, esse tipo de coisa. Então, quando me chamaram, eu achei que eu ia avaliar. Eu até pensei assim, nossa, chega lá, vai encontrar o pessoal todo e tal. E quando eu cheguei lá, me espantei, porque só tinha cinco, seis pessoas na sala e nenhuma eu conhecia. E, na realidade, era para formular o convite para a gente fazer parte de uma grande reorganização da Comissão Técnica do PNLD. Na época, entraram eu, o professor Pavão e a professora Marísia Santiago, professora Marísia pela geografia, professor Pavão pelas ciências e ficaram os mesmos que estavam de matemática e português. Matemática, o professor Pitombeira e Língua Portuguesa havia sempre um revezamento entre a professora Roxane Helena Rodrigues Rojo, que eu acho que ela ainda está na Unicamp, e o professor Egon Oliveira, eles sempre se alternavam. Então, houve uma proposta de renovação de maioria da Comissão Técnica. E essa proposta de renovação foi porque o Ministério da Educação estava muito preocupado com o fato de que a Comissão Técnica era representativa quase exclusivamente do eixo Rio-São Paulo. Então, eles queriam nacionalizar a justificativa, na época, da professora Jeanete Beuchamp, que infelizmente faleceu, e da própria Jane, que na época não era coordenadora, era técnica, elas disseram, olha, o ministro nos solicitou dizendo o seguinte, o PNLD é nacionalizado, por que a Comissão Técnica é de só dois estados? Então, a preocupação deles era essa, certo? E eu entrei assim na Comissão Técnica. Fui convidada, fiquei muito lisonjeada, foi um trabalho que me deixou com algumas noites sem sono, preocupada se eu ia dar conta daquilo ali, mas comecei a estudar e tal. E comecei a me dedicar mais vivamente, para responder também à pergunta, pesquisar sobre o livro didático, por conta disso, pela necessidade de me inserir na política pública. Aí eu decidi, não, para fazer isso, eu tenho que estudar. E para estudar, vou ter que terminar pesquisando também, porque quando eu fui ver, é, aquilo que eu tinha apontado na minha tese, as pesquisas sobre o didático serem majoritariamente para apontar a falta, a inexistência, o erro continuava muito presente. E a política pública estava muito mais avançada do que aquilo ali. Eu precisava dar



respostas para a política pública, então foi por isso também que eu agilizei muito as discussões, tentei formar um grupo, tentei formar, chamar pessoas para dizer assim: “olha, vamos pesquisar sobre isso e tal”. Algumas pesquisaram para trabalhos, para dissertações, para teses e tal, e principalmente o professor Itamar Freitas entendeu o meu convite, e aí Itamar mergulhou fundo comigo nessa necessidade de responder às políticas públicas. Aí, veja, eu tinha entrado aqui na UFRN para implantar três, três conjuntos, vamos dizer assim, de disciplinas que tinha a ver com a reforma do currículo daqui. O currículo daqui foi reformulado em 2003 e implantado em 2004. Aí, veja só, [Edilson], olha meu desafio. Tinha a mudança da minha vida, tinha esse convite para o PNLD e tinha a implantação de um novo currículo para o qual o concurso que fiz foi para responder a isso. Foi na área de memória e patrimônio, ensino de história e arquivos. E aí, veja só, essas três áreas, para mim, [Edilson], do jeito que eu tinha aprendido, tinha a ver com o que? Com teoria da história. Então, eu tive que implantar a disciplina aqui, que chama arquivística histórica, que é, na realidade, uma introdução à arquivologia. É como os historiadores devem lidar com um outro campo de conhecimento, que é a arquivologia. Então, eu tinha implantado essa disciplina. Para implantar essa disciplina, eu precisei fazer algumas ações com os alunos. E outros locais ficaram sabendo, “olha a UFRN está trabalhando com isso”. Então, por exemplo, eu fui chamada para organizar o arquivo da Arquidiocese. Eu fiz diagnóstico do 17º Batalhão de Engenharia de Combate. Eu fui chamada para organizar o arquivo do Ministério Público do Estado. Aí foram aparecendo, assim, [Edilson], tantos projetos nessa área, porque há uma demanda reprimida no Estado. Essa semana, eu falei com uma deputada federal sobre isso, porque estão sendo criados aqui uns institutos estaduais, são os IERN [Instituto de Educação Profissional, Tecnologia e Inovação]. O modelo dos IFs [Institutos Federais]. E eu falei para ela, porque estão escolhendo os cursos técnicos. Eu disse, pelo amor de Deus, faça um curso técnico em arquivo, porque aqui no Rio Grande do Norte, não tem curso de arquivologia em nenhuma universidade. Na Paraíba, nós temos. Na UFPB e na UEPB. E aqui a gente não tem. Então, há uma demanda reprimida. Então, [Edilson], o que chegou de instituição querendo que a gente fosse cuidar de arquivo e tal. Então, veja, eu estava de um lado com o PNLD e estava de outro com essa demanda imensa da universidade, com a qual eu não podia negar, porque eu tinha feito concurso para isso. Então, assim, sabe? Aquelas oportunidades que vão aparecendo e eram oportunidades para mim, para meus alunos. Nós conseguimos muita bolsa para os alunos em relação a isso, né?

Nós conseguimos muitas parcerias, né? Então, não tinha como eu negar esses cavalos selados, como a gente diz no popular, que estavam passando e que eu tinha que montar, entende? Isso me custou, inclusive, assim, a organização da vida pessoal: “Margarida, olha, por enquanto, eu vou ficar te ajudando nos projetos, porque não era uma ajuda oficial, porque não pode, é proibido pelos órgãos públicos, mas muito, muito reforço, assim, de organizar a vida em casa e organizar minha papelada mesmo, organizar, olha, eu fiz essa tabela aqui para você, eu fiz essa tabela de cursos, eu fiz isso, para eu poder ir dando conta”, porque a universidade estava com recursos, estava recebendo dinheiro, a gente tinha como fazer projeto, os parceiros nos procurando, eu precisando implantar essas disciplinas e precisando implantar e reorganizar o PNLD, porque aí é um caso à parte, a gente não vai falar sobre isso, mas tanto havia mudanças nos editais, como não foi passado para a gente, como era feita, como eram feitas as avaliações anteriores, as universidades ficaram com esse segredo, vamos dizer assim, tanto que me preocupei em colocar em um capítulo de livro que foi publicado todo o processo de avaliação para que isso fique público, para que não fosse mais segredo da Comissão que fazia. Então, eu estava vivendo essa vida, eu estava vivendo essas várias demandas, e claro, todas as vezes que eu estava lá em reunião no Ministério, eu acabava falando, não, porque o arquivo tal, porque não sei o que e tal, e teve um momento específico que a Secretária de Educação do Estado, na época, convidou a professora Jeanete Beauchamp para fazer umas visitas aqui, eu não me lembro especificamente sobre o que, mas eram em algumas escolas, e a professora Jeanete Beauchamp vindo aqui, eu aproveitei a vinda dela e fui mostrar também o local da UFRN, que a gente estava avaliando os livros, como é que eram guardados, o processo do PNLD, e aproveitei para mostrar alguns arquivos que a gente estava organizando, muito por curiosidade. Dizia, olha professora, a gente faz isso, a gente faz isso, e foi depois dessa visita que eu cheguei um dia no Ministério da Educação, e Jane Cristina da Silva, que acompanhava a avaliação do PNLD desde os seus momentos iniciais, ela olhou para mim e disse, Margarida, por que a gente não organiza o Memorial do PNLD? E foi engraçado, porque eu sempre discuti com meus alunos sobre essa nomenclatura que tomou no Brasil, há inclusive textos sobre isso e tal, discutindo, o que é memorial, o que é museu, mas ela foi tão categórica na afirmação, que eu nem pestanejei para dizer assim: - mas, Jane, isso não é um memorial, isso é o arquivo do PNLD que você está querendo passar para o UFRN, e, de fato, eu não retruquei e a gente chamou o Memorial e o nome pegou na mesma hora, e a proposta que ela fez era meio que, vamos dizer

assim, eu não podia negar para o Ministério, porque ela colocou uma coisa que é sempre muito difícil para as universidades, ela disse, olha, a gente faz um convênio com a Reitoria que, inclusive, vocês podem comprar materiais permanentes, então, você sabe que conseguir editais em que a gente consiga material de custeio é uma coisa, e material de capital é outra coisa completamente diferente, então, ela disse, olha, o que a gente quer é que você faça um orçamento sobre o que é que vocês vão precisar para escanear todos, digitalizar todos os livros, porque a grande preocupação deles eram os livros, pelo fato de que quando entrava um processo, quando um jornalista pedia material e tal, eram os livros, como o pessoal não conhece, no final das contas, a avaliação, então, eles nem se tocavam para a questão de edital, para a questão de ficha, dos pareceres e tal, depois é que isso foi sendo conhecido, mas o que eles pediam era o livro, o que é que o livro tem, qual é o problema do livro, então, a grande preocupação da COGEAM eram os livros, e havia tido um incêndio, alguma coisa assim, no depósito onde esses livros estavam, e como as avaliações já estavam acontecendo há mais de 20 anos, eles já tinham um acervo muito considerável, então, a proposta dela era essa, era, olha, o que a gente quer é que vocês digitalizem tudo, entreguem uma cópia digitalizada para a gente, guardem o acervo físico, e a gente dá as condições para isso, eu fui burra [Edilson], infelizmente, eu não pedi a construção do prédio, que era o que eu deveria ter pedido, então, eu pedi os scanners, pedi bolsa, pedi os móveis, pedi o que a gente precisava fazer, utilizar naquele momento, e viabilizamos o espaço pela UFRN, o que a Coordenadora geral de materiais didáticos me disse depois é que, a proposta que a gente fez, eu acho que o projeto inicial foi em torno de R\$ 800 mil, alguma coisa assim, é, a gente tem o documento, o que ela me disse foi que esse valor foi mais baixo do que a licitação que eles faziam, então, assim, foi muito bom para a gente, atendia a questão da disciplina, atendia a discussão sobre memória e patrimônio, atendia a nossa formação aqui, atendia ao PNLD.

[00:46:46] **Edilson** – Certo. Professora, aí, a senhora conseguiu, então, toda a verba, quando tive acesso ao seu e-mail, a senhora abriu o e-mail para mim, de discussões com a COGEAM, as primeiras discussões em 2009, em 2010 começa todo o processo da criação mesmo, da vinda dos livros, da ida dos livros do Ministério da Educação, lá de Brasília, para Natal, vai chegando em muitas caixas, todo mundo relata muito isso, que eram muitos livros e depois a senhora começa a perceber que está ficando, o espaço precisa de um outro espaço porque eram feitos nas casas ao redor da universidade e depois vocês começam a perceber que

isso precisa de um espaço maior para dentro da universidade. Como é que surge isso? Como é que a senhora consegue, hoje, por exemplo, os livros estão, os livros físicos estão acomodados dentro do campus, mas não estavam antes, como é que foi esse processo?

[00:47:50] Margarida – Olha, a UFRN, ela recebeu muitos recursos nesse período dos dois primeiros governos do Lula, foi realmente, a universidade se expandiu muito, teve muitos projetos, muitos, muitos, muitos, ela recebeu, de fato, muitos recursos, e aí, quando a gente comprovou para a Reitoria que a gente precisava de um local para fazer esse trabalho, quando o reitor assinou, na época, assinou o convênio, a gente já sabia que a gente ia precisar de um espaço. A avaliação do PNLD já estava acomodada em uma dessas casas que a universidade alugava para outros projetos, entendeu? Então, a própria avaliação já estava lá. Como a avaliação já estava lá, o reitor sugeriu que a gente começasse fazendo o trabalho lá e aí, nesse primeiro momento, se dividiu um pouco lá nessa casa que era de um setor da universidade que tinha projetos especiais de extensão. Lá nessa casa, a gente fazia a limpeza, o desmonte dos livros e a limpeza, e aí, a gente trazia para a UFRN, para o setor que a Monica Marques Carvalho Gallotti organizava, que era para digitalização, porque nesse momento inicial, quem nos deu o *know-how* de digitalização foi o pessoal da Biblioteconomia. Eles que indicaram os melhores scanners, eles que indicaram as melhores máquinas e tal, e aí, a equipe dela fazia a digitalização e o tratamento da imagem, e eles foram ensinando aos nossos bolsistas de história. Então, tinha bolsistas de biblioteconomia, tinha bolsistas de história. Aí, depois, houve uma mudança dessa casa, desses projetos especiais, e o número de livros começou a ficar enorme, e aí não dava mais para a gente dividir espaço com esses outros projetos. Então, foi alugada uma casa exclusivamente para a gente fazer o desmonte, a limpeza e a digitalização. Aí, nós já transferimos tudo para um local só, para essa casa. Aí, a gente já fazia todo o processo. Mas veja, isso durou até 2018. Porque teve depois a segunda fase do projeto do Memorial PNLD. E aí, também, em 2018, a universidade já estava num momento inverso, sem dinheiro nenhum, não tinha como bancar mais nada, a gente já estava pedindo, passando “o pires”. Então, chegou um momento em que a gente não podia mais pagar essa casa, e eu levei o problema para a reitoria, porque eu tentei – na época, eu estava como chefe do departamento –, eu tentei viabilizar reorganizando as salas do departamento, as salas de professores, de bases de pesquisa, dessas coisas, mas eu acho que a pressa

de tentar resolver, eu acho que o diálogo com os professores não foi bom, e terminou que os professores não aceitaram e tal. Então, eu levei o problema para a reitoria, propus, inclusive, na época, ao a professora Ângela Cruz, que estava terminando o mandato dela e passando para o professor Daniel, que hoje é o reitor, está no segundo mandato dele, na época que ele estava assumindo, eu propus a ela, - professora Ângela, vamos devolver esse acervo ao Ministério da Educação. Aí, ela disse, mas professora, por quê? Porque, professora, eu não estou vendo alternativa, não tem espaço, ninguém está me abrindo as portas e tal. E ela disse “não, professora, esse é um projeto importante demais para a universidade, é um convênio que foi assinado, eu não posso devolver esse acervo”. E colocou para a diretora de centro, que estava na época lá, a professora Maria das Graças Rodrigues, estava nessa reunião conosco, disse, professora, nós vamos ter que resolver essa situação, a gente vai ter que achar uma forma. A professora Maria das Graças chegou a ligar para o diretor da Escola Agrícola de Jundiá, que é a nossa escola de ensino médio, que fica em outro campus, em uma cidade próxima a Natal, chamada Macaíba, ela chegou a ligar para ele, para levar esse acervo para lá, porque lá tem espaço. Chegou a ligar, ela falou o que era, ele ficou meio em dúvida, e ela disse assim, inclusive, a professora é mãe de um professor daí, aí ele disse, é mãe de quem? Aí ela disse, é mãe do Anderson Dias Viana, ele disse, então, eu tenho que trazer. Eu não posso negar isso a Anderson e tal (risos). Aí nós cogitamos levar para lá, depois a professora Graça me chamou novamente no gabinete dela e disse: “Margarida, esse acervo é importante demais, se a gente mandá-lo para a Escola Agrícola, nunca mais ele volta para o CCHLA, para o nosso Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes”. Ela tinha tido, na época, uma visita de professoras da África, fazendo visitas aqui, por uma série de outras coisas, mas elas visitaram o Memorial, ficaram encantadas, e aí ela disse, não, a gente não vai mandar isso para a Escola Agrícola. E aí ela usou o capital político dela, e ela me autorizou a fechar uma sala que antes era o nosso auditório de história. Você sabe que fechar sala de aula é uma coisa complicada, é uma decisão muito difícil para um gestor numa universidade, mas ela disse, não, nós vamos pegar isso aqui, que era um auditório, a gente vai transformar no maior acervo do Memorial, porque tem uma outra sala que é ocupada, mas é um acervo menor, então, hoje, o acervo está dividido nisso que era o nosso auditório, que é a sala C4 do setor 2 de aulas, da UFRN, e na sala 809 do CCHLA, que é a parte administrativa do prédio, que esse não era grande problema. Então, foi necessário isso, sobretudo, uma sensibilidade desses gestores. Eu agradeço muito à professora Ângela Cruz, nossa

ex-reitora, ao professor José Daniel Diniz Melo, nosso reitor, à professora Maria das Graças Rodrigues, ex-diretora do CCHLA, a sensibilidade que eles tiveram. A professora Graça é das letras, então, ela sabe o valor disso, mas o professor Daniel é lá das engenharias, então, embora eles não estivessem voltados para isso, mas eles tiveram a sensibilidade da gestão de entender o valor desse assunto.

[00:56:07] **Edilson** – Então, esses são os espaços físicos. E o espaço digital? Porque isso vem posteriormente, a criação do espaço digital, onde hoje está acomodado, inclusive, o site do Memorial do PNLD. Como é que foi a construção do espaço?

[00:56:24] Margarida – A nossa superintendência de informática é muito aguerrida. Ela criou o sistema SIGAA, que vendeu para quase todo o país, dá suporte. É uma superintendência de informática muito forte, muito forte. - Olha, nós precisamos de um servidor virtual, nós precisamos de um local para armazenar isso, porque a garantia de estar com eles é a garantia de *backups* permanentes, de não ter problema sobre tramitação de tecnologia, desse tipo de coisa, quando precisar. Então, o site tem um setor específico lá no nosso centro, que trabalha com isso. Então, ele é uniformizado com o design dos outros materiais que é produzido no centro. Então, por isso que ele tem, também, aquela carinha assim e tal. E a superintendência de informática, esse suporte técnico mesmo, que sempre foi muito tranquilo, por conta da potência dessa superintendência.

[00:57:44] **Edilson** – Professora, a gente vai caminhando para o nosso final. E, para concluir, eu queria que a senhora falasse um pouco sobre o Memorial, sobre, enfim, o espaço físico, o espaço digital. A gente vai também escrevendo dentro do texto e dentro daquilo que a gente foi produzindo, dentro do nosso trabalho aqui do pós-doutorado. Isso vai aparecer com muita força. E outras pessoas também já comentaram sobre a atualização do arquivo, como está sendo tratado, como foram tratados, como que o Memorial é divulgado para o público em geral, enfim. Mas a senhora... Chegou um tempo que a senhora saiu da coordenação do PNLD. A gente não vai falar da PNLD, mas a coordenação deu à senhora, também, a possibilidade de levar para a UFRN esse Memorial, para construir esse Memorial, como a própria ex-coordenadora geral de materiais didáticos já disse. Então, como é que a senhora vê, depois de tanto tempo trabalhando com livros didáticos, criando, inclusive, um espaço de um arquivo de

livros didáticos, que a gente chama de Memorial hoje, como é que a senhora está vendo, nos últimos seis anos, as mudanças que ocorreram nas políticas de livro didático? E como essas mudanças nas políticas públicas e na legislação, porque mudou bastante, 2017 para cá, principalmente, acabaram afetando a manutenção e permanência do memorial?

[00:59:17] Margarida – Olha, Edilson, a principal mudança que eu pretendo reverter agora, vou ver o que é que eu consigo, foi na falta de diálogo mesmo. Eu tentei por várias vezes, teve uma visita de uma técnica do Ministério da Educação, ela veio para fiscalizar, ver se a gente tinha fechado mesmo os trabalhos e tal. Ela teve reunião com, na época, o vice-reitor, que era quem estava em exercício, teve reunião conosco, passou vários dias, entrevistou os bolsistas, me entrevistou, olhou todo o acervo, e ela própria reclamou muito das condições de pesquisa, do fato de que a gente não tinha uma sala de pesquisa e tal, que precisava estar acomodada de uma outra forma. Então, o que eu mais me ressinto é da desatualização, vamos dizer assim, porque o acervo hoje tem os livros avaliados até 2018. De 2018 para cá, de 2019 para cá, nós não temos. Por falta desse diálogo, eu pedi a ela, depois pedi por e-mail, algumas vezes, para a gente reatar essa parceria, inclusive porque agora as notícias que eu tinha, eu me afastei de fato. Eu não procurei saber como estava andando a política pública. Soube algumas coisas, sim, porque sempre algum colega comenta ou pelas coisas que saem na imprensa. Mas o que eu mais me resenti é que eu sabia que, por exemplo, os livros já estavam chegando digitalizados [natdigital]. Então, olha que mão na roda. Agora era só mandar para a gente, para a gente ir atualizando para os pesquisadores e tal, mas eles não fizeram isso. Então, isso a gente não tem. Eu pretendo agora retomar o contato, deixei passar esses primeiros seis meses, que eu sei que os governos estão ainda se organizando e tal, mas agora, nesse segundo semestre, pretendo fazer esse contato, ver se retomo para atualização, pensando muito nos pesquisadores. Sei que agora já não é mais uma demanda do Ministério. Na época, eles tinham uma demanda, porque eles queriam resolver os problemas de respostas que eles davam, fosse aos processos, fosse à imprensa. Agora, eles não têm mais essa necessidade, mas seria muito bacana a gente continuar essa parceria nesse sentido. Então, o que eu mais me ressinto é disso. A segunda coisa é, de fato, de uma condição, aí não é só o Memorial do PNL D, o nosso departamento tem vários outros acervos, a gente já chegou a fazer projetos com a superintendência de infraestrutura da universidade, já chegou a fazer um projeto, um prédio em que a gente acomodasse esses acervos, tivesse auditório, tivesse local de exposição, porque, por exemplo, para mim, essa é uma questão funda-

mental para o Memorial. A gente fez algumas exposições muito pequenininhas, muito simples, mas porque, para mim, o Memorial não tem sentido se ele não chega ao público, se ele não publiciza, se ele não divulga o que a gente está fazendo ali. Então, essa é uma outra coisa que eu acho fundamental que a gente precisa brigar por isso, vou começar, recomeçar nessa coisa. E a terceira coisa é, Edilson, que todas elas não estão desconectadas. A terceira situação é que eu, a impressão que eu tenho é que os livros didáticos sofrem de um preconceito muito grande por parte da universidade, por parte dos pesquisadores. Veja, eu não compreendo que a gente tenha tantos mestrandos profissionais e a gente tenha tão pouco acesso ao Memorial do PNL D. Está certo? Porque, para mim, sobretudo, quando eu vejo muitas dissertações que fazem materiais complementares ou materiais críticos aos livros didáticos, a gente precisaria exatamente dialogar com eles. E aqui nós temos a UFRN, é sede do profissional de Letras, tem de Química, tem de Ciências, Geografia. Estou falando só daqui que há, mas em todo o Brasil e em todos os programas de pós-graduação que trabalham com isso. E a gente tem pouco acesso a isso. Eu não sei se tem a ver com o fato do desconhecimento e, por outro, do fato, Edilson, de a pessoa não acessar lá e já ter o livro aberto. Está certo? Que, veja, na época, foram as editoras que pediram para a gente não fazer isso. A gente daria acesso às pessoas que solicitassem. Está certo?

**[01:05:12] Edilson** – Como é feito hoje, não é?

**[01:05:14] Margarida** – É, inclusive, todos os nossos livros têm uma marca d'água, com o símbolo do Memorial do PNL D, para não ter perigo de impressão, esse tipo de coisa, e uso. Está certo? Eu não sei se tem a ver com isso de as pessoas acharem mais fácil. Ah, não. Quando eu acesso, já tem lá o livro, eu já abro, já leio e tal, essa história de pedir acesso e tal. Não sei se tem a ver com isso. Então, de qualquer forma, acho que essa falta de conhecimento... E tem o poder acadêmico também. Eu fico muito triste. Triste não é no sentido de dizer assim, nossa, só valorizam de lá. Mas, por exemplo, eu vejo tantas referências aos LIVRES [Livros Escolares – USP].

**[01:06:05] Edilson** – Certo, certo.

**[01:06:05] Margarida** – O LIVRES, sem dúvida alguma, é um grande acervo. Mas é um acervo, é um centro de documentação, vamos dizer assim, porque ele reúne livros que foram encontrados, doados...



[01:06:19] **Edilson** – Isso.

[01:06:20] Margarida – O nosso caso aqui é diferente, é um arquivo, no sentido de que são livros que foram inscritos. Você tem uma documentação serial que é completamente diferente. Não é que o LIVRES é melhor, que o Memorial do PNLD é melhor, é que eles são diferentes e podem se complementar.

[01:06:42] **Edilson** – Mas o Memorial é o único que trata de livros do Programa Nacional do Livro Didático.

[01:06:50] Margarida – PNLD, exato.

[01:06:51] **Edilson** – Ele é único, não existe no Brasil.

[01:06:54] Margarida – Exato, exato. Então, inclusive, essa falta de clareza. Ah, não, eu queria ver um acervo de Livro Didático. Ah, vou ver o LIVRES. Depende do que você está querendo ver. Então, assim, Edilson, o que mais me deixou empolgada com a tua pesquisa, com o teu trabalho, foi exatamente essa possibilidade que você me deu de refletir mais uma vez sobre tudo isso, ver novamente a importância, porque, claro, os baques que esses processos todos vão dando na gente vai deixando a gente cabisbaixo, vai deixando a gente esmorecido e dizer assim, puxa, vale a pena continuar, é isso? E quando eu vejo tudo que você trouxe, que você removeu, todas as pessoas, a Mônica, todas, não, mas Mônica e João Maurício me retornaram dizendo o quanto foi importante para eles darem essa entrevista. E quando, desde que eu recebi tuas perguntas e hoje, para mim está sendo muito importante mais uma vez refletir sobre tudo isso. É isso que retoma de novo essa força para dizer assim, não, olha, o que a gente, qual é o nosso foco agora? Nosso foco é conseguir um espaço para exposição, nosso foco é conseguir um espaço para pesquisa, nosso foco agora é atualizar esse acervo, é divulgar, como é que a gente vai divulgar, né? Então, acho que esse combo de emoções, de reflexões, de se debruçar de novo sobre isso tem sido extremamente importante.

[01:08:53] **Edilson** – Perfeito. Então, professora, vamos concluir? Falou bastante coisa, tem muita coisa por aqui já que a senhora já tinha me dito e agora está registrado também. Então eu quero agradecer a senhora e dizer que, de fato, quando eu a conheci, eu trabalhando no Programa Nacional do Livro Didático

também como avaliador, eu tive a oportunidade, minha primeira avaliação foi aí no Rio Grande do Norte, foi a primeira vez que eu fui para Natal. E eu conheci a senhora, a senhora sabe, embora a senhora não diga, mas as pessoas dizem, a senhora é um ícone dentro do campo dos pesquisadores, pesquisadoras de livro didático, mas, sobretudo, do ensino de história. Então, vendo a senhora e se aproximando da senhora, para mim já era muito naquele momento. Mas eu ouvi da senhora em uma das conversas que eu estava próximo, sobre o Memorial, e aquilo me chamou a atenção. E eu trouxe isso comigo. E eu trouxe isso comigo, naquele momento eu estava conhecendo o processo, ainda fazendo o doutorado, e eu concluí depois, e eu falei, bom, eu vou aguardar e no momento oportuno eu retomo. E retornou, e eu tive a oportunidade de depois entrar em contato, e a senhora me recebeu muito bem, no que eu agradeço. E agora a gente tem essa coisa, de fato, de levar um pouco adiante o que vocês construíram, porque o que vocês construíram na UFRN é único. Eu tive a oportunidade de passar por outros espaços, como o LEMAD, lá na USP também, como o LIVRES, também na USP, mas o que vocês construíram aí, o que a senhora construiu principalmente, é único. É um espaço não só de memória, de história também, mas é um arquivo, não é? Para pesquisadores e pesquisadoras. Eu queria chamar a atenção da senhora, uma das categorias que eu consegui levantar, dentre as várias, olhando o arquivo de e-mail da senhora, mas também o arquivo de e-mail do Memorial, são o que as pessoas, para que as pessoas estão solicitando os livros. Então pesquisadores e pesquisadoras, a gente já sabe. Mas um me chamou a atenção, que era de uma pessoa que queria ter acesso aos livros para estudar para o vestibular. Então, veja a dimensão desse trabalho. Ele queria ver os livros e fazer comparações. É um estudante que quer adentrar a universidade. Então veja que isso atingiu outros níveis da cidadania. Os cidadãos, entre aspas, “comuns”, aqueles que não estão ainda dentro da universidade. Então a importância desse Memorial é extraordinária. Então eu quero fechar dizendo isso para a senhora, que eu estou muito feliz, fiquei muito feliz de estar aí, daqui a pouco eu retorno para o Rio Grande do Norte, e levar esse material, toda essa construção, que foi coletiva, é importante dizer, embora o nome da senhora apareça sempre, a senhora capitaneou tudo isso, e isso é perceptível, juntamente com a Mônica também, mas era sempre um trabalho coletivo. A senhora trouxe, e isso é extremamente importante, tem que ser dito, a senhora trouxe um número de bolsistas que é, assim, invejável. E esses alunos e alunas bolsistas que naquele momento participaram com a senhora, hoje a maior parte deles estão nas universidades trabalhando como professores e

professoras. Então olha a dimensão do trabalho que aparentemente era “apenas” da construção de um espaço, mas a senhora formou, e isso a gente remete ao início da sua fala, quando a senhora achou a necessidade de se trabalhar também com os historiadores e historiadoras, pesquisadores e pesquisadoras da universidade, a importância dos arquivos. Então eles hoje, as entrevistas mostram muito bem isso, eles hoje estão também levando adiante aquilo que aprenderam. Então não tem nada mais importante que isso para quem é uma professora ou um professor. Eu agradeço. Finalizando, quero dizer aqui que eu entrevistei a professora doutora Margarida Maria Dias de Oliveira, ela é a minha supervisora no pós-doutoramento, é uma entrevista realizada no contexto dos estudos, do estágio de pós-doutoral, a linha de pesquisa Espaços de Memória, Cultura Material e Usos Públicos do Passado, do Programa de Pós-Graduação em Educação [História], da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Então eu agradeço muito à professora. O título inicial era o “Memorial do Programa Nacional do Livro Didático: história, organização, preservação e acessibilidade de acervos”. Está bem, professora? Então fica à vontade, caso a senhora queira falar mais alguma coisa, se lembrou de alguma coisa, para a gente fechar o nosso trabalho.

[01:13:52] Margarida – Só agradecer mesmo, Edilson. E só depois você se atrapalhou aí, o Programa de Pós-Graduação em História.

[01:14:00] Edilson – História, exatamente. Está vendo? Verdade, em História.

[01:14:04] Margarida – Obrigada.

[01:14:06] Edilson – Eu agradeço, professora.

[01:14:14] Edilson – Muito obrigado. Até mais, professora. Até mais.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

# DOCUMENTOS DIVERSOS SOBRE O MEMORIAL

---

## 5

Na construção desta seção, optou-se por incorporar os documentos relevantes diretamente no corpo do texto, ao invés de relegá-los a anexos. Esta decisão é motivada pela importância que esses documentos têm no entendimento do processo de criação, desenvolvimento e impacto do Memorial. Incluir os documentos no corpo do texto permite que os leitores acessem imediatamente as fontes primárias enquanto leem sobre o contexto e a análise relacionada. Isso enriquece a compreensão, pois os documentos são apresentados no âmbito das discussões teóricas e práticas que eles fundamentam, permitindo assim a promoção de uma experiência de leitura mais integrada e imersiva. Ao invés de fragmentar a informação, esta estratégia permite uma assimilação mais orgânica do material.

A análise realizada se dedica a mostrar documentos associados ao Memorial do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), entre os anos de 2009 e 2017. Estes documentos, coletados dos arquivos pessoais da professora Dra. Margarida Maria Dias de Oliveira e do arquivo do Memorial do PNLD, incluem *e-mails* e outras correspondências considerados como fontes primárias essenciais para entender a criação e evolução do Memorial.

Entre os documentos apresentados, encontram-se estudos que abordam temas variados, como:

Criação do Memorial: detalhamento do processo de concepção e estabelecimento do Memorial, fornecendo uma visão sobre as motivações e os desafios iniciais.

Digitalização do Acervo: descrição dos esforços para digitalizar o acervo do Memorial, um passo crucial para a preservação e acessibilidade do material.

Aspectos Administrativos: incluem documentos como ofícios de descentralização de recursos e planos de trabalho de bolsistas, que revelam o funcionamento interno e a gestão do Memorial.

Eventos de Exposição: registros e documentos sobre eventos organizados pelo Memorial com o propósito de expor suas coleções e temas específicos, visando conectar o público com a riqueza do Memorial para reforçar a conexão da comunidade com as primeiras produções do Memorial.

## **PARCERIA UFRN E MEC NA CRIAÇÃO DO MEMORIAL DO PNLD : OS PRIMEIROS DOCUMENTOS**

O Projeto para a criação do Memorial do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) foi marcado pela colaboração entre a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e o Ministério da Educação (MEC).

### **DOCUMENTO 1 – FORMULÁRIO DESCENTRALIZAÇÃO MEMORIAL/PNLD UFRN<sup>1</sup>**

<b>MEC / FNDE</b>		<b>ANEXO À RESOLUÇÃO CD/FNDE Nº DE DE DE 2009</b>		
<b>TERMO DE COOPERAÇÃO - A</b>				
<b>DADOS DO ÓRGÃO OU ENTIDADE PROPONENTE</b>				
<b>60 DESCRIÇÃO DO PLANO DE APLICAÇÃO</b>				
<b>61 PROGRAMA DE TRABALHO</b>	<b>62 AÇÃO</b>	<b>63 DESCRIÇÃO DA AÇÃO CONSTANTE DA LDO</b>	<b>64 NAT. DA DESPESA</b>	<b>65 VALOR (EM R\$ 1,00)</b>
12.361.1061.4046.0001	4046	Distribuição de material e livros didáticos p/ o Ensino Fundamental.	3.3.90.39	502.126,48
12.847.1448.0509.0001	0509	Apoio ao Desenvolvimento da Educação Básica	4.4.90.52	203.925,00
<b>66 TOTAL</b>				<b>706.051,48</b>
<b>67 CRONOGRAMA DE DESEMBOLSO (EM R\$ 1,00)</b>				
<b>68 Nº DA PARCELA</b>	<b>69 AÇÃO</b>	<b>70 MÊS DA LIBERAÇÃO</b>	<b>71 VALOR (R\$ 1,00)</b>	<b>72 PERÍODO DE EXECUÇÃO</b>
01	4046 e 0509	agosto-09	R\$ 706.051,48	início: Agosto/2009 término: Dez/2009
<b>73 TOTAL</b>			<b>R\$ 706.051,48</b>	

**Fonte:** Formulário descentralização Memorial/PNLD UFRN (2009).

<sup>1</sup> Importante ressaltar que, em nosso processo de análise de dados, a fim de garantir a privacidade e a confidencialidade das informações pessoais de todos os envolvidos, adotamos aqui um recorte do documento original, que visa proteger informações pessoais, como número de documentos ou outras questões pessoais. Essa abordagem permite continuar nossa análise de dados de maneira eficaz, enquanto asseguramos a privacidade dos indivíduos mencionados nos dados.

No campo 59 do **OBJETO E JUSTIFICATIVA DA DESCEN-  
TRALIZAÇÃO DO CRÉDITO** o seguinte excerto é apresentado:

### **PROJETO PARA CONSTRUÇÃO DO MEMORIAL DO PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO**

O PNLD surgiu com o intuito de sistematizar o processo de aquisição de livros didáticos, por parte do Governo Federal, para distribuí-los gratuitamente aos alunos e professores das escolas públicas brasileiras. A Secretaria de Educação Básica (SEB), órgão do Ministério da Educação (MEC), juntamente com o Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação (FNDE), como responsáveis pela execução desse Programa, tem procurado adquirir esses livros a partir de critérios de qualidade. Esses critérios de qualidade, previamente determinados pela SEB, são aferidos num processo avaliativo de obras didáticas. Para realizar o processo de avaliação, o PNLD lança editais públicos para que editoras e autores se inscrevam no processo. O material inscrito é submetido a uma rigorosa análise por equipes específicas formadas por especialistas dos campos disciplinares existentes no ensino básico. Após a avaliação, todo o material é arquivado no Ministério da Educação. Todavia, em virtude do número de obras, é necessária a sua digitalização a fim de preservar a memória do processo de avaliação. Considerando a importância desse acervo para a realização de pesquisas sobre livros didáticos, conteúdos e métodos de ensino, o Departamento de História (DEHIS) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) se propõe a sua organização, observando os princípios da Gestão Arquivística de Documentos e da Gestão de Documentos Eletrônicos desse Acervo, acondicioná-lo adequadamente e possibilitar o acesso da sociedade a esse material.

Esta parceria não apenas garantiu a salvaguarda do acervo de livros didáticos do PNLD, mas também simbolizou e simboliza um compromisso com a acessibilidade e a pesquisa acadêmica. A digitalização e organização deste material pelo DEHIS da UFRN, seguindo os princípios da Gestão Arquivística de Documentos, asseguram que as futuras gerações tenham acesso ao estudo e à compreensão da evolução dos métodos e conteúdos de ensino que englobam a educação infantil, o ensino fundamental obrigatório de nove anos e uma educação básica média. A educação de Jovens e Adultos (EJA) é considerada uma modalidade da Educação Básica. Para Oliveira (2020, p. 21), o objetivo da criação do Memorial foi

garantir a preservação do Acervo Documental (livros didáticos inscritos no Programa Nacional do Livro Didático 1985 a 2018 – realizado em duas etapas – e fichas resultantes dessas avaliações). Para a segunda etapa do Projeto havia a demanda de incorporação do acervo do Programa Nacional Biblioteca na Escola, mas posteriormente o MEC desistiu dessa demanda. O meio para alcançar esse objetivo foi a catalogação, desmonte e higienização do acervo do PNL D, digitalização, reorganização da acessibilidade à pesquisa no Banco de Dados.

## DOCUMENTO 2 – MONITORAMENTO DE EXECUÇÃO FÍSICA PARA CONSTRUÇÃO DO MEMORIAL DO PNL D

*De ordem do Reitor, encaminha-se ao Pro. Reitor de Planejamento para ciência e providências*

*01/12/10*

  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
Secretaria de Educação Básica  
Célia Maria da Rocha  
Chefe de Gabinete  
BRN - Mar. 163/439  
CAB/SEB/MEC

Brasília, 10 de novembro de 2010

A Sua Magnificência  
**Professor Doutor José Ivonildo do Rêgo**  
Reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Br 101 – Campus Universitário – Lagoa Nova  
CEP: 59072-970 – Natal/RN  
C/c Pro<sup>a</sup> Margarida Maria Dias de Oliveira – Dept<sup>o</sup> de História



Assunto: **Monitoramento de execução física do Projeto para Construção do Memorial do Programa Nacional do Livro Didático**

Magnífico Reitor,

- Esta Secretaria de Educação Básica – SEB, tem a honrosa satisfação de contar com essa instituição federal como parceira na implementação da sua política orientada para a melhoria da qualidade da Educação Básica.
- Conforme é do conhecimento de Vossa Magnificência, na data de 28/08/2009 foram transferidos créditos orçamentários da ordem de R\$ 706.051,48 por meio das notas de créditos 2009NC655871 e 2009NC655883, em atendimento ao Plano de Trabalho proposto por essa instituição, para a implementação do Projeto para Construção do Memorial do Programa Nacional do Livro Didático.
- Salientamos que a esse volume de recurso corresponde uma meta física pactuada, a saber a digitalização das obras de todo material referente ao PNL D (1997 a 2010), e que deve ser assegurada na sua integralidade e nos termos da legislação vigente.
- Como o prazo de vigência do referido projeto encontra-se encerrado, solicito o encaminhamento a esta SEB, até o dia 10 de dezembro de 2010, do relatório final de execução do projeto, do qual deve constar tanto a memória da execução do orçamento, bem como a meta física alcançada.
- Para quaisquer esclarecimentos favor contatar a COGEAM/SEB no telefone (61) 2022-8419 ou por e-mail: cogeam@mec.gov.br

Atenciosamente,

*Maria do Pilar Lacerda Almeida e Silva*  
MÁRIA DO PILAR LACERDA ALMEIDA E SILVA  
Secretária de Educação Básica

De ordem do Pro-Reitor,  
*Marciza Alves da Medeiros*  
para as devidas providências.  
Em, 01/12/10

Marciza Alves da Medeiros  
Secretária Executiva  
BR 1199478

*recebido em*  
01/12/10  
*D.*

**Fonte:** Conforme comunicado a M. Oliveira em correspondência eletrônica de 02 de dezembro de 2010. Da SEB à Reitoria da UFRN e, finalmente, a M. Oliveira.

## DOCUMENTO 3 – DIGITALIZAÇÃO DO ACERVO PNLD E PNBE



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA  
DIRETORIA DE FORMULAÇÃO DE CONTEÚDOS EDUCACIONAIS  
COORDENAÇÃO GERAL DE MATERIAIS DIDÁTICOS  
Esplanada dos Ministérios Bloco L, Anexo II, 4º andar, sala 412/Brasília/DF-Cep-70.047-900

Ofício nº 1701 COGEAM/DCE/SEB/MEC

Brasília, 30 de agosto de 2013.

À Professora  
**Margarida Maria Dias de Oliveira**  
Departamento de História  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN  
Rua de Jequitibá, 2147, Cidade Satélite – Pitumbú  
CEP: 59067-680 Natal - RN

**Assunto:** Digitalização dos acervos do PNLD e PNBE.

Prezada Professora,

Cumprimentando-a cordialmente, a Coordenação Geral de Materiais Didáticos/COGEAM, desta Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação, vem por meio deste ofício reiterar o convite a Vossa Senhoria para participar do novo projeto de preservação e digitalização do Acervo Documental referente ao Programa Nacional do Livro Didático/PNLD e do Programa Nacional Biblioteca da Escola/PNBE, totalizando 37.102 títulos assim discriminados:

- 6.460 livros didáticos (PNLD 2011, 2012, 2013, 2014 e 2015), 178 títulos do Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio - PNLEM (2004 e 2007), 148 títulos de dicionários (anos 2004, 2006 e 2012), 2.513 títulos do PNLD 2010 e 2013 - Obras Complementares e, por fim, 24.154 títulos do PNBE - Literatura (edições 2005, 2006, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014 e 2015), PNBE do Professor (edições 2010 e 2013), PNBE Periódicos (edições 2010 e 2012) e PNBEM (edição 2008).

Tendo em vista o bom trabalho realizado pela UFRN no projeto anterior relativo à preservação e digitalização das obras do PNLD - edições 1997 a 2010, informamos que esta Coordenação analisou o pré-projeto enviado por Vossa Senhoria e apresentamos as seguintes considerações:



- Em que pese o aumento do quantitativo de obras para esta nova proposta de digitalização dos acervos remanescentes do PNLD e do PNBE, questionamos a quantidade de equipamentos a serem adquiridos para o novo processo, pois trata-se dos mesmos equipamentos já adquiridos no primeiro projeto. Por exemplo, o que justifica uma nova aquisição de Ar Condicionado (4 unidades) se esses mesmos equipamentos (4 unidades) já foram adquiridos no âmbito do projeto anterior? Temos o mesmo questionamento no que diz respeito à inclusão de compra de cadeiras giratórias, cadeiras fixas, mesas, conjuntos de lentes, no breaks, computadores e scanners, todos adquiridos no primeiro projeto. Em que estado os antigos equipamentos se encontram? Não são reaproveitáveis? Precisamos dessas informações para analisar a real necessidade de compra desses equipamentos.

- Com relação ao quantitativo de pessoal, observamos que não houve aumento significativo da equipe de trabalho e coordenação, mas os valores a serem pagos estão muito altos, ainda mais comparando com os valores do primeiro projeto. Por exemplo, o valor a ser pago ao Coordenador Geral (20 meses) está orçado em R\$ 70.000,00 e no anterior era de R\$ 49.500,00 (18 meses). Houve, portanto, um aumento significativo de cerca de 30%, ainda mais se comparado com os valores pagos na avaliação do PNLD.

- Uma dúvida importante diz respeito ao uso de CD-ROM para gravar os arquivos. A utilização da mídia DVD não melhoraria a capacidade de armazenamento? Caso isso ocorra, sugerimos que o orçamento seja refeito considerando a utilização desse outro tipo de mídia.

Levando em consideração os questionamentos acima, solicitamos o reenvio do projeto, do Plano de Trabalho e demais dados necessários à análise desses documentos por parte desta Coordenação.

Em anexo segue um quadro comparativo referente à proposta de 2009 e a de 2013 para balizar nossas observações.

Atenciosamente,

  
CECÍLIA SOBREIRA  
Coordenadora Geral  
Substituta

**Fonte:** M. Oliveira em correspondência eletrônica de dezembro de 2010.

DOCUMENTO 4 – SEGUNDA ETAPA OFÍCIO 812.2014.  
COGEAM.DCE.SEB.MEC 2014



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA  
Esplanada dos Ministérios Bloco L, 5º andar sala 500/Brasília/DF-Cep-70.047-900

Ofício n.º 812 SEB/MEC

Brasília/DF, 30 de maio de 2014.

A Sua Magnificência a Senhora  
**Prof. Dr.ª. Ângela Maria Paiva Cruz**  
Reitora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN  
Campus Central - Prédio da Reitoria  
Av. Sen. Salgado Filho, 3000 - Campus Universitário - Lagoa Nova  
CEP 59078-900 - Natal/RN  
angela@reitoria.ufrn.br

Assunto: **Memorial dos Programas do Livro – 2ª Etapa.**

Magnífica Reitora,

1. O Ministério da Educação, por intermédio da Secretaria da Educação Básica/SEB, realiza a avaliação das obras inscritas no âmbito do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). Em cada edição desses Programas, a SEB recebe um exemplar de cada obra para seu acervo.

2. Tendo em vista o volume de obras e de documentos gerados em cada PNLD e PNBE, fez-se necessária a digitalização desse material a fim de preservar a memória do processo de avaliação. Face a reconhecida competência do Departamento de História (DEHS) dessa Universidade na área de preservação de documentos, esta SEB convidou a UFRN, em fevereiro de 2009, para digitalizar, em um primeiro momento, as obras inscritas no PNLD – Projeto Memorial do Programa Nacional do Livro Didático, nas edições do período de 2007 - 2010.

3. Considerando a excelência do trabalho realizado e a necessidade de dar continuidade à preservação das demais obras inscritas nas edições subsequentes do PNLD, de 2011 – 2015, incluindo-se nesse trabalho as obras do PNBE 2005 – 2015, esta Secretaria tem a honra de convidar essa Instituição, na pessoa da Professora Dr.ª. Margarida Maria Dias de Oliveira, para realizar a organização e digitalização desse material, totalizando o quantitativo de 37.102 obras.

4. Certos de podermos contar com a participação dessa renomada Universidade, subscrevemo-nos.

Atenciosamente,

  
MARIA BEATRIZ LUCE  
Secretária de Educação Básica

**Fonte:** Conforme comunicado por M. Oliveira em correspondência eletrônica de 30 de maio 2014.

Devido à extensão do documento 5, colocaremos apenas a primeira página, a seguir, e a continuidade em outro setor.

**DOCUMENTO 5 – RELATÓRIO PARCIAL DE ATIVIDADES  
DO MEMORIAL DO PNLD PARA COGEAM/MEC**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
MEMORIAL DO PNLD  
RELATÓRIO PARCIAL DE ATIVIDADES  
DO MEMORIAL DO PNLD**

A criação do Memorial do Programa Nacional do Livro Didático/PNLD se deu, inicialmente, através da descentralização de recursos realizada via convênio firmado entre o Ministério da Educação/MEC, via Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação/FNDE e a Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN. Os recursos, conforme o Plano Básico de Trabalho apresentado pela UFRN foram divididos em duas rubricas: 1) **33.90.39 – Serviço de Terceiros - Pessoa Jurídica** – R\$ 502.126,48, a partir da Nota de Crédito – 655871/2009 de 28/8/2009, porém em decorrência dos trâmites internos da UFRN só foi repassada para a FUNPEC em 23/12/2009 e 2) **44.90.52 – Equipamentos e Material Permanente** – R\$ 203.925,00, a partir da Nota de Crédito 655883/2009 de 28/8/2009 – cujos equipamentos e materiais começaram a ser solicitados em 23/09/2009.

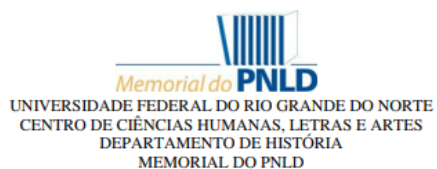
Para a realização das atividades do Memorial do PNLD se tornam necessárias o cumprimento de etapas encadeadas logicamente que permitam que os materiais sejam tratados, ordenados no acervo, digitalizados e então disseminados em forma de produtos digitais de informação ao MEC, cumprindo o objetivo básico do projeto, que é o de Preservar o Acervo Documental do PNLD.

Para a consecução dos objetivos a equipe gestora do projeto formou duas equipes de bolsistas, dividindo-os por tipo de competência. Uma equipe de bibliotecários, cujas competências são as de organização do acervo e digitalização; e outra de historiadores, cujas competências reportam-se a trabalhar com técnicas de preservação documental, entre outras. Essas equipes trabalham concomitantemente, a fim de fornecer maior rapidez ao andamento das atividades.

A presente seção do relatório, visa detalhar os procedimentos utilizados no tratamento das coleções, em atenção ao *Ciclo Documentário* que se direciona às ações de captar, identificar, ordenar (de acordo com critérios mais modernos adotados atualmente na biblioteconomia e ciência da informação); bem como armazenar e ao MEC a informação através produtos digitais.

**Fonte:** M. Oliveira. Conforme correspondência eletrônica de 30 de maio de 2014.

DOCUMENTO 6 – RELATÓRIO FINAL DE ATIVIDADES  
DO MEMORIAL DO PNLD



RELATÓRIO FINAL DE ATIVIDADES DO  
MEMORIAL DO PNLD

Natal/RN  
2011

**Fonte:** Conforme relatado no Relatório Final de Atividades do Memorial do PNLD (2011).

## DOCUMENTO 7 – EXCERTO SOBRE A SEGUNDA EXPOSIÇÃO REALIZADA NAS DEPENDÊNCIAS DA BIBLIOTECA

⌵ Materiais sobre a exposição: Semana da Consciência Negra 2



Memorial do PNLD <memorialdopnld@cchla.ufrn.br>

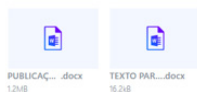
Para:

Olá professora, segue em anexo alguns documentos importantes para a exposição, sendo eles:

I. Breve texto que virá a ser publicado como notícia da mesma, no Site do Memorial;  
II. Há também um texto mais longo que também virá a ser utilizado para a exposição;

No mais é isso, aguardamos retorno.

[Baixar todos os anexos como um arquivo zip](#)



### TEXTO I

#### Semana da Consciência Negra

No dia 20 de novembro, é comemorado o Dia da Consciência Negra, momento que nos remete à luta pelos direitos de igualdade, ao combate ao preconceito e à discriminação étnico-racial. Tendo em vista a preservação desses valores sociais, o Memorial do PNLD organiza, na semana da Consciência Negra, a exposição “Consciência Negra e livros didáticos de História e Língua Portuguesa: trabalho, opressão, luta e resistência”, que inicia a partir do dia 17 a 28 de novembro, no Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFRN.

A exposição objetiva centralizar a problemática das representações do negro construídas nos livros didáticos de História e Língua Portuguesa antes e depois da promulgação da Lei n.º 10.639/2003, especificamente de 1997 a 2010.

**FIGURA 2 – EXPOSIÇÃO “CONSCIÊNCIA NEGRA E LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA E LÍNGUA PORTUGUESA”**



**RESISTENCIA, IDENTIDADE,  
REPRESENTATIVIDADE,  
MEMORIA E DIREITOS**

#### SEMANA DA CONSCIENCIA NEGRA

**A questão da representatividade do negro nos livros didáticos da escolarização básica para a construção de uma identidade**



Fonte: Oliveira (2014).

## TEXTO II

### **Consciência Negra e livros didáticos de História e Língua Portuguesa: trabalho, opressão, luta e resistência**

Esta é a segunda de uma série de exposições que o Memorial do PNL D tem empreendido no período letivo de 2014.02 a 2015.02, com a intenção de divulgar e interagir com as demais esferas da sociedade. Nossa intenção é problematizar os livros didáticos sob guarda do presente Memorial, assim como permitir que outros sujeitos se apropriem desse material, seja através da pesquisa ou, até mesmo, das memórias ou representações que os livros didáticos constroem. Nesse sentido, buscou-se problematizar as representações construídas pelos livros didáticos antes e depois da promulgação da Lei n.º 10.639/2003.

[...]

Na História, por sua vez, este processo é ainda mais visível, pois nesta disciplina é que irão ser retratados, em diversos momentos, os sujeitos que irão construir a complexa relação entre senhores brancos e escravos negros, assim como os processos decorrentes do pós-libertação, sendo enfatizada não só a representação de um guerreiro como Zumbi, mas também a figura de mulheres como Xica da Silva, ou dos movimentos negros contemporâneos. Consideram-se também análises referentes às culturas que, em suas circularidades, contribuíram para a formação dessa identidade, do “ser” negro.

Neste sentido é que o Memorial do PNL D constrói esta exposição, tendo como objetivo principal o compromisso em problematizar essa ferramenta didática tão importante para o ensino, ressaltando sua importância enquanto instituição de guarda da memória deste projeto, através de exposições que visam promover as potencialidades de pesquisa, ensino e extensão que os livros didáticos possibilitam.

OLIVEIRA, M. Textos em anexo, conforme correspondência eletrônica de 06 de novembro de 2014.

## **O INVENTÁRIO DAS FONTES**

Esta seção apresenta um título denominado “O Inventário das Fontes”, revelando o rico conjunto de fontes que constituem a Plataforma do Memorial

do PNLD, com uma ampla gama de documentos, registros e recursos relacionados ao Programa Nacional do Livro Didático.

Ao longo do texto, mostramos os tipos de fontes presentes no Memorial, abrangendo desde documentos oficiais, como editais e relatórios de avaliação, até pesquisas acadêmicas e teses que mergulharam profundamente na análise do PNLD. Também discutimos como essas fontes foram catalogadas e organizadas, facilitando a consulta e as pesquisas.

Em suma, “O Inventário das Fontes” representa a porta de entrada para pesquisadoras e pesquisadores, estudantes, de forma geral, acessar os links e obter novas descobertas de documentos e fontes para seus estudos. Em específico, chamamos a atenção para uma análise abrangente da participação das editoras no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) ao longo de duas décadas. Utilizando fontes primárias obtidas do Memorial do PNLD, esta seção visa fornecer uma investigação das métricas fundamentais que cercam o programa, lançando novos olhares para os aspectos quantitativos da participação das editoras no processo do PNLD.

Célia Cristina de Figueiredo Cassiano (2013) e Jandson Bernardo Soares (2023), em suas pesquisas, delinearão, de forma significativa, o panorama do mercado de livros didáticos no Brasil e a interconexão entre o ensino e a esfera editorial.

Agora, os números apresentados nesta camada corroboram essas análises, adicionando uma dimensão quantitativa às conclusões existentes e oferecendo contribuições substanciais para acadêmicos engajados na análise histórica do PNLD, por meio de métricas relacionadas aos volumes de publicações, extensão das coleções e dinâmica das editoras ao longo do processo.

Os dados apresentados são oriundos do acervo documental do Memorial do PNLD, representando fontes primárias que oferecem um entendimento aprofundado e raramente explorado do programa. As análises subsequentes têm como objetivo sistematizar essas informações, de modo a torná-las acessíveis e pertinentes para a pesquisa sobre os livros didáticos brasileiros durante o período analisado.

Nossos critérios de análise foram definidos, centrando-se em áreas-chave, incluindo a relação das editoras envolvidas, o número de coleções publicadas, a quantidade de livros distribuídos, além de destacar as editoras que mantiveram uma presença contínua e consistente no programa. Além disso, serão identificadas as editoras que mais se destacaram em termos de vendas e aquelas que contribuíram de maneira mais substancial para o PNLD ao longo do período de 1997 a 2017.

A Base de Dados do portal do Memorial do PNLD é uma fonte importante de recursos para investigadores comprometidos em pesquisar temas relacionados à avaliação do PNLD e seus desdobramentos ao longo do tempo. Esta base compreende uma ampla variedade de informações, que vão muito além dos livros em si. Ela inclui editais do PNLD que abrangem o período de 2006 a 2020, obras das coleções aprovadas de 1997 a 2018, guias dos livros digitalizados datados de 2005 a 2018, além de pareceres de aprovação e exclusão, detalhadamente registrados por meio das Fichas de Avaliação das coleções. Adicionalmente, destaca-se uma seção preciosa contendo teses, dissertações e monografias que se dedicam profundamente à análise dos livros didáticos.

A riqueza do acervo do Memorial do PNLD é ainda mais evidente quando levamos em consideração a inclusão de documentos como os processos das editoras e as fichas de avaliações realizadas por universidades. Esses materiais agregam informações sobre o processo de seleção e aprovação das obras, bem como sobre a participação das editoras ao longo do tempo. Além disso, recursos audiovisuais disponíveis no *site* ampliam a variedade de formatos de documentos, abrangendo registros textuais, digitais, físicos e audiovisuais, destacando, assim, a riqueza e a profundidade do Memorial como um repositório fundamental do patrimônio de livros didáticos brasileiros.

Essa base de dados, portanto, não apenas facilita o acesso a fontes variadas, mas também cria a oportunidade de conduzir análises comparativas abrangentes sobre a cultura escolar no Brasil, a partir dos livros do PNLD no período de 1985 a 2017. Isso possibilita identificar o texto escolar como um artefato central para o ensino e compreender sua evolução, seu impacto e sua influência no contexto educacional brasileiro ao longo das décadas.

## **SOBRE OS EDITAIS DO PNLD**

A partir de 2001, os editais do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) ganharam importância significativa no processo de avaliação das coleções didáticas. Este marco coincide com o lançamento do material de licitação para o PNLD 2004. A estrutura e os princípios que nortearam esses editais foram estabelecidos com base em dois importantes documentos. O primeiro deles intitula-se “Definições de Critérios para Avaliação dos Livros Didáticos – Por-



tuguês, Matemática, Estudos Sociais e Ciências/1ª a 4ª séries”<sup>2</sup>, datado de 1994; o segundo é conhecido como “Recomendações para uma Política Pública dos Livros Didáticos”, elaborado em 2001. Esses documentos fundamentais desempenharam um papel essencial na condução do processo de avaliação das coleções didáticas no contexto do PNLD. Para Silva (2019, p. 90),

Os editais do PNLD passaram a ser utilizados no processo de avaliação das coleções didáticas a partir de 2001, ano em que foi lançado o material de licitação referente ao PNLD 2004. A organização dos critérios e princípios adotados nos editais foram estabelecidos tendo como referência dois documentos centrais: o primeiro foram as Definições de critérios para avaliação dos livros didáticos – Português, Matemática, Estudos Sociais e Ciências / 1ª a 4ª séries, datado de 1994; o segundo foram as Recomendações para uma política pública dos livros didáticos, de 2001.

Para o autor, o primeiro documento teve como direcionamento de parâmetro a análise dos livros didáticos mais adotados no ano de 1991 por cada componente curricular, sendo estes voltados para as primeiras séries do Ensino Fundamental. Este documento incluiu informações comuns a todas as áreas, que não foram tratadas em capítulos individuais, abordando tópicos como as contribuições da Psicolinguística na formulação da política nacional de materiais didáticos, que destacam as expectativas para o público-alvo, sua função e adequação social, entre outros aspectos. Além disso, foram estabelecidos critérios para analisar e selecionar os livros didáticos, especialmente no que diz respeito ao projeto visual, em que foram especificadas normas técnicas relacionadas ao tamanho dos caracteres, à organização das capas, aos sumários, às fichas catalográficas, às ilustrações e outros elementos. Conforme Silva (2019, p. 92),

O segundo documento, “Recomendações para uma política pública dos livros didáticos”, de 2001, objetivou apresentar conclusões e recomendações para subsidiar as reformulações pelas quais o PNLD estava passando no sentido de discutir e estabelecer elementos para o aprimoramento das políticas públicas do livro didático no país.

Este documento focaliza o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) como uma iniciativa do Ministério da Educação (MEC), com a finali-

---

<sup>2</sup> Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/mc002396.pdf>

dade primordial de adquirir e disseminar, de maneira universal e gratuita, livros didáticos destinados aos alunos das escolas públicas do ensino fundamental brasileiro. A condução desse programa passou a ser de responsabilidade do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), uma autarquia federal vinculada ao MEC, encarregada da captação de recursos para financiar programas direcionados ao ensino fundamental.

A partir desse momento, com o intuito de melhorar a qualidade das obras adquiridas, o PNLD empreende um rigoroso processo de avaliação nas áreas, sob a coordenação da Secretaria da Educação Fundamental (SEF) do Ministério da Educação. Trata-se de um importante documento que apresenta conclusões e recomendações destinadas a subsidiar melhorias no âmbito do programa e a fomentar o debate sobre elementos para o aprimoramento das políticas públicas concernentes ao livro didático no país. Sua estrutura compreende cinco partes distintas: a primeira delinea o processo de elaboração deste documento, ao longo dos anos de 1999 e 2000; a segunda e a terceira partes traçam o desenvolvimento histórico recente do PNLD, destacando suas transformações e os indicadores de suas principais consequências benéficas tanto na esfera editorial quanto na educacional; por fim, a quarta e quinta partes enumeram um conjunto de recomendações destinadas a fundamentar uma política pública abrangente para os livros didáticos no Brasil, e discutem as principais motivações subjacentes a essas recomendações.

No contexto do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e com o objetivo central de otimizar seus procedimentos e diretrizes, o Ministério da Educação (MEC) instituiu um grupo de trabalho no segundo semestre de 1999. Esse grupo tinha como trabalho avaliar o andamento do PNLD, propor ajustes e fornecer subsídios para a formulação das políticas públicas relacionadas aos materiais didáticos no Brasil. Esse grupo era composto por especialistas acadêmicos, técnicos do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) e da própria SEF, bem como representantes das áreas de avaliação de livros didáticos. Além disso, contava com a participação de duas instituições que desempenharam um papel relevante na avaliação desde seus estágios iniciais: o Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC) e o Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE). Neste contexto, este texto sintetiza as principais atividades e contribuições desse grupo de trabalho, que eram:

- a) Formação, pelo MEC, de um Grupo de Trabalho durante o segundo semestre de 1999 com o propósito de avaliar e aprimorar o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Este grupo, coordenado pela SEF, era composto por técnicos do FNDE e da SEF, bem como pelos coordenadores da avaliação de livros didáticos em diversas áreas acadêmicas, todos docentes de diferentes universidades brasileiras.
- b) Além dos especialistas acadêmicos, duas instituições que desempenharam um papel fundamental na avaliação desde o início participaram do grupo: o Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC), uma organização não-governamental focada em pesquisa e ação educacional, e o Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE), um órgão da Faculdade de Educação da UFMG dedicado à pesquisa, documentação e ação educacional na área de alfabetização e letramento.
- c) Objetivava avaliar o desenvolvimento do PNLD e oferecer sugestões de reformulação, contribuindo assim para a orientação das políticas públicas relacionadas aos livros didáticos no Brasil. Essa iniciativa visava aprimorar os processos envolvidos no programa, com o objetivo de garantir a qualidade das obras disponibilizadas às escolas públicas de ensino fundamental, naquele momento.

No olhar de Silva (2019, p. 92), o documento “Recomendações para uma Política Pública de Livros Didáticos”, além de apontar problemas,

sugere soluções de melhoria do PNLD e das políticas do livro didático de forma geral, tais como: a necessidade de produção de estudos nacionais e transnacionais; a descentralização das avaliações para as universidades; a construção de regras de inscrição que levassem em conta as avaliações anteriores; a elaboração de editais que fossem mais claros em relação ao que se esperava de um livro didático e de sua qualidade.

Sobre a descentralização das avaliações PNLD 2002 (5ª a 8ª séries) para as universidades, as avaliações do livro didático passaram a ser realizadas pelas universidades: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – Alfabetização e Língua Portuguesa; Universidade de São Paulo (USP) – Ciências; Universidade do Estado de São Paulo (UNESP) – Geografia e História; Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) – Matemática

## ARQUIVO DE LIVROS DIDÁTICOS DO PNLD

### Tipos de documentos que estão no arquivo do Memorial

Uma grande porcentagem dos documentos presentes no *site* do Memorial está em formato nato-digital<sup>3</sup>. Assim, o Memorial é fonte de referência, que contém uma série de editais que abrangem diferentes anos e categorias educacionais, como dicionários, obras complementares, Educação de Jovens e Adultos (EJA), ensino médio e alfabetização idade certa.

No memorial do PNLD, cada edital específico é documentado com detalhes sobre os critérios de seleção, requisitos e diretrizes que foram estabelecidos para a escolha de livros e materiais didáticos. Além dos documentos digitais, há ainda um arquivo físico com informações sobre os resultados dessas seleções.

O memorial do PNLD desempenha um papel enquanto um arquivo histórico e informativo para professores, pesquisadores, estudantes e gestores educacionais. Além dos editais, o Memorial do PNLD também mantém informações sobre a evolução das diretrizes educacionais, políticas públicas relacionadas à educação, depoimentos de especialistas e outras informações relevantes que ajudam a compreender a trajetória do PNLD ao longo dos anos.

O *site* do Memorial do PNLD (<https://cchla.ufrn.br/pnld/>) representa uma fonte de informações abrangente no que se refere ao Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Ele disponibiliza uma ampla variedade de recursos e documentos pertinentes para todos aqueles que têm interesse na área de História do PNLD ou nos documentos que estão diretamente relacionados, como os editais.

---

<sup>3</sup> A Academia Brasileira de Letras define “Nato-digital” como aquele “que foi criado originalmente em meio eletrônico (diz-se de documento, contrato, diploma, publicação, material, conteúdo, etc.). [Também ocorrem as formas natidigital e nado-digital.]”. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/nato-digital>. Acesso em: 26 out. 2023. Portanto, um documento nato-digital se refere a um documento que é criado, mantido e armazenado em formato digital desde o início, em oposição a documentos que foram originalmente em formato físico (papel) e posteriormente digitalizados. Neste caso, os editais criados pelo Ministério da Educação são compartilhados em formato eletrônico, o que facilita sua distribuição, compartilhamento e preservação.

**QUADRO 15 – PANORAMA DOS EDITAIS DO PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO (PNLD)**

<b>EDITAL</b>	<b>ANO</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>
Edital PNLD	2006	Dicionário
Edital PNLD	2007	
Edital PNLD	2008	
Edital PNLD	2010	
Edital PNLD (Obras complementares)	2010	
Edital PNLD	2011	
Edital PNLD (EJA)	2011	Educação de Jovens e Adultos
Edital PNLD 2012	2012	
Edital PNLD (Dicionários)	2012	Dicionários
Edital PNLD	2013	
Edital PNLD (Obras complementares)	2013	Obras complementares
Edital PNLD (Campo)	2013	Campo
Edital PNLD	2014	
Edital PNLD (EJA)	2014	Educação de Jovens e Adultos
Edital PNLD (Alfabetização Idade Certa)	2014	Alfabetização Idade Certa
Edital PNLD (Ensino Médio)	2015	Ensino Médio
Edital PNLD	2016	
Edital PNLD (Campo)	2016	Campo
Edital PNLD	2017	
Edital PNLD (Ensino Médio)	2018	Ensino Médio
Edital PNLD	2019	
Edital PNLD	2020	

**Fonte:** Organizado pelo autor a partir do *site* do Memorial (2023).

### **Ambiente digital: as seções para pesquisa no Portal do Memorial<sup>4</sup>**

O *site* não apenas apresenta uma visão geral do que é o PNLD, mas também disponibiliza os editais de convocação para inscrição no processo de avaliação e seleção de obras didáticas que abrangem um período significativo, indo de 2006 a 2020. Esses editais são documentos que delineiam os critérios e procedimentos para a seleção de materiais didáticos no contexto do programa.

<sup>4</sup> De acordo com informações disponíveis no Memorial do PNLD (<https://cchla.ufrn.br/pnld/>).

No ambiente digital do Portal do Memorial do PNLD, um vasto universo de recursos pode ser explorado. Com nove seções, esta plataforma oferece oportunidades de investigação relacionadas a livros didáticos e pesquisa acadêmica. Na seção “O que é”, o pesquisador encontra informações sobre a origem e a importância do Memorial para a preservação da história do PNLD e a disseminação de informações sobre essa política pública educacional. “Sobre o PNLD” resume as políticas de livros didáticos desde a década de 1930 até os dias atuais, incluindo a expansão para o Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA). “Editais” estabelece as diretrizes e os procedimentos para avaliação e aquisição de materiais didáticos. “Acervo” lista obras disponíveis para pesquisa e permite o download de sumários de livros do PNLD de 1997 a 2018. “Pesquisa” oferece uma ampla gama de recursos acadêmicos, como artigos, dissertações, teses, guias e monografias relacionados ao livro didático. “Contato” permite comunicação via *e-mail* e redes sociais como Twitter “X”, Instagram e Facebook. “Notícias” apresenta atualizações sobre temas relacionados ao livro didático, enquanto “Lives” fornece *links* para eventos já produzidos sobre livros didáticos. Por fim, “LabProDidáticos” apresenta materiais produzidos pelo Laboratório de Produção e Referência de Materiais Didáticos da UFRN; permite acesso aos materiais didáticos produzidos pelo PIBID/História/Natal e aos trabalhos do Proffhistória/CCHLA/UFRN.

Para ter acesso aos livros didáticos digitalizados, o *site* se refere ao espaço “Acervo”, onde são listadas todas as obras disponíveis para pesquisa. Ele destaca que os interessados em consultar o acervo podem encontrar informações prévias na seção “Guia” do *site* e fornece orientações sobre como acessar o acervo, incluindo regras e termos de responsabilidade, na aba “Pesquisa”. Além disso, são disponibilizados *links* para baixar sumários de diferentes anos do PNLD, o que pode ser útil para quem deseja conhecer os conteúdos e títulos disponíveis ao longo dos anos no programa.

Na seção “Pesquisa”, é possível entrar em contato com a equipe do Memorial e realizar o pedido da obra ou coleção que necessita. Ao entrar no *link* para ter acesso, é necessário preencher um formulário de solicitação com a seguinte descrição:

O Memorial disponibiliza, de maneira gratuita, obras avaliadas pelo Programa Nacional do Livro Didático para fins de pesquisa. Para ter acesso ao nosso acervo, é preciso atentar e cumprir as normas abaixo e preencher o formulário de solicitação.

1. As pesquisas devem ser agendadas com antecedência pelo formulário desta página;
2. As pesquisas devem ser realizadas nos arquivos digitais e, só em última instância, no acervo em suporte papel;
3. Para proceder às cópias do material digital, os pesquisadores devem fornecer mídia necessária (Devido ao período de pandemia, não é necessário uma mídia necessária, nós disponibilizaremos o material em uma pasta no Google Drive);
4. Encaminhar o trabalho final para disponibilização no *site* (em construção);
5. Referenciar no trabalho final a proveniência do acervo como do Memorial do PNLD/DHIS/CCHLA/UFRN;
7. Para solicitação de pesquisa de material no Memorial, é necessário que o(a) pesquisador(a) assine o Termo de Responsabilidade do Pesquisador.

Tipo de pesquisa: Iniciação científica, Monografia, Mestrado, Doutorado, Outro.

Disciplina: Biologia, Ciências, Espanhol, Filosofia, Física, Inglês, Geografia, História, Matemática, Português, Química.

1º Ano: Manual do Professor – Livro do Aluno

2º Ano: Manual do Professor – Livro do Aluno

3º Ano: Manual do Professor – Livro do Aluno

Neste momento, o portal do Memorial do PNLD conta com aproximadamente vinte e dois mil, cento e quarenta e seis livros digitalizados – 22.146 (1997-2018). É importante ressaltar que, além dos livros didáticos digitalizados, de todas as áreas do conhecimento, o Memorial possui ainda os editais de 2006 a 2020 disponíveis, sumários dos livros do PNLD 1997 a 2018, os guias dos livros do PNLD de 2005 a 2018 e as fichas de avaliação dos livros (não digitalizadas, mas disponíveis para consulta física). Estas últimas contêm um conjunto significativo de avaliações realizadas por avaliadores de diferentes regiões do país, cada um com experiência em sua área de atuação. Esses profissionais desempenham um importante papel na análise crítica das obras, considerando os critérios estabelecidos no edital.

### **Fichas dos livros**

As “Fichas dos livros” referem-se a documentos informativos encontrados nas páginas finais dos Guias dos Livros Didáticos, elaborados como parte do processo de seleção do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Essas

fichas fornecem indicadores detalhados para a avaliação de obras didáticas que concorrem no processo seletivo.

As fichas de avaliação são desenvolvidas com base nas diretrizes estabelecidas no Edital PNLD, que contém critérios específicos e requisitos para a seleção de materiais didáticos. Elas servem como um guia para os avaliadores e permitem uma análise objetiva e consistente das obras em consideração. Essas fichas são elaboradas levando em consideração tanto critérios eliminatórios comuns a todas as áreas quanto critérios específicos relacionados ao componente curricular em questão.

Dentro das fichas dos livros, é possível encontrar informações detalhadas sobre diversos aspectos das obras, como conteúdo, estrutura, abordagem pedagógica, qualidade editorial e outros elementos relevantes para o entendimento dos livros que serão distribuídos para as escolas públicas brasileiras. Essas fichas de avaliação são uma parte essencial do processo de seleção do PNLD, contribuindo para a qualidade e adequação dos materiais didáticos utilizados nas escolas em todo o Brasil.

### **Avaliação e evolução das fichas de livros didáticos no Brasil: o marco de 1994**

Para diversos estudiosos no campo do livro didático (Megid Neto; Fracalanza, 2003; Ferreira; Oliveira, 2019), o documento “Critérios para a Avaliação de Livros Didáticos” do Ministério da Educação e Cultura (MEC) de 1994 (Brasil, 1994) representa um divisor de águas na história da produção de material didático. Este documento estabeleceu normas para a avaliação dos livros mais adotados pelos professores em várias áreas do currículo escolar, incluindo, nessa primeira análise, Português, Matemática, Estudos Sociais e Ciências. O MEC selecionou cinco especialistas de distintas esferas educativas para avaliar os dez livros didáticos mais populares entre professores do ensino fundamental, com o objetivo de criar padrões de qualidade para a análise dessas obras.

Na introdução deste documento, encontrava-se a seguinte afirmação:

Até há bem pouco tempo não havia no MEC/FAE parâmetros definidores de qualidade dos livros didáticos adquiridos pelo Programa Nacional do Livro Didático - PNLD. Por sua vez, os sistemas estaduais e municipais de educação não realizaram, até agora, uma escolha adequada às suas propostas pedagógicas, mesmo naquelas unidades federadas (tais como Rio de Ja-



neiro. Bahia. Ceará. Paraná. São Paulo. Rio Grande do Sul) em que equipes curriculares produziram estudos e estabeleceram critérios (Brasil, 1994, p. 9).

A análise realizada demonstrou que a maioria dos livros didáticos adquiridos pelo MEC e usados nas escolas continha preconceitos e erros conceituais significativos, afetando negativamente a educação e o conhecimento dos alunos. Como resultado, o PNLD continuou a avaliar livros didáticos nos anos subsequentes, criando os “Guias de Livros Didáticos” como resultado dessas avaliações. A primeira edição do Guia para os anos iniciais do Ensino Fundamental (1ª a 4ª série) foi lançada em 1996, com edições subsequentes a cada três anos, incluindo os Guias de 1996, 1998 e 2001.

### **Avaliação de livros didáticos de Estudos Sociais**

Escrito por um grupo de especialistas (Edna Maria Santos, Elza Nadai, Léo Stampacchio, Selva Guimarães Fonseca e Valéria Trevizani Burla de Aguiar), os “Critérios para a Avaliação de Livros Didáticos” apresenta uma análise abrangente de livros didáticos na área de Estudos Sociais. Esses professores, reconhecendo a importância dessas disciplinas (Estudos Sociais, História e Geografia) na formação do cidadão, enfocaram na contribuição desses materiais para a compreensão da realidade social, política e econômica do Brasil. Assim, estabeleceram critérios para garantir uma avaliação minuciosa da qualidade das obras analisadas.

A investigação começou com um levantamento das características gerais de cada livro e coleção. Os especialistas procuraram entender quem são os autores que se dirigem aos alunos e professores, qual é a perspectiva de onde falam, os objetivos declarados, as fontes e referências usadas, bem como a organização das obras, incluindo a presença de manuais do professor e atividades para os alunos.

O passo seguinte foi a análise detalhada do conteúdo. Aspectos como a qualidade e a adequação do planejamento gráfico, a abordagem de cada tema e os métodos pedagógicos empregados foram escrutinados. Foram observados elementos como formato, capa, índice, organização de títulos e subtítulos, caracteres, tipo de papel e impressão, uso de cores, imagens, ilustrações, mapas, gráficos e tabelas. Essa análise estendeu-se para verificar como as imagens e ilustrações se relacionavam com os temas abordados, sua adequação à série escolar, clareza e potenciais aspectos ideológicos.

Além disso, os textos, as orientações e atividades de estudo foram avaliados quanto à abordagem dos conceitos de tempo, espaço, relações sociais, natureza e trabalho. Analisou-se a capacidade dos livros de explorar a realidade vivida pelos alunos e ampliar sua compreensão espaço-temporal, além da integração dos conceitos históricos e geográficos. Foi dada atenção especial à inclusão de temas locais, regionais e nacionais, bem como à representação da diversidade cultural e social.

No aspecto pedagógico-metodológico, os especialistas verificaram se os livros empregavam diferentes linguagens apropriadas para cada série, contribuindo para o desenvolvimento da expressão oral e escrita dos alunos. Avaliaram-se a correção e atualização das informações, além de verificar a presença de erros conceituais. As atividades propostas nos livros foram analisadas em termos de diversidade, complexidade e capacidade de estimular a observação, investigação, análise, síntese, generalização e criatividade.

Os manuais do professor também foram objeto de análise. Procurou-se entender se ofereciam informações adicionais relevantes em comparação com o livro do aluno e se contribuía para a formação e atualização do professor.

A seguir, apresentaremos a ficha utilizada na primeira avaliação de livros didáticos de Estudos Sociais, conforme estabelecido pela equipe especializada. Esta avaliação detalhada resultou na criação de uma ficha intitulada “Critérios de Análise dos Livros Didáticos de Estudos Sociais”. A ficha foi estruturada em cinco blocos distintos, cada um focando em aspectos específicos da obra avaliada. Os blocos são:

- I – Identificação da Obra;
- II – Planejamento Gráfico;
- III – Conteúdo da Obra;
- IV – Aspectos Pedagógico-metodológicos;
- V – Manual do Professor.

Cada bloco dessa ficha foi elaborado para garantir uma avaliação completa e minuciosa dos livros didáticos de Estudos Sociais, visando aprimorar a qualidade do material educacional disponível para estudantes e professores.

FIGURA 3 – CRITÉRIOS DE ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS DE ESTUDOS SOCIAIS

### CRITÉRIOS DE ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS DE ESTUDOS SOCIAIS

**I – IDENTIFICAÇÃO DA OBRA**

Autor: \_\_\_\_\_  
 Título: \_\_\_\_\_  
 Local: \_\_\_\_\_  
 Nº de páginas: \_\_\_\_\_ Editora: \_\_\_\_\_ Ano: \_\_\_\_\_ Edição: \_\_\_\_\_

Apresenta:  
 - Informações sobre formação e atuação profissional do autor:  sim  não   
 - Ficha catalográfica:  sim  não   
 - Caderno de exercícios:  sim  não   
 - Manual do professor:  sim  não

Natureza da obra:  seleção  isolado  multidisciplinar  integrado  completo

**II – PLANEJAMENTO GRÁFICO**

Formata do livro: \_\_\_\_\_  
 Capa: 1ª \_\_\_\_\_  
 Folha de rosto: \_\_\_\_\_  
 Head line: \_\_\_\_\_

Índice:  sim  não   
 - Adequado à série a que se destina:  sim  não

Dividido por: capítulos:  sim  não   
 títulos:  sim  não   
 subtítulos:  sim  não

Numeração de páginas em destaque

Caracteres: tamanho: \_\_\_\_\_  
 viabilidade: \_\_\_\_\_  
 legibilidade: \_\_\_\_\_  
 desenho: (letra e títulos) \_\_\_\_\_  
 espaçamento: \_\_\_\_\_  
 disposição de títulos e subtítulos: \_\_\_\_\_  
 tipo de papel: \_\_\_\_\_  
 tinta e impressão: \_\_\_\_\_

Ilustrações: monocromia:  nenhuma  algumas  todas   
 bichromia:  nenhuma  algumas  todas   
 policromia:  nenhuma  algumas  todas

Tipos: fotos: \_\_\_\_\_  
 desenhos: \_\_\_\_\_  
 diagramas: \_\_\_\_\_  
 fac-símiles: \_\_\_\_\_  
 rubricas: \_\_\_\_\_

Imagens com legendas:  nenhuma  algumas  todas

**III – CONTEÚDO DA OBRA**

Os conteúdos, orientações e atividades possibilitam:

a) O desenvolvimento dos conceitos de:  
 - tempo (sucessão, duração, simultaneidade, permanência e mudança)  
 - espaço (localização, orientação, representação)  
 - relações sociais (homem-homem, homem-natureza, homem-sociedade)

b) A exploração da realidade vivida para que os alunos se situem em relação a si e aos outros, ampliando a dimensão espaço-temporal.

c) O desenvolvimento dos conceitos históricos e geográficos de forma integrada, possibilitando múltiplas interpretações, permitindo identificar a abordagem dada aos conteúdos e às concepções de História e Geografia concebidas na obra.

d) A análise da diversidade social evitando a exclusão de ações e sujeitos do processo histórico, difusão de preconceitos, estereótipos e mitos raciais, políticos, culturais e sociais.

e) O estudo de temas locais, regionais e nacionais como dimensões constituintes da totalidade social, tal como a inserção nos contextos urbano e rural.

f) O emprego de diferentes linguagens no estudo da realidade social.

**Mapas, gráficos e tabelas:**  
 - Títulos: \_\_\_\_\_  
 - Subtítulos: \_\_\_\_\_  
 - Escalas: \_\_\_\_\_  
 - Orientação: (no mapa) \_\_\_\_\_  
 - Legendas: \_\_\_\_\_  
 - Linhas: (no mapa) \_\_\_\_\_  
 - Data de elaboração: \_\_\_\_\_  
 - Data dos dados: \_\_\_\_\_  
 - Desenho bem elaborado: \_\_\_\_\_

ESTUDOS SOCIAIS 7º

**g) O processo de aflatização cartográfica, permitindo o posterior uso do mapa**

h) as ilustrações:  
 - Mem relação com o assunto tratado \_\_\_\_\_  
 - contribuem para o esclarecimento do texto \_\_\_\_\_  
 - apresentam as informações com clareza e ao nível de compreensão do aluno \_\_\_\_\_  
 - encorajam aspectos ideológicos \_\_\_\_\_  
 - as legendas esclarecem as ilustrações \_\_\_\_\_

i) relacionam-se com a bibliografia apresentada:  
 - para o aluno: \_\_\_\_\_  
 - para o professor: \_\_\_\_\_

**IV – ASPECTOR PEDAGÓGICO-METODOLÓGICOS**

- A linguagem apresentada (letra, estrutura e vocabulário) é apropriada à série a que se destina e contribui para o desenvolvimento de expressão oral e escrita \_\_\_\_\_

- As informações são corretas, atualizadas e sem erros conceituais \_\_\_\_\_

- Demonstra grafiação, clareza, articulação e compacidade na apresentação dos conteúdos \_\_\_\_\_

- Demonstra preocupação com a formação de conceitos e não sua definição \_\_\_\_\_

- Apresenta resumos, quadros sinóticos e glossário \_\_\_\_\_

- Apresenta diversidade textual \_\_\_\_\_

- As atividades propostas:  
 - são diversificadas, com crescente nível de complexidade \_\_\_\_\_  
 - possibilitam observação, investigação, análise, síntese e generalização \_\_\_\_\_  
 - permitem o desenvolvimento e aprofundamento da expressão oral e escrita \_\_\_\_\_  
 - conduzem à repetição mecânica \_\_\_\_\_  
 - estimulam a prática de investigação a do confronto de diferentes fontes, o desenvolvimento da criatividade e do pensamento crítico \_\_\_\_\_

**V – MANUAL DO PROFESSOR**

- Explicita os objetivos gerais da obra e a abordagem teórico-metodológica \_\_\_\_\_

- Há coerência entre a abordagem teórico-metodológica, os objetivos da obra, as sugestões de atividades e o livro do aluno \_\_\_\_\_

- Oferece fontes, bibliografia, sugestões de atividades e de avaliação \_\_\_\_\_

- Oferece informações adicionais ao livro do aluno e contribui para a formação (atualização) do professor \_\_\_\_\_

Fonte: Brasil (1994, p. 76-77).

Em resumo, a comissão constatou que havia grandes problemas nos livros, com alguns apontamentos importantes como:

a uniformização dos livros didáticos, muito parecidos uns com os outros; textos com erros de conteúdo e conceituais; textos que induziam a preconceitos e estereótipos; assuntos estanques, sem relação ao longo dos capítulos e das unidades; exercícios mecânicos que conduziam à simples memorização; distância entre os conteúdos e a realidade da criança; despreparo dos autores, desqualificados, sem formação nas áreas específicas; má qualidade do manual do professor; não existência de um projeto real de livro não consumível; defasagem entre a produção acadêmica e o conteúdo dos livros didáticos (Filgueiras, 2011, p. 6).

A primeira ficha de avaliação, criada pelo Grupo de Trabalho (GT) de Estudos Sociais (História e Geografia), tinha o propósito de avaliar livros didáticos segundo critérios detalhados, abrangendo aspectos como planejamento gráfico, conteúdo, abordagens pedagógico-metodológicas e qualidade dos manuais do professor. Essa ficha foi um marco inicial importante no processo de análise qualitativa de materiais didáticos em Estudos Sociais.

Por outro lado, os princípios e critérios que orientaram a avaliação dos livros didáticos de História do PNLD 2016, enviados às escolas em 2017, representam um avanço e uma evolução nos critérios de avaliação, refletindo as mudanças curriculares e as necessidades educacionais mais recentes. Este documento inclui critérios tanto eliminatórios (comuns a todas as áreas) quanto específicos para o componente curricular de História.

O PNLD 2017 foi escolhido para esta análise comparativa por ser o último conjunto de livros didáticos destinados à educação fundamental I antes das mudanças trazidas pela Lei 9.099/2017. Esta escolha permite uma comparação entre os critérios de avaliação antes e após a implementação dessa legislação.

A seguir, apresentamos a ficha com os critérios utilizados na avaliação dos livros didáticos de História pelo PNLD 2016. Esta ficha inclui os critérios específicos da disciplina de História, além dos critérios eliminatórios gerais, oferecendo um panorama abrangente dos padrões e expectativas para os materiais didáticos na educação fundamental I.

Este cotejamento oferece ao leitor perspectivas importantes sobre o desenvolvimento dos critérios de avaliação ao longo do tempo e como eles refletem as mudanças nas abordagens pedagógicas e nas expectativas relacionadas ao material didático em História.

FIGURA 4 – GUIA DE LIVROS DIDÁTICOS: PNLD 2016: HISTÓRIA



FICHA DE AVALIAÇÃO			
B - BOM	R - REGULAR	INSUFICIENTE	AUSENTE / NÃO

### MANUAL DO PROFESSOR

O Manual do Professor deve orientar os docentes para um uso adequado da obra didática, constituindo-se, ainda, em um instrumento de complementação didático-pedagógica e atualização para o docente. Nesse sentido, o manual deve organizar-se de modo a propiciar ao docente uma efetiva reflexão sobre sua prática. Deve, ainda, colaborar para que o processo de ensino-aprendizagem acompanhe avanços recentes, tanto no campo de conhecimento do componente curricular da obra, quanto no da pedagogia e da didática em geral. (Edital 02/ 2014 – CGPLI/ PNLD 2016).

N.	CRITÉRIOS	SIM			NÃO
		B	R	I	A
<b>APRESENTAÇÃO E FUNDAMENTAÇÃO DA PROPOSTA DA COLEÇÃO</b>					
1	Explicita as formas de seleção e organização dos conteúdos e procedimentos históricos, no conjunto dos volumes e também na estruturação interna de cada um desses.				
2	Apresenta os objetivos da proposta didático-pedagógica, bem como os fundamentos/pressupostos teórico-metodológicos assumidos e, no caso de recorrer a mais de um modelo, indica claramente a articulação entre eles.				
3	Utiliza a produção de conhecimento nas áreas da História e da Pedagogia dos últimos anos, considerando-a como ponto de reflexão e de discussão para a elaboração da proposta da obra.				
4	Incentiva a ação pedagógica voltada para o respeito e valorização da diversidade, com atenção aos preceitos da sustentabilidade, do cuidado ambiental e da cidadania ativa.				
Descrição e Exemplos					
Análise					

#### ORIENTAÇÕES SOBRE O ADEQUADO USO DO LIVRO DO ALUNO

5	Sugere textos, propostas de atividades e orientações de trabalho interdisciplinar que permitam ampliar e aprofundar as proposições que constam no Livro do Aluno.				
6	Apresenta orientações pedagógicas e informações adicionais para o desenvolvimento das atividades de leitura das imagens e dos demais documentos que constam no Livro do Aluno, sobretudo, como fontes para a elaboração da História.				
7	Dispõe orientações complementares para a implementação do ensino de História da África, da cultura afro-brasileira e da História e cultura indígena e para aprofundar as proposições constantes no Livro do Aluno.				
8	Oferece orientações sobre formas, critérios e instrumentos de avaliação adequados ao processo de ensino-aprendizagem dessa etapa da escolarização e, em especial, as que dizem respeito à aprendizagem da História.				
Descrição e Exemplos					
Análise					

#### RESPEITO À PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR NA APRESENTAÇÃO DO CONTEÚDO

9	Propicia a reflexão sobre a prática docente e explicita claramente, no Manual do Professor, a perspectiva interdisciplinar explorada pela obra, indicando formas individuais e coletivas de planejar, desenvolver e avaliar projetos interdisciplinares.				
10	Articula os conteúdos da História com as outras disciplinas integrantes da área de Ciências Humanas, estabelecendo conexões também com as demais áreas e com os contextos de inserção dos alunos.				
11	Propõe atividades que articulem diferentes disciplinas, aprofundando as possibilidades de abordagem e compreensão de questões relevantes para os alunos dos anos iniciais do ensino fundamental.				
12	Orienta o professor a considerar o seu local de atuação como fonte histórica e como recurso didático através do estudo de meio; a perceber e compreender a potencialidade do espaço construído e vivido pelos cidadãos e de toda a cultura material/imaterial envolvida em tais espaços, para a aprendizagem da História.				
Descrição e Exemplos					
Análise					

## COMPONENTE CURRICULAR HISTÓRIA

O livro didático de História deve possibilitar a diferenciação entre a vivência dos processos históricos e a forma de produção de conhecimento sobre eles, ou seja, a compreensão do processo histórico e produção de conhecimento sobre ele. O objetivo central desse componente curricular situa-se em viabilizar o pensar historicamente, propiciando o desenvolvimento das capacidades que auxiliam o aluno a atuar na sociedade de forma autônoma, crítica, participativa, digna e responsável. (Edital 02/2014 – CGPLI/ PNL D 2016, p.68-69).

N.	CRITÉRIOS	SIM			NÃO
		B	R	I	A
<b>ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA DA HISTÓRIA</b>					
13	Apresenta coerência e adequação entre os pressupostos teórico-metodológicos da História explicitados no MP e os pressupostos teórico-metodológicos da História concretizados no LA.				
14	Aborda a compreensão da escrita da História como um artefato social e como uma prática cientificamente produzida, diferente, portanto, da história vivida.				
15	Propõe abordagens adequadas à faixa etária, que auxiliam a desenvolver nos alunos a capacidade de pensar historicamente, compreendendo os modos humanos de refletir, sentir e agir estabelecidos em diferentes tempos e espaços.				
Descrição e Exemplos					
Análise					

<b>CORREÇÃO E ATUALIZAÇÃO DE CONCEITOS, INFORMAÇÕES E PROCEDIMENTOS</b>					
16	Incorpora elementos da renovação historiográfica empreendida nos últimos anos, no conjunto da obra (textos principais, textos complementares e atividades).				
17	A obra está isenta de práticas de anacronismo.				
18	A obra está isenta de práticas de voluntarismo.				
19	A obra está isenta de apresentar o conhecimento histórico como verdade absoluta, de estereótipos e caricaturas, de simplificações explicativas, de erros de informação e/ou de indução a erros ocasionados por informações parciais, descontextualizadas e/ou desatualizadas, de conceitos e procedimentos apresentados de modo incorreto, descontextualizado e/ou desatualizado.				
20	Apresenta as imagens acompanhadas de atividades de leitura, de interpretação e de possibilidades de interação com o contexto, referenciadas, sempre que possível, em sua condição de fonte para a produção do conhecimento histórico.				
Descrição e Exemplos					
Análise					

CONSTRUÇÃO E OU APRESENTAÇÃO SIGNIFICATIVA DE NOÇÕES E CONCEITOS HISTÓRICOS					
21	Estimula a construção ou apresentação significativa dos conceitos de fonte, memória, acontecimento, fato, sujeito histórico, identidade, semelhança, diferença, contradição, causa, ficção, narrativa, verdade e ruptura, tratando-os de modo a contemplar sua historicidade e contextualização.				
22	Propicia a construção ou apresentação significativa das noções de tempo (sequência, encadeamento, períodos, simultaneidade, ritmos de tempo, medidas de tempo, duração) e de espaço (localização, orientação, escala).				
23	Favorece a construção ou apresentação significativa dos conceitos de meio, história local, cultura local, abordando a diversidade da experiência humana e a pluralidade social, com respeito e interesse.				
Descrição e Exemplos					
Análise					

## PROPOSTA PEDAGÓGICA

As discussões que têm ocorrido no campo das teorias da aprendizagem contribuem significativamente para os processos de ensino e aprendizagem da História. Para formar cidadãos participativos, conscientes, críticos e criativos, em uma sociedade cada vez mais complexa, é preciso levar os alunos a desenvolverem múltiplas relações de aprendizagem com os objetos de conhecimento por eles acessados. A aprendizagem de conceitos e procedimentos implica na consideração dos saberes prévios, interesses e potencialidades cognitivas dos alunos. Assim, o ensino que ignore a necessidade da aquisição das várias habilidades cognitivas e se dedique primordialmente à memorização de definições, procedimentos e à resolução de exercícios rotineiros de fixação não propicia uma formação adequada para as demandas da sociedade atual. (Edital 02/ 2014 – CGPLI/ PNLD 2016).

N.	CRITÉRIOS	SIM			NÃO
		B	R	I	A
COERÊNCIA E ADEQUAÇÃO DA PROPOSTA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA					
24	Apresenta coerência entre a fundamentação teórico-metodológica explicitada no Manual do Professor e o conjunto de seções (textos principais, textos complementares, atividades para os alunos, dentre outras) que configuram o Livro do Aluno. (Observe o que foi respondido na questão 2)				
25	Inserir a criança no universo escolar, em sua condição de sujeito, sem desconhecer a singularidade da infância, nem a lógica que organiza o seu convívio social imediato.				
26	Contribui para os processos de letramento, ao mesmo tempo em que disponibiliza meios de aproximação progressiva do aluno ao conhecimento histórico, cumprindo os objetivos da História para esse segmento da escolarização.				
Descrição e Exemplos					
Análise					



ESTRATÉGIAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS					
27	Oferece possibilidades metodológicas para a aquisição e/ou desenvolvimento de habilidades cognitivas, a exemplo de observação, comparação, memorização, interpretação, análise, investigação, síntese, generalização, argumentação, explicação.				
28	Considera os saberes prévios, os interesses e as potencialidades cognitivas dos alunos que frequentam os anos iniciais do ensino fundamental e estabelece elementos de progressão do processo de ensino-aprendizagem.				
29	Mobiliza estratégias para o desenvolvimento das habilidades que promovem no aluno a autonomia de pensamento e o raciocínio crítico.				
Descrição e Exemplos					
Análise					

RECURSOS DIDÁTICOS					
30	Propicia o acesso do aluno à diversidade de gêneros textuais que servem como suporte de informação em diversas áreas do conhecimento, além de oferecer variedade de estratégias para o desenvolvimento do pensar historicamente. Apresenta ilustrações variadas quanto às possibilidades de significação, como os desenhos, fotografias e reproduções de pinturas. Apresenta ilustrações que exploram as múltiplas funções das imagens, de forma a auxiliar o aprendizado do alfabetismo visual e do ensino de História.				
31	Contém clareza na apresentação dos conteúdos conceituais e procedimentais considerando a faixa etária a que a obra se destina, observando aspectos como linguagem, vocabulário, ilustrações, dentre outros.				
32	Apresenta, de forma contextualizada, propostas e/ou sugestões para que o aluno acesse outras fontes de informação (rádio, TV, revistas, internet, etc.).				
Descrição e Exemplos					
Análise					

## FORMAÇÃO CIDADÃ

Como parte integrante de suas propostas pedagógicas, as coleções de História devem colaborar efetivamente para a construção da cidadania. (Edital 02/ 2014 – CGPLI/ PNLD 2016).

N.	CRITÉRIOS	SIM			NÃO
		B	R	I	A
<b>OBSERVÂNCIA AOS PRECEITOS LEGAIS E JURÍDICOS</b>					
33	<p>A obra cumpre a seguinte legislação:</p> <p>Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, com as respectivas alterações introduzidas pelas Leis nº 10.639/2003, nº 11.645/2008, nº 11.274/2006 e nº 11.525/2007.</p> <p>Lei nº 10.639/2003 – “Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”.</p> <p>Lei nº 11.645/2008 – “Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.</p> <p>Lei nº 11.274/2006 – “Altera a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade”.</p> <p>Lei nº 11.525/2007 – “Acrescenta § 5º ao art. 32 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir conteúdo que trate dos direitos das crianças e dos adolescentes no currículo do ensino fundamental.”</p> <p>Estatuto da Criança e do Adolescente e Estatuto do Idoso.</p> <p>Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos e Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica.</p> <p>Resoluções e Pareceres do Conselho Nacional de Educação, em especial, o Parecer CEB nº 15, de 04/07/2000, o Parecer CNE/CP nº 003, de 10/03/2004, e a Resolução CNE/CP nº 01, de 17/06/2004, Parecer CNE/CEB nº 7/2010, Resolução CNE/CEB nº 4/2010, Parecer CNE/CEB nº 11/2010 e Parecer CNE/CP nº 14, de 06/06/2012.</p> <p>Parecer CEB nº 15 de 04/07/2000 - Trata da pertinência do uso de imagens comerciais nos livros didáticos.</p> <p>Parecer CNE/CP nº 003 de 10/03/2004 – Aborda assunto relativo às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Resolução CNE/CP nº 01 de 17/06/2004 - Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.</p> <p>Parecer CNE/CEB nº 7/2010 – Trata das Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica.</p> <p>Resolução CNE/CEB nº 4/2010 - Define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica.</p>				

### OBSERVÂNCIA AOS PRECEITOS LEGAIS E JURÍDICOS

33	<p>Parecer CNE/CEB nº 11/2010 – Trata das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos.</p> <p>Parecer CNE/CP Nº 14 de 06 /06/2012 - Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental (DCNEA).</p> <p>De maneira geral, todos esses dispositivos são abordados na construção do Edital e desta ficha. No entanto, é aconselhável consultar a legislação indicada.</p> <p>A consulta à legislação indicada pode qualificar melhor a avaliação dos itens referentes aos princípios democráticos e de cidadania, tanto para problematizar quanto para apontar práticas de excelência.</p>				
34	<p>A obra cumpre as leis n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003 (história e cultura afro-brasileira), e n. 11.645, de 10 de março de 2008 (história e cultura afro-brasileira e indígena). Nesta questão atenha-se ao que diz respeito à história e cultura afro-brasileira.</p> <p>Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, em especial nos currículos da área de história, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira.</p> <p>O conteúdo programático incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.</p> <p>O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como "Dia Nacional da Consciência Negra".</p>				
35	<p>A obra cumpre a lei n. 11.645, de 10 de março de 2008 (história e cultura afro-brasileira e indígena). Nesta questão atenha-se ao que diz respeito à história e cultura indígena.</p> <p>A Lei dispõe acerca do estudo da história e cultura indígena, da luta dos povos indígenas no Brasil, da cultura indígena, do papel dos povos indígenas na formação da sociedade nacional.</p>				
Descrição e Exemplos					
Análise					

### RESPEITO AOS PRINCÍPIOS ÉTICOS

36	<p>A obra está isenta de estereótipos e preconceitos de condição social, regional, étnico-racial, de gênero, de orientação sexual, de idade ou de linguagem, assim como qualquer outra forma de discriminação ou de violação de direitos.</p>				
37	<p>A obra está isenta de doutrinação religiosa e/ou política que desrespeite o caráter laico e autônomo do ensino público, estando isenta também de veicular publicidade e/ou difusão de marcas, produtos ou serviços comerciais.</p>				
Descrição e Exemplos					
Análise					

AÇÕES POSITIVAS À CIDADANIA E AO CONVÍVIO SOCIAL					
38	Aborda a diversidade da experiência humana e a pluralidade social com respeito e interesse, além de trabalhar os preceitos éticos de forma contextualizada.				
39	Trata adequadamente a temática das relações étnico-raciais, do preconceito, da discriminação racial e da violência correlata, visando à construção de uma sociedade antirracista, justa e igualitária. Trata adequadamente a temática de gênero e da não violência, visando à construção de uma sociedade não sexista, justa, igualitária e não homofóbica. Trata adequadamente a temática dos direitos humanos, afirmando o direito de crianças, adolescentes e idosos. Trata adequadamente a temática da educação ambiental.				
40	Contribui para dar visibilidade positiva aos afrodescendentes, aos povos indígenas e às mulheres, considerando suas participações em diferentes trabalhos, profissões e espaços de poder, nas diversas temporalidades históricas.				
Descrição e Exemplos					
Análise					

## PROJETO GRÁFICO-EDITORIAL

A proposta didático-pedagógica de uma obra deve traduzir-se em projeto gráfico-editorial compatível com suas opções teórico-metodológicas, considerando-se, dentre outros aspectos, a faixa etária e o nível de escolaridade a que se destina. (Edital 02/ 2014 – CGPLI/ PNLD 2016)

N.	CRITÉRIOS	SIM			NÃO
		B	R	I	A
ESTRUTURA EDITORIAL					
41	Apresenta coerência, clareza e funcionalidade de elementos da estrutura editorial com a proposta didático-pedagógica e a faixa etária à qual se destina, considerando, dentre outros, os seguintes aspectos: - sumário que reflita claramente a organização dos conteúdos e seções propostas; - indicação de leituras complementares para o aluno; - glossário; - referências bibliográficas;				
Descrição e Exemplos					
Análise					

PROJETO GRÁFICO					
42	A obra está isenta de erros de revisão e/ou impressão.				
43	Apresenta, de forma adequada para o nível de escolaridade a que a obra se destina, os seguintes elementos gráficos: - o desenho e o tamanho das letras; - o espaçamento entre letras, palavras e linhas; - o formato e a disposição dos textos e imagens na página; - a impressão em preto do texto principal e que não prejudique a legibilidade no verso da página; - títulos e subtítulos claramente hierarquizados por meio de recursos gráficos compatíveis.				
Descrição e Exemplos					
Análise					

ILUSTRAÇÕES					
44	As ilustrações são: - claras e precisas, adequadas às finalidades didático-pedagógicas para as quais foram elaboradas; - retratam adequadamente a diversidade étnica da população brasileira, a pluralidade social e cultural do país.				
45	Disponibiliza informações necessárias à leitura e entendimento de imagens, gráficos, tabelas, mapas e infográficos, possibilitando a identificação e formas de acesso aos mesmos. Verificar os seguintes aspectos: - estão acompanhados dos respectivos créditos e da clara identificação da localização das fontes ou acervos de onde foram reproduzidas; - no caso de gráficos e tabelas, apresenta títulos, fontes e datas; - no caso de mapas e outras representações gráficas do espaço, apresenta legendas, escala, coordenadas e orientação em conformidade com as convenções cartográficas; - resguarda as proporções reais dos objetos e seres representados.				
Descrição e Exemplos					
Análise					

O desenvolvimento e a evolução da avaliação de livros didáticos no Brasil são marcados por grandes avanços, especialmente no que diz respeito aos critérios utilizados para análise. Este processo pode ser observado na evolução da primeira ficha de avaliação criada pelo Grupo de Trabalho (GT) de Estudos Sociais, em 1994, para a educação infantil e anos iniciais, até a ficha de avaliação utilizada pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) 2016, focada no componente de História para o 1º ao 5º ano.

Em 1994, o GT Estudos Sociais, buscando aprimorar a qualidade dos materiais didáticos para as séries iniciais do Ensino Fundamental, desenvolveu uma ficha de avaliação estruturada em cinco blocos: Identificação da Obra, Planejamento Gráfico, Conteúdo da Obra, Aspectos Pedagógico-metodológicos e Manual do Professor. Este esforço levou em consideração várias fontes, como a produção acadêmica e as novas propostas curriculares, além de experiências práticas nas séries iniciais.

Avançando para o PNLD 2016, observa-se uma evolução na estrutura e na abordagem da avaliação. A ficha de avaliação do PNLD 2016, aplicada aos livros didáticos de História, foi composta por 45 questões distribuídas em cinco eixos de análise distintos: Manual do Professor, Componente Curricular História, Proposta Pedagógica, Formação Cidadã e Projeto Gráfico-Editorial. Essa abordagem mais refinada reflete um entendimento mais profundo das necessidades educacionais e das expectativas para os materiais didáticos no contexto atual.

Portanto, essa evolução nos critérios e métodos de avaliação dos livros didáticos, desde a iniciativa pioneira do GT Estudos Sociais até as práticas mais recentes do PNLD 2016, demonstra um compromisso contínuo com a melhoria da qualidade da educação no Brasil, assegurando que os livros didáticos atendam às necessidades de uma sociedade em constante mudança e evolução.

### **Perspectivas de pesquisa a partir da análise das políticas editoriais e evolução do PNLD (1997-2018)**

A análise de dados tem se destacado como uma importante ferramenta para compreender a evolução de políticas educacionais ao longo do tempo. O período compreendido entre 1997 e 2018 trouxe mudanças significativas nas políticas educacionais e na participação das editoras no PNLD. Essas transformações oferecem um vasto campo de pesquisa para futuros estudos sobre a compreensão da participação das editoras no PNLD.

Esta seção apresenta possíveis caminhos para pesquisas futuras, todas elas ancoradas na coleta de dados sobre os livros do PNLD durante esse período e na criação de quadros que permitam uma análise abrangente da evolução dessas políticas e de suas implicações. As possibilidades de pesquisa são as seguintes:

Segmentação de tipos de livros: a análise dos quadros de dados pode revelar como a alocação de recursos e a ênfase em diferentes tipos de livros evoluíram ao longo dos anos. Isso inclui a divisão dos livros do PNLD em categorias específicas, como livros didáticos de diferentes disciplinas, literatura (caso dos livros aprovados no Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE), material de apoio pedagógico, entre outros.

Análise de políticas editoriais: investigar as políticas editoriais das editoras que mais participaram do PNLD nesse período é uma área de pesquisa relevante. Isso pode incluir a estratégia de publicação, as mudanças nas linhas editoriais e as adaptações para atender aos requisitos do PNLD, além de como essas políticas afetaram a seleção de livros.

Estudo de caso de editoras: realizar estudos de caso detalhados de editoras-chave que mais participaram do PNLD é uma abordagem aprofundada. Isso envolveria entrevistas com representantes das editoras, análise de documentos internos, como diretrizes editoriais, e uma revisão dos catálogos de livros.

Impacto das políticas editoriais: avaliar como as políticas editoriais das principais editoras afetaram a seleção de livros para o PNLD. Isso pode envolver a identificação de estratégias específicas adotadas pelas editoras para obter aprovação e como essas estratégias evoluíram ao longo do tempo.

Inovações tecnológicas: investigar como as editoras incorporaram tecnologias digitais e interativas em seus materiais didáticos, especialmente em momentos em que o PNLD abre a possibilidade de produção de livros digitais, é uma área em crescimento. A análise de conteúdo digital e a avaliação de eficácia dessas inovações podem revelar mudanças no engajamento dos alunos e no alinhamento com metas educacionais.

Avaliação de impacto social: a pesquisa também pode avaliar o impacto social e econômico das escolhas do PNLD, considerando aspectos como o mercado editorial, o acesso dos estudantes aos materiais e as implicações para a indústria de livros didáticos.

Essas possibilidades de pesquisa oferecem um panorama abrangente das diferentes dimensões do PNLD ao longo das duas últimas décadas. Cada uma delas representa uma oportunidade de contribuir para o entendimento das políticas educacionais e seu impacto na educação no Brasil.

**QUADRO 16 – APONTAMENTOS PARA FUTURAS PESQUISAS SOBRE O PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO (PNLD) – 1997 A 2018**

Evolução do PNLD	Análise da seleção de livros do PNLD de 1997 a 2018, categorizando-os por tipo (didáticos, literatura, ciências etc.), analisando editoras frequentes e a distribuição geográfica destas. Avaliação qualitativa do conteúdo e abordagens pedagógicas.
Políticas Editoriais	Investigação das estratégias e mudanças nas políticas editoriais das principais editoras participantes do PNLD. Inclui estudos de caso de editoras e avaliação do impacto destas políticas na seleção de livros.
Inovações Tecnológicas	Estudo da incorporação de tecnologias digitais e interativas nos materiais didáticos, avaliando a implementação, o impacto no engajamento dos alunos e a evolução ao longo dos anos. Inclui a avaliação da eficácia dessas inovações.
Impacto Social	Avaliação do impacto social e econômico das escolhas do PNLD, incluindo análise do mercado editorial, acesso à educação e implicações para a indústria de livros didáticos. Estuda o efeito no mercado, democratização do acesso à educação e impacto econômico.

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

### **Participação das editoras na primeira década do PNLD (1997-2007)**

Sobre a participação das editoras no PNLD, Maciel (2016, p. 26) aponta que

As negociações entre as editoras e o MEC passaram por importante modificação após o condicionamento da compra dos livros, segundo a aprovação destes em uma avaliação pedagógica. Em 1993 houve uma primeira avaliação, que teve a divulgação da lista de aprovados adiada várias vezes, até que em 1996 realizou-se uma nova avaliação dos livros destinados às séries iniciais do ensino fundamental, com a inscrição das obras, pelas editoras, com base em um edital elaborado pelo PNLD. Dos 347 títulos avaliados, 266 livros foram reprovados por erros de conceito, preconceito, desatualização ou falta de qualidade física.



A autora destaca uma situação desafiadora enfrentada durante o processo de avaliação de livros didáticos, em que as manifestações de descontentamento por parte de editores e autores apontavam para uma suposta falta de critérios claros na avaliação. No entanto, o processo era de fato orientado por dois conjuntos de critérios bem definidos, como apontado no excerto a seguir:

Apesar das manifestações de editores e autores contrários aos resultados da avaliação, alegando falta de critérios no processo, havia dois conjuntos de critérios que orientavam as análises: os Critérios Eliminatórios, referentes à correção dos conceitos e informações, à correção e pertinência metodológica e à contribuição para a construção da cidadania, e Critérios Classificatórios, relativos à estrutura editorial, aos aspectos visuais, às ilustrações e ao Manual do Professor (BRASIL, 1998, p. 15-16-17). Em 1999, realizou-se o PNLD (Maciel, 2016, p. 26-27).

Editoras que mais participaram do PNLD de 1997 a 2007, listadas em ordem de participação, juntamente com o número de vezes que participou:

**QUADRO 17 - PARTICIPAÇÃO DAS EDITORAS NAS AQUISIÇÕES DE LIVROS DIDÁTICOS PELO MEC (1997-2007)**

	<b>EDITORAS</b>	<b>PARTICIPAÇÕES</b>
1	SCIPIONE	11
2	SARAIVA	11
3	MÓDULO	10
4	MODERNA	10
5	IBEP	10
6	FTD	10
7	BRASIL	10
8	ÁTICA	10
9	DIMENSÃO	9
10	BASE	8
11	BLOCH	7
12	ATUAL	7
13	ÃO LIVRO TÉCNICO	7
14	LÊ	7
15	EDIOURO	6
16	CONTEXTO	3

17	NOVA GERAÇÃO	3
18	C. P. B.	2
19	ED. BRASIL	2
20	HARBRA -	2
21	FORMATO	2
22	CONSULTOR	2
23	ARCO-ÍRIS	2
24	ACCESS	2
25	AO LIVRO TÉCNICO	2
26	QUINTETO	2
27	AO LIVRO TÉCNICO	2
28	EDITORA DO BRASIL	1
29	EDITORA MÓDULO	1
30	EDITORA FORMATO EDITORIA	1
31	ED. BRASIL	1
32	ED. LÊ	1
33	ED. DIMENSÃO	1
34	ED. MIGUILIM LTDA	1
35	ED. DO BRASIL	1
36	EDUCARTE	1
37	DIMENSÃO	1
38	DIDÁTICA PAULISTA	1
39	BRAGA	1
40	DEMÓCRITO ROCHA	1
41	FUNDAÇÃO DEMÓCRITO ROCHA	1
42	EVANS	1
43	FABRICA DOS LIVROS	1
44	CIÊNCIA E PAZ	1
45	ZIT	1
46	SARANDI	1

**Fonte:** Elaborado pelo autor a partir dos dados do Memorial do PNLD 2007-2017.

A seguir, as editoras que mais participaram do PNLD de 1997 a 2007, divididas por disciplinas:

**QUADRO 18 – LÍNGUA PORTUGUESA**

	<b>EDITORA</b>	<b>PARTICIPAÇÕES</b>
1	SCIPIONE	11
2	SARAIVA	11
3	DIMENSÃO	9
4	ATUAL	7
5	AO LIVRO TÉCNICO	7
6	EDIOURO	6
7	FORMATO	2
8	CONSULTOR	2
9	ED. DO BRASIL	1
10	DO BRASIL	1
11	EDITORA MÓDULO	1
12	EDITORA FORMATO EDITORIAL	1
13	ED. BRASIL	1
14	ED. LÊ	1
15	ED. DIMENSÃO	1
16	ED. MIGUILIM LTDA	1
17	ED. DO BRASIL	1
18	EDUCARTE	1
19	DIMENSÃO	1
20	DIDÁTICA PAULISTA	1
21	ZIT	1
22	SARANDI	1

**Fonte:** Elaborado pelo autor a partir dos dados do Memorial do PNLD 2007-2017.

**QUADRO 19 – MATEMÁTICA**

	<b>EDITORA</b>	<b>PARTICIPAÇÕES</b>
1	MÓDULO	10
2	MODERNA	10
3	IBEP	10
4	FTD	10
5	ÁTICA	10

6	BASE	8
7	ED. BRASIL	2
8	HARBRA	2
9	ACCESS	2
10	AO LIVRO TÉCNICO	2
11	ZIT	1

**Fonte:** Elaborado pelo autor a partir dos dados do Memorial do PNLD 2007-2017.

#### QUADRO 20 – HISTÓRIA GERAL

	EDITORA	PARTICIPAÇÕES
1	EDIOURO	6
2	CONTEXTO	3
3	NOVA GERAÇÃO	3
4	CIÊNCIA E PAZ	1

**Fonte:** Elaborado pelo autor a partir dos dados do Memorial do PNLD 2007-2017.

#### QUADRO 21 – HISTÓRIA E GEOGRAFIA REGIONAL

	EDITORA	PARTICIPAÇÕES
1	DIMENSÃO	1
2	DEMÓCRITO ROCHA	1
3	FUNDAÇÃO DEMÓCRITO ROCHA	1
4	EVANS	1
5	FABRICA DOS LIVROS	1

**Fonte:** Elaborado pelo autor a partir dos dados do Memorial do PNLD 2007-2017.

#### QUADRO 22 – GEOGRAFIA GERAL

	EDITORA	PARTICIPAÇÕES
1	ÁTICA	10
2	ED. BRASIL	2
3	EVANS	1

**Fonte:** Elaborado pelo autor a partir dos dados do Memorial do PNLD 2007-2017.

**QUADRO 23 – ESTUDOS SOCIAIS REGIONAIS**

	<b>EDITORA</b>	<b>PARTICIPAÇÕES</b>
1	BRAGA	1

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados do Memorial do PNLD 2007-2017.

**QUADRO 24 – ESTUDOS SOCIAIS**

	<b>EDITORA</b>	<b>PARTICIPAÇÕES</b>
1	BRASIL	10
2	BASE	8
3	BLOCH	7
4	ATUAL	7
5	ÃO LIVRO TÉCNICO	7
6	EDIOURO	6
7	ACCESS	2
8	AO LIVRO TÉCNICO	2

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados do Memorial do PNLD 2007-2017.

**QUADRO 25 – CIÊNCIAS**

	<b>EDITORA</b>	<b>PARTICIPAÇÕES</b>
1	ED. DO BRASIL	1
2	CIÊNCIA E PAZ	1
3	ZIT	1

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados do Memorial do PNLD 2007-2017.

**QUADRO 26 – ALFABETIZAÇÃO**

	<b>EDITORA</b>	<b>PARTICIPAÇÕES</b>
1	BRASIL	11
2	BASE	9
3	BLOCH	7
4	ATUAL	7
5	ÃO LIVRO TÉCNICO	7
6	EDIOURO	6

7	SCIPIONE	5
8	SARAIVA	5
9	LÊ	5
10	MODERNA	4
11	IBEP	4
12	FTD	4
13	ÁTICA	3
14	DIMENSÃO	3
15	ZIT	2
16	SARANDI	1
17	RECORD	1
18	GLOBO	1
19	BRAGA	1
20	ED. BRASIL	1
21	FORMATO	1
22	EXPRESSÃO	1
23	ED. LÊ	1
24	DIDÁTICA	1
25	CONSULTOR	1
26	ARCO-ÍRIS	1
27	POSITIVO	1
28	MIGUILIM	1
29	QUINTEO	1
30	NOVA GERAÇÃO	1

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados do Memorial do PNLD 2007-2017.

#### QUADRO 27 - LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO

	EDITORA	PARTICIPAÇÕES
1	SCIPIONE	1
2	SARANDI	1
3	SARAIVA	1
4	POSITIVO	1
5	MODERNA	1
6	IBEP	1

7	FTD	1
8	ESCALA	1
9	EDIÇÕES SM	1
10	ED. TEXTO	1
11	ED. DO BRASIL	1
12	ED. CCS	1
13	DIMENSÃO	1
14	BASE	1
15	ÁTICA	1
16	ALFA E BETO	1

**Fonte:** Elaborado pelo autor a partir dos dados do Memorial do PNLD 2007-2017.

#### QUADRO 28 - LETRAMENTO E MATEMÁTICA

	EDITORA	PARTICIPAÇÕES
1	ZAPT	1
2	SCIPIONE	1
3	SARAIVA	1
4	POSITIVO	1
5	MODERNA	1
6	IBEP	1
7	FTD	1
8	ESCALA	1
9	EDITORA DO BRASIL	1
10	EDIÇÕES SM	1
11	ED. CCS	1
12	DIMENSÃO	1
13	CEREJA	1
14	BASE	1
15	ÁTICA	1
16	ALFA E BETO	1

**Fonte:** Elaborado pelo autor a partir dos dados do Memorial do PNLD 2007-2017.

## **O Programa Nacional do Livro para o Ensino Médio (PNLEM) e as mudanças nos critérios do PNLD**

Durante o período de 2008 a 2018, um conjunto de editoras desempenhou um papel significativo no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Essas editoras foram identificadas e classificadas com base em seu nível de participação no programa ao longo desses anos. No entanto, uma mudança ocorreu a partir de 2004, com o surgimento do Programa Nacional do Livro para o Ensino Médio (PNLEM). Pela primeira vez, o PNLEM foi concebido com o propósito de fornecer materiais didáticos aos estudantes do ensino médio público em todo o território nacional. Inicialmente, essa iniciativa foi implementada de maneira experimental, abrangendo 5.392 escolas situadas nas regiões Norte e Nordeste, abordando apenas as disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática. No entanto, ao longo do tempo, o programa se expandiu gradualmente para incluir os estudantes de todas as três séries do Ensino Médio em todo o Brasil. Esta seção aponta alguns caminhos para esse entendimento, considerando tanto as transformações ocorridas no programa quanto as contribuições das editoras envolvidas.

Em 2006, o PNLEM passou a universalizar a distribuição de livros didáticos de Português e Matemática para o Ensino Médio em todo o país, com exceção das escolas e alunos dos estados de Minas Gerais e do Paraná, que mantiveram programas próprios nesse sentido – o caso do Paraná com a construção, pela Secretaria de Estado da Educação, do chamado Livro Didático Público como resultado do trabalho coletivo de professoras e professores dos trinta e dois núcleos de Educação do Estado.

No ano seguinte, em 2007, pela primeira vez, foram disponibilizados livros de Biologia para todos os alunos e professores do Ensino Médio das escolas públicas em todo o Brasil, com exceção das instituições estaduais de Minas Gerais.

Continuando com o processo de universalização gradual do Programa Nacional do Livro para o Ensino Médio, em 2008, ocorreu a distribuição de livros de História e uma quantidade igual de livros de Química a todos os alunos e professores do Ensino Médio, contribuindo para enriquecer o acesso a materiais educacionais de qualidade em todo o país.

Em 2012, o MEC lançou o primeiro Edital do PNLD Ensino Médio e apresentou os seguintes critérios:



DA CARACTERIZAÇÃO DAS OBRAS DIDÁTICAS 3.1. Serão avaliadas e selecionadas obras didáticas para os componentes curriculares de Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia, Física, Química, Biologia, Sociologia, Filosofia, Língua Estrangeira Moderna (Inglês e Espanhol) destinadas aos alunos do ensino médio. 3.1.1 As obras didáticas para Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia, Física, Química, Biologia e Língua Estrangeira Moderna (Inglês e Espanhol) deverão ser obrigatoriamente organizadas por série e em coleção. 3.1.2 As obras didáticas para Sociologia e Filosofia deverão ser obrigatoriamente organizadas em volumes únicos abrangendo os três anos.<sup>5</sup>

Nesta seção do trabalho, apresentaremos dados referentes às mudanças significativas ocorridas no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) a partir do lançamento do primeiro Edital do PNLD Ensino Médio em 2012. A justificativa para a análise desses dados reside na importância de compreender as transformações nos critérios e na caracterização das obras didáticas, uma vez que essas mudanças têm impacto direto no cenário editorial e educacional do país.

O Edital de 2012 estabeleceu critérios específicos para a avaliação e seleção de obras didáticas destinadas aos componentes curriculares do Ensino Médio, abrangendo disciplinas como Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia, Física, Química, Biologia, Sociologia, Filosofia e Língua Estrangeira Moderna (Inglês e Espanhol). A obrigatoriedade de organizar as obras em série e em coleção para algumas disciplinas, em contraste com a organização em volumes únicos para Sociologia e Filosofia, exemplifica a diversificação das demandas educacionais e as adaptações no mercado editorial para atendê-las.

A análise desses critérios e mudanças no PNLD é essencial para compreender como as editoras se ajustaram às novas exigências e como isso afetou a oferta de materiais didáticos no Ensino Médio brasileiro. Além disso, para estudos futuros, cria-se a possibilidade da avaliação do impacto dessas mudanças na qualidade e acessibilidade dos materiais educacionais, bem como nas escolhas curriculares das escolas e na aprendizagem dos alunos.

Portanto, esta seção do trabalho visa fornecer uma análise quantitativa das mudanças introduzidas pelo Edital do PNLD Ensino Médio de 2012, destacando a relevância dessas alterações no contexto educacional brasileiro e no mercado editorial de livros didáticos.

---

<sup>5</sup> Disponível em: [https://cchla.ufrn.br/pnld/wpcontent/uploads/2012\\_edital\\_pnld\\_consolidado.pdf](https://cchla.ufrn.br/pnld/wpcontent/uploads/2012_edital_pnld_consolidado.pdf). Acesso em: 30 out. 2023.

## Participação das editoras no PNLD de 2008 a 2018

**QUADRO 29 - EDITORAS QUE MAIS PARTICIPARAM DE 2008 A 2018**

EDITORA	TOTAL DE PARTICIPAÇÕES
SCIPIONE	24
SARAIVA	24
POSITIVO	24
MODERNA	24
FTD	24
ESCALA EDUCACIONAL	18
IBEP	18
ÁTICA	18
DIMENSÃO	18
BASE	18
ED. DO BRASIL	18
MÓDULO	12
EDITORA DO BRASIL	12
GEOGRAFIA REGIONAL	12
ESPAÑHOL	12
HISTÓRIA REGIONAL	12
GEOGRAFIA GERAL	12
HISTÓRIA GERAL	12
CIÊNCIAS	12
MATEMÁTICA	12
PORTUGUÊS	12
INGLÊS	12
HISTÓRIA	12
FÍSICA	12
FILOSOFIA	12
BIOLOGIA	12
LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO	12
ARTES	6
SOCIOLOGIA	6
QUÍMICA	6

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados do Memorial do PNLD 2008-2018.

**QUADRO 30 – ÁREAS DE 2008 A 2018**

<b>ÁREA</b>	<b>TOTAL DE PARTICIPAÇÕES</b>
PORTUGUÊS	72
MATEMÁTICA	72
HISTÓRIA GERAL	36
GEOGRAFIA GERAL	36
CIÊNCIAS	36
INGLÊS	36
HISTÓRIA REGIONAL	24
GEOGRAFIA REGIONAL	24
ESPAÑHOL	12
FÍSICA	12
FILOSOFIA	12
BIOLOGIA	12
LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO	12
ARTES	6
SOCIOLOGIA	6
QUÍMICA	6

**Fonte:** Elaborado pelo autor a partir dos dados do Memorial do PNLD 2008-2018.

É possível perceber que o primeiro quadro mostra as editoras que mais participaram de 2008 a 2018, e o segundo quadro mostra as áreas que receberam essas participações. Os valores, no primeiro quadro, representam o número total de participações de cada editora em todas as áreas nesse período.

**QUADRO 31 – CIÊNCIAS (2008)**

	<b>EDITORA</b>	<b>PARTICIPAÇÕES</b>
1	SCIPIONE	2
2	SARAIVA	2
3	QUINTETO	2
4	POSITIVO	2
5	MÓDULO	1
6	MODERNA	2
7	IBEP	1

8	FTD	2
9	ESCALA EDUCACIONAL	1
10	ED. DO BRASIL	2
11	CASA	1
12	BASE	2
13	ÁTICA	2

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados do Memorial do PNLD 2008-2018.

#### QUADRO 32 – GEOGRAFIA (2008)

	<b>EDITORA</b>	<b>PARTICIPAÇÕES</b>
1	SCIPIONE	2
2	SARAIVA	2
3	POSITIVO	2
4	MÓDULO	1
5	MODERNA	2
6	IBEP	1
7	FTD	2
8	ESCALA EDUCACIONAL	1
9	ED. DO BRASIL	2
10	CASA	1
11	BASE	2
12	ÁTICA	2

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados do Memorial do PNLD 2008-2018.

#### QUADRO 33 – HISTÓRIA (2008)

	<b>EDITORA</b>	<b>PARTICIPAÇÕES</b>
1	SCIPIONE	2
2	SARAIVA	2
3	POSITIVO	2
4	MÓDULO	1
5	MODERNA	2
6	IBEP	1
7	FTD	2
8	ESCALA EDUCACIONAL	1

9	ED. DO BRASIL	2
10	CASA	1
11	BASE	2
12	ÁTICA	2

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados do Memorial do PNLD 2008-2018.

**QUADRO 34 – DE 2012 A 2018 – COM O PNLD ENSINO MÉDIO**

<b>EDITORA</b>	<b>DISCIPLINA</b>	<b>PARTICIPAÇÕES</b>
SCIPIONE	MATEMÁTICA	8
SCIPIONE	PORTUGUÊS	7
SCIPIONE	CIÊNCIAS	6
SCIPIONE	HISTÓRIA	1
SARAIVA	PORTUGUÊS	8
SARAIVA	MATEMÁTICA	7
SARAIVA	CIÊNCIAS	5
SARAIVA	HISTÓRIA	2
PUERI DOMUS	MATEMÁTICA	9
PUERI DOMUS	PORTUGUÊS	8
PUERI DOMUS	CIÊNCIAS	5
PUERI DOMUS	HISTÓRIA	0
POSITIVO	PORTUGUÊS	7
POSITIVO	MATEMÁTICA	6
POSITIVO	CIÊNCIAS	5
POSITIVO	HISTÓRIA	3
MODERNA	PORTUGUÊS	6
MODERNA	MATEMÁTICA	6
MODERNA	CIÊNCIAS	5
MODERNA	HISTÓRIA	4
FTD	MATEMÁTICA	7
FTD	PORTUGUÊS	7
FTD	CIÊNCIAS	5
FTD	HISTÓRIA	2
ESCALA	MATEMÁTICA	7
ESCALA	PORTUGUÊS	6

ESCALA	CIÊNCIAS	5
ESCALA	HISTÓRIA	3
ED. DO BRASIL	MATEMÁTICA	5
ED. DO BRASIL	PORTUGUÊS	5
ED. DO BRASIL	CIÊNCIAS	4
ED. DO BRASIL	HISTÓRIA	4
ÁTICA	MATEMÁTICA	5
ÁTICA	PORTUGUÊS	5
ÁTICA	CIÊNCIAS	4
ÁTICA	HISTÓRIA	3
IBEP	MATEMÁTICA	4
IBEP	PORTUGUÊS	4
IBEP	CIÊNCIAS	4
IBEP	HISTÓRIA	4
EDIÇÕES SM	MATEMÁTICA	3
EDIÇÕES SM	PORTUGUÊS	3
EDIÇÕES SM	CIÊNCIAS	3
EDIÇÕES SM	HISTÓRIA	3
BASE	MATEMÁTICA	3
BASE	PORTUGUÊS	3
BASE	CIÊNCIAS	3
BASE	HISTÓRIA	3
DIMENSÃO	MATEMÁTICA	2
DIMENSÃO	PORTUGUÊS	2
DIMENSÃO	CIÊNCIAS	2
DIMENSÃO	HISTÓRIA	2
ED. AJS	MATEMÁTICA	2
ED.	PORTUGUÊS	2
ED. AJS	CIÊNCIAS	2
ED. AJS	HISTÓRIA	2
MACMILLAN	MATEMÁTICA	2
MACMILLAN	PORTUGUÊS	2
MACMILLAN	CIÊNCIAS	2
MACMILLAN	HISTÓRIA	1
ED. TEXTO	MATEMÁTICA	2

ED. TEXTO	PORTUGUÊS	2
ED. TEXTO	CIÊNCIAS	1
ED. TEXTO	HISTÓRIA	1
CEREJA	PORTUGUÊS	2
CEREJA	MATEMÁTICA	2
LEYA	PORTUGUÊS	2
LEYA	MATEMÁTICA	2
ESFERA	CIÊNCIAS	2
ESFERA	MATEMÁTICA	1
RICHMOND	CIÊNCIAS	2
RICHMOND	MATEMÁTICA	1
MACMILLAN	LITERATURA	4
ESPAÑHOL	ESPAÑHOL	4
PALAVRAS ED	MATEMÁTICA	2
PALAVRAS ED	PORTUGUÊS	1
PALAVRAS ED	CIÊNCIAS	0
CCS	CIÊNCIAS	2
CCS	MATEMÁTICA	1
NOVO MILÊNIO	MATEMÁTICA	1
NOVO MILÊNIO	PORTUGUÊS	1
AUTÊNTICA	MATEMÁTICA	2
AUTÊNTICA	PORTUGUÊS	0
BERLENDIS	CIÊNCIAS	2
BERLENDIS	MATEMÁTICA	0
AJS	CIÊNCIAS	2
AJS	PORTUGUÊS	0
OCELIVROS	CIÊNCIAS	2
OCELIVROS	PORTUGUÊS	0
PEARSON	CIÊNCIAS	2
PEARSON	PORTUGUÊS	0
MIGUILIM	LITERATURA	1
GLOBAL	CIÊNCIAS	1
PAX	CIÊNCIAS	1
CONTEXTUAL	CIÊNCIAS	1
CENTRAL DO SABER	CIÊNCIAS	1

UDP	CIÊNCIAS	1
EDJOVEM	CIÊNCIAS	1
SARAIVA	LITERATURA	1
NOVA GERAÇÃO	MATEMÁTICA	1
NACIONAL	CIÊNCIAS	1
IMPERIAL	CIÊNCIAS	1
ED. IBPEX	CIÊNCIAS	1
EDITORA NACIONAL	CIÊNCIAS	1
MACMILLAN	OUTRA	1
MULTI TREINAMENTO	CIÊNCIAS	1
LAROUSSE	CIÊNCIAS	1
ED. VIENA	CIÊNCIAS	1
PHORTE ED.	CIÊNCIAS	1
OCELIVROS	OUTRA	1
ED. CCS	CIÊNCIAS	1
CIA DA ESCOLA	CIÊNCIAS	1
ED. PALAVRAS	CIÊNCIAS	1
1 OUTRA	OUTRA	1
TOTEM	CIÊNCIAS	1
SOPHOS	CIÊNCIAS	1
POLLUX	CIÊNCIAS	1
HARBRA	CIÊNCIAS	1
ED. PAX	CIÊNCIAS	1
YALIS	CIÊNCIAS	1

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados do Memorial do PNLD 2008-2018.

Com a promulgação do Decreto n.º 9.099 em 2017, o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) passou por mudanças em sua estrutura e funcionamento, passando a se chamar Programa Nacional do Livro e Material Didático. Este decreto introduziu alterações na seleção e distribuição de materiais didáticos para as escolas brasileiras.

O Decreto n.º 9.099/2017 assim estabeleceu as mudanças:

Art. 1º O Programa Nacional do Livro e do Material Didático - PNLD, executado no âmbito do Ministério da Educação, será destinado a avaliar e a disponibilizar **obras didáticas, pe-**



**pedagógicas e literárias**, entre outros materiais de apoio à prática educativa, de forma sistemática, regular e gratuita, às escolas públicas de educação básica das redes federal, estaduais, municipais e distrital e às instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos e conveniadas com o Poder Público (Brasil, 2017).

O Artigo 1º define, portanto, os objetivos do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), tendo grande impacto nas novas produções, pois os termos “obras didáticas, pedagógicas e literárias” (Brasil, 2017) merecem destaque especial, visto que encapsulam a essência do programa.

Este trabalho considera que o novo decreto representa um divisor de águas no contexto do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), marcando uma transição significativa em relação ao programa anterior. Este “novo” PNLD, com suas diretrizes ampliadas e reestruturadas, demanda, de forma crítica, uma investigação mais aprofundada e novas pesquisas.

É fundamental reconhecer que, embora o decreto promova avanços consideráveis, ele também introduz uma complexidade que requer análise detalhada. Essas mudanças levantam questões pertinentes sobre a qualidade e a adequação dos materiais fornecidos, bem como o impacto desses artefatos na vida dos estudantes brasileiros.

### **Arquivos e acesso aos livros didáticos no Memorial do PNLD**

No contexto da pesquisa, o acesso aos livros didáticos digitalizados no Memorial do PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) desempenha um papel fundamental no trabalho do professor/pesquisador. Da mesma forma que os arquivos são cruciais para historiadores, esses artefatos representam um elemento fundamental na identidade profissional e na pesquisa educacional.

Os livros didáticos digitalizados são aqui entendidos como “arquivos”, em que os professores/pesquisadores podem explorar e analisar vestígios do passado da política de livros ou conteúdo dos livros brasileiros. Esses materiais foram cuidadosamente catalogados e descritos, tornando-os acessíveis para estudo e investigação. À semelhança dos historiadores que transformam documentos de arquivo em argumentos históricos, os professores/pesquisadores podem utilizar esses livros para embasar seus estudos acadêmicos e desenvolver novas abordagens em seus trabalhos de salas de aula.

No entanto, assim como os historiadores podem negligenciar a reflexão crítica sobre os arquivos, também é possível que professores não explorem plenamente o potencial desses livros didáticos digitalizados do Memorial.

Portanto, é importante que os professores/pesquisadores busquem novas alternativas de trabalho com esses artefatos, compreendendo que o ensino de História não se limita a um mero exercício de reconstrução do passado. Em vez disso, os livros didáticos digitalizados devem ser vistos como registros dinâmicos que refletem as mudanças nas políticas educacionais, nas teorias pedagógicas e nas necessidades dos alunos ao longo do tempo. Professores/pesquisadores têm a responsabilidade de interpretar, analisar e adaptar esses materiais para promover um ensino relevante para as gerações futuras.

Além disso, é imprescindível destacar que os professores/pesquisadores têm acesso não apenas aos livros didáticos digitalizados no Memorial do PNL D, mas também a uma variedade de recursos complementares. Isso inclui editais de livros didáticos, fichas de avaliação contendo todos os critérios gerais e específicos de cada área de conhecimento, bem como guias elaborados para professores, escolas e alunos.

Esses materiais representam uma riqueza de informações que reflete o olhar de muitos professores de diferentes instituições, níveis de ensino e regiões brasileiras sobre o Livro Didático disponível nos arquivos do Memorial. Esses recursos adicionais oferecem uma visão abrangente dos livros produzidos no período, permitindo que os professores/pesquisadores avaliem não apenas o conteúdo dos livros, mas também sua adequação às diretrizes educacionais, às necessidades específicas de cada área e às demandas das salas de aula.

Dessa forma, o acesso a esses recursos no Memorial do PNL D amplia significativamente a capacidade de realizar pesquisas sólidas e embasar práticas com abordagens reflexivas e contribui para o aprimoramento constante do ensino em geral, garantindo que os materiais didáticos atendam às expectativas e necessidades dos alunos em constante evolução.

Para os professores de História em específico, é possível realizar estudos de comparação entre as coleções dos PNL D de 1997 a 2018. Esses estudos tornam-se importantes para entender como os livros didáticos de História evoluíram ao longo desses anos, identificar tendências, mudanças no conteúdo, nas abordagens pedagógicas e, até mesmo, nas representações históricas presentes nos materiais didáticos.

Para conduzir essa análise comparativa, os professores e pesquisadores podem examinar aspectos como conteúdo temático, comparando os tópicos históricos cobertos em diferentes edições dos livros didáticos. Isso ajudará a identificar mudanças na ênfase dada a diferentes períodos da história e eventos importantes.

Abordagens pedagógicas permitem avaliar as estratégias didático-pedagógicas utilizadas nos livros, como exercícios, atividades práticas, propostas de debate e discussão, recursos multimídia, entre outros.

Quanto às representações culturais e sociais, pode-se analisar como diferentes edições dos livros representam grupos étnicos, sociais e culturais ao longo da história. Isso permite identificar mudanças nas perspectivas e na sensibilidade em relação a essas representações.

Atualizações curriculares permitem indicar como as edições dos livros didáticos se adaptaram às mudanças nas diretrizes curriculares e nas abordagens pedagógicas ao longo do tempo, assim como a inclusão de fontes primárias, que possibilita verificar se as edições mais recentes, especialmente pós-PCN, incorporaram fontes primárias, documentos históricos, testemunhos e materiais de pesquisa, que podem enriquecer o ensino de História.

Ao realizar estudos de comparação entre as coleções do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de História de 1997 a 2018, os professores e pesquisadores também podem avaliar a progressão do conhecimento histórico na educação básica. Isso envolve analisar como os livros didáticos abordaram o desenvolvimento do entendimento histórico nas diferentes etapas da Educação Básica, desde o Ensino Fundamental até o Ensino Médio, considerando a progressão do conhecimento histórico nas coleções disponíveis dos mesmos autores, as questões apontadas por Seixas (2006) para discutir a progressão no “pensamento histórico”, com seis parâmetros de referência estruturais, que são: estabelecer o significado histórico, usar evidências de fontes primárias, identificar continuidade e mudança, analisar causa e consequência, assumir perspectivas históricas e compreender a dimensão moral das interpretações históricas. Esse são exemplos de trabalhos que podem ser realizados com os arquivos. Outras discussões podem ser realizadas, como a análise da sequência temática em que os tópicos históricos são organizados ao longo das diferentes séries e níveis de ensino. Perguntas como se há uma progressão lógica e cronológica no desenvolvimento dos temas podem ser realizadas, ou como a complexidade conceitual, os conceitos históricos, a causalidade, a mudança e a continuidade, a interpretação de fontes, a historicidade e

a perspectiva são introduzidos e desenvolvidos nos diferentes anos da Educação Básica. Em outro campo, já bastante explorado, como a utilização de fontes históricas, com questões de como os livros didáticos abordam o uso de fontes históricas ao longo da Educação Básica. Isso inclui o aumento gradual da complexidade das fontes e das habilidades de análise. Ou o trabalho com a contextualização histórica de como os livros situam os eventos e temas históricos em seus contextos mais amplos, incluindo contextos globais, regionais e locais.

Questões importantes como introdução a abordagens historiográficas em geral são pouco trabalhadas em aulas? Como os livros didáticos introduzem os alunos a diferentes interpretações históricas e à historiografia? Eles incentivam a reflexão sobre como a história é escrita e interpretada? São relevantes quando pensamos que os métodos de ensino na Educação Básica não são necessariamente para ensinar aos alunos como se tornar historiador, mas, ao menos, torná-los conhecedores do ofício do historiador, com enfoque em cidadania, mostrando como os materiais didáticos abordam questões de cidadania, direitos humanos, diversidade e ética ao longo da progressão do ensino de História.

Ao realizar essa análise da progressão do conhecimento histórico, os professores/pesquisadores podem não apenas entender como o ensino de História se desenvolve ao longo da Educação Básica, mas também identificar áreas onde podem ser feitas melhorias para promover um entendimento mais profundo e crítico da disciplina entre os alunos.

Essa análise comparativa, ao longo de várias edições do PNLD de História, permitirá que alunos e professores/pesquisadores compreendam como o ensino de História, no Brasil, evoluiu ao longo das últimas décadas e como os materiais didáticos contribuíram para essa evolução. Além disso, isso pode ajudar a identificar áreas que ainda precisam de melhorias e inovações no ensino de História no futuro.

Para os estudantes em contexto de preparação para o vestibular, os livros didáticos também possibilitam oportunidade de revisar e aprofundar seu conhecimento, por meio de explicações, exemplos e exercícios práticos. Isso permite que os estudantes desenvolvam as habilidades analíticas necessárias para enfrentar as questões desafiadoras das provas. Assim, os livros didáticos não só facilitam a aquisição de conhecimento, mas também desempenham um papel importante na preparação dos estudantes, capacitando-os para enfrentar com êxito os desafios dos processos seletivos e vestibulares, que culminam no ingresso ao ensino superior.

A consulta aos documentos, fotocópias e notas ainda faz parte do cotidiano do pesquisador, no entanto, os arquivos do Memorial permitem descobrir novas direções para futuras pesquisas através da tecnologia digital. Isso abre novas possibilidades, especialmente quando aplicado ao contexto dos livros didáticos. O acesso a arquivos de livros do Memorial pode modificar significativamente a maneira como pesquisadores, professores e vestibulandos interagem com esses recursos, enriquecendo sua experiência de estudo e pesquisa.

Professores e pesquisadores que compartilham interesses similares podem colaborar e discutir seus temas, analisando os livros didáticos como fontes documentais. Com isso, abrem-se oportunidades para a criação de comunidades temáticas de trabalho por meio de recursos digitais, possibilitando uma interação mais rica e colaborativa. Milligan (2022)<sup>6</sup> destaca a importância de compreender as mudanças trazidas pela transformação digital à pesquisa histórica, abordando duas questões-chave: implicações da coleta e análise bifurcadas. Isso se refere à separação do processo de coleta de dados históricos do processo de análise desses dados. Anteriormente, os historiadores costumavam visitar fisicamente arquivos, coletar documentos e, ao mesmo tempo, analisá-los para extrair informações. Com a digitalização, esses processos podem ser realizados separadamente, o que levanta questões sobre como isso afeta a pesquisa histórica e o entendimento dos eventos do passado.

Milligan (2022) ressalta que, para aproveitar ao máximo as oportunidades oferecidas pela transformação digital dos arquivos, é fundamental considerar essas questões e compreender como elas afetam a pesquisa e o conhecimento histórico.

---

<sup>6</sup> Tradução livre do autor.

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao olhar para trás e refletir sobre minha jornada, percebo uma trajetória com muitos desafios, aprendizados e paixão pela História, pelo ensino e pelos livros didáticos. Como afirmei na introdução, em minhas pesquisas acadêmicas, investiguei a presença da música caipira em livros didáticos (Mestrado) e, de forma etnográfica, explorei o uso desses livros em uma Escola do Campo (Doutorado). Hoje, após três décadas em sala de aula, vejo este período de pós-doutorado como uma rica oportunidade de estudo, leitura e desenvolvimento de pesquisa, que me permitiu dialogar com outros pesquisadores e aprofundar ainda mais meu compromisso com o ensino de História, Memória e livros didáticos.

Nesse sentido, procuramos mostrar que o Memorial do PNLD não se configura somente como um acervo de livros didáticos, mas também como um conjunto de documentos sobre a vida escolar brasileira ao longo das décadas de 1985 a 2017. Neste trabalho, buscamos realizar uma análise histórica sobre a criação do Memorial do PNLD, enfatizando seu papel como repositório do Programa Nacional do Livro Didático dentro dos domínios tanto da pesquisa acadêmica quanto da não acadêmica.

Além disso, procuramos mostrar a existência de uma documentação inerente aos processos de seleção e descarte dos livros didáticos destinados às escolas públicas brasileiras. Através de suas coleções, é possível mapear não só a evolução dos conteúdos, mas também as nuances sociais, políticas e culturais que moldaram o cenário educacional do país. Esses documentos constituem-se em um conjunto oficial que aguarda em silêncio as indagações de pesquisadoras(es). Trata-se de verdadeiros vestígios que abrigam uma grande variedade de contri-

buições sobre o funcionamento de um dos programas cuja criação está relacionada a dois elementos motivadores, quais sejam, a universalização e a melhoria do Ensino Fundamental (Ferreira; Oliveira, 2019), destacando-se pela importância no sistema escolar brasileiro, pois avalia, compra e distribui livros, gratuitamente, para todos os alunos das escolas públicas, exceto em sistemas municipais ou estaduais que optem por não participar do programa e proponham oferecer outros livros aos alunos (Chaves; Garcia, 2014).

As correspondências analisadas, particularmente os *e-mails*, revelam uma dimensão humana por trás da criação do Memorial. Elas destacam o comprometimento, os desafios, as negociações e conhecimentos dos envolvidos no projeto. Estas trocas de comunicação oferecem valiosas análises das dinâmicas e relações que contribuíram para o nascimento e crescimento deste Memorial.

Em um mundo cada vez mais digitalizado, a preservação de documentos físicos e digitais torna-se imperativa. O Memorial do PNLD, ao abrigar uma coleção tão vasta e diversificada, ressalta a importância de proteger a memória educacional para as gerações futuras. A relevância do Memorial ultrapassa as fronteiras brasileiras. Ao consolidar-se como uma referência tanto nacional quanto internacional no campo dos livros didáticos, ele se torna um elo entre o Brasil e o mundo, proporcionando incontáveis caminhos para novas gerações de pesquisadoras(es) que queiram se debruçar sobre o estudo da Manualística centrada no estudo do livro escolar, considerando suas diversas dimensões analíticas e fundamentos epistemológicos a partir de variadas abordagens (Benito, 2013), abrangendo desde aspectos textuais (como estrutura, formato, linguagem e emoções) até as representações hipertextuais em um contexto digital. Além disso, a Manualística explora a produção e aplicação desses manuais no cenário histórico-educacional (Badanelli; Cigales, 2020).

Além de sua função como espaço de memória, o Memorial também se destaca como um espaço de formação e pesquisa. Ele oferece a acadêmicas(os) e professoras(es) um recurso valioso para aprofundar estudos, desenvolver projetos e inspirar novas gerações de pesquisadoras(es). Olhando para o futuro, o Memorial tem o potencial de expandir ainda mais seus documentos e registros. Com a integração de tecnologias emergentes e a ampliação de seu acervo, ele pode continuar abrindo caminhos para novas análises sobre esse artefato e tudo que o cerca.

A existência do Memorial do PNLD destaca a relevância do livro didático na história da educação no Brasil. Este memorial valoriza não apenas o con-

teúdo didático, mas também reconhece o papel de professoras(es), alunas(os), autoras(es) e todos os participantes do cenário educacional brasileiro.

Assim, o Memorial do PNLD simboliza um marco que, ao refletir sobre nosso legado, oferece outros novos caminhos para o futuro da pesquisa sobre o lugar dos livros didáticos a partir de 1985, assim como o conhecimento da trajetória anterior desse artefato. Nessa perspectiva, olhando para o horizonte, percebemos a necessidade de mais estudos e pesquisas no âmbito dos livros didáticos e da cultura escolar. Fica o convite e a inspiração.



# REFERÊNCIAS

## BIBLIOGRAFIA

BADANELLI, A. M.; CIGALES, M. P. Questões metodológicas em manualística. **Revista Brasileira de História da Educação**, Maringá, v. 20, n. 1, p. 1-7, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4025/rbhe.v20.2020.e096>. Acesso em: 15 nov. 2023.

BASSO, L. D. P.; CAMPOS, F. M.; RODRIGUES, L. Z. Programas governamentais de distribuição de livros, em foco, o PNLD. *In*: SEMINÁRIO ANPAE REGIÃO SUL, 2012, Pelotas/RS. Gestão e Políticas Públicas de Educação: Desafios Atuais, 2012.

BATISTA, A. A. G. Um objeto variável e instável: textos, impressos e livros didáticos. *In*: ABREU, M. (org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Mercado das Letras/ALB/Fapesp, 2002. p. 529-575.

BRAGA, C. **Breve lições de história do Brasil**. São Paulo: Typographia Piratininga, 1922. Acervo: Museu Paulista-USP, São Paulo. Reprodução: Hélio Nobre/José Rosael.

BRASIL. Relatório Final de Atividades do Memorial do PNLD - Natal, 2011. Não publicado.

BRASIL. Presidência da República. **Decreto n.º 9.099, de 18 de julho de 2017**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/decree-to/D9099.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/decree-to/D9099.htm). Acesso em: 22 jul. 2018.

BRASIL. Decreto n.º 9.099, de 18 de julho de 2017. Dispõe sobre a execução do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 19 jul. 2017. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2017/decreto-9099-18-julho-2017-785224-publicacaooriginal-153392-pe.html>. Acesso em: 13 nov. 2023.

BRASIL. **Guia de livros didáticos: PNLD 2016: História: ensino fundamental anos iniciais**. Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2015. 236 p.

BRASIL. MEC/FAE. **Definição de critérios para avaliação dos livros didáticos: Português, Matemática, Estudos Sociais e Ciências. 1ª a 4ª séries**. Brasília: FAE, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. **Guia do Livro Didático 2015**. Brasília: MEC, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. PNLD. **Histórico**. Disponível em: <https://www.gov.br/fnde/pt-br/acao-a-informacao/acoes-e-programas/programas/programas-do-livro/pnld/historico>. Acesso em: 27 maio 2024.

CAIMI, F. E. Sob nova direção: o PNLD e seus desafios frente aos contextos político-educativos emergentes. **Revista História Hoje**, [S. L.], v. 7, n. 14, p. 21-40, 2018. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/465>. Acesso em: 15 nov. 2023.

CHAVES, E. A. O livro didático e sua presença em aulas de História: contribuições da etnografia. **Educar em Revista**, v. 35, n. 77, p. 159-181, set. 2019.

CHAVES, E. A.; GARCIA, T. M. F. B. Avaliação de livros de História por alunos do ensino médio. **Revista Espaço Pedagógico**, [S. L.], v. 21, n. 2, 2014. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/4305>. Acesso em: 4 nov. 2023

CHAVES, E. A. **A música caipira em aulas de História**: questões e possibilidades. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, NPPD/PPGE-U-FPR, Curitiba, 2006.

CHAVES, E. A. **A presença do livro didático de história em aulas do Ensino Médio**: estudo etnográfico em uma escola do campo. 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

CHOPPIN, A. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. **Educação e Pesquisa**, v. 30, n. 3, p. 549-566, 2004.

DARNTON, R. **A questão dos livros**: presente, passado e futuro. Tradução: Daniel Pellizari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, 231p.

ESCOLANO BENITO, A. El manual como texto. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 23, n. 3, p. 33-50, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8642827>. Acesso em: 21 jun. 2023.

ESCOLANO BENITO, A. La manualística en España: dos décadas de investigación (1992-2011). In: MEDA, J.; BADANELLI, A. (eds.). **La historia de la cultura escolar en Italia y en España**: balances y perspectivas. Macerata: Edizione Università di Macerata, 2013. p. 17-46.

FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Jandson e Margarida Dias. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. **Dicionário de Ensino de História**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2019.

FILGUEIRAS, J. M. **Os processos de avaliação de livros didáticos no Brasil (1938-1984)**. 2011. 252 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.

FREITAG, B. *et al.* **O Estado da arte do livro didático no Brasil**. Brasília: Inep/Reduc, 1987.

FREITAG, B.; MOTTA, V. R.; COSTA, W. F. **O estado da arte do Livro Didático no Brasil**. Brasília: INEP, 1987.

GARCIA, Tânia Braga. **Apontamentos de aula**. Manuais didáticos e escolarização. PPGE/UFPR, 2017

HOLLANDA, G. **Um quarto de século de Programas e Compêndios de História para o ensino secundário brasileiro – 1931/1956**. Rio de Janeiro: INEP/MEC, 1957.

MACIEL, G. N. **Livros Didáticos de Geografia (PNLD 1999-2014)**: Editoras, Avaliações e Erros nos Conteúdos sobre Santa Catarina. 2016. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: atividade de retextualização. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MEGID NETO, J.; FRACALANZA, H. O livro didático de ciências: problemas e soluções. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 9, n. 2, p. 147-157, 2003.

MILLIGAN, I. **The Transformation of Historical Research in the Digital Age (Elements in Historical Theory and Practice)**. Cambridge: Cambridge University Press, 2022. doi:10.1017/9781009026055.

MOREIRA, K. H. **Um mapeamento das pesquisas sobre o livro didático de história na região sudeste: 1980 a 2000**. 2006. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), 2006.

NORA, P.; AUN KHOURY, T. Y. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, [S. l.], v. 10, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 20 jun. 2023.

OLIVEIRA, M. M. D. de. **Memorial Acadêmico História – A vida na escola e a escola da vida**: caminhos da formação e exercício da docência. 2020. 298 f. Memorial de Titulação (Professor Titular) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

OLIVEIRA, M. Textos em anexo, conforme correspondência eletrônica de 06 de novembro de 2014.

OLIVEIRA, T. A. D. de; SCHENA, D. R.; PASDA, B. S. O golpe de 2016 como tema difícil: golpe e impeachment em jornais da mídia hegemônica e suas formas de apresentação em livros didáticos do PNLD/Ensino Médio (2018). In: BAUMGARTEN, L.; SCHMIDT, M. A. (orgs.). **Educação Histórica em tempos de negacionismo e pandemias**: teorias, práticas e pesquisas. 1. ed. Maceió, AL: Editora Café com Sociologia, 2023.

RAHME, A. M. A. K. A derrubada de cada estátua é um apelo. **Revista ARA**, [S. l.], v. 10, n. 10, p. 131-157, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistaara/article/view/182185>. Acesso em: 15 nov. 2023.

SILVA, A. C. F. da. **Estado do conhecimento sobre o livro didático de história em dissertações e teses produzidas em programas de pós-graduação no Brasil (1990-2015)**. 2018. Dissertação (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

SILVA, J. P. da. **Relações étnico-raciais e o espaço escolar**: articulações e dissonâncias entre o Movimento Negro e o Estado brasileiro a partir do Programa Nacional Do Livro Didático (1995-2014). 2019. 124 f. Dissertação (Mestrado) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/>

bitstream/123456789/27805/1/Rela%C3%A7%C3%B5es%C3%A9tnico-raciais\_Silva\_2019.pdf. Acesso em: 15 nov. 2023.

TRAVAGLIA, L. C. A caracterização de categorias de texto: tipos, gêneros e espécies. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 51, n. 1, 2009. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1426>. Acesso em: 15 nov. 2023.

UNICAMP. **O que sabemos sobre o livro didático?** Catálogo analítico. Campinas: Ed. da Unicamp, 1989.

WALDMAN, T. C. Os bandeirantes vão à escola. *In*: MARINS, P. C. G. (coord.). **Passados Imaginados**. 1. ed., 1. reimp. São Paulo, SP: Edusp; Museu Paulista da USP, 2023. (Coleção Museu do Ipiranga; 2022, 3).

## Fontes orais

“Ex-coordenadora geral de materiais didáticos”. (Depoimento, 2023). Curitiba – Google Meet. Entrevistador: Edilson Aparecido Chaves. Projeto de Pós-Doutorado em História – O Memorial do Programa Nacional do Livro Didático: história, organização, preservação e acessibilidade de acervos. Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Natal. Entrevista concedida em 06 julho de 2023. Curitiba, PR. 2023. 34:35 min. 13 p.

GALLOTI, Mônica Marques Carvalho. (Depoimento, 2023). Curitiba – Google Meet. Entrevistador: Edilson Aparecido Chaves. Projeto de Pós-Doutorado em História – O Memorial do Programa Nacional do Livro Didático: história, organização, preservação e acessibilidade de acervos. Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Natal. Entrevista concedida em 20 julho de 2023. Curitiba, PR. 2023. 33:15 min. 9 p.

GOMES NETO, João Maurício. (Depoimento, 2023). Curitiba – Google Meet. Entrevistador: Edilson Aparecido Chaves. Projeto de Pós-Doutorado em História – O Memorial do Programa Nacional do Livro Didático: história, organização, preservação e acessibilidade de acervos. Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Natal. Entrevista concedida em 21 julho de 2023. Curitiba, PR. 2023. 46:26 min. 13 p.

OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. (Depoimento, 2023). Google Meet. Entrevistador: Edilson Aparecido Chaves. Projeto de Pós-Doutorado em História – O Memorial do Programa Nacional do Livro Didático: história, organização, preservação e acessibilidade de acervos. Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Natal. Entrevista concedida em 03 de agosto de 2023. Curitiba, PR. 2023. 1:14min. 15 p.

SILVA, Wesley Garcia Ribeiro. (Depoimento, 2023). Curitiba – Google Meet. Entrevistador: Edilson Aparecido Chaves. Projeto de Pós-Doutorado em História – O Memorial do Programa Nacional do Livro Didático: história, organização, preservação e acessibilidade de acervos. Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Natal. Entrevista concedida em 02 de agosto de 2023. Curitiba, PR. 2023. 46:26 min. 10 p.

SOARES, Jandson Bernardo. (Depoimento, 2023). Google Meet. Entrevistador: Edilson Aparecido Chaves. Projeto de Pós-Doutorado em História – O Memorial do Programa Nacional do Livro Didático: história, organização, preservação e acessibilidade de acervos. Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Natal. Entrevista concedida em 19 de julho de 2023. Curitiba, PR. 2023. 46:46 min. 13 p.

Formato:  
16x23

Tipografia:  
Garamond Premier Pro

**Veneer**  
**Acumin Variable Concept**

Papel:  
Pólen Soft 80g



[3524]  
EDITORA CABANA  
Trav. WE 11, N° 41 (Conj. Cidade Nova I)  
67130-130 — Ananindeua — PA  
Telefone: (91) 99998-2193  
contato@editoracabana.com  
www.editoracabana.com

**EDILSON APARECIDO CHAVES**

# **HISTÓRIA, ORGANIZAÇÃO, PRESERVAÇÃO E ACESSIBILIDADE DE ACERVOS:**

**O MEMORIAL DO PROGRAMA  
NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO**

